

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ANTONIO AUDELINO CORREA FILHO

**VIDA EM COMUNHÃO NA IGREJA CATÓLICA: AS MUDANÇAS NA FORMA DE
VIDA CRISTÃ DAS RELIGIOSAS COM O LAICATO NA FAMÍLIA CALVARIANA**

CAMPINAS

2023

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ANTONIO AUDELINO CORREA FILHO**

**VIDA EM COMUNHÃO NA IGREJA CATÓLICA: AS MUDANÇAS NA FORMA DE
VIDA CRISTÃ DAS RELIGIOSAS COM O LAICATO NA FAMÍLIA CALVARIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como exigência para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Breno Martins Campos

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

248.4
C824v

Correa Filho, Antonio Audelino

Vida em comunhão na Igreja Católica: as mudanças na forma de vida cristã das religiosas com o laicato na Família Calvariana / Antonio Audelino Correa Filho. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

208 f.

Orientador: Breno Martins Campos.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Vida cristã. 2. Igreja Católica. 3. Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. I. Campos, Breno Martins. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

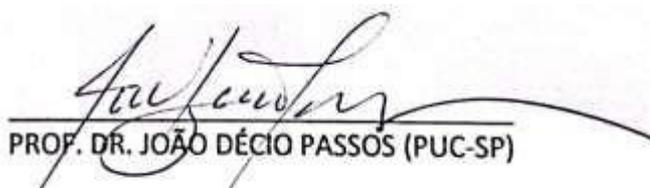
23. ed. CDD 248.4

ANTONIO AUDELINO CORREA FILHO

**VIDA EM COMUNHÃO NA IGREJA CATÓLICA: AS MUDANÇAS NA FORMA
DE VIDA CRISTÃ DAS RELIGIOSAS COM O LAICATO NA FAMÍLIA
CALVARIANA**

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação de
Mestrado em Ciências da Religião da
PUC-Campinas, e aprovada pela Banca
examinadora.

APROVADA: 14 de dezembro de 2023.



PROF. DR. JOÃO DÉCIO PASSOS (PUC-SP)



PROF. DR. PAULO SERGIO LOPES GONCALVES (PUC-CAMPINAS)



PROF. DR. BRENO MARTINS CAMPOS – PRESIDENTE (PUC-CAMPINAS)

DEDICO à Doutora Maria Elena Guariento, Irmã de Nossa Senhora do Calvário, médica, professora da Unicamp, pelo seu empenho em mais de 20 anos de estudos bíblicos na Congregação, os quais me possibilitaram conceber este trabalho (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À minha família, base que me inspira.

São muitas as pessoas que me animam, mas nomeio aquelas que estiveram mais próximas e frequentes: minha filha Denise, meus filhos Maurício e Adriano; minhas noras Luciana, Cláudia e Luana e meu genro Albino; minhas netas e netos, Mariana, Gustavo, Gabriela, Luísa, Raquel, Lucca, Júlia, Thiago e Vinícius — uma rede de apoio. Aos maiores, agradeço pela compreensão dos limitados encontros e festas, por mais de dois anos; e aos pequenos, pela presença constante, aliviando tensões com suas atividades ruidosas e divertidas, por vezes me ajudando a imprimir documentos, de brincadeira.

Ao Prof. Dr. Breno Martins Campos, orientador e incentivador dos meus trabalhos na pesquisa,

Pela acolhida, pelos ensinamentos e pela reciprocidade para construir a amizade da qual desfrutamos e que espero continuar por toda a vida.

Ao Prof. Dr. Renato Kirchner,

Por acreditar no meu projeto e pela acolhida no meu ingresso ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião que ele coordenava, em 2021.

A todas as professoras e todos os professores do Programa,

Pela disposição para ensinar e esclarecer os pontos críticos de hermenêutica e epistemologia da minha dissertação. Ao Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, pelas explicações pormenorizadas nos seminários avançados de pesquisa e pela disponibilidade em atender, com marcante incentivo; gratidão a ele ampliada por participar das bancas de qualificação e de defesa. Ao Prof. Dr. Paulo Nogueira pela ajuda no entendimento da perspectiva hermenêutica na minha escolha de cada sintagma dos textos. Ao Prof. Dr. Jefferson Zeferino pela franqueza nos seminários, com críticas que me mostraram o caminho da redação científica e os pontos-chave da pesquisa. À Profa. Dra. Ceci Mariani por clarificar o entendimento do fenômeno e a adequação da metodologia. À Profa. Dra. Ana Rosa Cloquet da Silva pelo incentivo ao meu projeto, mesmo com minha formação em Economia (área comum entre mim e ela), e por sua contribuição no tema do catolicismo. Ao Prof. Dr. Glauco Barsalini pela dedicação às correções, as quais me ensinaram a estruturação técnica e a

perspectiva epistemológica; e ainda pela disposição para reconsiderar os textos corrigidos. Ao Prof. Dr. Márcio Capelli Aló Lopes por me esclarecer como a literatura pode contribuir para o campo das linguagens da religião.

Ao Prof. Dr. Douglas Ferreira Barros, Coordenador do Programa,

Pelo suporte e pela viabilização dos eventos acadêmicos.

E à colaboradora Sra. Marlei Costa Pereira, pela paciência de professora na orientação de secretaria, nos meandros burocráticos da academia.

Ao Prof. Dr. João Décio Passos, da PUC de São Paulo,

Por participar das bancas e contribuir com ensinamentos para além de seus textos que utilizei na dissertação.

À PUC Campinas

Por financiar parcialmente a minha pesquisa.

À Irmã Calvariana Regina Aurora,

Pelos longos períodos de labor, numa colaboração vital para a pesquisa, na seleção dos conteúdos e na facilitação ao acesso às fontes originárias.

E, em especial,

À Irmã Celanir Trevisan, Ecônoma da província do Brasil, pela colaboração para o meu entendimento da nova ordem dos institutos eclesiais; à Irmã Valdene Maria da Silva, Representante Legal e Canônica Provincial, pelo acolhimento e disponibilidade; à Irmã Maria da Conceição Melo, Animadora Provincial, pelo interesse e animação. Em nome delas agradeço a todas as Irmãs da Congregação da província do Brasil e a Secretária Adriana Ribeiro Palma, pela ajuda e incentivo. Estendo o agradecimento à Irmã Viviana Arostegui, Superiora Geral, e a Irmã Eloísa Massani, Ecônoma Geral, pela receptividade e pela disposição em coletar documentos na Casa-Mãe, em Gramat, na França.

Às Leigas e Leigos Calvarianos,

Pelo interesse no meu trabalho e pelo incentivo.

E, em especial,

Aos participantes do estudo bíblico da Congregação, no colégio Madre Cecília, sob orientação da Irmã Maria Elena Guariento — a quem dediquei este trabalho —, realizado em atividade orante, em grupo aberto e receptivo ao Evangelho, na perspectiva do Carisma Calvariano.

À minha mulher Annette,

Pelo amor e pela ajuda indispensável à feitura do presente trabalho. E por condescender com a subtração do tempo de nosso convívio, por vezes desconsolada, mas com sorriso e com seu jeito doce de me animar.

À minha mãe, Benedita, incentivadora eterna (*in memoriam*): *Benedicta, mulier aeterna*.

A mente intuitiva é uma dádiva sagrada e a mente racional, um servo fiel. Criamos uma sociedade que glorifica o servo e se esquece da dádiva.

Albert Einstein

RESUMO

Esta pesquisa investiga as mudanças na forma de vida de religiosas que interagem com pessoas leigas na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário (Família Calvariana), em processo de reorganização, no contexto das mudanças que estão em curso na Igreja Católica Apostólica Romana. As transformações são verificadas tanto na Congregação, em particular, quanto na Igreja geral, e são analisadas as conexões, afinidades e contradições que decorrem da integração da Família Calvariana à Igreja ampla. São chamadas de Família Calvariana as comunidades formadas por religiosas e leigas e leigos da Congregação, compartilhando suas vivências, em comunhão. As Irmãs dessa instituição religiosa (originária da França) atuam no Brasil desde 1906, em missão de educação, saúde, catequese e assistência aos pobres. A pesquisa averigua as práticas discursivas, ritos e símbolos, e verifica o trabalho das Irmãs com leigas e leigos, em Campinas e São Paulo, nos últimos 11 anos. Trata-se de uma investigação bibliográfica e documental que privilegia as fontes primárias. E ocorre conjuntamente com as hipóteses levantadas as quais investigam e analisam as mudanças sistemáticas naquela Congregação, com quebra de paradigma e em consonância com as transformações na Igreja pós-conciliar (Vaticano II). As perguntas seminais que afloram sobre os propósitos da Família Calvariana são: A Família Calvariana deve ser aberta a quem? Para viver o quê? Para qual missão? — um conjunto de perguntas imbricadas. Com isso, foi definido o objetivo geral que consiste em analisar a forma de vida cristã em comunhão daquelas religiosas com leigas e leigos. O trabalho desenvolve-se em três vertentes, em relação estreita com os três objetivos específicos. O primeiro compreende verificar as mudanças estruturais nos propósitos e na estrutura organizacional da Congregação. É analisado o novo modelo de organização administrativa adotado, o “Turquesa”, *Teal* em inglês, assim chamado porque o seu criador, Frederic Laloux, classifica os diversos modelos da história da administração numa metáfora de cores e define o *Teal* como o modelo atual. O segundo objetivo específico constitui-se em caracterizar as formas de interação das religiosas com as leigas e leigos e averiguar a harmonização com as reformas da Igreja. O terceiro consiste em identificar fatores motivacionais. Os resultados compõem-se de subsídios a renovações de institutos religiosos integrados por pessoas consagradas e laicas, cristãs ou não cristãs. São contribuições de ordem prática e conceitual, especialmente quanto a: modelo de organização adequado a institutos religiosos; novas formas de vida religiosa integrada à vida de leigas e leigos atuantes na realidade secular; e fatores de motivação para a vivência de carismas numa configuração de família espiritual.

Palavras-chave: Vida em comunhão. Igreja Católica. Irmãs Calvarianas. Família Calvariana. Pierre Bonhomme.

ABSTRACT

This research investigates the changes in the way of life of religious women who interact with lay people in the Congregation of the Sisters of Our Lady of Calvary (Calvarian Family), in the process of reorganization, in the context of the changes that are underway in the Roman Catholic Apostolic Church. The transformations are verified, in the Congregation, in particular, as well as in the general Church and the connections, affinities and contradictions that result from the integration of the Calvarian Family into the broad Church are analyzed. The communities formed by religious and laypersons of the Congregation, sharing their experiences, in communion, are called the Calvarian Family. The Sisters of this religious institution (originally from France) have worked in Brazil since 1906, with a mission of education, health, catechesis and assistance to the poor. The research investigates discursive practices, rites and symbols, and verifies the work of the Sisters with lay people, in Campinas and São Paulo, over the last 11 years. This is a bibliographic and documentary research that privileges primary sources. And it occurs together with the hypotheses raised which investigate and analyze the systematic changes in that Congregation, with a paradigm shift and in line with the transformations in the post-conciliar Church (Vatican II). The seminal questions that arise about the purposes of the Calvarian Family are: Who should the Calvarian Family be open to? To live what? For which mission? — a set of intertwined questions. With this in mind, the general objective was defined, which consists of analyzing the form of Christian life in communion between religious women and lay people. The work is developed in three aspects, in close relation with the three specific objectives. The first involves verifying structural changes in the purposes and organizational structure of the Congregation. The new model of administrative organization adopted is analyzed, the “Turquoise”, Teal in English, so called because its creator, Frederic Laloux, classifies the various models in the history of administration in a color metaphor and defines Teal as the current model. The second specific objective is to characterize the forms of interaction between nuns and laypersons and to ascertain harmonization with Church reforms. The third consists of identifying motivational factors. The results consist of subsidies for the renovation of religious institutes integrated by consecrated and secular people, Christian or non-Christian. These are practical and conceptual contributions, especially regarding: organizational model suitable for religious institutes; new forms of religious life integrated with the lives of laypersons active in secular reality; and motivational factors for experiencing charisms in a spiritual family configuration.

Keywords: Life in communion. Catholic church. Calvarian Sisters. Calvarian Family. Pierre Bonhomme.

RÉSUMÉ

Cette étude cherche à analyser les changements dans la forme de vie de religieuses qui interagissent avec des personnes laïques dans la Congrégation des Sœurs de Notre-Dame du Calvaire (La Famille Calvairienne), en processus de réorganisation, dans le contexte des changements qui sont en cours à l'Église Catholique Apostolique Romaine. Ces transformations sont vérifiées autant dans la Congrégation, en particulier, que dans l'Église en général, et sont analysées les connexions, les affinités et les contradictions qui découlent de l'intégration de la Famille Calvairienne à l'Église en toute son ampleur. Sont appelées "Famille Calvairienne" les communautés formées de religieuses, laïques et laïcs de la Congrégation, qui partagent leurs expériences de vie, en communion. Les Sœurs de cette institution religieuse (originaire de la France) sont en activité au Brésil dès 1906, en mission d'éducation, santé, catéchèse et assistance aux pauvres. La recherche étudie les pratiques discursives, rites et symboles, et vérifie le travail des Sœurs avec laïques et laïcs, à Campinas et à São Paulo, pendant les 11 dernières années. Elle se développe par une enquête bibliographique et documentaire qui privilégie les sources primaires. Et cela se produit en conjonction avec les hypothèses soulevées qui étudient et analysent ces changements systématiques dans cette Congrégation-là, avec une rupture de paradigme et en consonance avec les transformations dans l'Église après-Concile (Vatican II). Donc, les questions fondamentales qui se posent sur les objectifs de la Famille Calvairienne sont les suivantes : Être ouverte à qui ? Pour vivre quoi ? Pour quelle mission ? – un ensemble de questions imbriquées. Ainsi, l'objectif général défini consiste à analyser la forme de vie chrétienne en communion de ces religieuses-là avec des laïques et laïcs. Le travail se développe en trois directions et présente une étroite relation avec les trois objectifs spécifiques. Le premier comprend vérifier les changements structuraux dans les propos et dans la structure organisationnelle de La Congrégation. Il est analysé le nouveau modèle d'organisation administrative adopté, la Turquoise, "Teal" en anglais, ainsi nommée car son créateur, Frédéric Laloux, classifie les divers modèles de l'histoire de l'administration en employant des métaphores de couleurs et en définissant le "Teal" comme le modèle actuel. Le deuxième objectif spécifique constitue à caractériser les formes d'interaction des religieuses avec des laïques et laïcs et faire une enquête sur l'harmonisation avec les réformes de l'Église. Le troisième consiste à identifier des facteurs de motivation. Les résultats se composent de subsides aux rénovations d'instituts religieux intégrés par des personnes consacrées et laïques, chrétiennes ou non chrétiennes. Ce sont des contributions d'ordre pratique et conceptuelle, spécialement quant au modèle d'organisation convenable aux instituts religieux ; aux nouvelles formes de vie religieuse intégrée à la vie de laïques et laïcs opérants dans la réalité séculaire ; et aux facteurs de motivation pour l'expérience de charismes dans une configuration de famille spirituelle.

Mots-clés : Vie en communion. Église Catholique. Sœurs Calvairiennes. Famille Calvairienne. Pierre Bonhomme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Presença das Irmãs Calvarianas no mundo.....	39
Figura 2 - Locais e datas de fundação em outros países fora da França	39
Figura 3 - Decreto de aprovação das novas Constituições.....	51
Figura 4 - Ícone do <i>Capítulo Geral/2024</i> da Congregação.....	151
Figura 5 - Calvário latino-americano.....	193
Figura 6 - A maternidade universal.....	194
Figura 7 - Família Calvariana: Vida e missão em comunhão.....	195
Figura 8 - O protagonismo das três Marias na descida do Calvário.....	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Reestruturação de organização empresarial <i>versus</i> organização religiosa: uma ideia da compatibilidade fundamentada nos princípios gerais.....	144
Quadro 2 - Antes/Depois das mudanças na Congregação	149

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CONTEXTO HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DAS MUDANÇAS NA CONGREGAÇÃO	29
2.1	HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO NA FRANÇA E DA PRESENÇA DAS IRMÃS NO BRASIL	31
2.1.1	As origens da Congregação	31
2.1.2	As Irmãs Calvarianas no Brasil	40
2.2	A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA CALVARIANA	47
2.2.1	A renovação da Vida Religiosa Consagrada e as Irmãs Calvarianas	49
2.2.2	Leigas e Leigos no Brasil: a comunidade do Colégio Madre Cecília	52
2.2.3	Vida em comunhão de religiosas, leigas e leigos e suas motivações	54
2.2.4	Panorama do laicato na Igreja e seu reflexo na formação da Família Calvariana	66
2.2.5	Missão compartilhada a partir do carisma e conclusão	71
3	AS MUDANÇAS NA IGREJA PÓS-CONCILIAR (VATICANO II)	75
3.1	AS MUDANÇAS NA IGREJA PÓS-CONCILIAR, ANTERIORES AO PONTIFICADO DE FRANCISCO	75
3.1.1	Breve recapitulação da história do Concílio Vaticano II	76
3.1.2	As reformas gerais promovidas pelo Concílio Vaticano II	78
3.2	AS REFORMAS DE FRANCISCO	87
3.2.1	Os desafios de Francisco	88
3.2.2	A reforma sinodal em uma Igreja globalizada	93
3.3	A RECEPÇÃO DA TEOLOGIA DO VATICANO II E A MOTIVAÇÃO NA CONGREGAÇÃO	100
4	AS MUDANÇAS NA CONGREGAÇÃO, DE 2012 A 2022	108
4.1	OS FUNDAMENTOS DA ESPIRITUALIDADE CALVARIANA E O ESPÍRITO DE INOVAÇÃO	108

4.2	MUDANÇA DE PARADIGMA: UMA VISÃO DE TEOLOGIA E DE ADMINISTRAÇÃO	116
4.3	O REINVENTAR-SE EM NOVO PARADIGMA, NA PRÁTICA	132
4.3.1	Listagem dos compromissos capitulares sobre a integração de leigas e leigos e sua interação com as religiosas	136
4.3.1.1	No <i>Capítulo Geral/2012</i> (Congregação, 2017)	136
4.3.1.2	No <i>Capítulo Geral/2018</i> (Congregação, 2018)	136
4.3.2	Listagem dos compromissos capitulares sobre a refundação da Instituição, com reestruturação e adoção do modelo <i>Teal</i>	136
4.3.2.1	No <i>Capítulo Geral/2012</i> (Congregação, 2017)	136
4.3.2.2	No <i>Capítulo Geral/2018</i> (Congregação, 2018)	137
4.3.3	Listagem dos compromissos capitulares sobre a lembrança viva do fundador e seu carisma, a imitação do modelo de Jesus e a oração	137
4.3.3.1	No <i>Capítulo Geral/2012</i> (Congregação, 2017)	137
4.3.3.2	No <i>Capítulo Geral/2018</i> (Congregação, 2018)	138
4.3.4	Listagem dos compromissos capitulares sobre a atualização do carisma fundacional e dos procedimentos em educação	138
4.3.4.1	No <i>Capítulo Geral/2012</i> (Congregação, 2017)	139
4.3.4.2	No <i>Capítulo Geral/2018</i> (Congregação, 2018)	139
4.3.5	A operacionalização em curso e as perspectivas das mudanças	139
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
	REFERÊNCIAS	157
	APÊNDICE A - ORIENTAÇÃO DA IGREJA DA AMÉRICA LATINA SOBRE A QUESTÃO POLÍTICA	163
	APÊNDICE B - O PRIMADO MARIANO	165
	ANEXO A- DAS ORIGENS DA CONGREGAÇÃO AO CONCÍLIO VATICANO II (1833-1960)	166
	ANEXO B - O TEMA DOS LEIGOS E LEIGAS NA CONGREGAÇÃO EM SEUS <i>CAPÍTULOS</i> GERAIS	175

ANEXO C - LEIGAS E LEIGOS CALVARIANOS DA FRANÇA, SUAS ATUAÇÕES E NORMAS DA CASA-MÃE	179
ANEXO D - HISTÓRICO E FORMAS DE ATUAÇÃO DOS GRUPOS DE LEIGAS E LEIGOS DE CAMPINAS	184
ANEXO E - COMENTÁRIOS DAS BEM-AVENTURANÇAS PELO PADRE BONHOMME	187
ANEXO F - <i>PLUS ÇA CHANGE, PLUS C'EST LA MÊME CHOSE</i>	191
ANEXO G - FUNDAMENTOS DA ESPIRITUALIDADE CALVARIANA	198

1 INTRODUÇÃO

Investigo as mudanças na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, da Igreja Católica Apostólica Romana, que congrega a Família Calvariana. São chamadas de Família Calvariana as comunidades formadas por religiosas, leigas e leigos da Congregação, vivendo a vida eclesial em comunhão.¹ Alguns sacerdotes colaboram e participam também dessa Família. Aprofundo o seu estudo no subcapítulo 2.2 *A formação da Família Calvariana*. As Irmãs de Nossa Senhora do Calvário são também chamadas de Irmãs Calvarianas.²

As mudanças dos últimos 11 anos na Congregação são o enfoque principal da pesquisa.³ Analiso-as enfatizando os levantamentos nas atividades em Campinas e S. Paulo e nas decisões que abrangem as comunidades da província do Brasil, a fim de delimitar este trabalho.⁴

O *locus* de atuação da pesquisa foi limitado àquelas duas cidades, porquanto as casas da Congregação ali localizadas coordenam as atividades da Província do Brasil; a de São Paulo atua integrada à Casa-Mãe, em Gramat, França, com a qual interage de modo *on-line*. Isso facilita as atividades, mesmo em se tratando de pesquisa documental. Há também boa dinâmica na interação presencial entre as províncias do Brasil e da França. Atualmente, a Superiora Provincial da França é uma Irmã brasileira. A Superiora Geral (no âmbito mundial) é uma Irmã argentina, que mantém relacionamento assíduo com a Província do Brasil. Essa fluidez no relacionamento agiliza decisões, facilitando a indicação de fontes e a liberação de acesso a elas.

¹ Francisco (2013a; 2015) fala extensivamente sobre o significado de *Vida em Comunhão*, enfatizando a importância de viver em comunhão com Deus, com a criação e com os outros seres humanos. Reflito sobre o conceito de “Vida em Comunhão” no subcapítulo 4.3 *O reinventar-se em novo paradigma.*, no quinto parágrafo e seguintes.

² Utilizo, por vezes, a palavra “Irmã(s)”, com inicial maiúscula, para designar as Irmãs Calvarianas, nesta dissertação.

³ Emprego o termo “Congregação” (por vezes substituído por “Instituição”, como sinonímia) ambos com inicial maiúscula, para me referir à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, em todo o presente trabalho.

⁴ Província é a divisão territorial para identificar a jurisdição de cada unidade do primeiro nível da estrutura de comunidades da Congregação. A província do Brasil abrange a Nação Brasileira.

A definição daquele recorte temporal, por sua vez, deu-se pelo interesse maior da Congregação no inter-relacionamento de religiosas com leigas e leigos nesse período, buscando a *colaboração*.⁵

Em que pese a delimitação temporal, com início em 2012, o levantamento e identificação das ações da Congregação no mundo todo abrange a vida da Instituição desde a sua fundação, em 1833, sem aprofundar os levantamentos e análises (fora do recorte temporal do trabalho), mas fazendo o suficiente para aprimorar a contextualização do tema e o entendimento da problemática e dos objetivos da pesquisa. Esse recorte temporal tem a finalidade de delimitar o foco do trabalho, mas leva em conta a interpenetração dos relatos históricos do período focado com o não focado. Assim é que a aludida delimitação não prejudicará um outro marco temporal importante que representou a virada do milênio, em 2001, ponto de referência que utilizarei para demarcar a comparação de *antes* e *depois* das mudanças, na seção 5 *Considerações finais*.

Então, considero trabalhar na pesquisa com três fases distintas: a primeira, referente ao período da fundação da Congregação, em 1833, até o final do século XX, em 2000, e se baseia em relatos e dados gerais; nessa primeira fase estudo as reformas da Igreja promovidas pelo Concílio Vaticano II, a partir dos anos 1960, as quais desaguam no pontificado de Francisco, em 2013 e se estendem por todo o recorte temporal focado. Na segunda fase, de 2001 a 2011, trabalho relatos e dados mais aprofundados por força de sua interpenetração com a terceira fase; por exemplo, o marco da mudança na interpretação do Carisma Calvariano para a forma atual é identificado com o início do terceiro milênio, configurando mudança importante efetivada na segunda fase, mas transpondo a fronteira da terceira. E, por último, trato dessa terceira fase, a do recorte temporal de 2012 a 2022, com descrições, reflexões e análises mais aprofundadas. Os três períodos compõem uma historicidade da Congregação que mistura esses momentos históricos, mesclando elementos coexistentes em todas as fases, sem a rigidez de uma descrição linear e uniforme dos acontecimentos no tempo.

A título de esclarecimento das definições metodológicas, vale registrar que em 1997 foi constituída oficialmente a Associação dos Leigos Calvarianos, em Campinas, com registro civil e assentada nos ensinamentos do padre Pierre Bonhomme,

⁵ *Colaboração* no sentido de *missão compartilhada*. Aprofundo essa análise no subcapítulo 4.3 *O reinventar-se em novo paradigma, na prática*, em 4.3.5.

fundador da Congregação. Nela, a missão das leigas afiliadas e leigos afiliados consistia no atendimento aos mais pobres e aos que carecem do amor de mãe e da escuta da Palavra, sob a inspiração da Espiritualidade Calvariana (Congregação, 2022a).⁶

No período de início de atividade da Associação, em 1997, até o ano de 2012, quando começa o marco definido para o foco da pesquisa, muitas decisões e ações também contribuíram para o atingimento do modelo de organização que se estrutura hoje na interação de religiosas com leigas e leigos, constituindo-se em exemplo da interpenetração de relatos e dados, de debates e discussões, na historicidade das mudanças na Congregação.

Assim, embora eu seja leigo calvariano atuante na Congregação, procuro manter as abordagens numa perspectiva de pesquisador externo, em formas mais éticas do que *êmicas*.⁷ Nada obstante, ambos os formatos são utilizados em processo de complementariedade. Mas cuido para eliminar composições apologéticas e para preservar o necessário afastamento de observador em relação ao objeto.

Por outro lado, começo a discussão sobre a escolha do tema, sua importância, sutileza e justificativa, apresentando primeiramente motivações pessoais, sendo uma delas ligada ao fato de ter eu participado de estudos bíblicos na Família Calvariana por 22 anos, em Campinas e em São Paulo. Confirmar tal fato é relevante, pois contribuiu para facilitar o exame dos extensivos documentos fontais. Foi em tal práxis que levantei a hipótese de estarem em curso essas transformações, que envolvem mudanças comportamentais, coerentes com as reformas atuais da Igreja.⁸

Outra motivação pessoal é relativa à decisão de estender o problema ao gerenciamento da Congregação, o que se deve à minha formação em Ciência da Administração (pós-graduação, MBA), e à minha atuação por 14 anos em instrutoria na Universidade Corporativa do Banco do Brasil, em Desenvolvimento Gerencial e Desenvolvimento Organizacional.

⁶ Nova formatação de referência no padrão autor-data no texto, sem caixa alta, conforme 2ª ed. da norma ABNT NBR 10520, de 19 jul.2023. (ABNT, 2023).

⁷ Refiro-me a *êmica* com sentido de abordagem numa perspectiva de dentro da Congregação, na compreensão e análise de seus valores, objetivos, simbolismos e práticas vivenciadas por sua membresia. *Ética*, por sua vez, consiste na abordagem em perspectiva externa ou observadora, realizada com a lente de minha formação profissional e acadêmica, portanto utilizando um modo de pensar diferente da visão *êmica*.

⁸ Os termos Igreja e Igreja Católica, com iniciais maiúsculas, são empregados para me referir à Igreja Católica Apostólica Romana, em todo o texto da dissertação.

Para fechar estas justificativas sobre a escolha do tema, registro um elemento interessante surgido ao concluir as leituras das crônicas originárias da Congregação. Falo da inclusão do vínculo histórico da instalação dos colégios — especialmente o Colégio Sagrado Coração de Jesus — com a história de Campinas, analisando a ligação da Igreja com os republicanos da elite econômica e política da cidade, e abrangendo o apoio ao catolicismo transmontano no Brasil, conforme relato no subcapítulo *2.1 História da fundação na França e da presença das Irmãs no Brasil*, em 2.1.2, na parte que menciono, de passagem, uma aliança maior da Igreja, para facilitar a implantação do ultramontanismo no país. Tal abordagem tem ainda o intento de lançar provocação a novas pesquisas mais completas nesse tema.

No começo dos meus estudos para elaboração do projeto original, em 2018, foi importante a definição da pergunta principal a ser respondida na pesquisa. Ela se baseou em uma das orientações do Papa Francisco em seu início de pontificado, que repercutiu dentro da Congregação. Francisco orientou os bispos a fugirem de diversas tentações e recomendou focarem o trabalho de evangelização nas periferias. Fez ainda questionamentos sobre o papel da Igreja e perguntou se agentes pastorais e fiéis se sentem parte dela. Essa análise se torna sintomática da situação da Igreja oficial e do papel das leigas e leigos católicos⁹ (Francisco, 2013b).

Nesse contexto, eu observava e analisava a atuação e a vivência em comunhão das irmãs de Nossa Senhora do Calvário e das leigas e leigos calvarianos, que se propõem vida simples e integrada à Igreja. Então iniciei o processo de sondagem sobre o tema, para formar a problemática da pesquisa. A primeira indagação que se apresentou foi sobre os propósitos da Congregação, a fim de verificar e evidenciar as transformações ocorridas nos últimos anos e aquelas pretendidas para o futuro.

Essa indagação a responder decorre de hipóteses conhecidas por mim, sobre a vida em comunhão dessas religiosas entre si e com leigas e leigos, no seio da Igreja. Todos esses assuntos foram compilados a partir dos anais do *Capítulo Geral/2018*, que se ocupou dos principais problemas da Congregação.¹⁰

⁹ Amplio a discussão e análise daquele discurso do Papa Francisco, no tópico *4.3 O reinventar-se em novo paradigma*.

¹⁰ *Capítulo* é a assembleia na qual os participantes têm voz e voto, com poderes para decidir sobre matérias de competência da Congregação na estrutura da Igreja. Para diferenciar do sentido lato do termo, quando me referir a essa assembleia da Congregação, utilizarei destaque em itálico, com inicial maiúscula (*Capítulo*), em toda a parte textual da presente dissertação, exceto em citações diretas.

Esses documentos capitulares foram o ponto de partida das pesquisas que envolveram vasto volume de fontes primárias, conforme descrevo no capítulo 2 *Contexto histórico e fundamentos das mudanças na Congregação*. Faço também comentário no trecho sobre metodologia, nesta *Introdução*.

Dessa forma, a primeira pergunta emersa das análises preliminares foi sobre os propósitos da Família Calvariana: ser família aberta a quem?... Para viver o quê?... Para qual missão? — na verdade, um conjunto de perguntas imbricadas e que prevaleceram para orientar a pesquisa.

As respostas a essas indagações revelaram o fenômeno a ser observado: as escolhas que se impunham para realizar essas transformações na Congregação, e as mudanças em curso na relação com as leigas e leigos e com a Igreja em geral. Apareceu a seguir o aspecto motivacional, e aflorou a pergunta de segundo plano: quais fatores de motivação movem as membras e membros nas suas ações em prol das comunidades carentes?¹¹ As respostas, neste caso, compõem o pano de fundo das mudanças, permeando todas as análises pertinentes a essas transformações.

Outro ponto que se tornou evidente naquele *Capítulo Geral/2018* — e foi importante para definir a abrangência do tema da pesquisa — consistiu no encantamento da Congregação com o modelo de desenvolvimento de organizações chamado de Turquesa (*Teal*, em inglês), em uma teorização de novos modelos organizacionais de Frederic Laloux (2021).¹²

Trata-se de um guia no qual o autor ordena os modelos de organizações por meio de uma metáfora de cores, classificando-os em vermelho, âmbar, laranja, verde e turquesa. Analisa esses modelos em todos os períodos da história da civilização e enquadra neles inclusive a Igreja Católica, como instituição terrena. É um novo paradigma trazido para as organizações, que define um modelo organizacional adequado à atual época de transformações na sociedade. O modelo Turquesa de administração envolve mudança comportamental como característica principal de sua

¹¹ Utilizo linguagem inclusiva de gênero e, para isso, uso todas as expressões permitidas pela norma da língua portuguesa. Por exemplo, no dicionário Houaiss, o verbete *membra* (2023) é definido como: “mulher que participa de um corpo social, político ou administrativo, ou de um grupo que tem atividades, interesses e objetivos comuns”.

¹² Frederic Laloux nasceu em 1968, na Bélgica. É pensador, escritor e consultor de empresas. Ficou conhecido por seu trabalho no campo da gestão das organizações e pela autoria do livro *Reinventing Organizations*, publicado em 2014. A obra apresenta uma pesquisa com doze organizações de setores diversos, as quais foram analisadas quanto às suas práticas em gestão e colaboração. Laloux entrevistou também cerca de cem líderes de organizações, especialmente nos EUA e na Europa, em setores como saúde, educação, tecnologia e serviços financeiros. É ex-sócio da McKinsey & Company e mora em Bruxelas.

implementação. Estudo essas mudanças organizacionais no subcapítulo 4.2 *Mudanças de paradigma: uma visão de Teologia e de Administração*.

Paralelamente aos trabalhos da pesquisa eu participava das atividades acadêmicas a mim incumbidas, vinculadas ao curso de mestrado. À medida que as pesquisas se desenrolavam, as matérias estudadas também interferiam na elaboração dos trabalhos. Na minha autoavaliação observo a melhoria na qualidade dos meus textos, aprimorados na perspectiva da linguagem acadêmica, em decorrência dos debates e estudos nas sessões dos *Seminários Avançados de Pesquisa (SAP)*. Outrossim, todas as disciplinas cursadas no mestrado continham algum diálogo com o meu projeto. Destaco, como de maior influência as aulas metodológicas, como: *Ciências da Religião e fenômeno religioso* e *Formas de representação do fenômeno religioso*. Uma importante contribuição em hermenêutica e epistemologia, veio da disciplina *O Catolicismo na pós-modernidade*, trazendo novos autores para a pesquisa, em especial, os textos de João Décio Passos. Tais textos foram determinantes para compor a parte da dissertação que estuda as reformas do Papa Francisco relacionadas com a Cúria Romana, pois se tratam de análises e reflexões que contribuem com o modelo de reestruturação organizacional da Congregação, numa perspectiva não só dialógica, mas também dialética. Registro, ainda, a importância para a pesquisa da realização de Colóquio pela PUC Campinas, em maio de 2023, sobre o tema do catolicismo intransigente no Brasil e no mundo. Esse evento trouxe novos elementos de estudo, que foram utilizados para elaborar as partes então faltantes da dissertação, especialmente a que versa sobre as mudanças na Igreja nos tempos de Francisco — no capítulo 3 *As mudanças na Igreja pós-conciliar (Vaticano II)*.

Ressalto que mesmo diante de tal desenvolvimento os objetivos e os resultados definidos no projeto de pesquisa permaneceram válidos. Logo, o objetivo geral consistiu em analisar a comunhão de religiosas com leigos e leigas, na vivência do Carisma da Congregação e os três objetivos específicos foram: o primeiro, verificar as mudanças estruturais nos propósitos e na organização funcional da Congregação; em seguida, caracterizar as formas de interação das religiosas com as leigas e os leigos e averiguar a harmonização das mudanças na Congregação com as reformas propostas e/ou realizadas na Igreja; e por último, identificar os fatores motivacionais dessa espiritualidade para a vivência do Carisma. Os resultados são corolários dos objetivos e serão tratados na seção 5 *Considerações finais*.

Tratando da metodologia e das fontes, por sua vez, apresento o estudo do fenômeno religioso objeto desta pesquisa em suas configurações institucionais, doutrinárias e vivenciais, mas pensando também o funcionamento organizacional da Congregação. A pesquisa tem caráter exploratório sobre a Instituição, sobre suas práticas discursivas, sobre sua ação missionária e sobre sua atuação social, focando Campinas e São Paulo. Observo o fenômeno religioso e analiso as mudanças nesse instituto eclesial, para verificar o grau de comprometimento da totalidade da Igreja com essas transformações, e ainda para vislumbrar, numa visão fenomenológica, possíveis reflexos subsidiários na amplitude da sociedade brasileira. Dessa forma haverá também uma análise sociológica, na perspectiva da Sociologia da Religião. O trabalho dialogará ainda com a ciência da Administração na parte que estuda as mudanças na estrutura organizacional.

Destarte, estudo a reestruturação organizacional no capítulo 4 *As mudanças na Congregação, de 2012 a 2022*, e o faço não somente no campo da Administração, mas também no âmbito das Ciências da Religião. Assim, elaboro as descrições, análises e sínteses conectadas com o tema da Religião, interpenetrando-se com a Sociologia, com a História e com a Antropologia, numa transversalidade no que tange ao assunto das mudanças organizacionais.

Esclareço que essas mudanças na estrutura, as quais analiso, não se constituem apenas de modificações no organograma funcional. Elas têm alterações mais dinâmicas do que estáticas, baseando-se no modelo de reorganização adotado pela Congregação. Assim, têm natureza mais comportamental do que material e normativa, pois abrangem reformas no modo de liderança, gerenciamento e tomada de decisões. Por isso, embora não sejam o foco principal, elas interessam tanto assim a este trabalho.

Trata-se de pesquisa de caráter documental e bibliográfico desenvolvida na linha da hermenêutica e da epistemologia, com relação ao fenômeno religioso objeto das análises. Analiso a documentação fontal para destacar uma referência singular, pela originalidade da obra e pelas características de sua utilização na pesquisa.¹³ Faço alusão à crônica da Congregação referida como *Histoire*, composta de três

¹³ Fontes descritas também no capítulo 2 *Contexto histórico e fundamentos das mudanças na Congregação*.

volumes de memórias, em francês.¹⁴ Assim, nas citações na dissertação, uso a tradução de Leonardi (2010). Essa crônica tem seus três volumes com títulos diferentes. Entretanto, designo a obra toda como *Histoire*, referindo apenas ao nome do primeiro volume. Essa forma abreviada é também utilizada na obra de Leonardi (2010), na qual figura, por vezes, com seu título completo *Histoire des fondations brésiliennes*. Paula Leonardi (2010, p. 24) é a tradutora do original francês, nas citações diretas que faz na sua obra. Em tais citações acrescenta sempre o texto em francês, em nota de rodapé, enriquecendo o seu trabalho. Utilizo alguns de seus textos traduzidos, em minha dissertação.

A preocupação com a revisão da literatura para os fins deste trabalho ficou limitada ao tema principal, o da *mudança*. A teorização sobre mudança organizacional, porém, é tema amplo, no campo da Administração, cuja discussão aprofundada fugiria ao escopo desta pesquisa — mais ofuscaria que contribuiria com o trabalho na área das Ciências da Religião e deveria certamente comprometer sua extensão. O presente estudo limita-se a analisar e refletir sobre como a Congregação efetiva e gerencia a sua mudança organizacional, focada pela Instituição em um modelo integrante de uma das teorias denominadas de pós-modernas, na Administração. Então, importa mais avaliar *o quê*, *o porquê* e *o como* mudar. Assim, ao teorizar sobre mudança organizacional baseio-me nos meus estudos para atuação profissional, nos quais aprofundo a teoria da mudança, numa amplitude que considere adequada, conforme comento no subcapítulo 3.2 *As reformas de Francisco*, em 3.2.1 (parte inicial). Lembro que o modelo de organização adotado na Congregação fundamenta-se na teoria de Frederic Laloux. Busquei problematizar esse modelo teórico discutindo a questão da cultura com base em Geertz, e trazendo ideias de Wilber sobre consciência humana, para dialogar com Laloux, no subcapítulo 4.2 *Mudança de paradigma: uma visão de Teologia e de Administração*.

São válidos ainda alguns esclarecimentos. Numa revisão da literatura, abrangendo a literatura internacional, feita no decorrer dos estudos para o projeto

¹⁴ A obra *Histoire*, crônica da Congregação, é descrita pela pesquisadora Paula Leonardi (2010, p. 162): “O primeiro volume data de 1916 e as Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário acreditam que foi escrito por Madre Pierre du Sauveur, superiora das irmãs no Brasil, em Campinas, interior de São Paulo. No entanto, ao longo do texto, sua autoria fica nebulosa. É impossível afirmar até mesmo se foi uma só irmã ou várias que a escreveram. O primeiro volume foi chamado de *Histoire des fondations brésiliennes* (manuscrito de 1916), o segundo intitula-se *Journal de la Maison de Campinas, État de Saint Paul, Brésil*. 2eme volume, 29 octobre 1916-29 juin 1918 e, finalmente, o último volume apresenta o título em português, *Diário de Campinas*, 3.º partie, 29 juin 1918-19 juin 1921”.

desta pesquisa, a partir de 2018, verifiquei que as teorias das quais me servi no meu início de estudos de Administração, nas últimas décadas do século XX, estavam enfraquecidas.¹⁵ No geral, tratam de estratégias com propostas de mudar as estruturas físicas ou burocráticas e suas dinâmicas e práticas organizacionais, para promover mudanças, em eventos esporádicos, principalmente em situações de crises internas ou de pressões externas à organização. Consideram utilizar a forma mais proeminente de autoridade, a de “dominação legal-racional”, por meio de regulamentos e procedimentos padronizados para enfrentar desafios, tomar decisões e dar ordens.¹⁶

As teorias chamadas na Administração de pós-modernas, por sua vez, fundamentam-se em conceitos e tendências que apresentam características diferentes dos textos clássicos. Dessa forma, a maioria dessas teorias atuais indicam como estratégia mais eficaz e efetiva para a gestão das mudanças nas organizações aquela que promove a mudança no comportamento das pessoas para que estas efetivem mudanças de modo constante nas organizações. Essa também consiste numa das características principais do modelo de organização adotado pela Congregação, o *Teal*.

Nada obstante, em todo o estudo sobre mudanças organizacionais neste trabalho, busquei uma posição equidistante das teorias clássicas e das atuais, ou seja, procurei uma posição de superação dialética de ambas.

Considero que as exigências do ambiente onde as organizações atuam têm sido o fator de maior relevância para que busquem se adaptar e se atualizar continuamente. A maioria dos textos sobre o tema destaca como fator de sucesso de uma organização a sua capacidade de gerenciar e realizar mudanças. É importante registrar que esse potencial para se adaptar e para realizar mudanças não é novidade na literatura, havendo mesmo muitos pontos convergentes nos textos modernos e pós-modernos. Os textos mais atuais, porém, inovam de modo destacado quanto à velocidade de resposta dessas organizações para se adaptarem ao ambiente social.

¹⁵ Refiro-me às clássicas contribuições de Adam Smith (1723-1790), Karl Marx (1818-1883), Max Weber (1864-1920), Frederick Taylor (1856-1915) e Henri Fayol (1841-1925).

¹⁶ No sentido weberiano, a dominação legal-racional é impessoal, vale dizer que a autoridade é exercida com base em cargos e não está ligada à personalidade dos ocupantes desses cargos. As pessoas são submetidas à autoridade em virtude das funções exercidas pelo ocupante do cargo, definidas em leis ou regulamentos, e não em razão de sua condição e de suas características como ser humano (Weber, 2000).

Vejo que isso decorre principalmente das rápidas mudanças atuais nas tecnologias de comunicação e de transporte na sociedade.

Aprofundo esse assunto nas análises e reflexões do modelo *Teal*, subcapítulo 4.2 *Mudança de paradigma, uma visão de Teologia e de Administração*, e no fecho desse tema na seção 5 *Considerações finais*. Outrossim, reflexões sobre o espírito de inovação das Irmãs Calvarianas permeiam todo o capítulo 2 *Contexto histórico e fundamentos das mudanças na Congregação*.

Sobre as mudanças na Igreja geral, tema do capítulo 3 *As mudanças na Igreja pós-conciliar (Vaticano II)*, fundamento minhas análises — além das fontes primárias — nos seguintes autores: Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (2005), João Décio Passos (2017), José Oscar Beozzo (2005), Gustavo Gutiérrez (1975) e Elio Guerriero (2023)¹⁷.

Esclareço que entram na composição das fontes originárias os trabalhos de dois teólogos que assessoraram a Congregação na preparação e realização do *Capítulo Geral/2018*, no qual foram oficializadas as principais mudanças e que se constituiu no principal evento congregacional para o objeto da presente pesquisa. São eles Antonio Botana¹⁸ e García Paredes¹⁹

Nas reflexões e análises pessoais, baseio-me ainda na minha experiência de mais de vinte anos na Congregação, observando a dinâmica vivida pelas Irmãs interagindo com leigas e leigos. Relembro que me fundamento, prioritariamente, nas fontes originais do acervo da Congregação; assim, alguns documentos e obras encontram-se em biblioteca na Casa Provincial, em São Paulo, e na Casa-Mãe, em Gramat, França, locais que visitei, com passagens mais frequentes em São Paulo, e uma vez em Gramat. Ali, no sítio da Casa-Mãe, há o repositório da Congregação:

¹⁷ Elio Guerriero, é um teólogo e escritor italiano, diretor da revista teológica *Communio*; foi vice- diretor editorial da *Edizioni San Paolo*. Publicou a edição italiana das obras de Hans Urs von Balthasar. Escreveu várias obras: livros, monografias e outros estudos. Destacou a “intuição soteriológica” de Balthasar. Resumo biográfico e lista das obras disponível em https://it.wikipedia.org/wiki/Elio_Guerriero. Acesso em 11 ago. 2023.

¹⁸ António Botana, espanhol, Irmão das Escolas Cristãs (Lassalista), da Igreja Católica Romana, teve artigo incluído no IX Capítulo Provincial da Congregação no Brasil/2017. (Botana, 2017; 2018). Referência aos trabalhos disponível em <https://www.google.com.br> ,pesquisar: Antonio Botana fsc/imagens de Antonio Botana fsc. Acesso em 30 maio 2022.

¹⁹ José Christo Rey García Paredes, padre, teólogo, assessorou a realização do *Capítulo Geral/2018* da Congregação. (García Paredes, 2018a; 2018b; 2018c). Pertence à ordem Claretiana, cujo fundador foi Santo Antônio Maria Claret. O Carisma Claretiano tem importantes pontos em comum com o Carisma Calvariano como: compromisso com a justiça social e promoção dos direitos humanos; enfoque na missão evangelizadora e devoção a Maria. Biografia de García Paredes disponível em: <https://www.itvr.org/professores/jos%C3%A9-cristo-rey-garc%C3%ADa-paredes>. Acesso em 8 abr. 2022.

convento do Século XIX, Igreja, jazigo do fundador, cartas originais dele, crônica *Histoire* e algumas pinturas de artistas diversos — tudo isso compõe bom acervo.

É importante mencionar, ainda sobre as fontes documentais, que elas são um corpo de expressões dirigidas ao público interno, com o objetivo de edificar a Congregação e promover o crescimento das pessoas que ali atuam. Essa edificação está essencialmente relacionada com as práticas de *recordar*, *imitar* e *pregar* (ou *louvar/orar*), as quais defino e analiso no subcapítulo 2.2 *A formação da Família Calvariana*, em 2.2.3. Assim, edificação “tem sentido de construção, elevação, criação. Enfim, são documentos/monumentos que erigem imagens e representações” (Leonardi, 2010, p. 42).²⁰

Na discussão para compreender a “imbricada relação entre a ação de recordar e a *edificação*”, Leonardi (2010, p. 42) menciona o que representou para as práticas de *recordar*, *imitar* e *pregar/orar* a transferência do corpo do fundador para o jazigo do convento da Congregação. O exemplo é um relato de Maurel (1999, p. 154-155):

As religiosas de Nossa Senhora do Calvário cercam de afeto e veneração esse caro depósito [o corpo do padre Bonhomme], confiado à sua piedade filial e à sua gratidão imperecível. Como suas irmãs mais antigas, elas o guardarão na lembrança: *Recordare* [...].

À lembrança elas acrescentarão a imitação: *Imitare*. Elas receberam como herança o exemplo de uma vida austera, cheia de boas obras, totalmente entregue a Deus e às almas [...].

Finalmente, que esta lembrança seja também uma oração: *Deprecare*.²¹

Por fim, estruturo a parte textual em cinco seções, numeradas de 1 a 5, a saber: *1 INTRODUÇÃO; 2 CONTEXTO HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DAS MUDANÇAS NA CONGREGAÇÃO; 3 AS MUDANÇAS NA IGREJA PÓS-CONCILIAR (VATICANO II); 4 AS MUDANÇAS NA CONGREGAÇÃO, DE 2012 A 2022; e 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS*. As seções 2, 3 e 4 são os capítulos propriamente ditos que constituem o desenvolvimento do tema desta dissertação.

²⁰ Leonardi (2010, p. 42) esclarece que utiliza os termos representação e imagem no sentido dado por Bachelard (1984, p. 453): “A representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens”.

²¹ Nova formatação que adoto no presente trabalho, com recuo de 2,5 cm, conforme facultam as novas Normas Brasileiras (NBR) sobre citações, ABNT (2023).

2 CONTEXTO HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DAS MUDANÇAS NA CONGREGAÇÃO

Neste capítulo, relato os antecedentes históricos das mudanças na Congregação, que se realizam no Brasil, no foco temporal da pesquisa, e averiguo os fundamentos dessas transformações nas origens da Congregação na França e na história das Irmãs Calvarianas em terras brasileiras. Destaco a formação da Família Calvariana, que ocorre com a filiação de pessoas leigas à Instituição.

Faço esse histórico com base em Mongrelet (1892)²², em Maurel (1999), em Mendonça (1996) e em diversos tipos de textos, como circulares, documentários e crônicas escritas por congreganistas (madres superiores e outras freiras da Instituição)²³, incluindo três volumes manuscritos de memórias os quais chamo de *Histoire*.²⁴ Subsidiariamente, utilizo a obra de Leonardi (2010), da qual extraí todas as citações da *Histoire*, ali traduzidas do francês, e me vali ainda das análises de Leonardi (2008).

Verifico que não há uma história da Congregação escrita pelo seu fundador. As histórias foram escritas por outros padres: a primeira, em 1892, pelo Cônego Mongrelet, que assumira a capelania da comunidade e decidiu estudar as origens da Congregação.

O próprio Mongrelet (1892) esclarece que escreveu sobre o fundador e não sobre a história da Congregação. Explica que compõe uma imagem do padre Pierre Bonhomme do ponto de vista das Irmãs, a quem dirige uma mensagem introdutória em seu livro, na qual se penitencia por elogiar demais o biografado, e cumprir de menos o papel de historiador imparcial. (Mongrelet, 1990, p. 12).²⁵

²² O texto traduzido no Brasil foi impresso pelas Edições Loyola, sendo essa a obra que utilizo para as citações, Mongrelet (1990).

²³ Para me referir a mulheres religiosas, vi dentre os autores pesquisados que Langlois *apud* Leonardi (2010, p. 30), na França, usa palavras distintas: umas para referência a mulheres que atuam em congregações, e outra diferente, para mulheres que atuam em ordens. Para as primeiras utiliza o termo congreganistas ou *bonne soeurs* e para as segundas, religiosas. Neste trabalho utilizo o termo religiosas indistintamente, como é o uso costumeiro no Brasil. Para as congreganistas, única modalidade que trato na presente pesquisa, uso também as palavras freiras ou irmãs (como sinonímia de religiosas).

²⁴ Ver descrição da *Histoire* na parte 1 *Introdução*, no tópico sobre a metodologia e as fontes.

²⁵ O trecho da mensagem introdutória é esse: “Quisemos guardar a lembrança de seu Pai Fundador, assim como vocês nos ensinaram a conhecê-lo. Tenho certeza que essas páginas, como estão, serão bem acolhidas e isso me basta. Ainda que tenha autorizado a impressão desse livro, espero que ele permaneça no interior de sua família. Se ele tivesse que ser oferecido ao público, eu teria sido censurado, como quase todos os biógrafos, [por] ter lisonjeado demais o nosso herói tecendo somente um panegírico e esquecendo-me do papel de historiador.” (Mongrelet, 1990, p. 12).

E segue em sua mensagem, dizendo às Irmãs que os elogios não parecerão exagerados a elas, pois conheceram o homem que era o padre Bonhomme, “de heroicas virtudes”, a quem nada havia que desabonasse, por ser caridoso e desapegado de si mesmo, “tão pronto a perdoar e generoso em sua dedicação” (Mongrelet, 1990, p. 12). Relata também o rol das fontes nas quais se baseou e das quais obteve testemunhos, mas não cabe descrevê-las neste trabalho.

A segunda fonte na qual me baseio é o texto do cônego Maurel (1999), de seu livro original datado de 1928, quando as Irmãs já haviam se instalado em definitivo no Brasil e consolidado o seu trabalho aqui. Esse livro de Maurel é mais focado nas origens da Congregação e em toda a sua história, mas é também compenetrado da biografia do fundador.

Destaco que essas são as duas principais obras sobre a história da Congregação e a biografia do fundador, duas narrativas similares. Como se vê, embora se trate de uma instituição feminina, a sua história é escrita por dois homens. As congregações católicas femininas, contemporâneas de nascimento no século XIX, foram instituídas ou encabeçadas por um homem — reconhecido como fundador ou diretor espiritual. No geral, as freiras não eram totalmente independentes nos tempos iniciais de uma congregação feminina.

No caso das Irmãs Calvarianas, entretanto, o padre Pierre Bonhomme, a seu modo especial, procurou dar àquelas que se destacavam como líderes — e, de resto, a todas as colaboradoras — a autonomia possível. No próximo subcapítulo analiso as origens desses princípios e valores de autogoverno feminino que se conservam na Congregação por mais de um século e meio (até hoje).

A terceira fonte é um compêndio de crônicas sobre a história da Congregação no Brasil, de autoria da Irmã Marlene Leite Mendonça (1996), elaborado para celebrar os noventa anos da Congregação na província brasileira. Nele a autora expõe os motivos da vinda para o Brasil, os obstáculos vencidos pelas irmãs para poderem se firmar nos primeiros anos da instalação aqui, citando inclusive as tensões com a Casa-Mãe, em Gramat, França.

Acrescento a essa terceira fonte, circulares, documentários, crônicas e memórias escritas, conforme já comentei neste introito. Verifico ainda que, nas últimas décadas do século XX, biografias das primeiras freiras foram compostas pelas próprias Irmãs, passando a constituir-se em importante fonte histórica da Congregação.

Nada obstante, na Igreja em geral era comum os religiosos homens serem incumbidos de escrever as memórias das congregações, mesmo nas femininas — pelo menos as memórias mais valorizadas e oficializadas. Foi o que ocorreu na Congregação Calvariana, até o início dos anos 1990.²⁶

É uma vasta documentação primária fontal, selecionada e classificada de modo a facilitar a pesquisa em seu foco. Situações pitorescas ou fascinantes e eventos marcantes da história da Congregação são comentadas ou analisadas neste capítulo, em casos pontuais, escolhidos segundo o interesse para o objeto do presente trabalho, sem perder de vista o tratamento científico e o enquadramento do discurso no campo das Ciências da Religião.

Estruturo este capítulo em três subcapítulos.

2.1 História da fundação na França e da presença das Irmãs no Brasil

Componho este subcapítulo em dois desdobramentos. Primeiro, verso sobre as origens da Congregação na França e em seguida sobre *As Irmãs Calvarianas no Brasil*. Sobressai nessa história da Congregação a presença significativa das leigas e leigos desde as origens da Instituição. No Anexo A são relatados eventos históricos como exemplos dessa colaboração laica com a Congregação. Na sequência, no subcapítulo 2.2 *A formação da Família Calvariana* aprofundo as análises sobre a integração da vivência das Irmãs com as leigas e leigos, como vida em família.

2.1.1. As origens da Congregação

Foi fundador da Congregação o beato Pierre Bonhomme, que nasceu em 04 de julho de 1803, na cidadezinha de Gramat, no antigo Quercy, hoje Departamento de Lot, na França. Foi beatificado em 23 de março de 2003, no pontificado de João Paulo II.

²⁶ Sobre a composição das memórias na Congregação Calvariana, assim escreveu a pesquisadora Leonardi, (2010, p. 383-384): “Até então [década de 1990], as irmãs eram somente solicitadas para recolherem *souvenirs* e compor relatos para enviar à sede. Ou então, para relatar uma história a um padre, como no caso de Maurel (1999), que recolheu depoimento das irmãs para escrever seu livro. Ainda que ínfima, era a interferência na voz masculina. O trabalho, enfim, era editado pela sede, ou pelo autor do livro, e daí saíam os textos oficiais da instituição. Apenas no início da década de 1990 é que biografias foram escritas pelas próprias irmãs.” Destaca-se nessa fase recente a biografia do fundador de autoria da Irmã Marie-Bertrand Piganeau, *Soeur Marie Bertrand*. (Piganeau, 2012).

O então padre Pierre Bonhomme foi nomeado pároco da Paróquia de Nossa Senhora, na cidade de Gramat, França, em 1832. Era auxiliar do pároco que falecera, padre Prunières, e também diretor de colégio que fundara ali.

Antes de fundar a Congregação o padre Bonhomme havia instituído as Filhas de Maria, em Gramat, organizadas em associação, o que lhe servira de instrumento para introduzir, naquela paróquia, as reformas que intuía e para as quais seguia orientação divina, como creem as adeptas e adeptos do carisma fundacional.²⁷ Ele havia conseguido no seu trabalho paroquial introduzir o maior número de pessoas na prática dos sacramentos, despertando nelas o gosto pela vida cristã. Compunham as Filhas de Maria algumas moças da paróquia, em pequeno número, mas com forte desejo de viver a vida consagrada.

Tudo isso se constituiu nas “primícias e início dessa obra” (Mongrelet, 1990, p. 101): o nascimento da Congregação Religiosa de Nossa Senhora do Calvário, em 1833.

Gramat, à época, tinha uma população predominantemente cristã (católica), mas a juventude já se afastava das práticas religiosas. As jovens da cidade estavam, em grande maioria seduzidas pelos prazeres temporais. Após fazerem a primeira comunhão voltavam à Igreja e à Eucaristia apenas por ocasião da Páscoa. Muitas deixavam se dominar pela vida mundana, sem pudor. “Corriam para os bailes...ou para encontros ainda mais perigosos e algumas, deixando a virtude, encontravam sua desonra” (Maurel, 1999, p. 25). Tal situação, alarmante para a Igreja, levou Bonhomme à fundação de uma congregação, a das *Filhas de Maria*, entidade precursora da atual Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Ele, jovem padre que voltara para Gramat, sua terra natal, não podia conformar-se com a nova realidade que via acontecer com a juventude católica, particularmente a feminina.

A primeira associação oficial foi a Sociedade Imaculada Conceição, que já possuía um regulamento para ajudar as jovens no seu caminho na busca das virtudes cristãs e da missão de ajuda aos pobres. Nesse caminhar, fundou um asilo, para atendimento das mais necessitadas e necessitados da comunidade.

²⁷ Carisma é entendido como o dom com o qual o fundador cria a alma da instituição, que permeia a vida dela toda e motiva a adesão e atuação de afiliadas e afiliados em prol de objetivos comuns, e com isso dá à congregação o seu modo próprio de atuar, que é percebido como inerente a ela também pelo público externo.

Destaco que, naquele tempo, Bonhomme já vivenciava a circularidade em seu modo de atuar, caracterizado pela partilha. Assim é que, ao mobiliar a casa para as primeiras vocacionadas, escolheu uma mesa redonda. Ele sabia que dessa maneira todas as pessoas ficam no mesmo plano, o que facilita brotar a simetria de poder e autoridade na discussão, característica da circularidade. Não há pessoa superiora ou inferior em tal situação dialogal. Todas podem se olhar de frente e partilhar livremente, há união e aproximação. Era ao redor dessa mesa redonda que a comunidade se encontrava para o estudo, para as refeições e para a recreação.²⁸

Foi nesse lugar de comunhão que as primeiras Irmãs ouviram do fundador essa frase profética para elas: “Minhas filhas, enquanto fordes unidas, sereis felizes e poderosas para o bem. Mas no dia em que a caridade não mais reinar entre vós, terminada estará a vossa felicidade e comprometido o futuro da Congregação” (Congregação, 2022a, p. 5). Essa frase encontrou ressonância nas Irmãs Calvarianas e se perpetuou na Congregação.

Verifico outra característica importante na vida da Congregação, incutida na formação das Irmãs para assumirem funções de liderança, inspiração que perdura até os dias de hoje. Como o fundador era um padre com bastante atividade externa à sua paróquia, que viajava constantemente, isso ajudou na outorga forçada dessa autonomia. Outro sacerdote, monsenhor Sénizergues, que era vigário geral da Diocese de Cahors — função que exerceu de 1831 até a sua morte em 1854 —, em cuja jurisdição se situava Gramat; acompanhou a Congregação nos seus primeiros anos, nas décadas de 1830 a 1850, e foi seu protetor e incentivador. Como era superior hierárquico, fazia visitas regulares à Congregação para averiguar o seu funcionamento. “Conversava com as Irmãs, fazia palestras, encorajava-as e se necessário apresentava sugestões, sentia-se feliz em poder presidir as cerimônias de tomada de hábito e de profissão” (Mongrelet, 1990, p. 286). As Irmãs o viam como sacerdote amigo, afeto e dedicado ao fundador. Nada obstante, tinha fama de ser muito severo.

Há vários registros em cartas dirigidas às Irmãs com menção de Sénizergues a Bonhomme com ternura e bondade. Mesmo assim, ele não poupava de críticas o

²⁸ Esse conceito de *circularidade* perdura na Congregação. Notar que difere do conceito teológico de *circularidade hermenêutica* constante do subcapítulo 4.1. *Os fundamentos da Espiritualidade Calvariana e o espírito de inovação*.

fundador, pelos seus afastamentos prolongados. Numa mesma carta em que demonstrava afeição também destilava críticas:

Admiro os desígnios da Providência a respeito da sua congregação e constato que ela foi extremamente favorecida. É um milagre que, privada de auxílios espirituais, ela conserve o seu carisma. [...]

Abro meu coração a vocês, dizendo que o abandono em que vocês vivem, durante uma terça parte do ano, corta-me o coração e me aflige muito. É preciso que a Divina Providência vele, de maneira particular, sobre a Congregação de Nossa Senhora do Calvário, para que ela tenha se conservado até hoje. Compreendo o zelo do Padre Bonhomme, mas isso não me impede de ver como ele as abandona (Mongrelet, 1990, p. 287-288).

Verifico que a “atividade voraz e a habitual vida movimentada” do fundador não se coadunava com as exigências de atendimento presencial em uma ordem religiosa. O autor levanta uma hipótese e expõe a dúvida: se esta Congregação fosse uma ordem religiosa de homens, é certo não prosperaria sem a presença constante do fundador. Tratando de Congregação feminina, porém, as ausências pareceram ter sido benéficas, ou pelo menos “mais proveitosas que prejudiciais” (Mongrelet, 1990, p. 288).

Noto, de fato, o desejo expresso das primeiras Superiores de não se submeterem a uma orientação masculina, conforme expõe Maurel (1999), citando circulares e cartas. Assim, após a morte do fundador, ocorrida em 9 de setembro de 1861, Madre Hélène, primeira Superiora (oficial) na história da Instituição, relatava em circular de 25 de outubro daquele ano, sua visita ao bispo da sua diocese para entrar em entendimento sobre os destinos da Congregação, agora sem a vitalidade de seu fundador. Na carta circular Madre Hélène traz a “boa notícia” de que as Irmãs não serão submissas a nenhum superior particular. “O senhor bispo autoriza e mantém o governo da Congregação como a Regra estabelece, isto é, que a comunidade será dirigida pela Superiora Geral e seu Conselho.” E acrescenta que o bispo sim, terá autoridade como a que tem sobre todas as comunidades da diocese. O capelão, porém, tem funções restritas, quais sejam: a confissão, as exortações religiosas, os sermões, as cerimônias da Igreja. “Assim, por exemplo, os poderes de capelão de convento estão ligados à Casa-Mãe somente, e não podem se estender a nenhuma daquelas que dela dependem” (Congregação, 1999, s.p.).

Um outro exemplo dessa postura de autonomia da Congregação desde os seus primórdios é visto em uma carta de 3 dezembro de 1864, de Madre Stanislas, a segunda Superiora da história da Instituição, que atuava em conjunto com Madre

Hélène, ora como auxiliar ora revezando como Superiora. Tal carta foi escrita a Dom Peschoud, bispo a quem competia decidir sobre o questionamento que se fazia na Igreja quanto à necessidade de uma tutela para a Congregação. A Madre Stanislas procurava convencer o bispo de que as Irmãs poderiam caminhar sozinhas, como vinham fazendo após a morte do fundador:

Monsenhor, o venerado fundador havia organizado tudo, de modo que a superiora e seu conselho deveriam se ocupar, inteiramente, da congregação; ele mesmo quis nos habituar aqui durante sua vida, retirando-se pouco a pouco, e nos deixando de certo modo proceder por nós mesmas em todas as coisas que podem ser de nossa competência. Esperamos que agindo ainda sob sua influência, pois sua memória está profundamente gravada em nosso coração, as coisas poderão caminhar sem que lhe demos preocupações (Maurel, 1999, p. 104).

É válido ainda notar que as Irmãs propugnavam pelo autogoverno, não por discriminarem o gênero masculino no compartilhamento da missão, mas para evitarem imposições da hierarquia patriarcal da Igreja nas decisões cruciais da Congregação. Fora preocupação do padre Bonhomme dar essa capacidade às Irmãs de se autogovernarem. Assim é que, em 27 de março de 1844, ele já buscava dar-lhes o encorajamento para essa postura de autonomia:

Tenham coragem, minhas queridas filhas, hajam [*sic*] com prudência e depois de ter invocado Deus; sejam corretas aos olhos de Deus e da comunidade. Deixo-as totalmente livres para fazer todos os acordos que considerarem bons. Já notei que suas decisões sempre são melhores sem mim do que comigo (Maurel, 1999, p. 104).

Levo em conta também que a história das Irmãs Calvarianas mostra a presença das leigas e leigos desde as origens da Congregação, conforme estudo mais aprofundado no próximo subcapítulo, *2.2 A formação da Família Calvariana*.²⁹ Outrossim, um dos fatos que marcaram a proximidade e a atuação de leigas e leigos com as Irmãs foi a laicização ou secularização, ocorrida no final do século XIX e início do século XX, atingindo gravemente as escolas católicas da França, como consequência da Revolução Francesa.

A Congregação (2022a, p. 8) registra essa sequência histórica como relato a seguir. De 1888 a 1903 foram *laicizadas* cerca de quarenta escolas. Nos lugares onde as Irmãs encontraram “um mínimo de recursos e a ajuda da população” (de leigas e

²⁹ No desdobramento 2.2.2 *Leigas e leigos no Brasil: a comunidade do Colégio Madre Cecília*, trato da presença das leigas e leigos na Congregação e no desdobramento 2.2.3 *Vida em comunhão de religiosas, leigas e leigos e suas motivações*, aprofundo o tema do autogoverno.

leigos), elas puderam conservar escolas livres, mas, nos outros lugares, não conseguiram impedir os encerramentos das atividades.

Por esse tempo, foi eleita nova Superiora Geral, *Mère Marie Josephine*, que ficou conhecida na história da Congregação por saber conduzir bem a situação calamitosa, na busca de soluções. Informava e orientava as Irmãs por meio de circulares, das quais destaco trechos, para exemplificar.³⁰

1901 — [...] um ponto negro surgiu no horizonte ameaçando a tranquilidade, a liberdade e a existência das Congregações. Vocês sabem como esse ponto cresceu e em que proporções se desenvolveu! O perigo tornou-se eminente.

1902 — Ninguém ignora a gravidade do perigo da dissolução e da separação que nos ameaça e pode nos atingir, num futuro próximo. Devemos fazer de tudo para afastar esse perigo. **Sejam Religiosas até o âmago de nosso ser.**

1903 — Acabamos de receber a comunicação de que vinte e dois estabelecimentos nossos de Paris e arredores, vão receber a notificação para serem fechados e as Irmãs dispersadas. Quanta ruína ao nosso redor (Congregação, 2022a, p. 8).³¹

Essa incerteza quanto ao futuro da vida religiosa e da Congregação na França gerava enorme angústia nas Irmãs todas e principalmente nas responsáveis pela Instituição. Continuava forte o processo de laicização nas escolas particulares das freiras. No decorrer de 1903, uma lei determinava a extinção das congregações destinadas ao ensino, registradas e reconhecidas pelo governo como instituições educativas. Era a ameaça final à Congregação Calvariana.

Em 1904, a Superiora, *Mère Marie Josephine*, dizia às Irmãs, em circular: “[...] o cálice da provação transborda! A nossa **Congregação acaba de ser dissolvida pelo Tribunal de Gourdon**. Um visitador foi nomeado para proceder ao inventário dos móveis da Casa-Mãe [em Gramat]” (Congregação, 2022a, p. 8).

Essa visita da autoridade nomeada pelo Tribunal de *Gourdon* foi marcada para o dia 2 de agosto de 1905. A Superiora, *Mère Josephine*, no entanto, continuava sua atuação para reverter tal conjuntura aflitiva. Dentre essas tratativas, pediu ajuda aos médicos e diretores dos hospitais onde as Irmãs trabalhavam como enfermeiras — e

³⁰ Em todo o presente trabalho, a tradução do original francês, nos documentos de estudos teológicos e capitulares e nos anais dos eventos referenciados, cuja autoria não tiver explícita, foi feita pela Congregação, sem designação da autora (ou autores). Excetua-se desta orientação a tradução da *Histoire*, por Paula Leonardi, conforme informado no início do presente capítulo e na seção 1 *Introdução*, na parte sobre a metodologia e as fontes.

³¹ Grifos do original: segundo a norma ABNT (2023) não há necessidade de informar quando os grifos são do original. Obrigatório informar apenas quando os grifos são de quem transcreveu a citação (Autor, ano, p. xx - grifo meu/nosso). Adoto esse procedimento em todo o presente trabalho.

confiou na ação do Espírito Santo. Eles prepararam a defesa, destacando o trabalho das Irmãs como enfermeiras e o bem que a Congregação realizava para a sociedade. O argumento convenceu as autoridades francesas e as Irmãs foram reconhecidas como enfermeiras. Dessa forma, a Congregação não foi dissolvida. Foi uma conquista que as Irmãs atribuíram à ajuda dos leigos (Congregação, 2022a).

A Superiora informou a todo o corpo de congreganistas:

Em 1905 — Minhas queridas Irmãs, quase todas já estão sabendo que fomos reconhecidas como **enfermeiras**, no dia 6 de dezembro de 1904.

Finalmente, o tribunal de Gourdon nos fez justiça, suspendendo o julgamento de 2 de agosto, e anulando a nomeação do visitador.

Em 1906 — Acabamos de receber do Ministério dos Cultos um exemplar dos estatutos modificados que havíamos enviado há seis meses. **Está agora assinado pelo Ministro dos Cultos a aprovação e o reconhecimento da Congregação, conservando todas as suas obras, menos as educacionais** (Congregação, 2022a, p. 9).

Dessa maneira, as escolas da Congregação e os prédios puderam ser mantidos na posse da Instituição graças ao serviço assistencial que as Irmãs realizavam desde a fundação, com serviço aos pobres na área médico-social. E o mais importante: a Congregação pôde ser preservada viva.

A Superiora, então, começou a recorrer a outras estratégias para possibilitar o funcionamento das escolas. Novas diretoras leigas foram contratadas e as Irmãs educadoras deixaram de usar o hábito religioso para poder continuar atuando no ensino. Mesmo assim, as Freiras tinham de assinar um documento do governo francês chamado *documento de laicização* para continuarem sua missão na área da educação. E enfrentaram tempos difíceis de perseguição de *autoridades governamentais* e tiveram de criar associações para administrar e obter o domínio dos bens imóveis. As Freiras sempre estiveram presentes em todos esses *movimentos*, acompanhando e participando de todas essas mudanças, como membras de diretoria, ou em outras funções que permitiam atuar na tomada de decisões, nas quais priorizavam o lado religioso, a herança cultural e os valores espirituais do Carisma Calvariano.

Mère Marie Josephine foi uma verdadeira discípula do Calvário. [...] Quando viu a Congregação mutilada no ramo da Educação, não se abalou, mas **multiplicou as obras sociais e caritativas**.

Sente também o forte apelo a **uma resposta missionária da Congregação**. Não é possível recuar ou resistir à vontade de Deus (Congregação, 2022a, p. 9-10).

Destarte, *Mère Josephine*, que foi a primeira Superiora a atuar nesse período de tribulações, escreveu em carta circular: “1906 – [...] diante dessas provações compreendi que não deveríamos recuar e nem ignorar as evidências da vontade divina, que nos tornemos religiosas missionárias” (Congregação, 2022a, p. 10). Nesse tempo a Congregação expandiu-se a outros países da Europa, na Romênia, na Suíça e na Bélgica.

Esse modelo de congregação administrada por meio de hierarquia rígida e controlada por uma única freira superiora geral, em uma casa-mãe, facilitaria a expansão a outras regiões, mesmo longínquas.³²

A partir de então, a Congregação percebeu o momento como propício para estender a sua presença a outros continentes. Palpitava essa aspiração nas Irmãs, lembrando o desejo do fundador: “Quero minhas filhas aptas e disponíveis a todas as necessidades da Humanidade, ainda que seja no fim do mundo” (Congregação, 2022a, p.10).

Assim, em 1906, quatro irmãs prepararam-se para deixar a França e vir para o Brasil a fim de dirigir uma Casa de Repouso, em Pouso Alegre, Minas Gerais. Outras cinco Irmãs francesas destinaram-se ao orfanato de Tucuman, na Argentina.

Era um grande desafio para essas Irmãs que saíam de sua pátria para terras longínquas, onde teriam de conviver com uma cultura distinta e comunicar-se em língua diferente. Valeu, porém, em cada nova fundação Calvariana, em toda a sua história, a **“colaboração, de pessoas leigas que se tornaram próximas e partilharam com as Irmãs, vida e missão**. Esta aproximação tinha raízes profundas, pois as pessoas bebiam da mesma Fonte do Calvário” (Congregação, 2022a, p. 11). Assim, a cada nova comunidade fundada, alargava-se mais a Família Calvariana.

Em quase dois séculos de existência, a Congregação espalhou-se a partir da França por comunidades carentes pelo mundo, especialmente na região do equador ou na parte sul do globo, *loci* sociais que têm significado particular para a Congregação, em virtude de sua pobreza. Além de Argentina e Brasil, destacam-se,

³² Langlois (*apud* Leonardi, 2010, p.24), criador da expressão *congregation à supérieure générale* para se referir a congregações com superiora geral, tipo importante de congregação por terem capacidade para se desenvolver em diversos lugares, mas sempre subordinadas a uma chefia geral, sediada numa casa geral ou casa-mãe, de onde emanam as ordens e decisões para a execução de todas as atividades, como admissão de pessoas colaboradoras na missão, contratação de empregadas e empregados, aquisição de patrimônio físico. A Congregação objeto do presente estudo é dessa modalidade.

nos últimos anos, a presença na África (Costa do Marfim, Guiné e Burkina Faso), e Ásia (Filipinas e Vietnã).

Figura 1. Presença das Irmãs Calvarianas no mundo



Fonte: Calvarianas (2018)

Figura 2. Locais e datas de fundação em outros países fora da França



Fonte: Calvarianas (2018)

2.1.2 As Irmãs Calvarianas no Brasil

As Irmãs de Nossa Senhora do Calvário atuam no Brasil desde 1906, em missão de educação, saúde, catequese e assistência aos pobres. Ampliaram sua atividade participando das diversas pastorais nas paróquias e, em 1929, iniciaram o trabalho com os surdos, o qual perdura até hoje. Em 1935 chegaram à Amazônia brasileira, com trabalhos assistenciais ao povo carente. No tempo pós Concílio Vaticano II, as Irmãs atuaram junto aos pobres, de modo mais acentuado nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nos anos 1970 e 1980. Hoje, as Irmãs que trabalham na educação optaram pela “inclusão”, acolhendo crianças que necessitam de cuidados especiais.

No Brasil, o cuidado com as pessoas surdas, especialmente na educação e formação de crianças e jovens – que havia sido assumida pelo próprio padre Bonhomme, levou a Congregação a criar uma entidade paralela, integrada por irmãs com deficiências auditivas. Era a Congregação das Irmãzinhas de Nossa Senhora do Calvário, constituída em 1945. Nos anos 1980, uma nova orientação psicopedagógica foi adotada no Brasil, sob influência de outros países. Assim, as pessoas com deficiência auditiva não eram mais tratadas em classes isoladas, mas em classe comum, “havendo extraclasse o estudo dirigido e o ensino da fala e leitura labial. A convivência entre surdos e ouvintes passou a ser prioridade e a segregação devia desaparecer”. Isso levou à integração das Irmãs surdas à Congregação maior, com permissão também para acolhimento de jovens com deficiência auditiva na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário (Mendonça, 1996, p. 95-96).

Paralelamente à atuação geral da Irmãs, foram instituídas algumas Comunidades Calvarianas itinerantes pelas regiões mais carentes do Brasil. Elas procuram formar leigas e leigos nas paróquias, para vivenciarem o Carisma Calvariano atuando nas pastorais. Após formar tais multiplicadoras e multiplicadores, as comunidades itinerantes migram para outra localidade carente e reiniciam ali novo ciclo de preparação de líderes na vivência Calvariana.

Atualmente, além de grupos de leigas e leigos vinculados a uma Comunidade das Irmãs Calvarianas, há ainda *Leigas e Leigos da Diáspora*, frutos de comunidades itinerantes, com modos de vida Calvariana diferentes entre as pessoas de um grupo, em virtude do convívio delas à distância, com lonjuras a percorrer para se encontrarem. Assim, as reuniões presenciais são mais raras, às vezes com

periodicidade anual. As reuniões *online*, como assembleias e outros eventos de trabalho, no último ano, têm contribuído para minimizar o efeito desse distanciamento.

Voltando à história das origens, recordo que, sob a orientação do então padre Bonhomme, as Irmãs que participaram do início da Congregação, recém-formadas religiosas, colocaram-se ao serviço das crianças e dos jovens (catequese, instrução e educação); dos pobres e dos doentes (cuidado em domicílio, obras sociais); e dos marginalizados da época (surdos e doentes mentais).

Na segunda metade do século XX e início do XXI foram constituídas fundações apenas em comunidades carentes, em países da África (Costa do Marfim, Guiné e Burquina Faso), e da Ásia (Filipinas e Vietnã).

As atividades de educação formal, em escolas ou colégios, embora sempre presentes na Congregação, não constituíam o propósito principal das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, para as suas vivências do Carisma. Nada obstante, lido com um paradoxo nesse campo, qual seja o intuito de atuar em prol das comunidades carentes, mantendo, porém, uma rede de escolas direcionadas para atender as classes média-alta e alta da sociedade, e instaladas em centros mais ricos das cidades. Essa contradição ganha mais importância hoje, na medida em que o Papa Francisco explicita a recomendação de voltar-se para a periferia (Francisco, 2013a).

Assim, ao estudarmos o histórico da fundação do primeiro colégio no Brasil, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Campinas, destinado à classe alta campineira, verifico em crônicas da *Histoire* um certo descontentamento das irmãs nesse início, as quais foram direcionadas para essa atividade por imposição da Igreja, por meio do bispo Dom Nery³³, e com homologação da Casa-Mãe, de Gramat — situação que vou comentar adiante, neste capítulo.

³³ João Batista Correia Nery, o Dom Nery, nasceu em 06 de outubro de 1863, na Rua Formosa, hoje Rua Conceição, no Centro de Campinas. Estudou em Campinas e São Paulo. Jovem, aos 17 anos, experienciou as artes cênicas com o drama que compôs, *Pai e Filho*, peça que estreou em 1880, em Campinas. O teatro o destacou durante toda a sua vida, fazendo dele um orador apreciado. Começou cedo também sua vida religiosa. Foi ordenado presbítero em 11 de abril de 1886. Após lecionar no Seminário por alguns meses, foi nomeado Vigário da *Matriz Velha*, atual Paróquia Nossa Senhora do Carmo, por Sua Alteza a Princesa Imperial Regente Isabel. Permaneceu nessa paróquia de 1887 a 1894. Em 1896 foi nomeado primeiro bispo de Vitória-ES; em 1901 foi primeiro bispo de Pouso Alegre-MG. Com a criação da Diocese de Campinas, em 1908 retornou como primeiro bispo de sua cidade natal, já trazendo sua experiência dos dois bispados anteriores. Faleceu em 1.º de fevereiro de 1920, em Campinas, onde foi sepultado na Catedral Metropolitana. Biografia mais ampla disponível em <https://domnery.org.br/joao-batista-correia-nery/> Acesso em 6 ago. 2023.

Antes, Dom Nery era o bispo da diocese de Pouso Alegre, em Minas Gerais, cidade que se constituiu no berço da Congregação no Brasil, pois as primeiras Irmãs chegadas da França, em 1906, foram enviadas a essa comunidade, para prestarem serviços na Santa Casa recém-instalada. Em 1908, Dom Nery foi nomeado bispo de Campinas (SP) e levou para lá as Irmãs de Pouso Alegre (MG), para fundarem o Colégio Sagrado Coração de Jesus. A criação do colégio havia sido projetada e articulada junto à Igreja por Monsenhor Barreto, vigário de uma das paróquias de Campinas. Ele nascera nessa cidade e projetava abrir ali “um colégio para a educação das crianças das famílias da classe média e rica...” (Mendonça, 1996, p. 46).

As Irmãs que vieram de Pouso Alegre para o colégio a ser fundado em Campinas haviam passado por dificuldades nos primeiros tempos. Quando chegaram para o trabalho da Santa Casa, em Pouso Alegre, elas deveriam ter assumido a direção da Santa Casa, administrada por um conselho de doze homens, do qual o bispo era presidente. “Três ou quatro dias depois de nossa chegada, dizem as irmãs, nós vimos que o trabalho não nos vinha, e nós sofremos muito com esta inação” (*Histoire apud* Leonardi, 2010, p. 358).

Então, ao mesmo tempo em que começaram a trabalhar na Santa Casa, precisavam também exercer outras atividades para se sustentarem. Por isso foram trabalhar no seminário e no colégio da cidade. Foi-lhes ainda proposto um trabalho paralelo em lavanderia de uma outra congregação. “Esta proposta não era muito para nos encorajar. Havíamos deixado a França para nos fazer lavadeiras? Não, sem dúvida. Mas nós havíamos deixado para nos conformar à vontade de Deus” (*Histoire, apud* Leonardi, 2010, p. 358). Oficialmente, a vinda para o Brasil tinha por finalidade reproduzir o modelo da Congregação francesa aqui, no cuidado com as pessoas pobres, mas abrangia também a fundação de um colégio e ainda o desenvolvimento de um trabalho vocacional para recrutar brasileiras para a missão (Leonardi, 2010).

Em Pouso Alegre, os sacrifícios eram enormes, multiplicavam-se:

Além dos trabalhos vulgares na lavanderia, como escreveu a cronista, na *Histoire*, aparecem todos os tipos de dificuldades enfrentadas: um carro de boi utilizado como ambulância, os animais selvagens que entravam no seminário, seminaristas que limpavam suas bocas nas golas das camisas, a precariedade da Santa Casa, sem mesa de operação e com máscaras confeccionadas pelas próprias freiras, empregados que recebiam um bom salário e nada faziam (Leonardi, 2010, p. 358).

Em 1908, já em Campinas, quando Dom Nery era bispo nessa diocese, as Irmãs encontraram também dificuldades, mas de outra ordem, relacionadas com a precariedade das instalações e com a adequação às exigências da sociedade local e da Igreja, na instalação do colégio. Quando chegaram, alugaram uma casa simples conhecida como *Casa das Rosas*. Assim, o colégio ficou conhecido por Colégio Rosa até que encontraram local mais adequado e adotaram o nome definitivo de Colégio Sagrado Coração de Jesus (Mendonça, 1996).

Nesse início do Colégio (fundado em 1908), um prelado de Campinas, Monsenhor Campos,³⁴ que foi apresentado às Irmãs por Dom Nery, buscou interferir no projeto das Irmãs, oferecendo-lhes um salário. Era oferta irrisória, com remuneração mensal de cinquenta réis para cada uma, importância que era paga a uma cozinheira, à época, segundo a narradora da *Histoire*. Ela prossegue narrando que “aceitar isso seria se colocar sobre uma tutela boa em si, não tenho nada contra, mas que teria entravado todo o progresso, removido toda liberdade de agir [...]; isso não seria admissível” (*Histoire, apud* Leonardi, 2010, p. 362). De fato, as Irmãs iniciaram o colégio com escassos recursos, e se vangloriavam disso, mas evitavam qualquer ajuda que pudesse levar à ingerência externa da Congregação.

O colégio progredia e novas Irmãs vieram da França. As Irmãs aceitaram ajuda do Monsenhor Campos apenas para se aproximarem da elite campineira, o que favoreceu o projeto sem interferir na autonomia de sua gestão. Dentre as alunas do Colégio, agora, estavam as filhas das famílias reconhecidas como as *melhores de Campinas*, segundo a narradora da *Histoire*. Então, uma parte da oligarquia alia-se à Igreja nesse projeto educacional, elite essa que não pretendia que a modernidade emergente influenciasse a educação de suas filhas (mulheres), prioritariamente. Para Manoel (1996, p. 15)³⁵,

essas ligações foram possíveis porque a oligarquia não pretendeu, de fato, a modernização — pretendeu, sim, avanços naquilo que pudesse significar aumento de produtividade (máquinas, ferrovias, bancos, trabalho assalariado)

³⁴ Dom Francisco de Campos Barreto nasceu em Campinas, em 28 de março de 1877, de família tradicional da cidade. Foi destacado batalhador para a criação da diocese de Campinas, em 1908, quando lhe foi conferido pelo Papa Pio X o título de Monsenhor e de Camareiro secreto. Instalada a Diocese de Campinas, foi nomeado por Dom Nery como Cônego Arcipreste (chefe dos padres de um clero) do cabido diocesano, ocupando o cargo de Procurador da Mitra, além de outras comissões na administração do bispado, entre elas a de Examinador Pró-sinodal, substituto do presidente do Tribunal Eclesiástico e Examinador dos novos sacerdotes. Faleceu em 22 de agosto de 1941. Disponível em <http://arquiocesecampinas.com/clero/dom-francisco-de-campos-barreto/>.

³⁵ Ivan Aparecido Manoel (1996), professor da UNESP em Bauru-SP, é citado com este mesmo trecho por Leonardi (2010, p. 363).

ou reordenações no âmbito político, mas não via com bons olhos as novas ideias de liberdade, igualdade, profissionalização feminina. O aliado dessa oligarquia conservadora só poderia ser o catolicismo conservador.

Essa foi a aliança mais paradoxal que verifiquei na história da Congregação no Brasil, compreensível no contexto histórico, por estar vinculada a uma aliança maior da Igreja, para facilitar a implantação do catolicismo transmontano no país, “exatamente quando todos os vetores pareciam indicar um avanço completo em direção ao simbólico século XX” (Manoel, 1996, p. 15).

Nos anos seguintes à fundação, a partir de 1909, veio à tona essa influência política, em prejuízo do Colégio, quando Dom Nery inclinou-se a proteger o ensino mais secularizado. Na *Histoire* tal situação é descrita assim:

Dom Nery sendo visto censurar por dar sua predileção as “estrangeiras”. No exílio se sente por vezes a amargura dessa palavra, e sofrendo sem dúvida a influência de homens políticos, ele desejou atrair para si as boas graças do prefeito que foi o fundador do “Colégio Progresso”. Nós podemos crer caridosamente que ele julgou precisar dessas boas graças para seu bispado nascente. Pois, se no Brasil há separação legal entre a Igreja e o Estado, há grandes relações entre as duas sociedades, a divina e a humana. O que quer que seja, nós experimentamos a triste inversão dos espíritos e dos corações, e isso nos foi muito duro, de ser assim abandonadas por aquele que nos tinha feito vir, daquele que nós amamos e servimos, e pelo qual nós fomos tão devotadas em Pouso Alegre [...].

Ele não passou mesmo seis meses sem vir ver nossas crianças [sim, passou,] enquanto a cada quinze dias ele ia ao “Progresso” dar uma aula (*Histoire apud* Leonardi, 2010, p. 364).

O Colégio Progresso fora constituído por republicanos, destacando-se dentre eles o nome de Orosimbo Maia (tido como fundador).³⁶ Adotava o programa oficial de estudo e acrescentava disciplinas de moral e educação religiosa, sem dispensar o conhecimento voltado ao progresso científico (Uhle, 1998).³⁷

Paula Leonardi (2010, p. 365) analisa assim tal situação social e política do início do século XX, na perspectiva de sua tese de doutorado:

A escolarização era um projeto de classe, uma estratégia de distinção [na sociedade].

A narradora da crônica [trecho da *Histoire*, citado acima] expõe sua clareza sobre a ligação entre poder espiritual e poder temporal. Só não estende a análise para seu grupo e comunidade. Como os homens na Igreja dirigem e

³⁶ Orosimbo Maia foi ruralista e político em Campinas, nascido em 1891 e falecido em 1939. Foi vereador e, por três mandatos, prefeito da cidade, no período republicano do Brasil. Há uma avenida e uma escola estadual com seu nome em Campinas.

³⁷ Águeda B. Bittencourt Uhle, doutora em Educação pela UNICAMP, citada por Leonardi (2010, p. 364).

fazem as alianças, as mulheres, submissas, servem a eles e são utilizadas no equilíbrio do poder. Famílias de elite e bispos aportavam um capital simbólico que lhes fornecia prestígio. Ao mesmo tempo, devolviam esse prestígio em forma de boa educação cristã e conservadora para as filhas da elite.

A *Histoire* relata ainda a atuação de Dom Nery, contrária ao Colégio, na compra do seu prédio definitivo, realizada em 1912. Nesse episódio as Irmãs tiveram que se ver com a autoridade masculina, novamente, recorrendo a um empréstimo de Monsenhor Campos para a compra.

Mas o colégio progredia, e apareciam oportunidades de ampliação do serviço educacional, às quais, no entanto, as irmãs não conseguiam atender por falta de pessoal para trabalhar. No evento de encerramento do ano letivo de 1912, Dom Duarte, arcebispo da capital do Estado, compareceu em Campinas. Naquela oportunidade, as Irmãs receberam a proposta para fundar um colégio para surdos, em São Paulo, capital (Leonardi, 2010).

Contudo, o Colégio Sagrado Coração prosperava em Campinas: “os convites para novos trabalhos aumentavam, mas muitos eram rejeitados devido ao número reduzido de irmãs” (Leonardi, 2010, p. 367).

Assim, nesse ambiente de euforia, mesclado com situações de frustração, somente em 1929 as Irmãs conseguiram voltar ao projeto da escola para surdos-mudos em São Paulo³⁸. Em 8 de fevereiro de 1929 vieram da França mais duas Irmãs francesas e duas brasileiras. As brasileiras, Ir. Suzana Maria e Ir. Madalena da Cruz, haviam passado quatro anos em *Bourg la Reine* preparando-se para o ensino de pessoas com deficiência auditiva. “Isso porque, no Brasil não existia possibilidade de cursos de especialização para excepcionais” (Mendonça, 1996, p. 64).

Os atendimentos tiveram início em São Paulo, em escola para surdas (só meninas internas), no bairro de Perdizes. No mesmo ano de 1929 abriram o externato para surdas e surdos, transferindo a escola para o novo Instituto Santa Terezinha, no bairro Bosque da Saúde (Mendonça, 1996).

Em Campinas as Irmãs trabalhavam no colégio para a elite; em São Paulo, porém, instalaram o instituto no Bosque da Saúde,

[região] que, juntamente com o bairro Ipiranga, concentrava, em sua maioria, uma população composta por operários. Ali estavam instaladas diversas obras assistenciais fundadas nas três primeiras décadas do século XX [constituídas por diversos institutos eclesiais católicos]. [...] Todas essas obras tiveram o

³⁸ *Surdo-mudo* era o termo utilizado à época para se referir ao deficiente auditivo. Hoje, *surdo*, apenas.

patrocínio de Conde José Vicente de Azevedo, representante na elite do ultramontanismo, que tinha pretensão transformar o Ipiranga em uma “cidade do Vaticano” e consagrar a ‘colina histórica como colina da caridade cristã’” (Leonardi, 2010, p. 369; SOUZA; HILSDORF *apud* Leonardi, 2010, p. 369).

Baseado no Instituto Santa Teresinha, as Irmãs instalaram, no mesmo local, em prédio anexo, a escola que é hoje a Organização Educacional Madre Maria Margarida (OEMAR).

Segundo Paula Leonardi (2010, p. 369), baseada em um livro de matrículas de 1956, os pais dos alunos daquela escola das Irmãs eram: “motoristas, funcionários, comerciantes, alfaiates, construtores, médicos, escriturários, funcionários públicos, industriais, contadores, militares, economistas, jornalistas, bancários”.³⁹

Hoje, a Congregação mantém uma rede de três colégios de educação infantil (maternal) e ensino fundamental: os Colégios Madre Cecília e Sagrado Coração de Jesus, em Campinas, e OEMAR, em São Paulo.⁴⁰ Dirige a Obra de Assistência Social Núcleo Comunitário Calvariano, no Jardim São Pedro de Viracopos, em Campinas e possui ainda três institutos para pessoas surdas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, sendo este último o maior deles, com trabalho integrado à pastoral da Igreja. Esses três institutos estão vinculados ao Instituto Santa Teresinha de São Paulo (Calvarianas, 2018).

Em decorrência dessas análises, durante a pesquisa, aflorou a questão sobre quais fatores de motivação movem as membras e membros da Congregação nas suas ações em prol das comunidades carentes, atuações essas que se configuram como a plena vivência do Carisma Calvariano — o que será relatado no próximo subcapítulo, sobre a formação da Família Calvariana.

³⁹ Em 1960, segundo consta em *Livro de Matrícula*, conforme a obra de Paula Leonardi (2010, p. 370), “dentre os 62 alunos matriculados, 16,1% eram filhos de comerciantes; 8,1% de funcionários públicos, 6,5% de pedreiros; 4,8% de engenheiros; 4,8% vendedores; 4,8% de contadores; 4,8% de industriais; 19,2% de padeiros, mecânicos, motoristas, comerciários, advogados, corretores e 30,4 entre técnico de raio X, telegrafista, industriário, engarrafador, músico, militar, doutor, inspetor agrícola, médico, escriturário, raspador, pintor, impressor, desenhista, bancário, escrevente, metalúrgico, arte culinária, despachante.”

⁴⁰ Rede de Educação Calvariana anteriormente denominada Lar Escola Nossa Senhora do Calvário, fundada em 1926, com sede em Campinas (cidade onde permanece a sede da nova rede).

2.2 A formação da Família Calvariana

O desenvolvimento da Vida Religiosa Consagrada das Irmãs Calvarianas na Igreja pós-conciliar reflete as mudanças e renovações promovidas pelo Concílio Vaticano II. O processo de *aggiornamento* na Congregação envolveu a revisão das Constituições, a integração de leigas e leigos e a expansão das atividades pastorais, demonstrando uma abertura às realidades dos tempos atuais.⁴¹

Antes de entrar na parte histórica, porém, trato dos conceitos de família vinculada à vida eclesial, uma vez que as Irmãs Calvarianas passaram a compartilhar suas vivências na Congregação com leigas e leigos, constituindo a Família Calvariana, reconhecida oficialmente em 2018 (Congregação 2022a).

Estudo o conceito de “família espiritual” na Igreja, baseado em Botana (2017, p. 35-42). Essa forma eclesiológica de “famílias” remonta às origens da vida religiosa e ganhou uma nova relevância nos tempos modernos. São grupos de batizadas e batizados que acompanham institutos religiosos ou mosteiros, seguindo os passos de seus fundadores e fundadoras. Esses grupos podem incluir associadas e associados, membras e membros de fraternidades, oblatos, amigas e amigos, colaboradoras e colaboradores, afiliadas e afiliados voluntários. Essas conexões espirituais têm raízes antigas, surgindo desde os primeiros tempos da presença das religiosas e religiosos na Igreja.

Esses indivíduos, muitas vezes leigas e leigos e por vezes pessoas religiosas, inclusive diáconos ou sacerdotes, comprometem-se pessoal ou profissionalmente e são atraídos pela visão evangélica dos fundadores, religiosos ou religiosas. Eles buscam essas visões de mundo como fontes de inspiração, procurando viver os princípios do batismo e contribuir para a vida da igreja sob essa perspectiva. A maioria dessas pessoas forma grupos com objetivos específicos e, em conjunto com as religiosas e religiosos, se autodenominam “Família”.

A nomenclatura para esses grupos varia, podendo ser chamados de “Família”, “Família Espiritual”, “Família Evangélica”, “Família Carismática”, “Ordem”, “Rede”, “Associação”, “Instituto” e assim por diante. Alguns desses grupos têm uma história

⁴¹ O termo *aggiornamento* refere-se ao processo de atualização ou renovação da Igreja. Elaborei estudo mais minucioso sobre o seu significado e sobre o princípio do *aggiornamento* no Concílio Vaticano II em 3.2.2 *A reforma sinodal em uma Igreja globalizada*.

centenária, como a Família Dominicana, enquanto outros são mais recentes e numerosos.

Essas famílias espirituais podem ter alcance global, como a Família Salesiana, por exemplo, ou serem mais locais, variando em desenvolvimento de país para país. A Família Salesiana é um conjunto de diferentes instituições e movimentos católicos seguidores da espiritualidade e da missão propostas por Dom Bosco. Essa espiritualidade se fundamenta nos escritos de São Francisco de Sales e, por isso, denomina-se salesiana.⁴²

Um aspecto notável é a cooperação dentre leigas, leigos, religiosas e religiosos, mesclados em um mesmo instituto. Por exemplo, a Sagrada Família de Bordeaux, congregação de origem francesa também instalada no Brasil, abrigou ramos de Irmãs, padres e leigas e leigos, todos operando com o objetivo de impactar diversas esferas da sociedade.

Há ainda uma outra categoria especial, as chamadas Terceiras Ordens, que também se desenvolveram como famílias, resultando em grupos de vida evangélica. Esses grupos buscam viver espiritualidades especiais, em conformidade com os ensinamentos de seus fundadores e fundadoras. O cenário contemporâneo testemunha tanto o renascimento de famílias antigas quanto o surgimento de novas famílias em todo o mundo.

A renovação das famílias espirituais não é uma novidade tão recente e tem suas raízes anteriores ao Concílio Vaticano II. No entanto, é possível considerar o Concílio como um encontro desse movimento, uma vez que os institutos religiosos voltam às suas origens e compartilham essas raízes com todos os batizados e batizadas, que são chamados à santidade. Assim, as leigas e leigos encontram nas religiosas e religiosos uma fonte espiritual que enriquece suas próprias vivências de fé.

Diversos tipos de congregações religiosas possuem famílias espirituais estruturadas, algumas desde sua origem e outras após, ao longo do tempo de sua existência. A presença de leigos e leigas nessas congregações foi mais formalizada, reconhecida e incrementada após o Concílio Vaticano II, como é o caso das Irmãs de Nossas Senhora do Calvário, resultando em uma diversidade de formas de

⁴² Os Salesianos de Dom Bosco são uma Congregação religiosa católica e têm a sua sede em Roma. A Congregação foi fundada por São João Bosco no século XIX, sacerdote mais conhecido como Dom Bosco. Disponível em http://www.sdb.org/pt/Familia_Salesiana.

cooperação e espiritualidade não vivenciadas anteriormente na Congregação. Neste trabalho, aprofundo apenas o estudo relativo à Família Calvariana, especificamente no presente capítulo e no *4 As mudanças na congregação de 2012 a 2022*.

Ver no Anexo B um panorama do tema sobre leigas e leigos na Congregação, com indicação dos *Capítulos Gerais* nos quais tal assunto foi debatido. Feitas essas descrições e análises conceituais, eu inicio a narrativa da formação da Família Calvariana que vai se estender pelos dois próximos desdobramentos deste subcapítulo.

2.2.1 A renovação da Vida Religiosa Consagrada e as Irmãs Calvarianas

A Vida Religiosa Consagrada das Irmãs Calvarianas também foi chamada a passar por um processo de renovação dentro da Igreja Católica. Analiso essas reformas baseado na Congregação (2022a).⁴³

O Concílio Vaticano II impulsionou essa renovação através do documento “*Perfectae Caritatis — Renovação da Vida Consagrada*”. Esse decreto tinha como objetivo revitalizar os institutos de Vida Consagrada, mantendo os princípios fundamentais, mas contextualizando-os de acordo com as demandas modernas. O documento abordou aspectos práticos adaptados à natureza de cada instituto, incluindo questões relacionadas à vida e disciplina dos membros e membras que professavam votos de castidade, pobreza e obediência.

No contexto da América Latina, as convocações para mudanças estabelecidas pelo Concílio foram aplicadas através do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Em 1968, a Conferência Geral realizada em Medellín, Colômbia, exigia adequar as diretrizes do Concílio Vaticano II à realidade da Igreja na América Latina.

⁴³ A Vida Consagrada apresenta-se de várias formas na Igreja, conforme definido na Exortação Apostólica pós-sinodal “*Vita Consecrata*”, de João Paulo II, em 25 mar.1996, a saber: pela vida religiosa apostólica; pela vida monástica no Oriente e no Ocidente; pela Ordem das virgens, os eremitas e as viúvas; por institutos dedicados à contemplação; por institutos seculares; pelas Sociedades de Vida Apostólicas e por outras formas novas ou renovadas de vidas consagradas, em institutos semelhantes aos existentes, mas nascidos de novos estímulos espirituais e apostólicos.

Três proposições fundamentais surgiram nesse evento: a opção pelos pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) ⁴⁴

Essas proposições também influenciaram a Vida Religiosa Consagrada dos diversos institutos da Igreja, incitando-a a se aproximar das necessidades do povo e a promover um engajamento mais direto com as questões sociais.

No cenário brasileiro, os bispos elaboraram o “Plano de Pastoral de Conjunto”, em 1966, para colocar em prática as orientações do Concílio. Esse plano buscou uma compreensão profunda da realidade, formação de agentes pastorais e organização de assessoria para implementar as mudanças propostas.⁴⁵ Isso teve um impacto duradouro na Igreja do Brasil e na atuação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Focando na Congregação das Irmãs Calvarianas, verifico que elas também foram instadas a reformular suas práticas em consonância com o Concílio. As Conferências de Religiosos de diferentes países ofereceram apoio e orientação às congregações nesse processo, por meio de cursos, palestras, fornecimento de literatura e indicação de diretrizes.

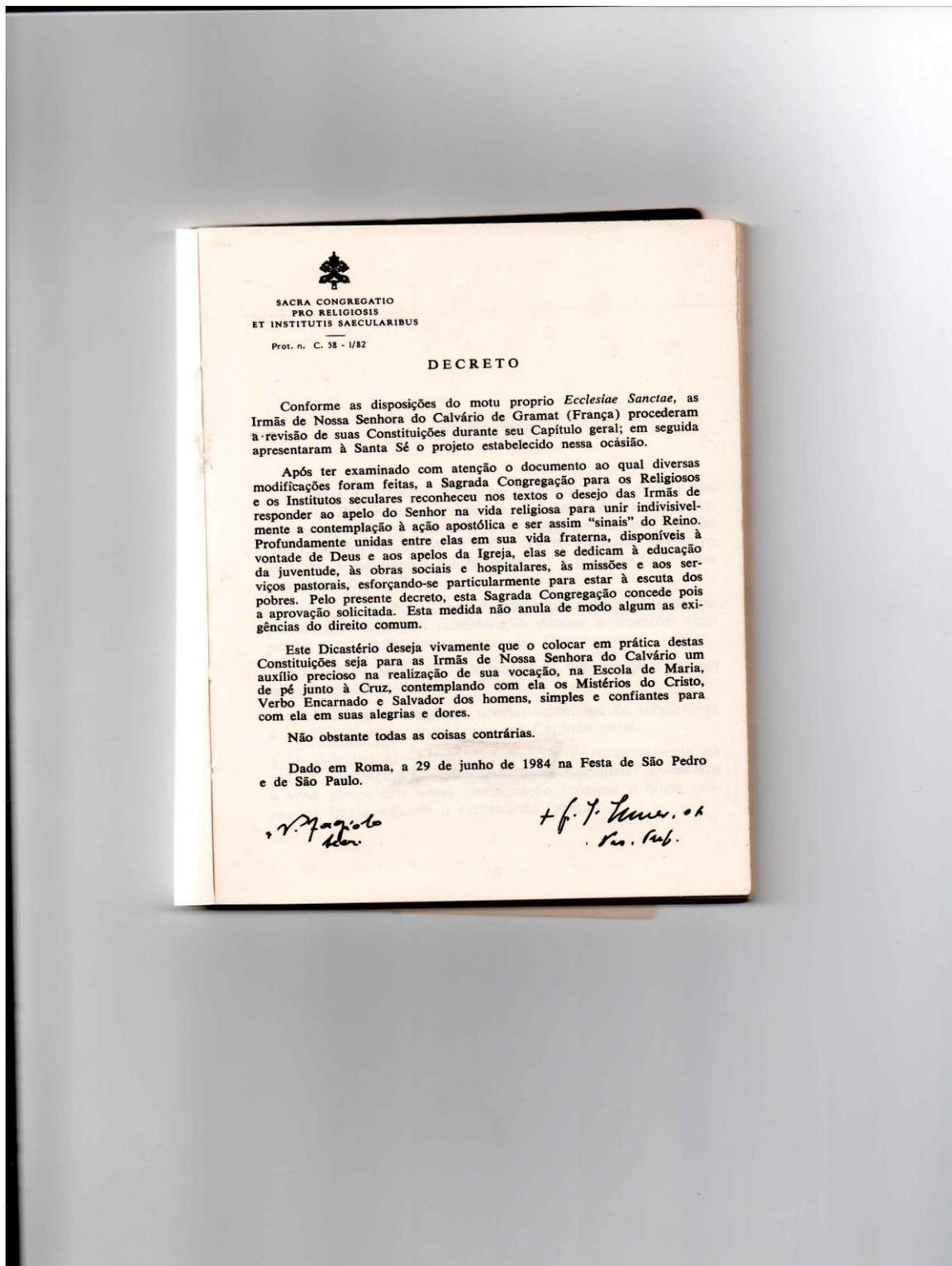
As Irmãs Calvarianas atenderam a esse chamado, iniciando a revisão de suas Constituições. Em várias nações onde a Congregação esteve presente, as Irmãs se reuniram para discutir e responder às questões propostas pelo Conselho Geral. As Constituições foram reexaminadas à luz das diretrizes do Concílio. Esse esforço de “atualização”, como chamado pela Igreja, exigiu discernimento, questionamento e colaboração com assessores de confiança. Após anos de trabalho, os *Capítulos Gerais* da Congregação de 1968 e 1970 resultaram em um novo texto para as Constituições. Roma solicita um período de teste, o “*Ad experimentum*”. Após 12 anos de experiência prática e considerando as contribuições das Irmãs, o *Capítulo Geral*

⁴⁴ A Teologia da Libertação (TL) é o movimento teológico e social que se desenvolveu na América Latina desde a década de 1960 e que busca interpretar uma mensagem cristã à luz da realidade social e política dessa região do mundo, com o objetivo de promover a libertação dos oprimidos. Estudarei a TL no subcapítulo 3.3 *A recepção da teologia do Vaticano II e a motivação na Congregação*.

⁴⁵ Anteriormente, logo após a convocação do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII, em dezembro de 1961, solicitou aos episcopados da América Latina, em carta ao CELAM, que elaborassem planos de pastoral para atenderem às especiais condições da Igreja no continente. Foi elaborado no Brasil, pela CNBB, o Plano de Emergência, primeiro documento de planejamento pastoral para todo o Brasil e que trouxe orientação sobre a pastoral de conjunto. Disponível em: https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf. Acesso em 14 dez. 2023

da Congregação de 1982 foi aprovado como novas Constituições. Após a aprovação do Vaticano em 29 de junho de 1984, as Constituições foram oficialmente adotadas.

Figura 3. Decreto de aprovação das novas Constituições



Fonte: Congregação (1984a, p. 3)

Durante o processo de atualização das Constituições, surgiram novos termos e conceitos, como espiritualidade, carisma e missão. A partir dos anos 1980, houve encontros e aprofundamentos sobre esses temas. As grandes comunidades de Irmãs Calvarianas, que se concentravam em obras sociais, educação e saúde, passaram por rearranjos, integrando mais leigos e leigas em seus trabalhos. As Irmãs também estabeleceram pequenas comunidades junto às paróquias, expandindo seu envolvimento nas pastorais. Novas fundações foram realizadas em regiões carentes do Brasil, como os casos efetivados no Norte e no Nordeste.

O relacionamento entre as Irmãs Calvarianas e as leigas e leigos ganhou destaque especial, e isso passou a ser discutido e o seu conhecimento aprofundado nos *Capítulos Gerais* da Congregação após o Concílio. A percepção de que a espiritualidade, o carisma e a missão não eram propriedade exclusiva da Vida Religiosa, mas transmitidas à Igreja como um todo, levaram à formação de grupos de leigas e leigos ligados à Congregação, o que culminou com a oficialização da “Família Calvariana” no *Capítulo Geral/2018*.

2.2.2 Leigas e Leigos no Brasil: a comunidade do Colégio Madre Cecília

As Irmãs Calvarianas conviveram com leigas e leigos em sua vida eclesial, desde o início de sua instalação no Brasil, conforme relatam em Congregação (2022a), documento no qual me baseio neste desdobramento. Essa proximidade era facilitada nos colégios das pequenas cidades. Era comum ex-alunas que diziam guardar lembrança de terem vivido sua infância e adolescência ao lado das Irmãs. Havia também os grupos de ex-alunas e ex-alunos que eram acompanhados por uma Irmã com encontros periódicos para conhecer a *Vida do Padre Pierre Bonhomme e a Espiritualidade da Congregação*. E assim assumiam a catequese, as visitas aos doentes e às famílias, a liturgia e outros eventos, tomando parte e, muitas vezes, comprometendo-se com esses acontecimentos, em participações voluntárias, inclusive em celebrações e rituais. Isso também acontecia nas paróquias, com as comunidades de pastoral. Em muitos lugares onde havia a Pastoral Vocacional formavam-se grupos para estudos e partilhas, visando o crescimento na fé e o conhecimento de sua vocação.

Após o Concílio Vaticano II, as Irmãs aproveitaram esses grupos, para partilhar a Espiritualidade, o Carisma e a Missão, bem como a vida e o testemunho do padre Pierre Bonhomme. Eram leigas e leigos que se identificavam com a Espiritualidade Calvariana e desejavam aprofundá-la para vivê-la mais intensamente. Hoje, além dos grupos de leigas e leigos ligados a uma comunidade de Irmãs Calvarianas, há também as *Leigas e Leigos da Diáspora*, com um ritmo de vida calvariana diferente devido às grandes distâncias que os separam, conforme mencionado na parte inicial do subcapítulo 2.1.2 *As Irmãs Calvarianas no Brasil*.

Importante lembrar que, em 1986, a França formara seu primeiro grupo de leigas e leigos para aprofundarem a Espiritualidade Calvariana. Ver o Anexo C *Leigas e Leigos Calvarianos da França, suas atuações e normas da Casa-Mãe*. “Dez anos depois, em 1996, nascia no Brasil, o primeiro grupo de leigas e leigos ligados às comunidades de Campinas e de São Paulo” (Congregação, 2022a, p. 70).

Esse primeiro grupo de leigas e leigos da província do Brasil, que esteve na origem da formação das leigas e leigos calvarianos, em 1996 e anos seguintes, ficou conhecido como o grupo da Comunidade do Colégio Madre Cecília de Campinas.

Em 1997, foi constituída a Associação dos Leigos Calvarianos, em Campinas, fundamentada nos ensinamentos de Pierre Bonhomme, conforme narrado na *Introdução* deste trabalho.

Em 2001 houve a adesão e incorporação àquele grupo do Madre Cecília das leigas e leigos do Colégio Sagrado Coração de Jesus e também a integração de leigas e leigos da Paróquia Nossa Senhora das Dores, do bairro Cambuí, e do Núcleo Comunitário Calvariano, do bairro São Pedro de Viracopos, todos de Campinas. Dessa forma, essas pessoas leigas colaboravam com as Irmãs vivenciando o Carisma Calvariano em todas as ações da Congregação, em especial na missão evangelizadora e no cuidado com os crucificados e crucificadas dos tempos atuais (definirei crucificados e crucificadas no subcapítulo 4.1 *Os fundamentos da Espiritualidade Calvariana e o espírito de inovação*).

Ver Anexo D sobre os demais grupos de leigas e leigos de Campinas e suas atuações. As assembleias da Família Calvariana realizadas em 2023 com a finalidade de preparação do *Capítulo Geral 2024* dão ideia da localização dessas comunidades calvarianas e de sua dimensão em todo o Brasil.

Foram cinco assembleias, em diversas localidades, realizadas no segundo semestre de 2023, a saber: em Brasília (DF), com representantes de grupos do Distrito

Federal (que inclui leigos surdos) e de Goiás; em Floresta do Araguaia (PA), com o grupo da própria cidade e representantes de Fortaleza (CE) e Autazes (AM); em Guajará-Mirim (RO), com o grupo da cidade e representantes da Juventude Calvariana Missionária de Rondônia e do Amazonas; em São José do Piauí (PI), com grupos do Piauí, do Ceará e leigas e leigos da diáspora do Maranhão, de Pernambuco, da Bahia e da Paraíba; e em São Paulo (SP), que reuniu grupos da própria capital e do Rio de Janeiro (RJ), de Campinas (SP), de Itapira (SP), de Cosmópolis (SP) e de Realeza (PR).

2.2.3 Vida em comunhão de religiosas, leigas e leigos e suas motivações

Uma característica essencial para a vocação e a missão das religiosas é a transformação que o espírito das bem-aventuranças promove nelas, levando-as a abraçarem o Carisma da Congregação em suas vidas ativas cristãs. Paulo VI (1964, n. 31) ensina que os religiosos e religiosas, no seu estado de vida consagrada, dão “testemunho de que se não pode transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças.” Este é o fundamento da práxis das Irmãs, de sua presença ativa na história.⁴⁶

A interpretação dada pelo Fundador da Congregação sobre as bem-aventuranças, de acordo com os seus comentários constantes da primeira Regra Manuscrita, de 1860, perdura até hoje.⁴⁷

Destaco os pontos fundamentais desses comentários:

1ª Bem-aventurança: felizes os que têm espírito de pobre

Felizes os que têm espírito de pobre porque o Reino dos Céus lhes pertence, em oposição a esta máxima do mundo: Felizes os ricos, porque, como diz o Eclesiástico àqueles que procuram os bens da terra: “Tudo aí obedece ao dinheiro”.

[...]

Jesus Cristo diz dos que têm espírito de pobre que o Reino dos Céus lhes pertence, e não somente que lhes pertencerá, porque ei-los libertos das preocupações inerentes às riquezas e que impedem a salvação, e, aliás, por assim dizer, pagaram o preço pelo qual Nosso Senhor propõe o Reino dos Céus. Basta-lhes não retirar as primícias que já deram, perseverando em sua pobreza voluntária, e lhe é garantida a posse do Céu. [...]

⁴⁶ Aprofundo a análise da Espiritualidade Calvariana no subcapítulo 4.1 *Os fundamentos da Espiritualidade Calvariana e o espírito de inovação*.

⁴⁷ Ver *Comentários das bem-aventuranças pelo padre Bonhomme*, documento completo, no Anexo E

2^a Bem-aventurança: felizes os que são mansos

Felizes os que são mansos porque possuirão a terra, em oposição com o mundo onde gostam de se zangar, de disputar, para fazer valer seu sentimento e vingar uma afronta. [...]

3^a Bem-aventurança: felizes os que choram

Felizes os que choram porque serão consolados, em oposição com o mundo que só ama a alegria e os prazeres. [...]

4^a Bem-aventurança: felizes os que têm fome de justiça

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos, em oposição com o mundo que só faz e só deseja o que é mal. [...]

5^a Bem-aventurança: felizes os misericordiosos

Felizes os que são misericordiosos porque obterão misericórdia, em oposição com a insensibilidade e algumas vezes o desprezo e a injúria do mundo a respeito dos infelizes. [...]

6^a Bem-aventurança: felizes os que têm coração puro

Felizes os de coração puro, porque verão a Deus, em oposição com o mundo cujo espírito e coração estão continuamente manchados pela lembrança e as imagens impuras do pecado. [...]

7^a Bem-aventurança: felizes os pacíficos

Felizes os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus, em oposição com o espírito do mundo que, como o de seu príncipe, o demônio, é um espírito de discussão e de discórdia. [...]

8^a Bem-aventurança: felizes os que sofrem...

Felizes os que sofrem perseguição por amor da Justiça, porque o Reino dos Céus lhes pertence: em oposição com o mundo, inimigo das contradições e dos sofrimentos, e ávido dos louvores e aprovações dos homens.

[...]

Feliz a religiosa digna desse nome, que compreende o mérito dessa oitava bem-aventurança! Ela [a religiosa] encontra sua felicidade no que ocasiona o tormento dos outros. A esperança de uma recompensa eterna proporcionada aos sofrimentos da vida a torna tão ávida da cruz, que a morte lhe parece preferível à vida sem sofrimentos (Congregação, 1984a, p. 15-23).

Tratando da motivação para vivência do Carisma Calvariano, registro mais um aspecto da imitação do Fundador que cativa leigas e leigos e tem relação com o exemplo de Bonhomme em sua vida caracterizada pela ação, mas conciliada com vida de contemplação. Ele sintetiza esse seu pensamento ao concluir sobre as razões que o levaram a escolher — e por que preferiu — a Ordem dos Carmelitas.⁴⁸

“[...] Finalmente, depois de haver pesado tudo diante de Deus, fiz a mim mesmo a seguinte e última pergunta: em que estado quisera eu que a morte me encontrasse, o de secular ou de religioso? E parece-me que a minha consciência me respondia: no de religioso e de religioso carmelita. Devo dizer

⁴⁸ A Ordem do Carmo ou Ordem dos Carmelitas, originalmente chamada Ordem dos Irmãos da Bem-aventurança Virgem Maria do Monte Carmelo surgiu no final do século XI, na região de Monte Carmelo, na cidade que hoje se denomina Haifa, em Israel. No século XVI, na Espanha, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz reformaram o carisma dessa ordem, processo que determinou o surgimento do novo ramo dos Carmelitas Descalços. Atualmente essa ordem faz parte da Família Carmelita e segue a forma reformada da regra carmelita original, buscando uma vida de contemplação oração e simplicidade.

ainda o que me levaria a abraçar a Ordem dos Carmelitas, preferindo-a a qualquer outra Ordem: é que nesta existe a possibilidade de levar uma vida mortificada e útil ao próximo, mesmo exteriormente, e porque conjuga, em si, a vida ativa e a contemplativa” (Mongrelet, 1990, p. 163).

É importante considerar ainda que, para a consagração religiosa, as Irmãs processam votos de castidade, de pobreza e de obediência. Os votos têm a finalidade de permitir a cada Irmã “realizar a consagração com um coração disponível e livre”, dando uma nova dimensão à sua vida, qual seja, ser fiel Àquele que a ama: “É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (1 Cor 1, 9)”⁴⁹ (Congregação, 1984a, p. 37).

A castidade consiste num amor preferencial a Jesus Cristo, em resposta ao apelo de Deus na vida das religiosas. Elas se engajam através desse voto ao seguimento do Cristo vivendo a castidade perfeita no celibato, em vista do Reino: renunciam ao matrimônio e prometem guardar os seus corações só para Deus, sem ter de partilhar esse amor, procedimento que transfigura suas vidas e — embora parecendo paradoxal — levam-nas a amar todas as pessoas de quem se aproximam, tais quais são, como Deus as ama (Congregação, 1984a).

A pobreza é voto para seguir o Cristo que “se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer de sua pobreza” (2 Cor 8,9) e que se manteve na humildade, pois “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente” (Fl 2, 6). As Irmãs são chamadas a viver pobres, como Maria, na fé e no espírito das bem-aventuranças (Bíblia, 1985; Congregação, 1984a).

A obediência tem vasta base teológica, apoiada na Bíblia (1985, Jo 4, 34): “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou...”. A proposta é viver em comunidade a vontade do Pai, compartilhando a obediência filial de Cristo: Ele se aniquilou em sua Encarnação (Jo 1, 14); sempre fez o que agradava a seu Pai (Jo 8, 29); fez-se obediente até a morte (Fl 2, 5-8) e consumou tudo no *Mistério Pascal*, mistério da morte para a vida.⁵⁰ Pelo voto da obediência as Irmãs se comprometem a obedecer a tudo que é pedido pelas superiores e que esteja em conformidade com as Constituições. Em consequência desse compromisso, obrigam-se a obedecer ao Papa, “Superior supremo” (Congregação, 1984a, p. 49-50).

⁴⁹ Em todas as citações bíblicas, neste trabalho, utilizo o texto da Bíblia de Jerusalém (Bíblia, 1985).

⁵⁰ Mistério pascal designa a Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão aos céus de Jesus Cristo. O termo *mistério* não tem o sentido lato de algo secreto, enigmático, mas sim de uma realidade cristã que vai se revelando aos poucos. O Mistério Pascal consiste nesse conjunto de acontecimentos, históricos (ou meta-históricos) interpenetrados e unidos numa só realidade que assim se revela.

Em minha vivência na Congregação percebia a importância dos votos das consagradas, para a persistência naquilo que a cultura da sociedade secularizada considera trabalho árduo e até sofrimento, e que as Irmãs encaram com alegria e confiança, como uma oportunidade para o crescimento espiritual. Essa postura está fundada no profundo compromisso com a fé e com a busca constante da santidade que os votos representam. Por isso, o instituto dos votos consta das Constituições da Congregação, última aprovada em 1984.

Assim, os votos são parte intrínseca da vida consagrada e contribuem de diversas maneiras para a vivência plena do Carisma. São a expressão de entrega a Deus e também representam uma manifestação pública do compromisso das Irmãs com Cristo e com o carisma fundacional, o que influencia também no trabalho vocacional, inspirando noviças e arregimentando leigas e leigos.

Na atuação das Irmãs transparecem os benefícios dos votos na vida consagrada. O voto de castidade implica renúncia a casamento e a relações sexuais, possibilitando que se dediquem em todo seu tempo e energia à oração, à contemplação e ao relacionamento espiritual com Deus, em maior intimidade com Jesus, Ele aceito figurativamente como esposo com o qual a mulher Calvariana se relaciona no amor divino. O voto de pobreza permite testemunhar o desapego aos bens materiais, pois implica em renunciar à propriedade pessoal e em viver vida simples, compartilhando recursos comunitários. Isso reflete de modo positivo na ajuda às pessoas mais necessitadas, material e espiritualmente. Por último, o voto de obediência permite alinhar todas as ações com a vontade de Deus, o que significa também, em última análise, o dever de obediência ao Papa, e passando pela observância das ordens e decisões dos bispos e até de outros clérigos em situações específicas.

Cabe analisar ainda outro aspecto decorrente da influência dos votos na vida consagrada. Na perspectiva da vivência das Irmãs no dia a dia na Congregação, verifico como lidam com a vida profana, na interação com o século no ambiente social. Minha observação, usando uma lente fenomenológica, que tenho de usar neste caso, me leva a questionar as coisas icônicas da vida social, refletida do dia a dia na vida eclesial. Assim é que, por exemplo, para as Irmãs, a festa de carnaval é feriado que serve para um retiro espiritual. Mesmo se e quando festejam essa festa — que é profana para leigas e leigos — o fazem como festa sagrada, uma celebração. O prazer hedonista é contido. Por exemplo, ao invés de conduta de caráter libidinoso, comum

nessas festas profanas, podem adotar os métodos propostos pela Congregação para controle de eventuais motivações e desejos do corpo, sem deixar de viver com alegria e satisfação, num tempo sagrado, no *éthos* calvariano, e num espaço também transformado em sagrado, no *locus* calvariano.

Sobre esse ponto de inibição do prazer pecaminoso, é oportuno complementar com um trecho de carta de Bonhomme, escrita em meados do século XIX, a uma Irmã a quem ele havia imposto um sacrifício. Isso dá o tom sobre a formação das Irmãs, desde as origens da Congregação, para lidarem com a vida no século:

Minha cara filha, desejo que as palavras que escrevi antes de partir lhe sejam proveitosas para o espírito e hoje, mais uma vez, venho convidá-la a ser generosa no serviço de Deus. [...] A vida presente não nos é concedida para o prazer e o repouso, é tempo de sofrimentos e combates contra o que é mundano, contra o demônio e nosso corpo. Mas esta vida é curta e, por conseguinte, não teremos muito tempo para sofrer. [...] Sem dúvida, minha querida filha, será difícil fazer o sacrifício que lhe prescrevi, mas esteja convencida de que o que você tiver dado na terra, vai render-lhe para sempre o cêntuplo no céu. [...] Ficarei feliz de saber que tomou o bom partido de pertencer inteiramente a Deus, sem partilha e sem reserva, ainda que lhe custe (Mongrelet, 1990, p. 374).

Por outro lado, procuro refletir sobre como percebo o trabalho das Irmãs quando lidam com questões econômicas e financeiras, o que é inevitável na vida social. Elas convivem com a pressão da dinâmica organizacional por providências e por realizações de resultados materiais, tensão própria de uma organização comum sujeita às regras sociais e legais. Então, vejo fazerem as coisas bem-feitas, com uma forma divina de fazê-las — mesmo na perspectiva de observador externo do fenômeno. Com isso fazem coisas boas, porque cultuam o propósito de fazê-las para o bem das pessoas, sem discriminação, e veneram o desígnio de amar a todas “até o fim”, como Jesus amou. E contribuem com seu carisma para o crescimento da comunidade, prezando o bem comum e apreciando sacralizar o ambiente. Sob a pressão sofrida na busca de resultados, têm paciência, porque são conscientes da prontidão de Deus em fazer realizações. São convencidas de que há um ritmo, um tempo certo para as coisas se manifestarem, conforme a vontade de Deus. A semente precisa de um tempo para germinar e brotar!... Vejo que as Irmãs percebem isso.

E como fazem para exercer liderança e administrar a instituição como pessoa jurídica possuidora de patrimônio material, ao decidirem e darem ordens, no ambiente sagrado em que vivem? Internamente, na interação com as religiosas, as

representantes legais contam com o voto de obediência das Irmãs, facilitando a atuação de liderança.

Levo em conta ainda que a maioria das leigas e leigos assumem uma existência mais profana, na sua vida social. Porém, com a participação de leigas e leigos cada vez mais integrados no espírito e na organização da Congregação, muitas mudanças estão ocorrendo no *éthos* calvariano, no bojo das transformações no conjunto geral da Igreja. Analisarei esse assunto no subcapítulo *4.3 O reinventar-se em novo paradigma, na prática*, na parte em que me ocuparei de discurso do Papa Francisco sobre os perigos das tentações, especialmente o funcionalismo (como ali definido).

Outros benefícios decorrentes da submissão ao conjunto dos votos são perceptíveis no dia a dia, como a solidariedade com os pobres, o apoio mútuo das Irmãs, emocional e espiritual, em todas as tribulações. Os votos ajudam a criar uma atmosfera de confiança e cooperação, pois todas se unem no mesmo compromisso com Deus e com a vida consagrada. As Irmãs, ao viverem esses votos de maneira fiel, dão testemunho dos valores cristãos. Sua vida dedicada e seu compromisso com esses votos tendem a inspirar outras pessoas de fora da Congregação a considerar e escolher uma vida de fé e dedicação a Deus.

O modo de vida consagrada na Congregação é acrescido ainda de mais três orientações fundamentais, quais sejam a “vida de oração”, a “vida fraterna” e a “vida apostólica”. A “vida de oração” consiste em ter sempre Deus como ponto de referência, significando ter uma “atitude habitual de oração”. São definidos os procedimentos diários de oração, destacando-se a participação ativa da vida litúrgica da Igreja, celebrando a Eucaristia diariamente. A “vida fraterna” é pertinente à união entre as Irmãs e tem relação com a maneira de viver no interior das comunidades calvarianas alegres, orantes e apostólicas. A “vida apostólica” complementa a vida na simplicidade e alegria, com a atuação evangelizadora. Anunciar o Evangelho é indispensável para vivenciá-lo. Salienta-se o reconhecimento de que a Congregação, em si, é evangelizadora. Desse modo, por exemplo, os sofrimentos e a oração das Irmãs doentes ou idosas coopera na realização do Reino na mesma proporção dos serviços e engajamentos apostólicos de outras membras e outros membros das comunidades calvarianas (Congregação, 1984b, p. 10-18).

Com tudo isso ainda resta estabelecer um contraponto, que aflora em minha análise, de um lado, averiguando a rigidez de normas de atuação e de comportamento, nessa regra de vida oferecida como instrumental e como fator de

motivação para a plena vivência do carisma; e, de outro lado, refletindo sobre o grau de autonomia que resta às Irmãs para administrar a Congregação e dirigir as comunidades, sem desobedecer às prescrições e aos votos com os quais se comprometeram. Acrescenta-se a este contraponto uma reflexão final sobre como poderiam desenvolver ideias e ações inovadoras nesse contexto de normas e regulamentos, com submissão a uma estrutura hierárquica patriarcal e conservadora na Igreja, fora da Congregação.

Essa última reflexão me levou a averiguar que as Irmãs moldaram suas ações de um jeito feminino bem peculiar, sabendo transgredir quando necessário ao bem comum e ao compromisso com Deus. Elas interpretam como uma subversão benéfica, que requer habilidade para nela transitar, o que se torna marca da mulher Calvariana.

Isso eu procuro analisar em cada situação que se oferecer, doravante, permeando o trabalho todo. Para tanto, privilegio as fontes primárias, focalizando as mudanças. Verifico nessa vasta documentação como as Irmãs atuavam, como pensavam a Congregação e seus propósitos, suas necessárias adaptações aos tempos contemporâneos e suas ideias de inovação, mas sem perderem de vista a harmonia com as transformações promovidas na Igreja em geral.

Falando da forma de vivência do carisma, é oportuno narrar as suas mudanças de interpretação ao longo da história das Irmãs Calvarianas. A Congregação passou por três períodos distintos de releitura de seu carisma: o do “amor e sacrifícios” inicial, passando a um segundo, o do mistério pascal, com foco no sofrimento de Jesus, seguido pela ênfase na dedicação e, finalmente, chegando ao terceiro e atual, fundado na maternidade espiritual de Maria e na compaixão como pilares de seu propósito e missão. Essas mudanças de interpretação do carisma fundacional refletem uma busca constante por compreender e adaptar sua vocação religiosa ao contexto e às necessidades contemporâneas. Tais mudanças foram relatadas pela Irmã Christine, francesa, em 20 de janeiro de 2007, então com 83 anos de idade, em entrevista à pesquisadora Paula Leonardi (2008).

O teor original da resposta foi traduzido por Leonardi (2010, p. 129);⁵¹ e o recomponho, a partir do texto traduzido. Nele, Irmã Christine reconhece ser necessário fazer essa releitura do carisma com o passar do tempo. Na primeira instrução do carisma, no século XIX, havia muita austeridade, e isso ocorria não somente com as Irmãs Calvarianas, mas também com outras congregações daquele tempo. Posteriormente, houve um trabalho para adaptar os textos das Constituições e, nesse contexto, o carisma foi reinterpretado, focalizando-o no mistério pascal: o Calvário é a morte para a vida. Foi uma releitura nos anos 1960. Assim, o sofrimento de Jesus é a parte essencial da missão, mas enfatizando a sua ressurreição. Depois, trocou-se também o mistério pascal, tomando-se Maria como mãe universal, pois é aos pés da cruz que Jesus lhe confiou todas as mulheres e homens do mundo. Isso torna Maria a figura central da Congregação. Nesse contexto, Jesus que está vivo e continua a falar com sua Mãe, enfatiza a maternidade espiritual e a compaixão como pontos primários e fundamentais do carisma. Essa terceira fase da releitura, atual, pode ter sua assunção pelas Irmãs Calvarianas identificada com o início do século XXI.

Essa vivência do carisma é dinâmica e as transformações em sua interpretação têm similaridade teórica com as mudanças nos modelos de organização, conforme estudo no subcapítulo 4-2 *Mudança de paradigma: uma visão de Teologia e de Administração*, na parte sobre os comportamentos amoldados aos paradigmas vigentes em cada período histórico, e utilizo as análises do criador do modelo *Teal* de organização (Laloux, 2021). Ele afirma discordar de enquadramentos comportamentais rígidos em paradigmas estanques. E explica poder ser considerado que num dado momento e em certas situações uma pessoa “funciona de acordo com” um tipo de paradigma (p. 53). Dessa maneira, as pessoas também não se comportam rigidamente segundo a interpretação oficial do carisma, mas sim retornam às

⁵¹ Teor original da resposta de Irmã Christine: *Il faut relire le charisme avec le temps. Par exemple, notre première consigne c'était amour et sacrifice. Et alors il y avait beaucoup d'austérité, pas seulement chez nous, mais dans toutes les Congrégations. Ensuite quand on a voulu adapter les textes des Constitutions, on a pris comme charisme le mystère pascal, le calvaire c'est la mort pour la vie. Et puis après, on a changé le mystère pascal, on a pris Marie mère universel, puisque c'est aux pieux de la Croix que Jésus lui a confié ses gens, c'est à dire, tous les hommes. Trois périodes de relecture. La première, la plus ancienne c'était "amour et sacrifice". En suite, on a regardé d'avantage le mystère pascal. Avant, on avait mis l'accent sur la souffrance de Jésus. A la seconde période on a mis d'avantage sur sa résurrection. Cette seconde relecture, ça c'est fait dans les années soixante. Aujourd'hui, la troisième, on peut dire que c'est des années 2000: "Mère, mère universel". Jésus encore vivant parlant à sa mère. On insiste maintenant sur cette maternité spirituelle. On insiste sur la compassion (Leonardi, 2010, p. 129-130).*

interpretações anteriores, intercalando-as com as atuais, segundo cada situação da vida, e preservam sempre a interpretação original baseada na visão do fundador, num processo de relembração e de imitação.

É oportuno refletir agora, em breve excursão, sobre o estudo de Emílio González Ferrín (2018) a respeito do conceito de “continuidade retroativa”, que consiste em moldar um relato do passado para adaptá-lo às necessidades do presente ou para beneficiar um futuro esperado. É artifício similar à continuidade retroativa de uma obra de ficção.

Ferrín (2018) dedica-se a uma abordagem ampla do tema das origens culturais dos três monoteísmos predominantes no mundo: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Abraão é apresentado como mito fundacional dos três monoteísmos. Outras duas ideias centrais da obra estão diretamente relacionadas à da continuidade retroativa. Uma é de que a delimitação dos três monoteísmos, segmentados em três sistemas, é convencional e arbitrária; uma outra é a que propõe substituir a noção de transmissão textual pela de evolução histórica. E com isso introduz o conceito de continuidade retroativa.

O autor explica assim no seu mapa prévio da obra (p. 6):

[...] a ideia motriz destas páginas é substituir o conceito mítico de transmissão textual pelo de evolução na história desses sistemas religiosos. Não por excentricidade, mas propondo uma mudança de paradigma que possibilite um estudo racional e científico do fato religioso na história. [...]

Com isso, o autor problematiza também o tema da ortodoxia das religiões. Discute a evolução das ideias religiosas do oriente médio, traçando o surgimento natural do islã no mundo árabe. Dessa forma, o judaísmo, o cristianismo e o islã, apesar de serem três sistemas, compostos de ortodoxias distintas, não podem ser estudados separadamente.

Refleti sobre essas ideias e conceitos para verificar ainda se constituiriam uma contribuição interessante para o debate sobre a ortodoxia do carisma, ou seja, para a discussão na perspectiva de carisma como norma, princípio e doutrina, no seu processo de reinterpretação ou atualização. A Congregação, porém, considera o seu carisma, prioritariamente, como vocação e percepção transcendental, conforme analisarei adiante, em *2.2.5 Missão compartilhada a partir do carisma e conclusão*. Igualmente, a discussão dialética sobre a noção mítica, como pressuposto do estudo histórico de religião, substituída pela de evolução histórica dos sistemas religiosos,

entraria também como corolário na parte em que estudei as reformas da Igreja, com ênfase no pontificado de Francisco; tal abordagem, porém, extrapolaria as dimensões propostas e os limites de amplitude do tema no presente trabalho.

Acresce ainda que as ideias e conceitos de Ferrín referidas se inter-relacionam com alta complexidade e erudição, o que estenderia demasiadamente o debate dialético sobre a ortodoxia na Congregação e na Igreja geral. Tais análises mais aprofundadas, portanto, fugiria ao escopo desta dissertação.

Volto às reflexões e análises sobre a vivência do Carisma na Congregação. Analiso as três práticas indispensáveis para as mulheres se manterem na vida religiosa, com a imagem delas próprias prescritas pelas instituições em que atuam: *Recordare*, *Imitare* e *Praedicare* (Leonardi, 2010).⁵² Tais ações são atuais e dizem respeito ao laicato também, incluindo os homens, e se coadunam com a vivência do Carisma e com a prática das bem-aventuranças. Em tais práticas as leigas e leigos convivem em condições de simetria com as freiras.

As práticas de *lembrar*, *imitar* e *pregar* são uma tradição dentro das congregações religiosas católicas. Mesmo quando não adotam essas denominações oficialmente, elas enfatizam a importância da oração, imitação de Cristo e dos fundadores e pregação do Evangelho em suas normas e programas — ações e procedimentos que estão em correspondência perfeita com aquelas práticas.

Maurel (1999) escreveu que o padre Bonhomme pregava pela palavra, mas as irmãs pregavam pelas ações. Leonardi (2008) discute as formas de pregação das Irmãs. E esclarece que, embora as Freiras tivessem o dever de pregar o Evangelho, essa pregação configurava-se de várias maneiras, principalmente no cuidado dos doentes e no ensino da civilidade cristã aos alunos, conforme relatos que compõem as memórias da Congregação.

Sobre o ato de pregar, Leonardi (2008, p. 205) acrescenta:

[...] as Irmãs, interditas ao uso da palavra no sacerdócio, tinham, no entanto, outras formas de utilizá-las: em suas histórias, que abriam um espaço para a descoberta de si, nas conversões que realizavam junto aos doentes; nas

⁵² *Recordare*, que significa lembrar, refere-se à necessidade de meditação, contemplação e outras práticas espirituais para manter viva a conexão com o carisma fundacional, com o Evangelho e com Deus. *Imitare*, que significa imitar, é prática com o objetivo de seguir o exemplo de Cristo, do fundador e das pessoas santificadas que fizeram a história da Igreja. *Praedicare*, que significa pregar, e *Deprecare*, que significa orar/louvar, são similares e referem-se à importância da evangelização, através do ministério pastoral, do trabalho missionário, do ensino religioso e do exemplo na vivência do dia a dia. Em conjunto, as três práticas comungam uma forma de vivência cristã mais plena, comprometida com a Igreja de Cristo e com Deus.

explicações de textos para as irmãs da comunidade e até mesmo em formas de confissões onde a superiora dava a penitência.

Nem sempre essas práticas são realizáveis na forma prevista nas normas e orientações. É o caso, por exemplo, da prática da imitação, para a qual a Congregação Calvariana oferece regras de procedimento e prega a busca pela santidade e pela vivência do Reino. “Mas a própria estrutura das congregações envia [suas religiosas] para o trabalho no século [no espaço mundano], de modo que a construção da identidade das freiras se dá nessa intersecção do sagrado e do profano” (Leonardi, 2010, p. 386).

As Irmãs Calvarianas, como as freiras de outras instituições católicas que vieram para o Brasil, na expansão de sua missão pelo mundo, tiveram de lidar com o poder da Casa-Mãe, da Igreja e da sociedade local, com habilidade para conseguir realizar os seus projetos. Isso acontecia, tanto nas alianças com as elites econômicas e políticas estaduais quanto nos relacionamentos com a Igreja, situação que administravam “para limitar a interferência externa na comunidade e nos trabalhos que desenvolviam” (Leonardi, 2010, p. 386-387).

Seus maiores problemas eram relações conflituosas e competitivas com homens, não só no interior da Igreja, com os bispos, mas também com leigos [...]. Era nessas relações — e procurando continuar sua missão de conversão no Brasil — que se insinuavam suas táticas no desvio dos trabalhos ou em uma pequena desobediência à sede (Leonardi, 2010, p. 386-387).

No caso das Irmãs Calvarianas, por seu lado, com apoio institucional da Congregação francesa, conseguiam mostrar a força de si próprias em seu campo de atuação, com lugar e poder definido e, com isso, podiam obter ganhos para seus projetos e para o desenvolvimento da Instituição. Por exemplo, ao trabalharem a favor do ultramontanismo, na propagação da feminização do trabalho na Igreja, e na agregação e recrutamento de colaboradoras, simultaneamente adotavam estratégias para lidar com o poder masculino, conseguindo empréstimos e favores de bispos e de outros clérigos. Dessa forma, na condição de mulheres integrantes da Congregação, poderiam estar sujeitas à dominação masculina, mas conseguiam reverter tal situação a seu favor, com suas estratégias e com apoio da Instituição. E a cada novo acontecimento, novas táticas eram utilizadas. Isso, no entanto, não provocava uma mudança significativa na estrutura congregacional e nessas relações de poder dentro da Igreja e na sociedade (Leonardi, 2010).

Falando das duas congregações francesas que pesquisou, sendo uma delas a das Irmãs Calvarianas, Paula Leonardi (2010, p. 387-388) analisa:

Atualmente [final da década de 2001-2010], a memória institucional e coletiva dessas congregações se esfacela lentamente, assim como em outros grupos. Cartas e relatos passeiam pelo espaço virtual da internet: o instantâneo e o atual são mais valorizados. Ao mesmo tempo em que se ampliam a informação e o controle, a memória se perde. Hoje, as Irmãs da Sagrada Família no Brasil não têm informações sobre as primeiras irmãs que para cá vieram. Se a memória coletiva é ameaçada com o avanço da sociedade moderna, que fragmenta a memória de grupos e indivíduos com informações rápidas e superficiais, qual a possibilidade de essas mulheres interferirem na construção das relações sociais e do espaço-tempo de suas instituições?

De fato, se a fluidez na comunicação, de um lado, pode facilitar, de outra parte dificulta o conhecimento da história da instituição, ao gerar uma memória fragmentada. Acresce ainda que a estrutura rígida da Igreja, nada obstante o esforço que faz o Papa Francisco para acelerar reformas, continua a limitar as Irmãs. Elas não têm, por exemplo, acesso ao sacerdócio e, conseqüentemente, às instâncias de decisão da Igreja.⁵³

Antes de concluir o assunto da atuação das religiosas com leigas e leigos lanço um derradeiro questionamento. Como as Irmãs pensam o seu futuro na Congregação? A resposta poderá caber a novas pesquisas, mas uma das possibilidades está na independência do trabalho das mulheres religiosas, destacado da Igreja. Essa foi sugestão da Irmã Teresa, que tinha 69 anos em 2008, 44 deles vividos na Congregação, quando entrevistada por Paula Leonardi (2010, p. 388). Perguntada sobre as possibilidades para o futuro, Irmã Teresa respondeu:

Teresa: Uma vida religiosa muito mais evangélica. A gente está lutando para isso. Na simplicidade, não depender de instituição, muito mais autônoma [...]

Paula: Dependendo de qual instituição?

Teresa: Da própria Igreja. Porque é a Igreja que dita as normas. E nem sempre as nossas normas [...]. Ela tem um enquadramento, isso a Igreja põe, mas é função dela. Mas ao mesmo tempo em que ela coloca as regras, ela dá margem para alternativas. Eu acho que aí que está a sabedoria da mulher, abrir brechas para essas alternativas. Não ficar dependendo do que padre ou bispo acha ou “des-acha”. Entende? (Leonardi, 2010, p. 388).

⁵³ Ressalvo o voto feminino decidido em 2023, para validade no Sínodo dos Bispos, com realização de 4 a 29 de outubro de 2023 e segunda etapa prevista para 2024. É o Sínodo sobre sinodalidade, do qual participam 54 mulheres eleitoras, sendo uma delas Irmã Calvariana, Ir. Solange, da Costa do Marfim, África. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-09/sinodo-sinodalidade-lista-participantes-e-calendario-ruffini.html>.

Na minha visão atual, decorridos quinze anos daquela sugestão original de Irmã Teresa, a hipótese de trabalho fora, de mais autonomia para mulheres nas suas vivências missionárias, pode harmonizar-se com a proposta de admissão de leigas e leigos na Congregação, ampliando a colaboração, no sentido de atuação conjunta e integrada com a Igreja toda. Isso aflora no *éthos* do mundo cristão que se transforma, em decorrência de mudança na consciência humana e no entendimento da estrutura das organizações, em particular, e da cultura da sociedade, em geral, conforme será discutido no capítulo 4 *As mudanças na Congregação, de 2012 a 2022*.

2.2.4 Panorama do laicato na Igreja e seu reflexo na formação da Família Calvariana

A constituição dogmática *Lumen Gentium (LG)*, de 21 de novembro de 1964, definiu uma nova consciência eclesiológica, buscando superar a autossuficiência de uma Igreja que se entendia como fim em si mesma e se redescobre Igreja de Deus, que deve ser sacramento de salvação para o mundo. A *LG*, no seu primeiro capítulo, *O mistério da Igreja*, assinala uma Igreja trinitária que se origina do mistério de Deus e deve dar testemunho dele ao mundo. Desse modo, trata da natureza e da missão da Igreja Católica numa perspectiva de compreendê-la como Povo de Deus, destacando a participação de todas e todos fiéis na missão, o que inclui as leigas e os leigos (Paulo VI, 1964).

Posteriormente, em 7 de dezembro de 1965, foi promulgada a constituição pastoral *Gaudium et Spes (GS)*, que ressalta a necessidade de a Igreja envolver-se com o mundo moderno, compreender seus desafios e dar respostas para as questões sociais, dialogando com esse mundo, abrindo-se a ele e interagindo com ele (Paulo VI, 1965).⁵⁴

Destaco dois pontos mais importantes para o assunto que desenvolvo aqui, sobre o laicato. O primeiro ponto se constitui da visão da Igreja como Povo de Deus. É assim que a constituição dogmática *Lumen Gentium (LG)* enfatiza ser a Igreja, composta por todas e todos os batizados, e não apenas por pessoas de vida consagrada. O conceito de Igreja “Povo de Deus” está expresso no capítulo II da *LG*.

⁵⁴ A constituição pastoral *Gaudium et Spes (GS)* consubstancia essa relação da Igreja com o mundo contemporâneo de modo claro, teológica e pastoralmente. Estudo a *GS*, com vistas aos seus reflexos na formação da Família Calvariana, no subcapítulo 3.2 *As reformas de Francisco* e no 3.3, *A recepção da teologia do Vaticano II e a motivação na Congregação*, este na sua parte conclusiva que fecha o capítulo 3 *As mudanças na Igreja pós-conciliar (Vaticano II)*.

O documento salienta a participação ativa e coletiva de todas as pessoas cristãs fiéis – e não apenas o clero — na vida e missão da Igreja. Dessa forma, todas as membras e membros, independentemente de seu papel ou função na Igreja, compartilham igualdade fundamental, o que destaca a importância de todas as pessoas na busca da santidade e na missão evangelizadora. Assim, cada membra ou membro da Igreja, pelo batismo, é chamada ou chamado à santidade. A busca da santidade é vista como uma responsabilidade compartilhada por todo o Povo de Deus. Importante notar que, nada obstante a coparticipação em igualdade entre todas as pessoas da Igreja e o compartilhamento da responsabilidade de todas elas na evangelização e na construção do Reino de Deus, persistem funções específicas e segmentadas para o clero. Destaca-se, porém, a colaboração e a interdependência entre clero e pessoas leigas na realização da missão da Igreja. O outro ponto, derivado do primeiro, consiste no reconhecimento da importância das pessoas leigas na Igreja e destaca seu papel crucial na evangelização e na transformação do mundo por meio de suas vocações, nas vivências de carismas especiais e ainda nas atividades seculares comuns.

É importante estudar, então, os conceitos e características das famílias espirituais ou carismáticas — nas quais a participação de leigas e leigos tornou-se essencial — para completar, no próximo desdobramento, o panorama do laicato na Igreja e concluir o tema deste subcapítulo sobre a formação da Família Calvariana.

Para analisar o fundamento eclesial das famílias carismáticas, baseio-me em Antonio Botana (2017, 2018), consultor da Congregação na preparação do *Capítulo Provincial/2017*, autor de reflexões e análises que integraram a documentação capitular e trouxeram subsídios importantes à construção do presente trabalho de pesquisa. Esclareço que a expressão “Família Carismática” se refere a todas as “famílias” de um novo “ecossistema eclesial” tratado adiante, estando pois incluída nessa expressão a “Família Calvariana”.

O autor começa falando do dinamismo que move essas famílias carismáticas, justificado pelas mudanças introduzidas na Igreja de Roma com o Concílio Vaticano II. E diz: “Teologicamente, esse dinamismo resume-se na expressão: Comunhão para a Missão” (Botana, 2017, p.35).

Sociologicamente, esse fenômeno associativo consiste em unir as membras e membros de uma Congregação religiosa e as leigas e leigos, num mesmo carisma e a serviço da mesma missão. Com isso, esse tipo de associação aparece robusto na

Igreja sob diversas formas agregativas: associações, grupos, comunidades, movimentos — criam-se as “famílias” ligadas pela vivência na religião. (Botana, 2017)

Antonio Botana (2017) passa a explicar esse fenômeno à luz do documento *Christifideles laici*, uma Exortação Apostólica pós-sinodal, do Papa João Paulo II (1988), sobre a vocação e a missão dos fiéis leigos e das fiéis leigas na Igreja e no mundo. O Papa usa em todo esse documento, sistemática e cuidadosamente, o termo *Christifideles*, evitando o emprego, como substantivo, do vocábulo *leigo*.⁵⁵

Válido destacar que tal exortação ao conclamar praticamente exige a participação de fiéis, católicas e católicos, nessas famílias. Associar-se, então, é mais que um direito, é dever, pois refere-se “à vida de comunhão e à missão da própria igreja”. Dessa forma, fiéis encontram-se em novo contexto eclesial, vivendo a vida cristã muito diferente daquilo que viviam antes do Concílio Vaticano II (Botana, 2017, p. 36).

Esse autor fixa alguns traços fundamentais dessa mudança:

- a) a Igreja pós-conciliar busca ser Igreja-Comunhão;
- b) para essa Igreja-Comunhão a missão abrange todos os cristãos e realiza-se não só na comunhão de todas cristãs e todos cristãos, mas também na cooperação, qual seja, no trabalho conjunto para os mesmos ou parecidos objetivos;
- c) essa Igreja já não fica representada, internamente, pelo trinômio “clero – religiosas e religiosos – leigas e leigos”, mas, sim, pelo binômio “comunidade – ministérios e carismas”. Após o Concílio, na Igreja como Povo de Deus, não há mais religiosos “evangelizadores” e leigas e leigos “evangelizados”: pelo batismo, leigas e leigos, religiosas e religiosos são constituídos filhas e filhos de Deus e recebem, por essa forma, um chamado pessoal para a santidade e para a missão de evangelização (Botana, 2017, p. 36);⁵⁶
- d) nesse novo “ecossistema” eclesial os consagrados e as consagradas estão juntos dos restantes cristãos e cristãs — e não acima deles. Fiéis, nessa nova Igreja, passam a ter também a missão de anunciar o Evangelho; e
- e) então, fiéis participam da missão eclesial, não apenas para responder a uma necessidade social, mas também para satisfazer a um carisma. A consciência

⁵⁵ *Christifideles* vem seguido de um adjetivo: *laici*, traduzido por “leigos”. A expressão toda pode ser traduzida por fiéis de Cristo leigos, literalmente... ou “cristãos leigos”; ou ainda, em tradução livre, em linguagem inclusiva: “cristãs leigas e cristãos leigos”.

⁵⁶ Amplo esse estudo da Igreja-Comunhão no Apêndice A - *Orientação da Igreja da América Latina sobre a questão política*.

de participar no mesmo carisma, em um grupo, gera uma afinidade espiritual nesse conjunto de pessoas, um reconhecimento desse carisma na Igreja, visto como identidade eclesial, podendo-se falar desse grupo como sendo uma família espiritual (Botana, 2017).

A seguir o autor traça uma perspectiva histórica desse novo ecossistema eclesial, a fim de contextualizar as *novas famílias carismáticas* em uma mudança para um modelo planetário.

Estabelece que nesse novo ecossistema se constitui outro tipo de relações entre leigas e leigos, de um lado, e religiosas e religiosos, de outro: os agrupamentos para todos os tipos de atividade e de relacionamento são diferentes dos que existiam no passado — e se interpenetram no presente. O novo ecossistema eclesial caracteriza-se pela composição de famílias evangélicas ou carismáticas, isto é, por “conjuntos formados por instituições e grupos de crentes unidos pelo mesmo carisma fundacional, ou a mesma ‘raiz carismática’, mas com formas de vida diferentes e com diversos acentos do mesmo carisma” (Botana, 2017, p. 39). O autor ilustra essa composição utilizando a figura de um sistema de planetas interagindo com outros planetas e com seus satélites, no seu modelo planetário.

Nesse contexto, ocorrem também participações apenas em aspectos parciais de uma família carismática, diferentes daquelas participações que mostram integração plena nessa família. A participação parcial acontece nos casos de pessoas que colaboram na missão com membras e membros que têm participação integral, ou de pessoas destinatárias dessa missão (antigos alunos, por exemplo), ou de pessoas que têm simpatia por certos aspectos da espiritualidade, ou por devoção ao fundador ou fundadora (Botana, 2017).⁵⁷

Dois pontos são considerados ainda na condução do processo de formação da Família Calvariana pela Congregação:

- a) é preciso promover o reconhecimento da pessoa com participação parcial como membra ou membro da família, o que produz o essencial sentimento de pertença; assim, a formalização do reconhecimento dá-se por meio de um

⁵⁷ Válido complementar essa abordagem com a do Apêndice A, sobre a participação política partidária. Sob outro enfoque, a questão política ampla é assunto do subcapítulo 3.3 *A recepção da teologia do Vaticano II e a motivação na Congregação*.

“compromisso ou gesto de consagração” por parte da nova membra ou novo membro;

- b) a maneira mais eficaz de estabelecer-se a pertença é através das comunidades integradas na família ampla, que é uma comunhão de comunidades. Não é comum a adesão individual à família ampla, alargada; mas é normal que a pertença ocorra através de um grupo ou comunidade que opere integrado com a família ampla (Botana, 2017).

Por fim, o autor do texto acrescenta três elementos críticos nesse processo, ou seja, três fatores de sucesso e de vitalidade de uma família carismática evangélica (Botana, 2017, p. 42-43):

- a) *a recuperação do carisma e sua centralidade*

“Trata-se de situar o carisma fundacional no centro das relações ‘leigas, leigos – religiosas, religiosos’ e convertê-lo no eixo através do qual se organiza a vida interna da família carismática” (Botana, 2017, p. 42).⁵⁸

- b) *a refundação dos institutos no seu carisma fundacional*

Essa mudança decorre da necessidade de adaptação dos institutos religiosos e da maneira de viver o carisma dentro dele, por parte das pessoas religiosas, às transformações havidas no ecossistema eclesial. Em suma, aquelas dimensões que eram cativas da vida consagrada agora são de todas e todos fiéis: consagração, missão e comunhão; e

- c) *novos odres para vinhos novos*

Este terceiro ponto consiste em desenvolver e pôr em prática novas estruturas de comunhão e animação. Na era pós-conciliar de que trata o artigo, a nova relação de religiosas e religiosos com leigas e leigos começou a se desenvolver aproveitando aquelas existentes nas ordens e congregações. Assim, leigas e leigos são convidados, nominal e pontualmente, a participar, mas essa participação é bastante limitada, principalmente em decorrência de estruturas e regulamentos canônicos que impedem a livre atuação do pessoal leigo. Aproveitam-se os “velhos odres para o vinho novo”. Hoje, alguns avanços já ocorrem para modificar essas estruturas, quais sejam assembleias, conselhos

⁵⁸ Diz o texto em seu final: “O termo família é, sem dúvida, o mais utilizado para designar o conjunto de grupos, comunidades e instituições que participam do mesmo carisma fundacional. Mas também se utilizam com o mesmo significado, às vezes simultaneamente com o de família, os termos sociedade ou fraternidade, ou inclusive o termo clássico ‘ordem’”.

e comissões de trabalho, reunindo religiosas e religiosos com leigas e leigos, em igualdade de voz e voto. Mas são mudanças incipientes, nas quais o principal “erro” consiste em “aplicar a essas novas estruturas o esquema e método das anteriores.” Reformam-se os velhos odres, ao invés de se construírem novos (Botana, 2017, p. 43).

2.2.5 Missão compartilhada a partir do carisma e conclusão

Baseio-me em texto da conferência proferida na Congregação pelo assessor do *Capítulo Geral/2018*, García Paredes (2018c), sobre o tema: “Missão compartilhada”, a partir do carisma. Trata-se de documento que serviu para embasar, junto com os demais estudos, as decisões daquele *Capítulo Geral/2018* e que serve de fundamentação da minha pesquisa, nesse tema.

Inicialmente, o autor traz um alerta sobre os riscos de converter a expressão “missão compartilhada” em um simples *slogan*, quando na verdade exige uma mudança de mentalidade, podendo ser entendida como chave carismática. Então, aborda o assunto do carisma como raiz da missão compartilhada. São os carismas de hospitalidade, de compaixão, de misericórdia, de apoio, de providência, de evangelização, de educação, de catequese, de assistência para as diferentes formas de pobreza, que são reconhecidos como dons que o Espírito dá a pessoas de várias formas de vida para que elas expressem e atualizem esse dinamismo carismático na missão e na vida espiritual da Igreja. Assim, entende que esse carisma é leigo e religioso simultaneamente, não podendo ser reivindicado por nenhum grupo como monopólio.

Trata-se, assim, de partilhar o carisma religioso com as pessoas leigas, sendo convidadas a participarem de forma mais intensa na espiritualidade e integrar a missão do próprio instituto. Portanto, a busca é de uma relação mais próxima entre pessoas consagradas e pessoas leigas, em caminhos de comunhão e de colaboração.

Prosseguindo com seu texto, García Paredes (2018c, p. 3) discorre sobre a reconfiguração das formas de vida cristã pelo Espírito, apontando uma mudança de paradigma, na qual se abandona a ideia de “estados de vida cristã” e se assume a ideia de “formas de vida cristã”, entendendo que essa vida recebe diferentes formas, sempre dinâmicas.

Nesse sentido, essa é uma direção à família carismática, porque os clérigos e as religiosas estão “descobrimo uma nova estrutura na qual se encaixam e entram em comunhão todas aquelas pessoas (mulheres e homens, de uma forma de vida cristã ou de outra) que se sentem agraciadas com o mesmo dom carismático” (García Paredes, 2018c, p. 4). A partir disso, recria-se uma linguagem acessível a todos, criando espaços acolhedores, de espiritualidade e formação, favorecendo a partilha e o crescimento do legado de carisma. O autor ainda reporta os sete princípios da “missão compartilhada”, quais sejam:

- a) não há missão carismática sem espiritualidade que a alimenta em todo momento: uma espiritualidade comunitária, familiar;
- b) não deveria haver hierarquia, nem "fileiras" entre os beneficiários do carisma;
- c) sem vocação, a missão compartilhada torna-se uma mera colaboração por amizade ou simpatia em diversos trabalhos; porém, não tem o rosto de uma vocação carismática para a missão que vem de Deus;
- d) há um caminho espiritual e formador para ser compartilhado por um lado e diferenciado por outro;
- e) a missão compartilhada não é discriminatória nem exclusiva;
- f) a missão compartilhada tem um perfil carismático que é preciso cuidar e promover; e
- g) a missão carismática partilhada adquirirá cada vez mais a configuração de "uma rede" ou "redes" que realizam e concretizam os sonhos do Espírito pelas figuras fundadoras e famílias espirituais.

A partir desses princípios é possível verificar a amplitude das dimensões da missão compartilhada, dessa relação essencial entre pessoas consagradas e pessoas leigas, reforçando essa necessária mudança de mentalidade e de coração, e caracterizando-se como autêntica *metanoia*, isto é, como conversão radical — é mudança de segunda ordem, um conceito que trato no subcapítulo 3.2 *As reformas de Francisco*, em 3.2.1.

Para que isso seja possível, de acordo com García Paredes (2018c), é preciso seguir alguns passos: entender que a missão é, acima de tudo, compromisso de colaboração com o Espírito Santo; considerar o engajamento, ao mesmo tempo como passividade e atividade, como contemplação e ação, como gratuidade e benefício; ser convicto de que o carisma não é de propriedade absoluta de um único grupo; abandonar a ideia de que a missão compartilhada é algo opcional, entendendo-a

como necessária; conscientizar-se do conceito de família carismática, entendendo que a partir dessa consciência, a missão compartilhada nasce espontaneamente; e compreender que essa missão assume várias formas de comunhão de vida.

E encerra o texto trazendo a importância da missão compartilhada, explicando como a Igreja pode conectar-se com o mundo todo: “o descendente corresponde ao ascendente, a missão de Deus se conecta com a missão da humanidade” (García Paredes, 2018c, p. 7).⁵⁹ Dessa forma, envolvidas nesse conjunto, navegam as famílias carismáticas.

Portanto, o propósito da Família Calvariana consistirá em assumir a ideia de missão compartilhada em seu modo de agir, de atuar, com o carisma apresentando-se como chave desse processo, sendo fundamentais para alcançar esse escopo a consciência e a prática de uma mudança de paradigma. Aprofundo o estudo dessas mudanças no capítulo 4 *As mudanças na Congregação, de 2012 a 2022*.

Antes de concluir, vale registrar uma premissa, um marco teórico que constou do *Capítulo Geral/2018* para responder à pergunta sobre o que dá sentido à vida na Família Calvariana:

É estarmos juntos (as), vivendo na dinâmica da circularidade para partilhar o Carisma, a Espiritualidade e a Missão; comungando da mesma vida onde quer que estejamos. Assim encontramos sentido, quando buscamos viver o discipulado de comunhão nas dimensões da fé e da transformação da sociedade; aprendendo, a partir do Primado Mariano, a dinâmica da partilha, do amor, do perdão, da corresponsabilidade, onde Jesus é o centro e Maria nos fortalece diante de tantas realidades de calvários (Congregação, 2018, p. 15-16).

Destaco a importância dada ao *primado mariano* a nortear a vivência do Carisma Calvariano na Congregação. É ideia com característica que pode ser revolucionária para a Igreja — ou, no mínimo, extraordinária — segundo a minha reflexão sobre o tema, mas ainda incipiente para se constituir em proposta doutrinária. Então, é tratada com cuidado pela Instituição para não significar oposição ao *primado petrino*, que fundamenta a orientação pastoral e os princípios doutrinários da Igreja. O *primado mariano* tem caráter de complementariedade, mas pode ser visto,

⁵⁹ Ascendente e descendente: o autor se refere à metodologia cristológica, sendo ascendente aquela que se baseia na perspectiva humana de Jesus e descendente aquela que considera a divindade de Jesus como pessoa da Santíssima Trindade. Ambas são contempladas no Evangelho e são complementares, sendo indispensável essa complementariedade para uma apropriada metodologia cristológica. De modo simples, entende-se como ascendente a relação da pessoa humana com Deus e descendente a ação de Deus para a humanidade.

inadequadamente, como proposta de mudança sistemática da doutrina da Igreja. Ver Apêndice B, *O primado mariano*, versando sobre o seu conceito e significado para a Congregação, nesse tempo de mudanças.

Por fim, a título de conclusão do tema sobre a formação da Família Calvariana, posso dizer que a mais significativa mudança na constituição dessas comunidades de famílias espirituais ainda está em seu início de implementação na Congregação. Refiro-me à transformação que consiste no reconhecimento desses grupos de leigas e leigos como integrantes plenos da Congregação e não meramente como colaboradores ou associados orbitando a Instituição. É uma relação diferente e que se propaga por muitos institutos da Igreja, como semente plantada pela teologia do Papa Francisco, no mesmo terreno de suas propostas de mudanças. Faço a conclusão desse tema na seção 5 *Considerações finais*.

No capítulo 3, descrevo e analiso, ainda na perspectiva de contextualizar as mudanças na Congregação, as transformações na Igreja em geral, após o Vaticano II.

3 AS MUDANÇAS NA IGREJA PÓS-CONCILIAR (VATICANO II)

Componho este capítulo com descrição e reflexão sobre as mudanças na Igreja promovidas pelo último concílio e, em especial, com análises das reformas conduzidas pelo Papa Francisco.

Considero que não se enquadram no escopo e na extensão deste trabalho análises em perspectiva histórica aprofundada sobre o Concílio Vaticano II. Assim, me ocuparei das mudanças ocorridas, procurando analisá-las numa perspectiva fenomenológica, de modo a embasar as sínteses e conclusões adiante, no presente trabalho. Dessa forma, refletirei sobre o significado delas na realidade *socio-ecclesial* brasileira, ressaltando o que elas representam na vida em comunhão das religiosas com as pessoas leigas em suas vivências eclesiais na Congregação.

Estruturo este capítulo em três subcapítulos e adianto que no segundo e no terceiro eu estudo, respectivamente, as reformas de Francisco e a recepção da teologia do Vaticano II na Igreja do Brasil e na Congregação.

3.1 As mudanças na Igreja pós-conciliar, anteriores ao pontificado de Francisco

O Concílio Vaticano II, realizado de 11 de outubro de 1962 a 08 de dezembro de 1965, promoveu mudanças na Igreja e na sua relação com o mundo moderno. O século XX trouxe consigo as duas guerras mundiais, o início da Guerra Fria e a eclosão de movimentos sociais importantes como o feminismo, o movimento pelos direitos civis e a luta contra a colonização. Na Igreja, os católicos passaram a debater a necessidade de uma renovação que a tornasse mais aberta ao mundo, e a própria autoridade da Igreja e sua relação com os fiéis.

Destarte, os principais fatores que contribuíram para a grande crise que a Igreja vivia foram:

- a) as mudanças sociais e culturais que aconteceram no século XX, as transformações nas atitudes em relação à religião, à autoridade da Igreja, ao papel das pessoas leigas na vida eclesial e à influência da secularização na sociedade. A urbanização, a industrialização e o aumento da educação tiveram influências marcantes na maneira como as pessoas percebiam a Igreja e a fé.

- b) o modernismo intelectual e cultura que desafiou as doutrinas e os ensinamentos tradicionais da Igreja. A secularização crescente levou a um declínio da influência religiosa na vida pública e privada das pessoas;
- c) a redução das práticas religiosas tradicionais, como a frequência às Missas dominicais e a participação nos sacramentos. Isso provocou um esvaziamento na religiosidade formal em muitas partes do mundo, mesmo onde a Igreja atuava com vigor;
- d) as discussões promovidas dentro da Igreja sobre questões teológicas e ecumênicas, iniciando-se inclusive os esforços ecumênicos para o diálogo com outras denominações cristãs; e
- e) o afloramento da reforma da liturgia da Igreja, porquanto muitos pensavam que ela estava desconectada das expectativas dos fiéis modernos e que era necessário tornar os rituais mais compreensíveis e participativos.

Foi nesse contexto que o Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, em 25 de dezembro de 1961, com o objetivo de renovar a Igreja e torná-la mais aberta e engajada com os desafios do mundo contemporâneo. A convocação foi acolhida com entusiasmo por muitos membros do clero, mas também foi recebida com ceticismo e resistência por outros.

A seguir, faço o relato desse embate em dois desdobramentos. No primeiro elaboro uma breve síntese da história do Concílio Vaticano II. No segundo, reflito sobre e analiso as reformas gerais promovidas pelo Concílio.

3.1.1 Breve recapitulação da história do Concílio Vaticano II

O Concílio reuniu mais de dois mil bispos de todo o mundo, em quatro períodos de sessões, entre 1962 e 1965. Em meio à realização do segundo período, que fluiu de 29 de abril a 4 de dezembro de 1963, ocorreu a morte de João XXIII, em 3 de junho, com a subsequente eleição e posse do Papa Paulo VI. Os debates concentraram-se em temas como a liturgia, a relação entre a Igreja e o mundo, a colegialidade dos bispos, a liberdade religiosa, o diálogo interreligioso, a pastoral da Igreja, entre outros. Alguns bispos brasileiros destacaram-se nas discussões sobre a colegialidade, a liturgia e a questão social (Beozzo, 2005). Todavia, a descrição e reflexão sobre esse trabalho dos bispos brasileiros, numa revisão da literatura, excede a extensão do

presente trabalho e não é indispensável ao seu objeto — por isso, faço esta breve recapitulação.

Prosseguindo, nesse segundo período, de acordo com Gonçalves (2005), já se discutia a liberdade religiosa, a dignidade humana, a dignidade da consciência e a tutela do Estado. No terceiro período, que fluiu de 29 de setembro a 21 de novembro de 1964, o ponto fundamental das sessões se constituiu em torno da liberdade religiosa, para a Igreja entrar em diálogo com o mundo contemporâneo.

No quarto período, realizado de 4 de setembro a 8 de dezembro de 1965, evidenciaram-se as intervenções da *Coetus Internationalis Patrum*⁶⁰, grupo conservador que se opunha a importantes propostas de mudança, mas a maioria dos bispos votou a favor das reformas, que foram aprovadas em 7 de dezembro, portanto às vésperas do encerramento do Concílio, que ocorreu em 8 de dezembro de 1965.

O Concílio resultou em transformações expressivas na Igreja, perceptível a todas as pessoas. A liturgia passou a ser celebrada em língua vernácula, em vez do latim, com a finalidade de facilitar a participação de fiéis. Houve maior abertura da Igreja ao mundo, através do reconhecimento da liberdade religiosa e do diálogo com outras religiões. A colegialidade dos bispos foi mantida, com maior participação deles nas decisões da Igreja. Houve ainda uma renovação da pastoral, com maior ênfase na ação social e no compromisso com os mais pobres e marginalizados.

Nem todas as mudanças, porém, foram bem recebidas pela membresia. Evidencio as críticas à abertura ao mundo que alguns consideraram como enfraquecimento da doutrina católica. Houve também resistência à mudança na liturgia e às alterações na relação entre o clero e as pessoas leigas.

Beozzo (2005) destaca ainda a importância da Igreja pós-conciliar (Vaticano II) na transformação da sociedade brasileira. Para esse autor, a Igreja não pode se limitar a questões religiosas, mas deve ter uma atuação política e social comprometida com a justiça e com a transformação da realidade. Isso está espelhado na compreensão da história do Brasil e das lutas sociais que marcaram o país, com atuação engajada da Igreja.

⁶⁰ O *Coetus Internationalis Patrum* (CIP) foi uma coalizão de bispos conservadores, atuantes no Concílio Vaticano II. Eles faziam oposição a propostas de reformas, as quais, segundo o entendimento do grupo, poderiam comprometer a tradição e a doutrina católica. O grupo era composto, principalmente, por bispos da Europa e da América Latina. Das principais figuras integrantes do CIP, destacam-se o cardeal francês Alfredo Ottaviani, o arcebispo Marcel Lefebvre e o cardeal alemão Josef Frings.

Outro ponto importante do Vaticano II, segundo Beozzo (2005), foi a valorização da colegialidade dos bispos, o que permitiu a maior participação deles nas decisões da Igreja e a maior descentralização do poder. Tal decisão, segundo esse autor, foi fundamental para que a Igreja pudesse responder aos desafios da realidade brasileira de forma mais efetiva.

Ademais, Beozzo (2005) salienta a importância da renovação litúrgica trazida pelo Concílio Vaticano II, por permitir, dentre outros elementos, mais compreensão do sentido da liturgia, através da qual as pessoas da Igreja acreditam encontrar a presença do Cristo e por Ele serem impulsionadas a uma vida de serviço às irmãs e aos irmãos.

Emerge, dessa maneira, a importância da questão social para o Concílio e para a Igreja brasileira. Essa a qual, segundo Beozzo (2005), não pode se desvincular dos desafios sociais, o que se coaduna com o compromisso da Igreja latino-americana e sua opção pelos pobres e pela luta contra a injustiça social.

3.1.2 As reformas gerais promovidas pelo Concílio Vaticano II

Neste desdobramento, passo a descrever e particularizar a análise das principais reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II. Faço relato simples, mas evito um didatismo desprovido de reflexão. Divido o assunto em seis tópicos, a saber: a reforma litúrgica; a reforma da Cúria Romana; as conferências episcopais e o Sínodo dos Bispos; a Comissão Teológica Internacional; os protestos dos progressistas e a revolta dos conservadores; e o Código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja.

Reflito sobre a oportunidade de falar do Catecismo nesse contexto das reformas e explico isso: a publicação desse documento durante o pontificado de João Paulo II, em 1992, teve significado importante para o prosseguimento das reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II. O Catecismo foi uma tentativa de consolidar os ensinamentos da Igreja, abrangendo doutrina, moral, sacramentos, oração e representou um esforço por difundir os desenvolvimentos teológicos e pastorais advindos do Concílio, com exposição clara e acessível. João Paulo II, ao apresentar os ensinamentos da Igreja de maneira atualizada, buscou promover o diálogo com o mundo contemporâneo. Tal empenho refletia o princípio do *aggiornamento*, mas sem

perder de vista a necessidade de reafirmar a continuidade da Igreja com sua tradição, para preservar a autenticidade da fé católica em meio às mudanças.⁶¹

Ancoro as reflexões e análises nas contribuições de Guerriero (2023) a respeito do significado do Concílio para a vida da Igreja. Analiso, inicialmente, a constituição litúrgica como um dos primeiros documentos oficiais aprovado no Concílio, que concretizou a reforma da liturgia. A constituição é fruto de um movimento litúrgico iniciado na França no final do século XIX, propagado em seguida na Alemanha, principalmente por obra de um teólogo italiano, o padre Romano Guardini.⁶²

Assim, as ideias e orientações do movimento já vinham sendo adotadas por muitos sacerdotes e leigos, especialmente na Alemanha. Destarte, muitas das propostas daqueles liturgistas foram adotadas na elaboração da constituição. Por isso, quando a propositura sobre a liturgia chegou oficialmente à assembleia, foi bem acolhida por um grupo grande de padres conciliares, que reunia o maior número de votos do Concílio.

Um dos pilares da constituição consistia em incentivar leigos e leigas a compartilhar da liturgia, “que é ‘fonte e ápice’ da vida cristã.”⁶³ Para alcançar este objetivo, já em 1964, o Papa Paulo VI instituiu um conselho para colocar em prática a constituição sobre a Sagrada Liturgia” (Guerriero, 2023, p. 29).

Depois do excessivo trabalho exigido por essa reforma litúrgica, começaram a se concretizar mudanças importantes na vida dos fiéis. As Missas celebradas obrigatoriamente em latim há mais de quatro séculos passaram ser proferidas em vernáculo. Sobre isso, Guerriero (2023, p.30) opina:

Agora, finalmente a Igreja decidia se dirigir aos fiéis em sua própria língua. Poucos anos após a conclusão do Concílio, a Missa e a grande maioria dos ritos litúrgicos passaram a ser celebrados nas línguas vernáculas.⁶⁴

⁶¹ Analiso o princípio do *aggiornamento* no Concílio Vaticano II em 3.2.2 *A reforma sinodal em uma Igreja globalizada*.

⁶² Romano Guardini, padre italiano, escritor e teólogo influente na teologia católico-romana. Foi professor universitário na Alemanha. publicou a obra *O Espírito da Liturgia*, que foi difundida extensivamente nos países de língua alemã.

⁶³ A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja foi o tema da XI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em Roma, em 25 fev. 2004.

⁶⁴ Na Itália, a primeira Missa em língua italiana foi celebrada por Paulo VI, em 7 de março de 1965, na Paróquia de Todos os Santos, em Appia Nuova, Roma. No entanto, foi necessário esperar até o dia 30 de novembro de 1969 para que o novo rito para a celebração da Missa em italiano estivesse pronto. Na ocasião, o Papa explicou: “Que fique bem claro: nada mudou na substância da nossa Missa tradicional (...) No novo rito encontrareis apresentada em maior clareza a relação entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia propriamente Eucarística (...). Deveis apreciar como a Igreja, por meio desta linguagem nova e difundida deseja dar maior eficácia à sua mensagem litúrgica”. (Guerriero, 2023, p. 30)

Observo ainda que o Concílio não aboliu totalmente o latim, mas, sim, recomendou-o como língua “particularmente adequada para transmitir a sacralidade das funções litúrgicas” (Guerriero, 2023, p. 30). Essa recomendação, porém, foi logo negligenciada.

Outra mudança na liturgia que, embora de natureza estética, afetou diretamente os fiéis foi a posição do altar voltado para o público. Tal mudança visou a facilitar a comunicação e a interação do sacerdote com o povo. Agora o padre pode celebrar a Missa voltado para os fiéis e não somente voltado para o altar, de costas para a plateia. A postura, agora, é de diálogo e participação integrada de todos os sujeitos eclesiais.

As Missas solenes, espetaculares, que utilizavam coro e música clássica, foram progressivamente abandonadas. Isso desgostou aqueles que apreciavam o aspecto cerimonioso trazido pelas grandes composições musicais clássicas, como as de Bach e Mozart, por exemplo.

O aspecto mais significativo dessas mudanças litúrgicas no embate que se explicitou em decorrência delas, no seio da Igreja foi o “choque entre os proponentes de mudanças cada vez mais rápidas e inovadoras e os ferozes defensores de tradições ultrapassadas” (Guerriero, 2023, p. 31). Assim, os primeiros, de visão progressista, eram mais afoitos e queriam acelerar as mudanças mesmo quando não recorriam exclusivamente às decisões conciliares; e os conservadores, por outro lado, lutavam por manter fielmente as tradições, mesmo aquelas que já não se adequavam ao contexto.

Outra reforma solicitada pelos padres conciliares foi a da Cúria Romana. A insistência nas solicitações focava a remodelação do Santo Ofício, uma congregação que subsistia, originária do tempo do Concílio de Trento.⁶⁵ E “tinha como propósito específico a preservação integral da fé contra heresias e hereges. Se o seu propósito era salutar, algumas modalidades assumidas ao longo dos séculos não o eram” (Guerriero, 2023, p. 31).

A mudança nessa congregação foi significativa, a começar pela emblemática alteração do seu nome de Santo Ofício para Doutrina da Fé. É importante lembrar que o Santo Ofício tinha por objetivo punir os erros dos hereges e era composto por

⁶⁵ Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, no pontificado do Papa Paulo III.

funcionários efetivos, vindos principalmente da Itália. A reforma deixou claro que a renovação era também comportamental e não somente da estrutura física e normativa. Assim, a nova congregação passou a compor-se de teólogos e estudiosos que a ela se juntariam, provindos de “todo o mundo católico”, agora com uma nova visão “integral e bela da doutrina católica”, segundo Guerriero (2023, p. 31-32). Então, esses novos colaboradores assumiram suas funções por cinco anos, ao final dos quais poderiam ou continuar, renovando suas ocupações por mais um quinquênio, ou retornar às suas ocupações anteriores fora da congregação.

Essa primeira reestruturação não só mudou radicalmente o Santo Ofício, mas também serviu para fortalecer a Secretaria de Estado, que passou a se constituir de uma seção coordenadora de vários organismos do Vaticano, e encarregada de assuntos gerais, e de outra área organizacional responsável pela diplomacia do país, para tratar de todas as relações com os outros Estados. Desse modo, o “prefeito da Secretaria, chamado Secretário de Estado, passou a ser, portanto, o colaborador mais próximo do Papa Paulo VI” (Guerriero, 2023, p.32). Essa valorização estrutural deveu-se ainda ao fato de que o Papa Paulo VI, antes de ser Arcebispo de Milão, trabalhara na Secretaria de Estado e, por isso, privilegiou os organismos do Vaticano e suas atribuições na reorganização que promoveu na Cúria Romana.

Prosseguindo nas descrições, baseando-me em Guerriero (2023), analiso agora as Conferências Episcopais, que se originaram na segunda metade do século XIX e ganharam corpo no Concílio Vaticano II, quando os bispos foram chamados a colaborar com o Papa, assessorando-o por meio dessas conferências. Assim, o Concílio não somente reconheceu a autoridade diocesana exercida pelos bispos, mas também confirmou a responsabilidade de propagar o Evangelho. Dessa maneira, as Conferências Episcopais constituíram um órgão intermediário entre cada bispo e o Papa, com poderes para decidir sobre questões relacionadas ao exercício da pastoral em seu país.⁶⁶

Registro ainda que as Conferências Episcopais tinham restrições operacionais importantes: tinham de respeitar a autonomia de cada um dos bispos em suas dioceses e não podiam também se opor aos direitos especiais do Bispo de Roma, ou

⁶⁶ A constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, ensina: “Assim como, por disposição do Senhor, São Pedro e os outros apóstolos formam um Colégio Apostólico, de igual modo, estão unidos entre si o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os Bispos, sucessores dos apóstolos”. (Paulo VI, 1964, n. 22).

seja, do Papa como “garantidor da unidade e da universalidade da Igreja”. Dessa forma, as Conferências Episcopais “deviam transmitir os ensinamentos do Concílio e contribuir para a unidade dos fiéis em torno da Santa Sé” (Guerriero, 2023, p. 33).⁶⁷

O Sínodo dos Bispos, por sua vez, foi estabelecido em 15 de setembro de 1965, durante a quarta e última sessão do Concílio Vaticano II, por decisão do Papa Paulo VI. Essa criação foi motivada pela experiência positiva do Vaticano II, pela expressa vontade de diversos padres conciliares e pelos benefícios de uma colaboração mais estreita entre a Santa Sé e os bispos. Ao longo do tempo, o Sínodo dos Bispos foi organizado em três formatos distintos: a assembleia geral ordinária, que aborda questões gerais da Igreja sem caráter de urgência; a assembleia geral extraordinária, que é convocada para resolver assuntos urgentes; e a assembleia especial, que trata de questões específicas de determinadas regiões.

Uma das principais funções do Sínodo é aconselhar o Papa, desempenhando um papel consultivo. Após as sessões, o Pontífice costuma publicar uma Exortação Apostólica, levando em consideração as recomendações pretendidas pelos padres sinodais. Além de estabelecer sínodos extraordinários, o Vaticano II também incentivou a revitalização dos sínodos diocesanos. Assim como o Papa conta com o conselho dos bispos, como sucessores dos Apóstolos, os bispos diocesanos também se beneficiam do aconselhamento de seus sacerdotes. Por essa razão, a Igreja reintroduziu os sínodos diocesanos, retomando uma prática antiga. Embora o Sínodo dos Bispos e o Sínodo Diocesano sejam essencialmente instituições clericais, nos últimos anos tem crescido o envolvimento de pessoas leigas nesses processos. Contudo, observo que os sínodos têm sido acusados de se manterem envoltos pelo clero, e de não darem voz suficiente aos leigos e leigas, especialmente a estas últimas, tolhidas duplamente por serem leigas e mulheres. Independentemente disso, os sínodos se tornaram uma realidade significativa na vida da Igreja Católica.

Válido, por outro lado, completar a abordagem do tema, para além do relato de Guerriero (2023), com a noção mais aprofundada de Sínodo e destacar as suas outras principais funções na Igreja, pois ele é o instrumento que desempenha um papel importante na promoção da comunhão e colaboração entre os bispos e outras

⁶⁷ Guerriero (2023, p. 33) relata que a Conferência na Itália foi instalada tardiamente. “A causa do atraso se deveu tanto ao número particularmente grande de Bispos italianos como à proximidade com a Santa Sé. Com efeito, muitos Bispos estavam acostumados ao diálogo com os organismos do Vaticano e, por intermédio deles, com o Papa. Foi o próprio Paulo VI que, em 1964, insistiu que a Conferência Episcopal Italiana (CEI) saísse finalmente da fase inicial.”

autoridades eclesiais, tendo o papa como cabeça desse colégio. A promoção da comunhão entre os bispos, a Igreja universal e as igrejas locais é realizada por meio do diálogo, da discussão e do compartilhamento de experiências pastorais entre os membros. Isso possibilita que bispos de diferentes partes do mundo participem do Sínodo, promovendo uma representação mais ampla da Igreja, para ensejar que as decisões e orientações gerais reflitam a diversidade de contextos culturais e pastorais. O Sínodo é o instrumento que promove a sinodalidade, ou seja, que incentiva a participação ativa de todas e todos as membras e membros da Igreja na tomada de decisões. Ele promove essa abordagem encorajando o diálogo e a colaboração entre o clero e as pessoas leigas e toda a membresia da Igreja.

Em síntese, o Sínodo foi instituído para ser um instrumento permanente de colegialidade episcopal e desempenha um papel vital na promoção da unidade, na abordagem de desafios contemporâneos e na orientação pastoral, buscando fortalecer a Igreja em sua missão e permitir que responda aos desafios do mundo atual.

Avançando, volto aos relatos de Guerriero (2023) para tratar da Comissão Teológica Internacional, pois é importante lembrar que os teólogos exerceram uma função relevante na preparação e condução do Concílio Vaticano II, apesar de não possuírem direito de voto. Durante o período preparatório, eles redigiram os textos destinados à composição escrita pelos bispos, e nos intervalos entre as sessões, incorporaram as modificações sugeridas pelos padres conciliares. Os teólogos realizaram um árduo trabalho para conferir uma expressão estilística refinada aos documentos e, especialmente, às quatro constituições.

Após o encerramento do Concílio, tanto o Papa quanto os bispos concordaram que os teólogos continuariam a contribuir na elaboração de documentos de especial importância para a vida da Igreja. Já na primeira sessão da assembleia ordinária do Sínodo dos Bispos, os teólogos pleitearam ao Papa a colaboração de alguns de seus membros, selecionados por sua *expertise*, a fim de representar diversas correntes teológicas internacionais (Guerriero, 2023).

O Papa Paulo VI aceitou essa proposta e, em 11 de abril de 1969, instituiu a Comissão Teológica Internacional. Sua principal atribuição era auxiliar a Santa Sé e a Congregação para a Doutrina da Fé na análise das questões doutrinárias essenciais. Dessa forma, buscava-se superar a separação que havia surgido entre o desenvolvimento da doutrina católica nas escolas teológicas e o ensino magisterial,

especialmente o do Sumo Pontífice. A Pontifícia Comissão Bíblica, por sua vez, preexistente, tinha um papel semelhante. Criada no início do século XX, ela foi associada à Congregação para a Doutrina da Fé, com a missão de aprofundar a espiritualidade bíblica renovada. Ganhou impulso do Vaticano II na feitura da constituição sobre a revelação (*Dei Verbum*), considerado por alguns estudiosos como o documento mais notável do Concílio (Guerriero, 2023).

Foi por meio da Comissão Teológica Internacional que aconteceram os dois direcionamentos determinantes da aplicação dos documentos conciliares na vida da Igreja. De um lado, havia teólogos que propugnavam por um avanço acelerado e inovações cada vez mais profundas na experiência dos fiéis. De outro, alguns teólogos clamavam por uma análise mais meticulosa dos textos conciliares e, acima de tudo, por um respeito maior à Tradição, que não deveria ser descartada, nem total nem parcialmente. A primeira orientação obteve expressão na revista “*Concilium*”, fundada já durante o Vaticano II, cujos principais líderes eram Karl Rahner e Hans Küng. A abordagem mais reflexiva emergiu da Comissão Teológica Internacional e foi liderada por teólogos como Hans Urs von Balthasar, Henri de Lubac e Joseph Ratzinger. Apesar das tensões entre essas duas perspectivas, ambas as escolas teológicas colaboraram para a compreensão dos textos conciliares e para a aplicação desses textos na vida da Igreja (Guerriero, 2023).

Ainda segundo Guerriero (2023), os conciliares progressistas e os conservadores experimentaram uma série de momentos de discórdia e de atribulação, durante o Concílio Vaticano II. As primeiras divergências sobre a aplicação das reformas conciliares emergiram de dentro da Comissão Teológica Internacional. Antes mesmo de cumprirem seus mandatos, dois teólogos de origem alemã, o jesuíta Karl Rahner e o suíço Johannes Feiner, renunciaram a seus cargos, devido à percepção de que a implementação das reformas conciliares estava se arrastando. Paralelamente, teólogos e bispos da Holanda também expressavam inquietações semelhantes.

Em 1966, o Cardeal de Utrecht, Bernard Jan Alfrink, presidente da Conferência Episcopal dos Países Baixos, deu seu apoio a um Novo Catecismo influenciado pelo Concílio Vaticano II, que logo ficou conhecido como o catecismo “holandês”, e refletia posturas progressistas. Pouco depois de sua divulgação um grupo de católicos holandeses levou, de modo independente, uma petição de denúncia ao Papa,

alegando que ele continha declarações contraditórias à fé ou ambíguas o suficiente para permitir a aceitação de diversas interpretações.

Essas contestações não ficaram restritas ao âmbito teológico, mas invadiram a vida da Igreja. O Papa Paulo VI buscou manter a unidade da Igreja ao lidar com essas divergências e delegou a tarefa a um grupo de cardeais, que contaram com o auxílio de teólogos na elaboração de uma resposta. Essa resposta consistia em esclarecimentos e conteúdos novos que deveriam ser acrescentados ao catecismo, de modo que somente com essas modificações ele poderia ser usado para o ensino da doutrina católica.

Paralelamente, não apenas os progressistas protestaram, mas também ocorreu uma revolta mais substancial “por parte dos conservadores nostálgicos do antigo rito da língua latina” (Guerriero, 2023, p. 38). Já na primeira celebração da Missa em língua italiana, alguns cardeais se distanciaram do novo ritual, argumentando que ele se afastava da Tradição católica. O bispo francês Marcel Lefebvre se tornou um líder entre os tradicionais descontentes. Participante do Concílio Vaticano II e membro do grupo conservador, posteriormente rejeitou os textos aprovados pelo Concílio e fundou um seminário em Écône, Suíça, onde os padres foram formados seguindo métodos tradicionais, com liturgia celebrada em latim e de acordo com o antigo rito.

Como afirma Guerriero (2023), apesar das tentativas do Papa Paulo VI e, mais tarde, do Papa João Paulo II para dissuadi-lo, Lefebvre persistiu em sua iniciativa. Sua ordenação de quatro novos bispos em 1988, um ato que foi considerado cismático, levou à sua excomunhão e à sua saída da Igreja Católica. No entanto, muitos de seus seguidores eventualmente retornaram à Igreja.

Finalizando o tema das reformas gerais da Igreja, estabelecidas no Concílio Vaticano II, ocupo-me daquelas no Código de Direito Canônico e no Catecismo da Igreja, as quais continuaram a se desenvolver mesmo após a morte de Paulo VI. Assim, as mudanças se estenderam ao longo do papado de João Paulo II, que desempenhou um papel ativo no Concílio. Então, foi durante o seu pontificado que os dois documentos que oficializaram essas reformas foram promulgados, quais sejam o Código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja Católica.

A necessidade de revisar o antigo código canônico, que continha as leis eclesiais datadas do início do século XX, havia sido identificada por João XXIII. No entanto, ficou evidente que a redação do novo código deveria aguardar a

conclusão do Concílio. Assim, depois de quase duas décadas do término do Concílio e inspirado pelo espírito do Vaticano II, o novo código foi promulgado. Os documentos do Concílio retrataram a Igreja como sacramento de salvação e povo de Deus, e esse entendimento foi incorporado ao novo código. Este, ao contrário daquele, não se limita a enumerar faltas e suas recompensas, mas busca estabelecer uma estrutura que ordene a vida cristã, destacando o amor, a graça e os dons espirituais consubstanciados nos carismas (Guerriero, 2023).

Pouco tempo após a publicação do novo Código de Direito Canônico, a Igreja comemorou o vigésimo aniversário do termo do Vaticano II. Para tornar essa celebração mais significativa, o Papa João Paulo II convocou um sínodo extraordinário, durante o qual muitos bispos expressaram a necessidade de um catecismo universal. Ainda que catecismos locais tenham sido produzidos por várias Conferências Episcopais em diferentes idiomas e países, havia agora uma demanda por um catecismo que servisse como referência para toda a Igreja Católica. Atendendo a esse desejo, o Papa estabeleceu uma comissão de cardeais, que foi presidida pelo Cardeal Joseph Ratzinger, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé⁶⁸ (Guerriero, 2023).

A comissão designou um grupo de bispos para representar diversas regiões linguísticas. Mesmo antes de iniciar os trabalhos, houve ceticismo por parte de alguns setores progressistas sobre a possibilidade de criar um catecismo universal. Surgiu o desafio de conciliar a unidade e a diversidade, mantendo-se sensível às realidades das diferentes igrejas locais. Era necessário considerar as particularidades linguísticas e culturais, que haviam sido defendidas por muitos padres do Concílio, e a preservação da universalidade do ensinamento dos Evangelhos, conforme transmitido pelos Apóstolos (Guerriero, 2023).

A tarefa, apesar de parecer inviável, prosperou em um período relativamente curto. Em 1991, João Paulo II apresentou à Igreja o texto preparado pelos redatores, declarando que o Catecismo da Igreja Católica estava bem estabelecido e refletia fielmente as diretrizes dos padres sinodais e transmitia integralmente a mensagem cristã ao homem contemporâneo. Assim, o novo catecismo foi distribuído em diversos países e recebido favoravelmente pelos fiéis em todo o mundo (Guerriero, 2023).

⁶⁸ Joseph Ratzinger, eleito Papa, assumiu seu pontificado em 19 de abril de 2005 com o nome latino de *Benedictus* PP. XVI, ou Bento XVI, em português.

Após a publicação do Catecismo da Igreja Católica, algumas leis e disposições do Código de Direito Canônico foram reformuladas para alinhar-se à nova abordagem eclesial, influenciada pelo Papa Francisco. Essas reformas também buscaram envolver os leigos e as leigas, estas de forma singular, porque elas começaram a ser vistas como elemento importante nas decisões mais relevantes para a vida da Igreja (Guerriero, 2023).

3.2 As reformas de Francisco

A título de introito, componho uma visão geral da teologia do Papa Francisco que norteia as reformas que ele propõe para a Igreja, especialmente no âmbito da América Latina. Apoio-me no discurso de Francisco (2013b) ao Comitê de Coordenação do Conselho Episcopal Latino-Americano e acentuo as partes relacionadas ao tema das mudanças atuais na Igreja.

No ensejo, o Papa fala do patrimônio herdado da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, realizada em maio de 2007, em Aparecida, que deixou um legado conhecido como a Missão Continental.⁶⁹

Ele esclarece que essa Missão Continental está exigindo a formação da “consciência de uma Igreja que se organiza para servir a todos os batizados e homens de boa vontade. O discípulo de Cristo não é uma pessoa isolada em uma espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade para se dar aos outros” (Francisco, 2013b, n. 3).

O Papa limitou-se a destacar dois desafios trazidos por aquela Conferência de Aparecida, sendo o primeiro a “Renovação interna da Igreja”. Sobre isso considera que Aparecida propôs como necessária a Conversão Pastoral, que implica acreditar no Reino de Deus, presente já neste mundo, e crer na assistência do Espírito Santo e na Igreja que se renova.

⁶⁹ “A Missão Continental está projetada em duas dimensões: programática e paradigmática. A missão programática, como o próprio nome indica, consiste na realização de atos de índole missionária. A missão paradigmática, por sua vez, implica colocar em chave missionária a atividade habitual das Igrejas particulares. Em consequência disso, evidentemente, verifica-se toda uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais. A ‘mudança de estruturas’ (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesiástico, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a *missionariedade*. Daqui a importância da missão paradigmática” (Francisco, 2013b, n. 3).

Nesse sentido, o Papa propôs aos bispos que fizessem, junto a ele, um exame de consciência, e forneceu um guia para investigar o estado das dioceses quanto à adoção do espírito da Conferência de Aparecida. Um dos desafios apresentados é relativo ao “Diálogo com o mundo atual” — é o que mais interessa ao tema deste capítulo. O Papa citou o Concílio Vaticano II: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e atribulados, são também alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo” (Paulo VI, 1965, n. 1). E esclarece que a sociedade de hoje, com as novas gerações e seus problemas existenciais, estranha as mudanças que se pretende, do Magistério e da Doutrina Social da Igreja.

“Na perspectiva de Aparecida”, há duas modalidades de pastorais que caracterizam as maneiras de viver eclesialmente o discipulado missionário: a proximidade e o encontro. Elas consistem no Deus próximo do seu povo, como ocorre quando Ele encarna em Jesus; constituem-se do Deus que sai ao encontro. O Papa fala que na América Latina e no Caribe existem pastorais “distantes”, que privilegiam os princípios e os procedimentos organizacionais apenas.

Ignora-se a ‘revolução da ternura’, que provocou a encarnação do Verbo. Há pastorais posicionadas com tal dose de distância que são incapazes de conseguir o encontro: encontro com Jesus Cristo, encontro com os irmãos (Francisco, 2013b, n. 5.3).

Dessa forma, este tipo de pastoral atua numa perspectiva de proselitismo, sem nunca conseguir uma dimensão de “pertença eclesial” (Francisco, 2013b, n. 5.3).

O discurso do Papa dá o pano de fundo no qual se desenvolvem as propostas de reformas e serve de análise sintomática da situação da Igreja na América Latina e dos critérios eclesiológicos do Sumo Pontífice.

Finalizando este introito, esclareço que desenvolvo este subcapítulo em dois desdobramentos. No primeiro estudo as reformas com foco nos desafios enfrentados pelo Papa Francisco. No segundo analiso as reformas franciscanas mais significativas para o objeto do presente trabalho, numa Igreja globalizada.

3.2.1 Os desafios de Francisco

As mudanças que alteram padrões ou quebram paradigmas são chamadas de mudança de segunda ordem, consoante a uma teoria com a qual trabalhei no meio

empresarial, por longos anos. Ver breve teoria da mudança no Anexo F, sobre *Mudança: perspectiva teórica* (Fisch, Watzlawick, Weakland, 1977 *apud* Banco do Brasil, 1986).

Por outro lado, a mudança de primeira ordem, é superficial, pois não se sustenta e nela pouca coisa muda de verdade. Tem a aparência, mas não a eficácia de uma mudança verdadeira, pois seus resultados são restritos e em geral têm pouca duração.

Trazendo um exemplo, para facilitar a compreensão dessa teoria no âmbito da Igreja, verifico que a própria conversão em Cristo só é considerada mudança de segunda ordem quando representa uma verdadeira transformação na vida da pessoa. Embora possa ser polêmico na doutrina eclesial católica, esse é um bom exemplo para evidenciar a distinção entre as duas ordens de mudança. De primeira ordem é o caso de a pessoa católica achar-se convertida só de ir à Missa e participar de sacramentos da Igreja. Mas reflito: não há conversão verdadeira, se não houver amor em tudo que se faz na vida, no dia a dia. Disso concluo, em síntese, que as mudanças de segunda ordem mais simbólicas da conversão estão relacionadas com as transformações no comportamento pessoal, identificadas com o amor incondicionado a todas as pessoas inclusive às inimigas, com a dedicação às mais necessitadas, com o perdão irrestrito e com a não discriminação, mesmo quando se tratar de pessoa muito diferente. É transformação que transcende o *status quo*, supera o sistema de vida precedente por lhe ser superior do ponto de vista espiritual.

Busco um outro exemplo de mudança de primeira ordem, confundido com a de segunda ordem no discurso pastoral da Igreja e nos seus critérios eclesiológicos. Cito o caso que vivenciei dos Cursilhos de Cristandade, movimento elitista da Igreja Católica, no Brasil iniciado na cidade de Campinas, no estado de São Paulo, nos anos 1960. O participante se via convertido — e como tal reconhecido na comunidade católica — quando mudava de vida e passava a fazer coisas recomendadas pela Igreja, e que não fazia antes. São coisas como ir à Missa, dar valor aos sacramentos e com eles compartilhar; fazer novenas e orações, dar esmolas ou doações; cuidar da própria família, constituída só por laços de sangue. Eram comportamentos socialmente importantes, mas não caracterizava a conversão em Cristo, e, por isso, não se configurava como mudança de segunda ordem, no meu modo de refletir sobre o assunto, baseado na teoria de mudança que aqui exponho.

Dou um exemplo mais aprimorado de mudança de segunda ordem na esfera da Igreja, que trata do caminho para abertura dela aos leigos e leigas. É o que Botana (2017, p. 37-38) denominou em sua análise de “Um salto da pirâmide ao círculo da comunhão”. Ele explica esse processo, que ainda está incipiente na Igreja, assim:

Quando este processo começa realmente, em torno do Concílio Vaticano II, a linguagem que se utiliza ao começo e que encontramos nos documentos próprios dos Institutos religiosos, está longe de tomar como referência fundamental o “solo comum”, são antes os institutos religiosos que se situam no centro, como se eles fossem as “fontes” que os religiosos abrem generosamente para os leigos [e leigas] e estes não de ir a elas para saciar a sua sede. Fala-se de “participar na missão do Instituto”, “no carisma do Instituto” [...] (Botana, 2017, p. 37).

Segundo averiguo, a transformação da Igreja Católica, abandonando o conceito de pirâmide em favor de uma mentalidade de comunhão, depende de um processo de conversão verdadeira. Em outras palavras, digo que sem isso a mudança ficaria em um nível de primeira ordem. A mudança verdadeira, de segunda ordem, teria de ser realizada por meio de outro processo. Desse modo, esta mudança não se limita a reconfigurar esquemas teóricos, atualizar discursos e substituir vocabulários, ou substituir partes das estruturas por outras similares, sem alterar pontos fundamentais dela, como o sistema doutrinário, as relações internas entre os diversos agentes eclesiais, o relacionamento com a sociedade em geral e adequação ao mundo contemporâneo.

Não, não se limita a isso e se faz por meio de um verdadeiro êxodo, isto é, um afastamento de um ambiente eclesial rígido, no qual as formas de vida cristã estão estanques e separadas, em direção a um novo ambiente eclesial caracterizado pela “comunhão”. Nesse ecossistema de “comunhão”, as barreiras de exclusividade desaparecem e, em seu lugar, surgem áreas de destaque para beneficiar todas as pessoas atuantes no processo (Botana, 2017).

A mudança verdadeira parte de fontes comuns, uma missão compartilhada e um espírito unificado para, em seguida, reconhecer e celebrar a diversidade e as várias formas de participação nesse terreno comum, um bem. Começa-se pela unidade do espírito e, a partir dela, se definem as maneiras complementares e diferenciadas de viver esse bem comum. É necessário abandonar ideias arcaicas, assumir atitudes diferentes e protagonizar mudança de comportamento para atuar na nova situação e ser capaz de promovê-la. Isso, porém, não se faz por meio de

convencimento racional, utilizando apenas a inteligência e o raciocínio. “A mudança de um ecossistema para outro não se faz sem aprender a respirar, alimentar-se, relacionar-se...” de uma outra maneira bem diferente daquela do ecossistema precedente (Botana, 2017, p. 37-38). A transição para o novo ecossistema caracteriza-se como mudança de segunda ordem, pois que é transcendente.

Concluídos esses exemplos do âmbito eclesial, analisarei o campo das demais organizações, principalmente as empresariais. Antes, lembro que a mudança de primeira ordem não se sustenta e que com ela pouca coisa se altera de verdade. Como diz o provérbio francês *Plus ça change, plus c'est la même chose* — quanto mais uma coisa muda tanto mais inalterada fica.⁷⁰ E não é mera brincadeira dos franceses — é séria essa ilusão inerente a um processo de mudança.

Nas organizações empresariais — com as quais a Congregação, os demais institutos eclesiais e os centros constitutivos da Santa Sé se equiparam, na sua faceta organizacional civil e material — é muito comum o fato de mudanças de primeira ordem serem rotuladas de reorganização, de reestruturação ou até reengenharia, para conotar mudança de segunda ordem. O exemplo clássico é o das alterações na estrutura organizacional, com criação ou extinção de setores ou órgãos do organograma oficial, mudanças de vinculações hierárquicas e redefinições de atribuições e responsabilidades, racionalizações e implantações de aplicativos e ferramentas de sistemas eletrônicos, sem contar o “indispensável” (e jocoso) corte na verba do cafezinho dos colaboradores. Com isso, o modelo organizacional não se altera, caracterizando a típica mudança de primeira ordem. Isso sem contar que o sistema estrutural possui um subsistema complementar importante, pouco considerado nas mudanças de primeira ordem, qual seja aquele referente aos fatores humanos. Faz parte desse subsistema denominado *aestrutural* os fatores humanos de natureza individual, tais como aptidões e capacidades físicas, emoções, necessidades, temperamentos e interesses pessoais; e de natureza coletiva como valores, objetivos comuns, rituais, mitos, símbolos, entre outros componentes dos padrões culturais da organização.

A mudança de segunda ordem ocorre somente quando muda o modelo, altera o sistema estabelecido e transcende-o. E assim se apresenta o complexo conjunto de mudanças em implementação na Igreja pelo Papa Francisco.

⁷⁰ Tradução livre do autor deste trabalho.

Complementa esse entendimento o fato de que “todo projeto de reforma mexe com o emocional dos sujeitos nele envolvidos direta ou indiretamente” (Passos, 2016, p. 121). Acrescento ainda que isso ocorre independentemente do tipo de organização nas quais eles se implementam e que provocam comoção em menor ou maior grau, na medida em que se apresentam menos ou mais drásticos, ou radicais.

Os tipos de posicionamentos das pessoas envolvidas no processo de reforma destacam-se em dois extremos: de um lado pelo entusiasmo e de outro, pelo completo desânimo. Em certos casos, às vezes frequentes, prevalece a euforia excessivamente intensa e o fanatismo mais acerbo.

Sobre isso, ainda diz o autor:

A consciência clara da necessidade, da viabilidade e das estratégias nem sempre vem junto com as reformas. Esse é o paradoxo dos projetos reformadores: ter de conjugar emoção e razão na calibragem certa. A irracionalidade pode impedir a realização dos projetos. Mas a pura racionalidade do cálculo e do planejamento pode matar o impulso da mudança e as próprias adesões (Passos, 2016, p.121).

Dessa maneira, aqueles que são contrários às propostas de reforma aproximam-se e se unem àqueles que se sentem ameaçados pelo processo, quanto aos seus objetivos, valores ou outros interesses. Os que são a favor podem ter seus entusiasmos arrefecidos ou perder terreno na discussão “com as ponderações advindas do medo de ferir os ameaçados ou com o desânimo, filho da pressa e do imediatismo” (Passos, 2016, p. 121).

Por outro lado, um dos segredos do sucesso de processos de reforma tem relação direta com o *timing* da implantação.⁷¹ O líder da intervenção para reformar estruturas rijas, por vezes sedimentadas feito rochas, tem de lidar com emoções fortes e saber dosar o andamento do processo de implementação. Francisco demonstra conhecer os problemas da Igreja, que as reformas pretendem resolver ou atenuar e age com uma capacidade transcendental de gestão do processo de “reforma inadiável”, percebendo o momento propício para cada uma das ações e a duração que elas devem ter.

Passos (2016, p. 122) assim descreve e analisa os propósitos de Francisco e a crise da Igreja e da sociedade que provoca as reformas:

⁷¹ *Timing*: o termo tem o sentido de sincronia entre uma atividade de implantação e outra, mas está relacionado com a sensibilidade do reformador para perceber o momento propício e a duração das ações, dentro do processo de implementação das reformas.

Com seus propósitos de reforma, Francisco toca diretamente no centro dos problemas; suas análises de realidade apontam para as causas dos males da Igreja e da devastação ecológica. A Igreja vai se distanciando do Evangelho e envelhecendo; torna-se autorreferenciada. A Cúria Romana é uma estrutura a ser reformada porque está doente. A terra está sendo destruída pelo modelo econômico capitalista que privilegia o lucro em detrimento da vida humana e da vida do planeta. Tal postura profética gera adversários dentro e fora da Igreja porque aponta para as coisas onde se encontram os “donos” diretos ou indiretos dos modelos criticados.

Dessa forma, nesse ambiente crivado de opositores, mas contando também com muitos adeptos, é até compreensível que o Papa seja definido ora como santo, ora como herege; ora como lúcido, ora como louco. Ele segue, porém, “com serenidade sua marcha no pontificado com o vigor de Francisco de Assis e o discernimento de Inácio de Loyola” (Passos, 2016, p. 123). É válido ainda reconhecer que o Papa Francisco iniciou seu pontificado, em 2013, e mergulhou no processo de reformas num ambiente de espera pelo novo na Igreja.

O propósito das reformas franciscanas é que as mudanças cheguem às estruturas, com seus órgãos funcionais, seus centros constitutivos e seus processos (Francisco, 2013a).

Essa estrutura da Igreja, de maneira simples, é entendida segundo definição de João Décio Passos (2017), que descreve essa composição estrutural da seguinte forma: os *órgãos*, que são a Cúria Romana e seus Dicastérios; as dioceses, as conferências episcopais, o clero em geral (sujeitos clericais), as leigas e os leigos; os *centros constitutivos*, que consistem no Direito Canônico; nas funções hierárquicas; e nos processos da organização, de reprodução do sistema e de poder. É o que analisarei no próximo desdobramento.

3.2.2 A reforma sinodal em uma Igreja globalizada

Verifico neste estudo que os documentos papais (de Francisco), definidores das reformas, trazem novos paradigmas que permitem repensar a Igreja, a vida das famílias e a humanidade toda. São eles: a Exortação *Evangelii gaudium*, de 24 de novembro de 2013, por vezes referida pelo subtítulo “A Igreja em saída”, para se colocar no contato direto de Jesus com os pobres; a Encíclica *Laudato si'*, de 18 de junho de 2015, que tem a mensagem central repetida ao longo de seu conteúdo: “tudo está conectado”, significando que os seres humanos são partes de um todo e

buscando um novo modelo de vida que preserve o planeta, a casa comum; e a Exortação *Amoris laetitia*, de 08 de abril de 2016, que trata do amor em família e permite, no geral, renovar tradição, doutrina e norma moral.

É relevante ainda considerar que o objetivo maior do Concílio Vaticano II, consubstanciado no processo de *aggiornamento*, tem uma narrativa emblemática na época pós-conciliar, com a morte de renovados e renovadores e com o surgimento de outra mentalidade.

O termo *aggiornamento* refere-se à atualização ou à renovação da Igreja, o que consistiu num dos principais objetivos do Concílio Vaticano II. É o princípio sobre o qual se assentam as reformas. O termo já fora utilizado por João XXIII como forma de indicar que a Igreja precisava se abrir ao mundo moderno e se adaptar às mudanças. Com o processo de *aggiornamento* João XXIII visava também a abordar questões específicas nas discussões do Concílio, como a promoção da paz e a defesa dos direitos humanos. O *aggiornamento* é ainda um processo cultural, pois questiona o conjunto de ideias, crenças, conhecimentos, costumes, valores, símbolos e ritos da Igreja. Em decorrência disso, é ainda um processo conflitivo. Ao apresentar-se como criativo e adaptativo mostra-se também como destrutivo, pois ao trazer odres novos para o vinho novo, vai provocar a destruição dos odres velhos. E essa transição não é necessariamente tranquila ou desprovida de ônus. Pelo contrário, o processo traz em si visões dualísticas com forças antagônicas, de visões de estabilidade contrárias às de mudanças e que se chocam entre si. Tais características são típicas de mudanças estruturais radicais, que introduzem alterações profundas em hábitos, em condições de trabalho e em pontos de vista arraigados na cultura organizacional. As reformas gerais relacionadas com esse processo de *aggiornamento* foram descritas e analisadas no subcapítulo 3.1 *As mudanças na Igreja pós-conciliar, anteriores ao pontificado de Francisco*.⁷²

Encerro essa breve digressão e volto ao assunto do surgimento de novas mentalidades na Igreja pós-conciliar (Vaticano II), para tratar de um risco: é que a institucionalização da reforma “faz com que os ideais renovadores caiam na rotina e

⁷² Considerando que o processo de *aggiornamento* foi um dos principais objetivos do Concílio Vaticano II, é válido afirmar que a justificativa principal para a renúncia do Papa Bento XVI, em 10 de fevereiro de 2013, foi Ele reconhecer-se fisicamente incapaz para governar num ambiente de rápidas mudanças, e “agitado por questões de grande relevância para a vida da fé”, conforme declarou em sua carta de renúncia (Bento XVI, 2013). Não resta dúvida que o Papa se referia ao processo de *aggiornamento*.

desapareçam, na medida em que seus defensores vão saindo de cena ou que vão perdendo seu poder de convocação e agregação” (Passos, 2017, p. 364). Dessa maneira, o processo de institucionalização — embora paradoxal — não é passível de ser evitado em uma reforma, pois não se consegue contê-lo no curso natural da mudança.

Então, as reformas correm esse risco de se traduzirem em normas apenas e perderem seu propósito original de revolucionar as estruturas. As reformas de Francisco não se livram dessa situação e, assim, não conseguem ainda chegar às estruturas, especialmente, à Cúria Romana (cerne político) e ao Direito Canônico (centro legal) (Passos, 2017).

Sobre as oposições à hierarquia católica, que Francisco enfrenta e não esconde, posso dizer que se prendem à existência de dois projetos eclesiais distintos, convivendo em um mesmo corpo institucional. Usando uma tipologia sobre identidades sociais, do sociólogo Manuel Castells (*apud* Passos, 2017, p. 362), percebem-se esses dois projetos eclesiais da seguinte maneira: uma chamada *identidade legitimadora*, baseado na integração do grupo e manutenção da ordem institucional detentora do poder atual; e outra, denominada *identidade de projeto*, que consiste na proposta de “transformar as estruturas e construir uma nova ordem a partir de sujeitos sociais” (Passos, 2017, p. 362).

Para Passos (2017), o foco das divergências diz respeito ao confronto dessas identidades, que se relacionam entre si de modo dialético. Assim, membros confortavelmente instalados na hierarquia atual não necessitam de mudanças para continuar a desempenhar suas funções com competência, com plena fidelidade à Tradição e todo o amparo de uma teologia que vigora na Igreja. E se opõem aos que abraçam com fidelidade as ideias do Papa.

Para ambas, as reformas não são indispensáveis e nisso elas são unânimes, nada obstante possam utilizar argumentos diversos. Essa postura de oposição manifesta-se “como mera indiferença, como insatisfação silenciosa, como oposição explícita e como oposição reprimida” (Passos, 2017, p. 357).

Desse modo, enquanto as reformas não chegam até as estruturas, estas continuam funcionando normalmente, sem necessidade de qualquer mudança de rumos. Assim, as propostas de reforma de Francisco, estruturalmente, conforme analisa Passos (2017, p. 363), “podem ser acolhidas esteticamente como belos

discursos a serem repetidos, e não eticamente, como sementes de transformação e mudanças de valores e posturas”.

Passos (2017) ressalta ainda, que as reformas como um todo possibilitarão a completa reformulação da Igreja, a saber: a *mudança cultural*, de valores e crenças; a *mudança política*, constituída pela adoção dos novos valores difundidos pela cultura; e a *mudança institucional*, consistente no pacto em torno dos novos valores.

É importante considerar que numa sociedade as mudanças acontecem em ritmos diferentes, em grupos diferentes, em locais diferentes, sem atingir de imediato o todo. Pode-se afirmar que Francisco adotou a gradualidade, a pontualidade e a busca de consenso, sem utilizar a autoridade papal que permitiria medidas legais, radicais e vigência imediata. Parece que ele conta também com a sua forte espiritualidade para que as coisas se realizem em seu tempo certo. Isso garante também que ele mantenha “os rumos, as fundamentações e a serenidade em meio às múltiplas reações e às oposições frontais” (Passos, 2017, p. 366). Dessa forma, o discurso de Francisco (2016) à Cúria romana, na apresentação de votos natalícios, expõe com clareza as metas, os métodos e o caminho a ser seguido.

Por outro lado, o Papa sabe ser impossível uma *reforma institucional* imediata e geral. Essa impossibilidade decorre da falta de condições políticas e de um consenso dos integrantes da hierarquia. Por isso, ele não começou a reforma pelo *institucional*, embora objetivasse desde o seu início chegar até a Cúria — como agora já começa a fazer (Passos, 2017).

Dessa maneira, a reforma já atingiu a composição dos dicastérios e instituiu mecanismos organizacionais importantes, como o princípio da sinodalidade, por exemplo, e chegou às dioceses. Mas tudo é gradual, pois gradualidade é o critério do Papa. Francisco (2013b, n. 24-33) tem conclamado a todas e todos para que assumam a reforma inadiável da Igreja e colaborem na transformação da sociedade centrada no lucro e no consumismo.

Averiguo, porém, utilizando uma figura de Passos (2017), que as oposições às reformas são como brasas disfarçadas nas cinzas, mas prontas para ressurgir assim que a situação eclesial voltar a lhes ser favorável. Então, vão buscar legitimação na cúpula da Igreja. “Elas já estiveram presentes no Vaticano II e se alinharam politicamente na fase pós-conciliar, tornando-se cada vez mais visíveis e empoderadas politicamente desde o epicentro da Cúria Romana” (Passos, 2017, p. 359).

Resta analisar, a título de conclusão deste tema, a viabilidade de implementação de todas as reformas. Assim, as mudanças propostas por Francisco na estrutura da Igreja — boa parte ainda não implementada eficazmente, com seus resultados atingidos, até o final de 2022 — caso estivessem completadas, já careceriam de atualização, especialmente na sua parte de reestruturação organizacional, dentro do princípio de melhoria contínua, embutido no próprio princípio de *aggiornamento*. Por isso, e por tudo o mais que considere no presente trabalho, de resistências e de outras dificuldades importantes, reputo como o maior dos desafios dessas reformas a reestruturação da Cúria Romana, principalmente por necessitar de uma consolidação prévia de reformas e de uma *mudança de cultura* dentro da Igreja. “Trata-se, de fato, de um processo lento de renovação que atinge sujeitos, mentalidades e estruturas. A reforma estrutural constitui a fase conclusiva desse processo” (Passos, 2017, p. 353).

Sob outro enfoque, para a adoção do modelo *Teal de organização*, seu criador Frederic Laloux (2021) assevera que são necessárias duas condições críticas — e apenas duas — sem as quais nenhum processo deve ser nem mesmo iniciado. A primeira é a adesão do fundador ou principal líder e a segunda, a adesão do proprietário (no caso das organizações que têm um dono). O autor acrescenta que esses agentes devem ter interiorizado em si uma visão de mundo e uma qualificação psicológica compatível com o “desenvolvimento Evolutivo-*Teal*”, podendo harmonizar-se com tais conceitos e coexistir em conformidade com a adoção deles na prática. (Laloux, 2021, p. 337-338). Segundo meu entendimento, posso dizer que tais agentes, no caso da Igreja, são o Papa e os cardeais da Cúria Romana.

Não é demais lembrar que, ao falar de estrutura organizacional, não me refiro apenas aos órgãos visíveis no organograma e nas linhas hierárquicas, nas normas de procedimentos internos e nas descrições de funções. Trato mais do lado comportamental, da postura das pessoas que exercem lideranças e da dinâmica no inter-relacionamento dos membros da hierarquia com os demais sujeitos da Igreja e da sociedade, ou seja, com esse complexo conjunto social em mudança.

Esse conjunto social complexo teve sua composição descrita pelo sociólogo Manuel Castells, citado por João Décio Passos (2017, p.365), da seguinte maneira:

- a) as *instituições*, organismos resultantes de conflitos e de acordos efetivados entre sujeitos sociais, que têm práticas do passado arraigadas, que precisam ser

- mudadas para adaptar-se a novos tempos, mas são consideradas válidas para os dias de hoje, por quem as pratica;
- b) a *cultura*, definida como “valores e crenças vivenciadas”;
 - c) o processo *político*, definido como o conjunto de forças para manutenção, negação ou transformação do poder, numa dinâmica de interação dos sujeitos sociais;
 - d) os *sujeitos sociais*, aqueles que atuam na conjuntura política, sendo que os atuantes nas mudanças são diferenciados em duas classes, quais sejam, a do *movimento social*, que procura realizar a mudança cultural) e a da *política insurgente*, que visa a mudança institucional rompendo com a ordem estabelecida; e
 - e) o *espaço público*, que é o palco onde os valores são formados e transmitidos, abrangendo as ações de apoio e as rejeições às propostas que buscam suas legitimações e obtenção de consenso em seu favor (Passos, 2017, p. 365).

É particularmente interessante verificar que as ações de Francisco se caracterizam (nos termos de Castells) como *política insurgente* (de mudança institucional), e, concomitantemente, como *movimento social* (de reforma cultural) (Passos, 2017, 369).

Por outro lado, mesmo que Francisco consiga realizar as reestruturações pretendidas na Cúria e obtenha a adesão dos ocupantes dos cargos da hierarquia, isso não será suficiente para transformar a Igreja Católica num modelo de organização (na sua parte civil, jurídica, terrena) coerente com o seu tempo, numa perspectiva de Administração.

A humanidade vive uma época de mudanças de consciência, de grande amplitude, não somente no âmbito das organizações, mas também da sociedade toda (Laloux, 2021) — conforme situação que analiso neste trabalho.

Qualquer reestruturação organizacional, por mais abrupta e radical, depende da adesão da alta liderança que atua no modelo em vigor, a ser reformado. Assim, a Igreja precisa dos cardeais que comandam a Cúria como adeptos incondicionais das transformações propostas, dispostos a trabalhar diuturnamente por essas mudanças. Mesmo sem esquecer a valiosa adesão de todo o corpo episcopal, posso afirmar que enquanto esse grupo de cardeais favoráveis à mudança viver, apoiado por um Papa vivo, as mudanças caminharão até se consolidarem.

Considero que essa reestruturação de Francisco será um grande avanço para a Igreja. Com ela, e com as transformações que se processam nas organizações que compõem a sociedade, novas mudanças virão naturalmente, por exigência e pressão advindas das interações da própria Igreja no complexo organismo social em que atua, com suas mais variadas configurações (instituições governamentais e não governamentais, lucrativas e de outros fins, religiosas, assistenciais e de outras modalidades).

Penso, porém, que não se pode iludir quanto à certeza de realização das reformas em todas as suas dimensões. Assim, mesmo que se reduzam as oposições do episcopado, numericamente, em decorrência das ações de Francisco — tanto alterando a composição desse escalão da hierarquia, quanto buscando entusiasticamente consolidar novos valores eclesiais — mesmo assim, com certeza o próximo Pontífice estará inserido de modo importante nesse jogo inevitável de forças dentro da Igreja (Passos, 2017).

Antes de encerrar este subcapítulo quero aderir à conclusão do tema das reformas de Francisco, no geral, expressa por João Décio Passos (2017, p. 353) — que está atual, embora composta em 2016:

A reforma e o Papa reformador já fazem parte do imaginário eclesial e social na atualidade. Por essa razão, as reformas são agora naturalmente legítimas. Os pronunciamentos de várias naturezas feitos por Francisco se avolumam em quantidade, mas, sobretudo, em qualidade, de forma a compor um corpo robusto de ideias reformadoras.

As transformações vêm progressivamente se concretizando no Pontificado de Francisco, com reformas que, embora pontuais, formam um extraordinário construto reformador que germina e enraíza na maneira de pensar e de julgar do Magistério. “Um processo se encontra em marcha como semente que produzirá, por certo, efeitos imprevisíveis no futuro da Igreja” (Passos, 2017, p. 353).

Por fim, o próximo subcapítulo vai tratar da motivação para inovações e mudanças e servirá também de conclusão do capítulo todo.

3.3 A recepção da teologia do Vaticano II e a motivação na Congregação

Segundo Gonçalves (2005), a influência da teologia do Concílio Vaticano II na Igreja da América Latina foi marcada por uma forte dinâmica que refletiu seus conteúdos até mesmo nos efeitos histórico-teológicos posteriores ao Concílio. Tais efeitos incluíram a hermenêutica teológica, o pluralismo e a regionalização da teologia.

“A hermenêutica teológica proporcionou questionar a teologia apologética dogmatizante, fundamentada e fechada em determinados conceitos irredutíveis às interrogações e às possibilidades de aperfeiçoamentos de suas formas” (Geffre; De Lubac; Boff, C. *apud* Gonçalves, 2005, p. 83-84).

A teologia passou a ser desenvolvida considerando os textos da Escritura e da Tradição, explorando o contexto histórico, a filologia e a relação entre letra e espírito para compreender a Palavra de Deus na realidade atual e na história. Isso procurou eliminar o autoritarismo de algumas interpretações e a subserviência da teologia à letra doutrinária do magistério da Igreja, permitindo que uma verdade teológica emergisse de um testemunho histórico e de um consenso eclesial pluralista. (Gonçalves, 2005).

Assim, o pluralismo teológico se manifestou na América Latina como resultado do Concílio. Diferentes perspectivas afloraram, como a teologia da história, a teologia transcendental e as teologias da experiência, secularização, política e feminista. Isso levou a uma diversidade na produção teológica, superando centralismos religiosos e eclesiocentrismos. A teologia agora não se limitava à religião ou à Igreja como únicas perspectivas de salvação, mas abraçava a secularização como parte da compreensão da ação divina na história.

A seguir analisarei as consequências da recepção da teologia do Vaticano II, no surgimento da Teologia da Libertação na Igreja da América Latina e, mais adiante, refletirei sobre as motivações para as mudanças na Congregação. Para tanto, me servirei das reflexões e análises de Gonçalves (2000; 2005, p. 84-90).⁷³

A Teologia da Libertação surgiu como um resultado direto da recepção da teologia pós-conciliar (Vaticano II) na América Latina. Ela passou por duas fases

⁷³ Nestas páginas, Gonçalves (2005) cita vários outros autores, como: Metz; Militello; Van Lunen Chenu; King; Dupuis; Torres Queiruga; Dhavamony; Marson; Lois; Garcia Rubio; MCGovern; Oliveros; Gutiérrez; Assmann; Congregação para a doutrina da fé; Conselho editorial; Boff, C.; Segundo, J.L.; Antoncich; Antoncich e Sans; Scannone; Mesters; Richard; Tepedino; Caravias e Souza; Marzal; Boff, L.

principais: formação e consolidação. Durante as décadas de 1960 e 1970, essa teologia foi concebida como uma resposta à necessidade de teorizar a prática histórica da libertação dos pobres, incorporando perspectivas políticas e contextuais. Assim, nasceu fundada nas condições sociais e políticas da América Latina, marcadas pela pobreza, desigualdade e opressão. Na década de 1980, houve uma consolidação desse desenvolvimento, com revisões e expansões, levando à emergência da Teologia da Libertação como uma teologia sistemática.⁷⁴ Nessa fase da consolidação a Teologia da Libertação firmou-se nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Essa fase caracterizou-se também por tensões com autoridades eclesásticas, motivadas principalmente à ênfase na dimensão política dessa teologia e à crítica às estruturas de poder estabelecidas.

Ainda outras duas fases são geralmente consideradas no estudo da Teologia da Libertação: uma anterior à consolidação, portanto intermediária, e outra posterior, final. A intermediária denomina-se “desenvolvimento” e a final pode ser chamada de “novos investimentos”. Na fase de desenvolvimento, teólogos enunciaram as bases teológicas, com ênfase na leitura bíblica a partir da perspectiva dos pobres e o entendimento de Deus como aliado dos oprimidos. Nessa fase, líderes religiosos envolveram-se ativamente em movimentos sociais e políticos que buscavam a justiça e a igualdade. Na fase de novos investimentos, a Teologia da Libertação procurou adaptar-se a novos contextos e desafios, mas sem relegar o seu compromisso com a promoção da justiça social. Caracterizou-se por empenhar-se na promoção do diálogo inter-religioso, considerando a diversidade de experiências e perspectivas na luta por justiça.

É importante discutir os conceitos de “libertação” e de “pobre”, em breve digressão. Baseio-me no teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, reconhecido por sua contribuição — uma das principais — para a Teologia da Libertação. Uma das ideias centrais desse autor estrutura-se na “opção pelos pobres”, argumentando que a fé cristã deve se compor do serviço aos mais necessitados, ideia igualmente central do Concílio Vaticano II. Destaco, para uma visão geral a respeito da Teologia da Libertação, os seguintes pensamentos de Gutiérrez (1975):

⁷⁴ A teologia sistemática é a disciplina da teologia cristã que trabalha na chave da racionalização, procurando ordenar a fé e as crenças cristãs em áreas afins, numa estruturação sistêmica, explicando contradições e, com isso, estabelecendo um grande sistema explicativo. É diferente da teologia bíblica, que utiliza técnicas como a exegese, por exemplo. Dessa forma, a teologia sistemática associa-se mais à apologética cristã.

- a) critica as estruturas de poder que perpetuam a pobreza e a desigualdade, com destaque para o sistema capitalista que oprime os pobres; a Igreja deve desafiar essas estruturas em nome de promover a justiça;
- b) enfatiza que a verdadeira liberdade só pode ser alcançada quando as pessoas forem libertadas das injustiças sociais que as oprimem;
- c) destaca a importância da solidariedade e da formação de comunidades comprometidas com a justiça social. Assim, as pessoas cristãs devem trabalhar juntas para criar uma sociedade mais justa;
- d) acredita que a espiritualidade cristã deve motivar a ação em favor dos pobres;
- e
- e) desafia a indiferença ao sofrimento dos pobres, inspirando cristãs e cristãos a se engajarem na luta contra a pobreza e a injustiça e agindo de acordo com a sua fé.

Assim, no contexto do período imediato ao Concílio Vaticano II, Gutiérrez (1975, p. 33) escreve que os países pobres “tomam consciência cada vez mais clara de que seu subdesenvolvimento não é mais que subproduto do desenvolvimento de outros países devido ao tipo de relação que mantêm atualmente com eles”.

Desse modo, o desenvolvimento dos países pobres não se fará, a não ser que lutem pela ruptura da dominação exercida pelos países ricos. Isso leva a uma análise da ação na perspectiva da necessidade de conflito. Com isso, para desenvolver-se o país deve atacar as causas dos entraves, quais sejam “a dependência econômica, social, política e cultural de uns povos com relação a outros — expressão da dominação de umas classes sociais sobre outras” (Gutiérrez, 1975, p. 33).

Por conseguinte, buscar melhorias sem quebrar essa ordem social não produz um efeito real, uma mudança efetiva. Isso implica transformações radicais no conjunto das estruturas socioeconômicas e jurídicas relativas à propriedade e, mudança profunda na estrutura de poder, especialmente quanto aos mecanismos de acesso e de participação efetiva nas decisões, por parte das pessoas de fora do grupo social dominante. Gutiérrez (1975, p. 34) fala da necessidade de “uma revolução social que rompa com tal dependência”, a fim de tornar possível uma “sociedade socialista”.

É nessa perspectiva que o processo de libertação ganha o seu conteúdo humano. Nesse contexto, “libertação exprime, com efeito, o iniludível momento da ruptura, alheio ao uso corrente do termo desenvolvimento” (Gutiérrez, 1975, p. 34). É nessa situação que uma política de desenvolvimento pode se tornar eficiente, com

consciência e discernimento para evitar erros fatais em sua articulação. O referido autor prossegue:

Caracterizar a situação dos países pobres como dominados e oprimidos leva a falar de uma libertação econômica, social, política. Está em jogo, porém, uma visão muito mais integral e profunda da existência humana e de seu devir histórico.

Profunda e ampla aspiração à libertação anima hoje a história humana. Libertação de tudo que limita ou impede ao homem a realização de si mesmo, de tudo que trava o acesso de sua liberdade ou exercício dela (Gutiérrez, 1975, p. 34).

É igualmente importante acrescentar o conceito de “pobre” nessa discussão. No pensamento de Gutiérrez (1975), o conceito de “pobre” e de pobreza fundamenta-se em análise social, econômica e política, além de se valer de importante base teológica. Embora a análise do contexto socioeconômico da América Latina na época do surgimento da Teologia da Libertação destacasse a desigualdade econômica e a pobreza generalizada, Gutiérrez (1975) enfatiza que a pobreza não é apenas uma condição material, mas também uma situação social e espiritual, que inclui a análise das estruturas de opressão na busca da transformação da sociedade. Nesse sentido, a análise e reflexão teológica destaca a importância de ouvir e aprender com a experiência dos pobres como base para a ação social.

Volto a análise à Teologia da Libertação que destaca a libertação como uma conotação histórica e soteriológica, por meio da articulação da fé com a experiência dos pobres. Ela se fundamenta em três mediações essenciais: “a socioanalítica, a hermenêutica e a teórico-prática” (Gonçalves, 2005, p. 89).

A mediação socioanalítica compreende a análise sociológica, política, econômica e cultural da realidade histórica, utilizando instrumentos analíticos, incluindo influências do marxismo, para compreender de maneira científica as condições em que os oprimidos vivem. A mediação hermenêutica envolve a interpretação correta das Escrituras e da Tradição à luz do contexto e do texto, buscando a Palavra de Deus e explorando a doutrina social da Igreja para compreender melhor a realidade. Por último, a mediação teórico-prática enfatiza a dimensão militante da teologia, mostrando que ela não é apenas um discurso distante da realidade. “É o momento de explicitar a concretização do amor evangélico mediante a práxis histórica de libertação dos oprimidos na luta contra a pobreza e a opressão” (Gonçalves, 2005, p. 89).

A Teologia da Libertação, se manifesta em três modos: popular, pastoral e acadêmico. Ela redimensiona todos os tratados teológicos à luz da perspectiva dos pobres, enfatizando uma relação dinâmica entre fé e contexto. Essa abordagem resulta em uma compreensão mais aberta da revelação na qual Deus se encontra com os seres humanos no tempo, espaço e cultura.

Com tudo isso, posso sintetizar que a teologia pós-conciliar, especialmente a Teologia da Libertação, teve um impacto significativo na Igreja da América Latina. Ela não só enfatizou a relação entre fé e contexto, mas também valorizou a diversidade teológica e encorajou a aplicação prática da teologia na luta por justiça e libertação dos oprimidos. A Teologia da Libertação emerge como uma resposta contextual e profunda aos desafios sociais e políticos da América Latina.

Por sua vez, as Irmãs Calvarianas não incentivaram a participação, nem militaram na política partidária, na sua vida eclesial pós-conciliar (Vaticano II). A sua atuação social, de assistência aos mais necessitados tem evidente significado sociopolítico — e mesmo político, no seu sentido amplo. O que se vê nos registros dos debates internos e das ações eclesiais são posturas condizentes com a orientação emanada de Puebla,⁷⁵ recomendando a participação política a religiosas, mas sem envolvimento partidário nem vinculação a uma ideologia específica, conforme descrição mais completa que faço no Apêndice A.

No que respeita a leigas e leigos, a atividade político-partidária, especialmente por ocasião das eleições, ficou explícita inclusive nos grupos de discussão e de estudo. No grupo de leigas e leigos do Colégio Madre Cecília, de Campinas, atuam, mais ativa e politicamente, pessoas de orientação geral progressista, sendo algumas simpatizantes da Teologia da Libertação. Por exemplo, integra o grupo a ex-prefeita de Campinas, Izalene Tiene, assistente social e política militante.⁷⁶ Atua com outras pessoas contribuindo materialmente ou com prestação de serviço voluntário ao acampamento Marielle Vive, em Valinhos, cidade da Região Metropolitana de

⁷⁵ Orientação consubstanciada na Terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla de Los Angeles, México, em 1979, cuja doutrina complementa o que foi iniciado na Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín, na Colômbia, em 1968.

⁷⁶ Izalene Tiene foi vice-prefeita de Antônio da Costa Santos, o Toninho do PT, prefeito de Campinas assassinado em 2001. Izalene assumiu o cargo, então, e foi a primeira mulher prefeita da cidade, cumprindo seu mandato até 2004. É filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Campinas.⁷⁷ Faz trabalhos missionários na Amazônia em colaboração com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Além disso, ao tratar da motivação geral para as mudanças na Congregação, faço a descrição e reflexão sobre as principais inovações introduzidas pelo Vaticano II — relativas à liturgia, à pastoral, à doutrina social e aos dogmas — e sobre o significado delas para a vida eclesial na Congregação e na Igreja em geral. Embora já tenha descrito essas mudanças como reformas gerais promovidas pelo Concílio, no subcapítulo 3.1 *As mudanças na Igreja pós-conciliar, anteriores ao pontificado de Francisco*, procuro agora refletir sobre a recepção da teologia do Concílio como agente das mudanças na Congregação.

Com isso, concluirei o presente capítulo. Nessa perspectiva, e diante do volume de mudanças ocorridas, busco sintetizar, a partir das quatro constituições: *Sacrosantum Concilium (SC)*⁷⁸; *Lumen Gentium (LG)*⁷⁹, *Dei Verbum (DV)*⁸⁰ e *Gaudium et Spes (GS)*⁸¹. No entanto, diante da extensão desses documentos conciliares, evidenciarei aquelas mudanças que repercutiram mais na vida eclesial, baseando-me na seleção dos pontos principais da análise de Elio Guerriero (2023). Ao adotar esse critério de seleção, acredito abranger também todas as transformações decorrentes das principais rupturas causadoras dessas mudanças na Igreja pós-conciliar (Vaticano

⁷⁷ Acampamento *Marielle Vive*, constitui-se de um grupo de famílias acampadas — ao menos setecentas já viveram lá — em área sujeita a reforma agrária, ligado ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), o qual se autodefine como “movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil”. Disponível em <https://mst.org.br/2021/12/01/acampamento-marielle-vive-em-sao-paulo-entenda-a-historia-de-luta-e-resistencia/>; e em <https://www.instagram.com/acampamentomariellevivesp/>

⁷⁸ *Sacrosantum Concilium (SC)*. Constituição conciliar do Vaticano II, sobre a sagrada liturgia: Sacrossanto Concílio. Papa Paulo VI, em 4 de dezembro de 1963.

⁷⁹ *Lumen Gentium (LG)*. Constituição dogmática do Concílio Vaticano II, sobre a Igreja: Luz dos Povos. (Paulo VI, 1964).

⁸⁰ *Dei Verbum (DV)*. Constituição dogmática do Concílio Vaticano II, sobre a revelação divina: Palavra de Deus. Papa Paulo VI, em 18 de novembro de 1965.

⁸¹ *Gaudium et Spes (GS)*. Constituição pastoral do Concílio Vaticano II: Alegria e Esperança. Papa Paulo VI, em 7 de dezembro de 1965. É chamada “pastoral”, porque, “apoiando-se em princípios doutrinários, pretende expor as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje.” Compõe-se de duas partes, mas forma um todo unitário. “Na primeira parte a Igreja expõe a sua própria doutrina acerca do homem, do mundo no qual o homem está integrado e da sua relação para com eles. Na segunda, considera mais expressamente vários aspectos da vida e da sociedade contemporâneas, e sobretudo as questões e os problemas que, nesses domínios, padecem hoje de maior urgência” (Paulo VI, 1965, nota n. 1).

II).⁸² Desenvolvo primeiro, o ponto da celebração da Missa em vernáculo, mudança que já abordei no desdobramento 3.1.2, sob outra perspectiva, falando das reformas gerais. A constituição litúrgica sobre a reforma e renovação da liturgia (SC), encoraja maior participação na celebração dos sacramentos e realça a importância das práticas do culto religioso na vida espiritual de católicas e católicos. Assim, ela explica ser essencial substituir o latim pelo idioma vernáculo, para estimular os fiéis a compartilharem da Missa, deixando de ser espectadores para se integrarem ao banquete, como convidados a essa Mesa Eucarística. Logo nos primeiros anos de implementação dessa mudança, surgiram na Igreja dois focos antagônicos de tensão. Um grupo estava apressado para implantar a inovação e até exagerava no entusiasmo e na valorização do novo rito e da modernização da estrutura e prática da Igreja em geral. Outro grupo, composto de pessoas saudosistas da língua latina, não desejava adotar o novo rito, e reputavam o antigo como um patrimônio construído em muitos séculos de vivência católica. Com o tempo, reduziram-se esses focos de tensão e a Igreja conseguiu evitar um cisma, equilibrando a situação, mesmo tendo de autorizar algumas igrejas a manterem o rito tradicional. Essa mudança contribuiu para estimular o espírito de inovação na Congregação.

Como segundo ponto, reflito sobre a preocupação do Vaticano II com as igrejas locais, que se diferenciou da visão do Vaticano I, até então direcionada para manter a unidade da igreja e preservar o governo papal centralizado (consoante a *Lumen Gentium*). Dessa forma, a preocupação maior passou a ser ampliar a participação dos bispos, incrementando a atuação das igrejas locais. Os bispos não são apenas executores das ordens papais. Como sucessores dos Apóstolos, são responsáveis pela difusão do Evangelho no mundo. Assim, as Conferências Episcopais, tomam para si uma atuação mais ampla; e o Sínodo dos Bispos também é constituído e assume sua nova missão. Isso altera a estrutura hierárquica, a relação entre os fiéis, o formato da obediência, o papel das leigas e leigos em vista do chamado universal à santidade.

⁸² Esses são alguns dos pontos que influenciaram as mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II, no seu esforço para adaptar a Igreja às demandas e desafios do mundo contemporâneo. O estudo mais aprofundado dessas rupturas, no campo hermenêutico e epistemológico, por sua extensão e complexidade, não se enquadram no escopo e dimensões do presente trabalho. As rupturas específicas do âmbito da Congregação, além daquelas gerais da Igreja citadas, são objeto de reflexões e análises que permeiam todo o texto desta dissertação, especialmente o subcapítulo 4.2 *Mudança de paradigma: uma visão de Teologia e de Administração* e o 2.2 *A formação da Família Calvariana*.

No terceiro ponto de reflexão, enfatizo a importância da Sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamento, para todos os fiéis, que criou mais oportunidades na vivência eclesial para os fiéis leigos, homens e mulheres, aproximarem-se da Palavra de Deus, meditem sobre ela e colocá-la em prática (segundo a *Dei Verbum*). Aponto também a Tradição apostólica como parte integrante da fé católica.

Por último, teço considerações sobre a relação da Igreja com o mundo contemporâneo. Assim, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* busca a maior compreensão e compromisso da Igreja, Povo de Deus, com as realidades sociais, culturais e políticas, sempre com base nos princípios da fé cristã e das interpretações segundo um único critério: o Evangelho. Assim, a constituição que define o papel da Igreja no mundo contemporâneo, declara, logo no seu início:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seus corações (Paulo VI, 1965, n. 1).

Por tudo isso, concluo que o Concílio Vaticano II trouxe inspiração às ideias inovadoras que subsistiam no seio da Congregação e ganharam força com as mudanças estabelecidas no Concílio e, em especial, com o esforço do Papa Francisco para implementar as reformas. É válido ressaltar as ideias que mais entusiasmaram as Irmãs, quais sejam, a de vida em comunhão incluindo leigas e leigos, para atendimento às crucificadas e crucificados, na vivência do Carisma Calvariano; e as de descentralização de autoridade, valorizando o diálogo e a circularidade nas discussões e nas tomadas de decisão, distribuindo funções e criando conselhos de assessoramento e grupos com autogestão.⁸³

Por fim, resalto que as ponderações sobre esse processo de mudança e as análises consequentes constituem o cerne do presente trabalho e permeiam também o capítulo seguinte e a parte epilodal, *5 Considerações finais*.

⁸³ Defino *crucificadas* e *crucificados* no subcapítulo 4.1 *Os fundamentos da Espiritualidade Calvariana e o espírito de inovação*

4 AS MUDANÇAS NA CONGREGAÇÃO, DE 2012 A 2022

Primeiramente, analiso estudos realizados pela Congregação, na busca de um novo modelo de organização que possibilite sua adaptação aos tempos de hoje — e com visão de futuro —, permitindo até mesmo sua *refundação*.⁸⁴

Isso ocorre no momento histórico da Instituição, quando assumiu a sua nova configuração como Família Calvariana, que se constitui oficialmente com a recepção de leigas e leigos para compartilharem da vivência eclesial das Irmãs, consolidando e oficializando as transformações na forma de vida religiosa na Congregação.

Verifico que uma nova maneira de ver a Congregação recende no seio dela, no seu dia a dia, e aparece nos pronunciamentos de suas lideranças internas, registradas nos anais e noutras memórias.

Assim é que, por exemplo, no prefácio de um dos textos que narram a vida do fundador, a Irmã Jeni Zago, Superiora Geral da Congregação em 2000, fala sobre a importância de uma *refundação* para mergulhar em suas origens onde estão guardados os sonhos dos fundadores. E segue falando de tais sonhos fundacionais: “Com eles concentra seu olhar no Calvário, aprofunda a contemplação e retoma a espiritualidade, o carisma e a missão. Reencantada pela beleza desses tesouros originais, cria instrumentos de partilha e comunicação” (Zago, 2001).

Dessa forma, estrutura este capítulo em três subcapítulos, para contemplar os aspectos essenciais dessas mudanças, especialmente os seguintes: os fundamentos da espiritualidade, a mudança de paradigma numa perspectiva conceitual e o reinventar-se, na prática.

4.1 Os fundamentos da Espiritualidade Calvariana e o espírito de inovação

A base daqueles *tesouros originais* aos quais se referiu Irmã Jeni Zago (2001), ou seja, a origem da Espiritualidade Calvariana, está no Calvário, lugar do amor radical de Jesus, que amou a humanidade até o fim — até o ponto máximo do amor de Cristo

⁸⁴ Sobre *refundação*, esclareço que o termo *refundar* tem neste trabalho o sentido lato de reformar, fundar de novo, mas aparece também com uma significação restrita de renovar e adaptar a vida religiosa, abrangendo ainda mudanças no modelo organizacional. No início do subcapítulo 4.1 *Os fundamentos da Espiritualidade Calvariana e o espírito de inovação*, há uma definição da finalidade da *refundação*, dada pela Superiora, Ir. Jeni Zago. Naquele momento da Congregação buscava-se um novo jeito de ser – iniciava-se uma *refundação* não planejada e por isso vista como mais espontânea e autêntica.

ao Pai e à humanidade, tornando compreensível e visível a ternura do amor de Deus, destinado a cada um dos seres humanos. “Deus se revela na cruz na sua máxima expressão de Misericórdia”, abraça a humanidade toda e devolve a vida às pessoas e as leva a compreender a Ressurreição (João Paulo II *apud* Congregação, 2012, p. 11).⁸⁵ Assim nasce a espiritualidade como Profecia.

A Congregação prossegue, em seu *Capítulo Geral/2012*:

A Espiritualidade Calvariana se encarna nos calvários dos povos, de cada homem e [cada] mulher, de cada cultura, para caminhar em direção à libertação integral, histórica e cósmica. O Calvário se inscreve na Dinâmica Pascal de Jesus, que começa em sua encarnação, prossegue ao longo de toda sua vida, culmina na cruz e abre para a VIDA. Na cruz, Jesus entrega seu Espírito para continuar sua Missão na Igreja e no mundo (Congregação, 2012, p. 11).

Essa Espiritualidade nasce nesse espaço e tempo teológicos: o Calvário. Ali é o lugar onde se concretiza o amor de Deus por toda a humanidade, gerando a solidariedade e irmandade de todos os seres humanos. É o clímax do *amor até o fim* vivido por Jesus.⁸⁶

Ali, de pé junto à cruz, Maria mostra que o Espírito habita Nela e contempla o que é o Amor de Deus para com a humanidade toda: a Paixão de seu Filho. Essa passagem bíblica é mítica na Congregação, a mais simbólica para a Espiritualidade Calvariana. Assim, a Família Calvariana recebe como um convite irrecusável as palavras de Jesus à sua Mãe e ao Discípulo Amado: “Mulher, eis aí o teu filho. Filho, eis tua mãe” (Jo 19, 25-27).⁸⁷

⁸⁵ A Congregação menciona citação indireta do Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Dives in Misericordiae* (JOÃO PAULO II, 1980, n. 2).

⁸⁶ “O Calvário é lugar teológico: [é] onde o discípulo e a discípula são interpelados ao crescimento na gratuidade e no serviço ao Reino anunciado por Jesus. A ternura se aprende no Calvário como expressão concreta do Amor de Deus pelo ser humano e por toda a criação, e se manifesta no cuidado para com o que sofre, em fidelidade e Amor; [é o lugar] da loucura do Amor sem medida de Deus, onde contemplamos Jesus Vivo e Crucificado, o que nos faz entrar na dinâmica do Amor Trinitário; [é o lugar] de encontro, de comunhão, de morte, ressurreição e vida; [é o lugar] que gera solidariedade e irmandade. A comunidade solidária e compassiva aos pés da cruz confirma um novo modelo de relações cujo centro é o ‘*amor até o fim*’ (Jo. 13,1), vivido por Jesus” (Congregação, 2012, p. 11-12).

⁸⁷ O *Discípulo Amado* é uma figura que reputo por misteriosa, pois nunca foi explicitamente identificado. A tradição cristã geralmente o associa ao apóstolo João, irmão de Tiago. A esse João é também creditada a autoria do Evangelho de João, das três cartas de João e do livro do Apocalipse. “As palavras de Jesus na cruz para sua Mãe e para o Discípulo Amado são um convite a acolhermos com todo nosso ser a todos os crucificados e crucificadas, vivendo a Maternidade Universal e testemunhando a Esperança no coração do mundo” (Congregação, 2012, p. 12).

É um chamado a doar-se e pôr-se ao serviço do acolhimento às crucificadas e aos crucificados, para vivenciar a *Maternidade Universal*.⁸⁸ (Congregação, 2012).

Na perspectiva da vivência Calvariana, coerentemente com a teologia da Igreja, consideram-se crucificadas e crucificados as pessoas que sofrem injustiças e opressões no mundo todo. Isso inclui vítimas de violência, guerra, fome, pobreza, exclusão social, síndrome, doença e outras formas de sofrimento humano. Desse modo, a Congregação ressalta a importância da oração e da solidariedade com os que sofrem, e adota a orientação da Igreja de realizar gestos concretos de caridade e misericórdia, como a ajuda aos pobres, a visita aos doentes, o acolhimento aos migrantes e refugiados e o apoio aos movimentos sociais que lutam pelos direitos humanos e pela justiça social.

A Espiritualidade Calvariana tem presente o sofrimento como inerente à vida humana. Fundada na cruz, coloca-se nesse campo da Paixão de Jesus e propõe às pessoas adeptas do Carisma que vivam a experiência com Maria e as outras mulheres que estiveram ao pé da cruz, para abraçar e acolher as crucificadas e crucificados do mundo todo.

Assim, o Carisma Fundacional tem sua base em *Maria ao pé da cruz*, e está resumido no Anexo G e ilustrado ali, na Figura 5. Nesse mesmo anexo, a Figura 7 constitui o ícone do *Capítulo Geral/2018* da Congregação, um símbolo da Espiritualidade e da Mística Calvarianas; essa pintura tem também uma interpretação escrita pelo seu autor, e provoca a reflexão sobre a vivência do Carisma na Família Calvariana. A postura e a performance de outras duas Marias que estiveram ao pé da cruz (junto com o Discípulo Amado), completam a base evangélica da Espiritualidade Calvariana. O Anexo G mostra ainda esse arremate e dá retoques finais a esses fundamentos.

Trato, até aqui, de toda a abordagem teológica da Congregação a respeito da sua espiritualidade. Adiante, no decorrer de minhas análises nesta parte do trabalho,

⁸⁸ *Maternidade Universal*: significa neste contexto que “Deus se revela na cruz na sua máxima expressão de Misericórdia” (João Paulo II *apud* Congregação, 2012, p. 11). Maria se encontra no Calvário, pois ela é “aquela que, de modo particular e excepcional — como ninguém mais —, experimentou a misericórdia e, também de modo excepcional, tornou possível com o sacrifício do coração a sua participação na revelação da misericórdia divina. Este seu sacrifício está intimamente ligado à cruz do seu Filho, aos pés da qual ela haveria de encontrar-se no Calvário” (João Paulo II, 1980, n. 9). “Maria, de pé, junto à cruz de Jesus, deixa-se habitar pelo Espírito. Em seu Filho, a Mãe contempla o que é o Amor de Deus por cada ser humano. Ela nos leva a viver a acolhida, a delicadeza, a gratuidade, a atenção do coração no ver, no escutar, no amar a todos e todas com coração materno” (Congregação, 2012, p. 12).

cuidarei de abordar tais construtos teológicos sob viés crítico fundamentado nas Ciências da Religião.

Assim, a partir de final do século XX e chegando a 2012, desenvolve-se o movimento seminal de renovação e revigoração no âmago da Congregação. Essa mobilização culminou com a oficialização, em 2018, da Família Calvariana, integrando religiosas, leigas e leigos. Deste modo, criam-se condições para adaptar a vida religiosa e renovar a organização, a fim de adequá-la a novos estágios organizacionais e sociais, em mudança a ser estruturada com base em novo paradigma (a ser tratado no subcapítulo seguinte).

No início do século XXI processam-se mudanças revolucionárias nas tecnologias de comunicação na sociedade mundial, concomitantemente com transformações na consciência da humanidade, na cultura e nos sistemas sociais, segundo Frederic Laloux (2021). Este é o autor no qual a Congregação se baseia conceitualmente, para definir e processar as remodelações na estrutura organizacional.

Tais mudanças abrangem não só o aspecto formal da estrutura, de organogramas, atribuições, funções e normas, mas também compreendem valores, comportamentos, formas de lideranças, modelos de gerência e de tomadas de decisões.

O Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965, já havia provocado o movimento de mudança na Congregação, a partir dos anos 1970, ao enfatizar a *opção preferencial pelos pobres*, o que encorajava ainda mais as Irmãs no seu discipulado missionário de atender as pessoas pobres e marginalizadas. Com o início do pontificado do Papa Francisco, no ano de 2013, o movimento de integração de leigas e leigos e de mudança na estrutura da organização ganhou mais fôlego, em consonância com as mudanças que se desenvolviam na Igreja toda. Se o movimento de mudança na Congregação, iniciado nos anos seguintes ao Concílio Vaticano II, pudesse ter sido visto como originário da interpretação teológica da Teologia da Libertação, mesmo assim essa visão teria se extinguido a partir de 2013, com o novo papado.

Com Francisco, a Igreja parecia não endossar as ideias e práticas da Teologia da Libertação (TL) — pelo menos não o fazia direta e explicitamente. Isso decorria da intenção de Francisco de contornar controvérsias fortes existentes dentro da Igreja, segundo minha análise. Assim, o pontificado franciscano adotou e enfatizou os

princípios e ideias do Concílio Vaticano II, sem precisar incentivar especificamente a TL, pois o próprio Concílio havia criado o ambiente propício ao desenvolvimento daquele movimento teológico. Levo em conta ainda nessa reflexão que Francisco proveio da Teologia do Povo, considerada uma vertente da teologia da libertação na Argentina (Scannone, 2019) — analiso esse ponto adiante, neste subcapítulo.

Antes, faço um breve excursão. Segundo Gonçalves (2020, p. 587), a Teologia da Libertação

[...] é um sistema teológico que, em seu todo, concebido na circularidade hermenêutica e na transversalidade epistemológica, realça a historicidade da salvação, de modo que não apenas relaciona a transcendência com a imanência, mas na própria imanência histórica já está a transcendência.

A circularidade hermenêutica é o processo de diálogo permanente entre a fé, a prática social e a interpretação das Escrituras.⁸⁹ Assim, a Bíblia não se constitui apenas num texto quase estático, mas num escrito ativo que promove a ação transformadora. A circularidade hermenêutica permite que as experiências dos oprimidos e a realidade social sejam consideradas na interpretação das Escrituras, ao mesmo tempo em que essas mesmas mensagens bíblicas orientam a luta por justiça. Assim, uma reflexão teológica é enriquecida pela interação contínua entre teoria e prática, entre fé e ação, inspirando uma percepção melhor, por meio de investigações mais profundas, das questões sociais à luz do Evangelho.

A transversalidade epistemológica, por sua vez, está relacionada à sua abordagem interdisciplinar, evidenciando que a análise teológica não pode ser fechada em si mesma, mas deve ser aberta ao diálogo com outras disciplinas, como sociologia, política, economia e antropologia. Essa abordagem transversal enriquece a reflexão teológica, permitindo que se fundamente em uma análise crítica da realidade social e econômica, a partir da compreensão, em especial, dos sistemas sociais de opressão e das possibilidades de transformação dessa realidade. Dessa forma, a Teologia da Libertação transcende as fronteiras estritas da teologia tradicional e busca soluções, numa perspectiva de integralidade, numa visão holística,

⁸⁹ Esse conceito de *circularidade*, de substância teológica, difere daquele largamente utilizado na Congregação, de conotação organizacional e de liderança, entendido como a postura de diálogo nas discussões e de democratização das relações e dos procedimentos nas tomadas de decisão — mas sem perder o sentido transcendental —, conforme tratei no subcapítulo 2.1 *História da fundação na França e da presença das Irmãs no Brasil*, em 2.1.1.

para os problemas enfrentados pelas pessoas em situação de vulnerabilidade social, que vivem em comunidades à margem da assistência e da proteção da sociedade.

Segundo Gonçalves (2020 p. 591),

As críticas à teologia da libertação [na Instrução da Igreja⁹⁰] se referem a três elementos fundamentais: o uso das mediações em teologia, especialmente a mediação filosófico-social oriunda da vertente marxista; a hermenêutica bíblica que teria se concentrado no evento do êxodo no antigo testamento, diminuindo axiologicamente o evento Cristo; e o predomínio da imanência que torna o Cristianismo uma religião que se exaure na história.

No primeiro elemento está o marxismo, considerado pela Instrução uma ideologia incompatível com a fé cristã, por ser fundamentada em lutas de classes, com um “racionalismo científico” exigindo “um método rigoroso em que, epistemologicamente, a teologia tem de partir de uma leitura analítica da realidade,” e sustenta um materialismo que promove um “ateísmo prático” (Gonçalves, 2020, p. 591).

O segundo elemento aborda a questão da imanência prevalecendo sobre a transcendência; assim é que ao priorizar o evento do êxodo israelita no seu construto teológico, “a hermenêutica libertadora se desenvolve no âmbito da imanência, pouco afirmando a transcendência, que é tão relevante em teologia” (Gonçalves, 2020, p. 591). Desse modo, a Instrução da Igreja critica o fato de que, ao priorizar a libertação social da escravidão e da opressão que sofrem os pobres, a teologia coloca esse povo marginalizado e oprimido em oposição aos poderosos e, com isso, ressalta o Jesus histórico em detrimento da percepção do Cristo da fé. Tal se caracteriza uma leitura política da Bíblia, salientando o “messianismo temporal, que é uma das expressões mais radicais da secularização do reino de Deus e de sua absorção na imanência da história humana” (Sagrada Congregação, 1984, n. X, 7, *apud* Gonçalves, 2020, p. 591-592). “Essa perspectiva hermenêutica afirma exclusivamente o caráter político da morte de Cristo e o caráter político do cristianismo na história, isentando a ambos do motivo soteriológico transcendental” (Sagrada Congregação, 1984, n. X, 11-13, *apud* Gonçalves, 2020, p. 592).

O terceiro elemento caracteriza-se pelo seu caráter imanente ao cristianismo, que sobressai do pensamento de alguns teólogos da libertação, os quais ressaltam o

⁹⁰ A Congregação para a Doutrina da Fé expediu duas instruções sobre a Teologia da Libertação. Aqui se trata da primeira, *Libertatis Nuntius* (Sagrada Congregação, 1984). Menciono a segunda adiante, neste tópico.

aspecto político na missão da Igreja. Esse destaque acentuado da configuração política da missão da Igreja fica evidenciado na expressão “Igreja dos pobres” ou “Igreja do povo”, trazendo à tona “uma Igreja de classe, que tomou consciência da necessidade da luta revolucionária como etapa rumo à libertação e que a celebra na sua liturgia” (Sagrada Congregação, 1984, *apud* Gonçalves, 2020, p. 592). “Por isso, propicia-se uma forte crítica à estrutura da Igreja e diminui-se o caráter escatológico dessa mesma Igreja, para levar a cabo uma Igreja da imanência” (Gonçalves, 2020, p. 592).

Antes de encerrar esta digressão é válido lembrar que a Congregação para a Doutrina da Fé emitiu duas instruções no âmbito do debate da Teologia da Libertação com a Igreja. Já me referi à primeira, *Libertatis Nuntius*, aquela sobre a qual concluí minha reflexão acima. A segunda é a que “tem origem no contexto de debate entre teólogos, magistério eclesiástico vaticano e magistério eclesiástico latino-americano” (Gonçalves, 2020, p. 592). Neste ambiente muitas correspondências foram trocadas entre as instâncias envolvidas, nessa esfera de pensamento, (Gonçalves, 1997, *apud* Gonçalves, 2020) e aconteceu a produção de reações sistemáticas que provocaram o debate (Juan L. Segundo *apud* Gonçalves, 2020).⁹¹

Encerro a digressão e volto àquela discussão da Teologia do Povo.⁹² A relação de semelhança entre ela e a Teologia da Libertação pode ser entendida através de alguns pontos chave: tanto na Argentina quanto no Brasil, os teólogos respondiam com suas propostas aos desafios enfrentados pelo pobres e oprimidos em seus respectivos *éthos* sociais; tanto a Teologia do Povo quanto a Teologia da Libertação compartilham um compromisso central com a justiça social — ambas visam a articular a fé cristã a fim de promover a libertação dos oprimidos e a transformação das

⁹¹ Sobre a *Libertatis Conscientia* (Sagrada Congregação, 1986) ainda explica Gonçalves (2020, p. 592): “Nessa Instrução, [a Congregação para a Doutrina da Fé] preocupou-se com o desenvolvimento não apenas do conceito de libertação, mas também do conceito de liberdade, apontando a sua situação no mundo contemporâneo, as urgências libertadoras e, principalmente, a Doutrina Social da Igreja como elemento fundamental para ser utilizado na produção do complexo teológico libertador. À vista disso, conceituou-se libertação em consonância com a liberdade em sua fundamentação doutrinária e apontaram-se a missão libertadora da Igreja no mundo contemporâneo, a opção que faz pelos pobres à luz do evangelho e seu empenho pela fraternidade, justiça e paz.”

⁹² A Teologia do Povo é uma abordagem teológica e pastoral que destaca, sob aspecto epistemológico, a sabedoria e a experiência do povo latino-americano como fonte de reflexão e ação na vida da Igreja. Essa teologia surgiu na Argentina, desde os anos 1960 e 1970, na época de realização do Concílio Vaticano II e imediatamente após, apoiando-se nos novos paradigmas da Igreja introduzidos por aquele concílio. O Papa Francisco, que é argentino, tem uma forte conexão com essa abordagem teológica. Ele costuma dar ênfase à importância de ouvir as vozes do povo, especialmente os pobres e marginalizados, na reflexão teológica e na escolha de caminhos para a Igreja — mas sem o viés marxista que muitos teólogos dizem conter, de modo importante, na Teologia da Libertação.

estruturas sociais que perpetuam a injustiça; ambas as teologias se desenvolvem numa perspectiva pastoral, procurando estar próximas às pessoas envolvidas em suas lutas e esperanças; as duas teologias buscam dialogar com as culturas locais e tradições populares — elas reconhecem a importância de incorporar elementos culturais e símbolos concernentes a essas culturas.

Embora haja tais similaridades entre as duas teologias, é preciso registrar que existem também diferenças significativas principalmente quanto a ênfases teológicas, métodos e formas de expressão, diversidade que não cabe especificar nestas reflexões. Complemento apenas indicando algumas variações relacionadas com as semelhanças descritas: a Teologia do Povo enfatiza o mistério da encarnação de Cristo como um modelo essencial para a atuação pastoral; e, como seu próprio nome sugere, destaca com ênfase a importância de uma leitura popular da fé. Assim, a Teologia do Povo prima por expressar as verdades da fé de maneira acessível ao povo comum, estabelecendo sua ligação com as realidades concretas da vida cotidiana.

Verifico que Francisco defende a opção pelos pobres de forma objetiva e cristalina — sendo isso o mais importante para a Congregação, em termos práticos, independentemente de posições ideológicas — como no exemplo abaixo, da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Francisco, 2013a, n. 186-187):

[A inclusão social dos pobres] Deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade (n. 186).

Unidos a Deus, ouvimos um clamor

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo.

Analiso essas mudanças na Congregação, doravante, excluindo a hipótese de vinculação ideológica a qualquer daqueles dois construtos teológicos mencionados, quais sejam a Teologia da Libertação e a Teologia do Povo. Outrossim, como as Irmãs Calvarianas foram instadas a participar das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), berço da Teologia da Libertação, e atuaram nessas comunidades no trabalho pastoral da Igreja, nos anos 1960 e 1970, atendendo à conclamação geral de suas dioceses, concluo este subcapítulo com uma análise sobre a teologia do Concílio Vaticano II, na perspectiva de sua influência no engajamento das Irmãs Calvarianas no trabalho

pastoral, na assistência aos pobres e no envolvimento da Igreja com o mundo, buscando compreender e atuar na realidade social em cada comunidade.

Valho-me das análises e reflexões de Gonçalves (2005) para exprimir estas conclusões pontuais. Dessa maneira, a recepção da teologia do Concílio Vaticano II na América Latina deu origem à Teologia da Libertação, que se fundamenta em mediações as quais permitem uma análise profunda da realidade e a concretização de fé por meio da prática de libertação — consoante às reflexões e análises mais extensivas construídas no subcapítulo 3.3 *A recepção da teologia do Vaticano II e a motivação na Congregação*.

Assim, relembro que a Teologia da Libertação se destaca por sua conexão intrínseca entre a fé e a práxis dos oprimidos, sua inserção no mundo dos pobres e sua contribuição para a transformação social. Ao reconhecer os pobres como *locus* de produção teológica e entrelaçar fé e ação, essa teologia busca uma compreensão integral de Deus na história, considerando também a dimensão popular e pastoral.

Essa abordagem teológica não apenas influenciou o cenário latino-americano, mas também contribuiu para a reavaliação e expansão das doutrinas tradicionais à luz das experiências dos oprimidos, campo principal de atuação das Irmãs Calvarianas.

4.2 Mudança de paradigma: uma visão de Teologia e de Administração

Numa perspectiva da Teologia Cristã, ao explicar o “porquê” de se constituir uma comunidade, García Paredes (2019, p.10-11) escreve: “...qual é o autêntico ‘por quê?’ de uma comunidade de vida consagrada? [...] O autêntico ‘por quê?’ não é aquilo que a comunidade faz por Deus, mas o que Deus faz pela comunidade e com ela”. Por isso é preciso buscar o “porquê”, antes de pensar no “como” e no “para quê”, para constituir uma comunidade religiosa.

E prossegue, explicando ser a *missio Dei* (missão de Deus) o recurso que Deus utiliza para entrar na história e evangelizar a sociedade. Dessa forma, a *missio Dei* realiza-se quando a razão de ser da comunidade consiste na presença de Deus como o protagonista primordial. Nessas comunidades católicas, esse Deus é o Deus-Trindade, e o seu Reino já está presente no mundo. “Mas não significa que Deus faça tudo: a Igreja é chamada a ser ‘cúmplice’, ‘agente’, colaboradora da *missio Dei*, e não a atriz principal” (García Paredes, 2019, p. 12).

A missão não se realiza, sem mais, construindo igrejas, criando comunidades eclesiais, fundando comunidades religiosas em determinados lugares. Não se trata de comunidades que “fazem”, que protagonizam a missão, mas de comunidades afetadas, comprometidas com a missão que o Espírito está realizando em toda parte (García Paredes, 2019, p. 12).

Assim, cada comunidade vai encontrar a sua maneira de constituir-se e de estruturar-se no Espírito, no seu tempo e no seu espaço adequados. García Paredes (2019) indica um duplo processo para conduzir a comunidade no rumo dessas mudanças: opera-se o crescimento nas relações interpessoais dentro da comunidade, envolvendo todas as pessoas, sem excluir nenhuma; e realizam-se as mudanças na interação com todo o contexto onde a comunidade se localiza e atua, o que inclui o “meio ambiente urbano ou rural, cultural, biorregional e eclesial” (Congregação, 2018, p. 108). Quando mudam esses ambientes, tanto o interno (o das pessoas) quanto o externo (o social ou eclesial), mudará também a comunidade para se adaptar ao novo contexto.

Assim, nos estudos para o seu *Capítulo Geral/2018*, a Congregação busca conscientizar-se de que não é mais possível que a comunidade se mantenha *a mesma*, a de sempre, em novo ambiente mudado. Se ela permanecer imutável nesse novo espaço público crescente em capacidades e possibilidades, rompe-se o processo de crescimento da comunidade e de sua adaptação contínua: o *estabelecido* passa a ser mais importante do que as pessoas atuantes na comunidade; os padrões, definições e costumes solidificados passam a ficar acima das situações reais nas quais esses atores agem concretamente e se relacionam mutuamente. O *estabelecido* é o continuar sendo *a mesma*, a de sempre, ou seja, significa agir para que a lei, as normas passadas, os projetos existentes imponham-se impedindo qualquer inovação. Por outro lado, a adaptação contínua possibilita permanecer num processo de relações mútuas nas quais se privilegia a acomodação de uns com os outros e de criação de sinergias. A comunidade adapta-se, renovando-se a cada nova eleição de líderes, a cada entrada significativa de novas pessoas ou a cada mudança de local (Congregação, 2018).

Além da missão, destaca-se a centralidade da organização interna dessas comunidades católicas. García Paredes (2019, p. 67) diz que “não somos, de modo algum, piores que no passado”, referindo-se à Igreja Católica. E prossegue: “Nossa vida consagrada – embora pareça arriscado afirmar isto – não se encontra hoje numa grave crise. Encontra-se, sim, numa mudança de época” (p. 67). Esse autor tem essa

visão sobre a situação da vida consagrada, numa perspectiva êmica, mas verifico que essa “mudança de época” provoca, sim, uma grave crise na Igreja, conforme discutido no presente trabalho.

Prosseguindo, García Paredes (2019, p. 67-69) reconhece a importância de que os institutos da Igreja se organizem para sobreviver. Ao analisar a principal mudança atual, que decorre da recepção de leigas e leigos nas instituições religiosas, esse autor levanta a hipótese de que exista uma razão subliminar para isso, e que essa seja uma estratégia dos institutos eclesiais para a própria sobrevivência, “em tempos de escassez vocacional”. Então, o que essas instituições não conseguem obter pela adesão de novas e novos vocacionadas e vocacionados, elas obteriam “com uma adesão ‘pela metade’ ou ‘associação leiga’” (Congregação, 2018, p. 84).

Mas é só uma hipótese, ou seja, uma suspeita daquele autor, que sobre ela conclui:

Eu não ousaria negar completamente essa suspeita. Quando alguém está muito doente e desesperado recorre a qualquer remédio possível. E não é ruim! A vida se defende a si mesma e faz "seja o que for". Por que a vida religiosa deveria ser diferente?

Porém, sem negar o que disse acima, a maioria de nós pensa que essa proximidade espiritual entre religiosos e leigos no contexto do mesmo carisma e espiritualidade, é um autêntico impulso do Espírito em nosso tempo. Estamos redescobrimo um novo jeito de ser. Chega a nós uma refundação não planejada, e por isso, mais autêntica.

O fenômeno da associação apostólica, carismática e espiritual está aí, chamando todos os dias às nossas portas. Queremos acolhê-lo com discernimento e desejamos responder aos desafios que nos apresenta (Congregação, 2018, p. 84).

Concordo com essa reflexão e utilizo tal situação como exemplo de ruptura que, subjacente à crise na Igreja, contribui para provocar as mudanças na Congregação, juntamente com outros fatores discutidos no presente trabalho.

Prosseguindo no tema da reorganização, García Paredes (2019) afirma que os modelos organizativos estão ficando obsoletos. Toda organização deve ser vista como um ser vivo e os seres vivos têm a capacidade de renascer através da reorganização (apoiar essa assertiva na teoria da *autopoiese*).⁹³ E indaga: “como abrir processos autopoieticos nas comunidades? E, obviamente, processos que respondam ao mais

⁹³ Autopoiese ou *autopoiesis* é um termo criado na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. É termo de origem biológica, mas passou a ser utilizado em outras áreas. Por exemplo, Niklas Luhmann utilizou-o na Sociologia, ao tratar dos sistemas vivos, psíquicos e sociais.

genuíno de nossa fé” (García Paredes, 2019, p. 67). A resposta abre a discussão sobre mudança de paradigma na reestruturação organizacional da Congregação.

No assunto da mudança de paradigma, passo a outra perspectiva, a da Administração. Assim, ao estudar as mudanças nas estruturas organizativas, García Paredes esclarece que “alguns autores procuraram descrever os diversos tipos de organização que continuam a coexistir como ‘novo paradigma organizativo’ que está em vias de se implantar na humanidade”⁹⁴ (Congregação, 2018, p. 145). O novo paradigma define a necessidade de adoção de um novo modelo organizacional adequado à atual época de transição da sociedade e ajustado ao próximo estágio da consciência humana.

Sobre isso, abro parênteses para registrar que Wilber (2009) define diferentes níveis de evolução da consciência humana, os quais chama de *estágios de desenvolvimento*. Cada estágio representa uma forma diferente de perceber-se o mundo e de a pessoa compreender a si mesma, com diferentes capacidades cognitivas, emocionais e espirituais. De acordo com esse autor, a evolução da consciência humana começa com a identificação com o ego (individual), estágio em que a pessoa se identifica com suas próprias necessidades e desejos. Em seguida, há uma expansão para a identificação com grupos sociais e preocupação com normas sociais. Em níveis mais elevados, Wilber (2009) propõe que a consciência se torne mais holística e integrativa, incluindo a compreensão da conexão entre todas as coisas, uma compenetração de todas elas com tudo. Isso envolve uma expansão da consciência a dimensões mais espirituais e transcendentais e de uma conexão com o universo todo. Segundo aquele autor, a evolução da consciência não é linear, mas sim uma progressão em espiral, numa evolução em que a pessoa retorna aos estágios anteriores, com uma compreensão, porém, mais abrangente e integrada. O objetivo final é a integração de todos os ganhos evolutivos em um modelo holístico de compreensão da realidade.

Volto à análise da necessidade de reorganização, para esclarecer que foi na condição de assessor da Congregação nos trabalhos do *Capítulo Geral/2018*, que García Paredes (2018b) defendeu a escolha do novo modelo e explicitou suas características. Segundo esse assessor, a Congregação deveria buscar um modelo para corresponder ao desejo das pessoas de participarem de organizações que

⁹⁴ Em nota de rodapé o documento indica: Laloux, Wilber, Wolfe e Renesch — esses dois últimos não são tratados aqui, em razão do limite de extensão deste trabalho.

tenham vida, nas quais as participantes se reconheçam coprotagonistas da luta por uma causa. O novo modelo seria também apropriado ao momento atual da Igreja, no qual o Espírito Santo se movimenta “para levar adiante o projeto do Reino de Deus e a libertação que Jesus nos trouxe”⁹⁵ (García Paredes, 2019, p. 70).

García Paredes (2019, p. 69) conclui em sua análise para indicar o novo modelo que: “A proposta de Frederic Laloux, em seu livro *Reinventing organizations* [Reinventar as organizações] é — no meu modo de ver — uma resposta adequada a esta situação e, portanto, é perfeitamente assumível pela vida consagrada”.

É um modelo concebido na Ciência da Administração, recomendado e adotado na Congregação, depois de uma análise também em perspectiva teológica, o que evidencia a disposição da Instituição para efetuar mudanças estruturais, buscando solução da ciência para resolver problema da religião.

Dessa maneira, com o objetivo de apresentar esta parte do presente estudo no âmbito da Administração, mas enquadrado no campo das Ciências da Religião, procuro elaborar as análises conectadas com o tema da religião, interpenetrando-se com a Sociologia, com a História e com a Antropologia.

Segundo Laloux (2021), a consciência humana que emerge da sociedade atual exige novos paradigma e padrão de organização. Adiante, no decorrer das descrições, cuidarei para esclarecer — em contraponto à postura que prevaleceu no *Capítulo Geral/2018* da Congregação — que isso não consiste em um modelo único, pronto e amoldado para estes novos tempos, mas, sim, que se constitui de proposta interessante para atender à dinâmica das mudanças que afloram no horizonte de expectativas da Instituição e da Igreja toda. Descrevo ainda, as características principais dos modelos analisados pelo autor para criar o Turquesa (*Teal*), que encantou algumas lideranças da Congregação. Essas características foram explicitadas e debatidas nas diversas reuniões de preparação do *Capítulo Geral/2018*.

Tais modelos são nomeados por meio de uma metáfora de cores, cada uma seguida por um adjetivo. Assim, o modelo Vermelho é impulsivo; o modelo Âmbar, conformista; o modelo Laranja, realizador; o modelo Verde, pluralista; e o modelo Azul Turquesa (*Teal*) é evolutivo. São designações que dão ideia das características de cada um desses padrões (Congregação, 2018).

⁹⁵ Reino de Deus: a nova era instaurada por Jesus Cristo no mundo, segundo a Igreja.

O modelo Vermelho é caracterizado por aquelas organizações constituídas de pequenas tropas conquistadoras, tendo um líder que exerce o poder coercitivamente. O símbolo que orienta esse modelo é o de uma *Alcateia* e ele evolui para o Âmbar, na história do desenvolvimento humano, representando novas possibilidades para a humanidade. Foi no salto do mundo tribal para a era da agricultura, com estados, burocracias e religiões organizadas que surgiu o Âmbar, o qual orienta-se pelo símbolo de *Forças Armadas*. O modelo Laranja foi consolidado na Revolução Industrial: o mundo agora é visto, não mais como um conjunto de regras fixas — o certo e o errado — mas sim como uma máquina complexa, governada por leis naturais que podem ser investigadas e compreendidas. Esse modelo é praticado intensamente nos tempos atuais, sobretudo pelas grandes corporações tradicionais (Coca-Cola, Nike, IBM, por exemplo). Orientando-se pela simbologia de uma *Máquina*, os líderes dessas organizações olham para elas como engrenagens cujas bases eles têm de puxar, a partir do topo onde atuam.

O modelo Verde, por sua vez, vem em oposição aos anteriores, tentando suprimir a hierarquia rígida e o poder abusivo; agora são valorizados os sentimentos das pessoas, assim como a cooperação, a harmonia e o consenso. Seu símbolo orientador é a *Família*, uma metáfora que pode ser vista com estranheza, pois a família — segundo Laloux (2021) — constitui-se, muitas vezes, em ambiente disfuncional, no sentido de não ser o mais apropriado para as pessoas trazerem à tona o melhor da natureza delas.

Os fundadores das Organizações *Teal* utilizam uma simbologia própria, uma metáfora diferente para criar os ambientes de trabalho adequados ao modelo que pretendem instituir: eles vêem suas organizações como *organismos* ou *sistemas vivos*. E o autor explica para exaltar, até com certo exagero, o fenômeno da organização viva: “A vida, com toda a sua sabedoria evolutiva, organiza ecossistemas de uma maneira incrivelmente bela, evoluindo sempre em direção à integralidade, complexidade e consciência” (Laloux, 2021, p. 76).

Ao comentar os estágios de desenvolvimento, antes de discutir o estágio Evolutivo-*Teal*, Laloux (2021, p. 51-58) faz interessantes esclarecimentos. Alerta que as pessoas, fascinadas com a nova percepção da evolução humana, podem empolgar-se e procurar aplicá-las num lance de aventura, simplificando demais a realidade para ajustá-la ao modelo. Outras vezes, pessoas agem em sentido oposto,

sentindo-se “desconfortáveis com um modelo que pode ser usado para rotular pessoas e colocá-las em diferentes ‘caixas’” (Laloux, 2021, p. 51).

O criador desses modelos adianta que é preciso entender três noções elementares e essenciais sobre a evolução humana: a primeira é a preocupação de que as sucessivas etapas de desenvolvimento implicam no fato de algumas pessoas serem melhores que outras, de certa maneira. Assim é que, na condição de seres humanos, “causamos muitos danos uns aos outros por meio do colonialismo, da escravidão, do racismo e do sexismo, em nome de um grupo ser ‘melhor’ do que outro” (Laloux, 2021, p. 52). É proposição polêmica, mas a considero válida, sim.

A segunda compreensão é de que, embora seja certo que “a consciência humana evolui em estágios sucessivos”, estágios posteriores não são “melhores” que estágios anteriores. “Uma interpretação mais útil é a de que os estágios posteriores são formas ‘mais complexas’ de lidarmos com o mundo” (Laloux, 2021, p. 52). É importante entender também que cada estágio tem seus altos e baixos, suas virtudes e defeitos. Assim é que o “estágio Realizador-Laranja, por exemplo, prejudicou o planeta de uma forma que estágios anteriores nunca conseguiram” (Laloux, 2021, p. 52). Embora seja considerado característico da *modernidade*, entendida como modelo de um período histórico.

A terceira noção elementar a compreender sobre a evolução humana é pertinente à adaptação ao contexto. O autor diz que “outra maneira de evitarmos juízos cristalizados sobre os estágios é reconhecer que cada um se adapta melhor a certos contextos” (Laloux, 2021, p. 52). Dessa forma, no meio de uma guerra com o inimigo atacando a casa da família, o paradigma Impulsivo-Vermelho é o que mais se adapta. Numa situação inversa de plena paz, porém, numa sociedade pós-industrial, o Vermelho é mais disfuncional que outros estágios posteriores (Laloux, 2021).

Após analisar a complexidade daquilo que chama de *evolução humana*, o autor explica que o uso metafórico das cores para representar cada estágio de seu modelo é comparado a um mapa geográfico: são uma representação simplificada da realidade complexa, para facilitar a sua compreensão. Ao descrever e caracterizar nitidamente cada estágio, porém, pode o autor (ele reconhece) ter dado a impressão de que as pessoas operam, em cada um desses estágios, rigidamente a partir de um paradigma só. Sobre isso, o autor ressalva: “Felizmente, as pesquisas mostram que nós, seres humanos, somos maravilhosamente complexos e não podemos ser reduzidos a um

simples estágio” (Laloux, 2021, p. 52-53)⁹⁶; e explica que todo paradigma carrega em si elementos do paradigma anterior, mas vai além dele e o *transcende* (isso ao operar num contexto no qual se torna mais adequado que os demais). “Portanto, se aprendemos a funcionar, por exemplo, no Realizador-Laranja, ainda preservamos a habilidade de também responder, quando necessário, na lógica Conformista-Âmbar ou Impulsiva-Vermelha” (Laloux, 2021, p. 53).

E segue explicando que não se amadurece sempre em uma certa sequência harmônica, em intervalos mais ou menos regulares, em todas as dimensões do desenvolvimento humano — “cognitivo, moral, psicológico, social, espiritual etc.” (Laloux, 2021, p. 53). Por exemplo, a pessoa pode aceitar na esfera negocial o modelo Laranja e interiorizar esse modelo para gerir um empreendimento inovador, no qual trabalha; porém, ela pode continuar a defender, concomitantemente, no seu lado espiritual, uma crença cristã Âmbar, caso seja adepta dessa crença (Laloux, 2021).

E conclui: “Por estas razões é que arrepio só de ouvir pessoas dizerem que alguém é Verde ou Laranja ou Âmbar”. O melhor que se pode dizer, ele explica, é que “num momento específico, uma pessoa ‘funciona de acordo com’ um tipo de paradigma” (Laloux, 2021, p. 53). Ele esclarece ainda que se esforça por utilizar sempre esse tipo de expressão na obra dele (“funciona de acordo com...”), para se referir ao comportamento das pessoas em relação aos estágios paradigmáticos do desenvolvimento humano, evitando dessa maneira interpretações equivocadas (Laloux, 2021, p. 53).

O novo estágio da consciência humana, que começa a ser percebido e vivenciado nas últimas décadas, identificado por Laloux como um novo paradigma dessa evolução, foi denominado *Evolutivo-Teal*; faço uma síntese a seguir. Tal estágio é considerado um segundo nível de consciência na história humana, sendo os outros quatro anteriores pertencentes a um primeiro (Laloux, 2021).⁹⁷

Assim é que, depois desses quatro estágios componentes do primeiro nível, há um salto de qualidade ou uma ruptura, aparecendo o *Evolutivo-Teal* como um primeiro novo estágio, iniciando uma nova época, em um segundo nível, conforme Laloux (2021). Mesmo não concordando com essa ruptura estrutural na sociedade, definida

⁹⁶ O autor refere-se a pesquisas que estão relatadas em sua obra.

⁹⁷ Nesse primeiro nível estão incluídos também dois outros estágios bem mais antigos, dos quais não trato por estarem fora do interesse deste trabalho, denominados Magenta, de 50.000 anos atrás, e Infravermelho, de 100.000 anos atrás. (Laloux, 2021).

pelo autor desses modelos, é certo que num determinado momento podem ocorrer, em agrupamentos humanos, possibilidades concretas de se utilizar, com melhor proveito, novas formas de comportamento mais bem adaptadas a novos contextos sociais, embora essas novas formas não sejam, em si, qualitativamente melhores ou piores que as anteriores — o *éthos* atual não pode ser rotulado de melhor ou pior. É que nesse ambiente anterior as condições de enfrentamento das questões a resolver (meio ambiente, abastecimento, resolução de conflitos pessoais, gestão e organização geral) estavam formatadas e prontas para aplicação naquele contexto, mas não estão mais apropriadas para o contexto novo e perdem seu potencial de resolução.

É importante averiguar como procedem as pessoas em cada um desses paradigmas. Em todos os estágios do primeiro nível elas consideram que o seu modo de ver o mundo é o único correto e válido. Por exemplo, o paradigma Vermelho considera que a força, a imposição, o controle e coisas correlatas são a única verdade que vale. O Âmbar valoriza apenas procedimentos relacionados com as normas, as regras, os padrões e as hierarquias estáveis. O Laranja foca em desempenho, ou seja, em produtividade, metas, maximização de lucros e meritocracia. E o Verde vê apenas valores, cultura, emoções (em detrimento da razão), empoderamento e outros procedimentos e comportamentos definidos como válidos e verdadeiros.

O *Teal* é o primeiro estágio no qual se acredita existir uma evolução da consciência e uma forma mais avançada de lidar com o mundo. Por isso, o criador do modelo escolheu o adjetivo “evolutivo”. As pessoas que operam a partir desse paradigma *Teal* consideram que a sua visão de mundo não é a única válida. Aceitam a coexistência de diversas verdades e visões. Dessa forma, aceitam uma realidade cada vez mais complexa, sem reduzi-la, nem a tratar de modo simplório; consideram esse conjunto de elementos, concretos e abstratos, e seu alto grau de complexidade (Laloux, 2021).

Vale abrir parênteses para registrar uma abordagem sobre a evolução humana, importante para definir o pano de fundo da cultura e evolução sociológica, no qual as organizações se formam e se desenvolvem — um esforço de compreensão desse mar chamado cultura, no qual está mergulhado o desenvolvimento da sociedade humana.

Clifford Geertz (2019) afirma que a cultura é um sistema de símbolos que os humanos usam para criar e interpretar o significado de suas vidas, e que esse sistema

está em constante evolução e mudança ao longo do tempo. Assim define o termo cultura:

denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (Geertz, 2019, p. 66).

Geertz (2019, p. 34), numa visão do último quartil do século XX, destaca o seguinte: “... a evolução do *Homo sapiens* — o homem moderno — a partir de seu ambiente pré-*sapiens* imediato surgiu definitivamente há cerca de quatro milhões de anos, com o aparecimento do agora famoso Australopithecíneo”. Essa é a denominação para os chamados homens-macacos, cujo surgimento e evolução atinge seu ponto máximo no aparecimento do próprio *Homo sapiens*, há apenas 200 ou 300 mil anos, quando estiveram presentes formas incipientes de atividade cultural (como elaboração de ferramentas simples, a caça e outras como tais), em pelo menos alguns grupos desses indivíduos. Registra-se, por conseguinte, uma superposição de um milhão de anos entre o início da cultura e o surgimento do *Homo* de hoje. As datas precisas são discutíveis, mas o importante é o reconhecimento certo dessa superposição, de longa duração. “As fases finais (finais até hoje, pelo menos) da história filogenética do homem tiveram lugar na mesma era geológica grandiosa — a chamada Era Glacial — das fases iniciais da sua história cultural” (Geertz, 2019, p. 34-35).

Prossegue Geertz (2019, p.34-35) em seus argumentos:

Isso significa que a cultura, em vez de ser acrescentada, por assim dizer, a um animal acabado, foi um ingrediente, e um ingrediente essencial, na produção desse mesmo animal. O crescimento lento, constante, quase glacial da cultura através da Era Glacial alterou o equilíbrio das pressões seletivas para o *Homo* em evolução, de forma tal a desempenhar o principal papel orientador em sua evolução. O aperfeiçoamento das ferramentas, a adoção da caça organizada e as práticas de reunião o início da verdadeira organização familiar, a descoberta do fogo e, o mais importante, embora seja ainda muito difícil identificá-la em detalhe, o apoio cada vez maior sobre o sistema de símbolos significantes (linguagem, arte, mito, ritual) para a orientação, a comunicação e o autocontrole, tudo isso criou para o homem um novo ambiente ao qual ele foi obrigado a adaptar-se.

Por conseguinte, considerando tudo isso, concluo que nós, humanos, somos animais em construção, a nos desenvolvermos através da cultura. Assim é como Geertz (2019), reconhece a capacidade de aprendizagem e a plasticidade do ser

humano. Ao mesmo tempo destaca a sua máxima dependência de certa espécie de aprendizado referente à compreensão de conceitos, apreensão e aplicação de sistemas de significado simbólico. Explica:

Os castores constroem diques, os pássaros constroem ninhos, as abelhas localizam seu alimento, os babuínos organizam grupos sociais e os ratos acasalam-se à base de formas de aprendizado que repousam predominantemente em instruções codificadas em seus genes e evocadas por padrões apropriados de estímulos externos – chaves físicas inseridas nas fechaduras orgânicas. Mas os homens constroem diques ou refúgios, localizam o alimento, organizam seus grupos sociais ou descobrem seus companheiros sexuais sob a direção de instruções codificadas em diagramas e plantas na tradição da caça, nos sistemas morais nos julgamentos estéticos: estruturas conceptuais que moldam talentos amorfos (Geertz, 2019, p. 36).

Dessa forma Geertz (2019, p. 32) propõe duas ideias fundamentais sobre cultura. A primeira é que cultura não é mais vista como “complexos de padrões concretos de comportamentos”, mas sim como um “conjunto de mecanismos de controle”. A segunda ideia é sobre o homem ser, exageradamente, o animal que mais depende de tais mecanismos de controle para organizar seu comportamento na vida.⁹⁸

Retomo o assunto do novo modelo *Teal* de organização, esperando que essa rápida digressão feita nos parágrafos anteriores sirva de complemento aos conceitos de Laloux (2021), sobre teorias de evolução e de desenvolvimento da humanidade, analisadas no presente trabalho.

Sobre as principais características desse modelo Evolutivo-*Teal*, o seu criador elenca nove pontos para evidenciar o novo paradigma (Laloux, 2021). No início, traz uma epígrafe, citando John Naisbitt:⁹⁹ “Os avanços mais emocionantes do século 21 não ocorrerão por causa da tecnologia, mas por conta de um conceito em expansão do que significa ser humano” (Naisbitt *apud* Laloux, 2021, p. 59).

O primeiro dos nove aspectos referidos denomina-se *Domando os medos do ego* (Laloux, 2021, p. 60) e considera que a mudança acontece quando se alcança o ponto de vantagem, um patamar mais alto a partir do qual se pode ter uma visão mais

⁹⁸ Geertz (2019, p. 32-33) define essas duas ideias: “[...] A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam ‘programas’) — para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.”

⁹⁹ John Naisbitt: escritor e conferencista americano, autor da obra *Megatrends*.

ampla da realidade. Como um peixe quando salta sobre a água e pode ver plenamente o mundo em que se encontra inserido. Nessa perspectiva, quando se atinge um ponto mais alto, fora de um quadrado invisível no qual se encontra preso, acontece uma transmutação, uma sincronicidade com o universo, e a pessoa percebe a exuberância da vida, abundância que se transforma em crença pessoal (Laloux, 2021).

O segundo aspecto designa-se como *A coerência interna como bússola* (Laloux, 2021, p. 61). Nele, a pessoa para de avaliar com base em padrões externos, como metas, notas, dados estatísticos e financeiros, e passa a se basear em critérios internos, de dentro de si, de dentro de coração, para tomar as decisões mais importantes. Claro que os dados numéricos de toda ordem são também considerados, mas não são o fator decisivo, o primordial da decisão. A pessoa age com confiança e coerência com sua bússola interna e passa a tomar decisões com base na intuição, a partir desse seu interior mais profundo. E questiona sempre se está decidindo com base em seus valores de servir ao mundo (Laloux, 2021).

O terceiro aspecto chama-se *A vida como uma jornada de descoberta* (Laloux, 2021, p. 62). Esse ponto diz respeito a encarar a vida como algo que vai sendo construído com o propósito de vida pessoal. E nela a pessoa torna-se a verdadeira expressão de si mesma. Com isso, “se ‘vamos de *Teal*’, então, em vez de definir metas para nossa vida, ditando qual direção ela deve tomar, é preciso aprender a nos deixar levar e a escutar a vida que quer ser vivida através de nós”, diz Laloux (2021, p. 62).

O quarto aspecto nomina-se *Partindo de seus pontos fortes* (Laloux, 2021, p. 63). No nível anterior de desenvolvimento humano, em geral, as pessoas olhavam para as suas limitações, buscando o seu desenvolvimento, a fim de atender ao propósito das organizações ou da sociedade. O modelo Realizador-Laranja, por exemplo, muito comum nos dias de hoje, parte dos pontos fracos para promover o desenvolvimento, ou seja, vê o que é preciso desenvolver para os propósitos da organização. No modelo Evolutivo-*Teal*, as pessoas olham também para suas limitações e buscam o desenvolvimento, mas fluem com naturalidade ao reconhecer suas capacidades restritas, e buscam seus aperfeiçoamentos porque a vida é um processo evolutivo. Esse entendimento faz a diferença. Dessa maneira, elas não se concentram naquilo que falta nelas, mas, sim, naquilo que existe, naquilo que já têm de bom, valorizando o seu potencial e o vir a ser. Assim, elas não se veem como problema a ser resolvido, mas como potencial a ser revelado (Laloux, 2021).

O quinto aspecto tem o título de *Lidando graciosamente com a adversidade* (Laloux, 2021, p. 64). Neste aspecto, as pessoas veem os obstáculos como forma de a vida ensiná-las sobre elas mesmas em suas relações, e sobre o mundo. Assim, abrem mão da raiva, da vergonha, da culpa, que são aliadas do ego, e abraçam a possibilidade de acolher a adversidade e tratá-la. Compreendem que caminham na vida por picos e vales, ora nos pontos altos, ora nos baixos, mas sabem que as tensões contribuem com o desenvolvimento pessoal (Laloux, 2021).

O sexto aspecto denomina-se *A sabedoria para além da racionalidade* (Laloux, 2021, p. 64). Nos paradigmas anteriores ao *Teal*, impera a racionalidade, especialmente no Realizador-Laranja. Tudo é razão e nada diferente disso poderá ser considerado. No *Teal*, além dos dados racionais, são validadas outras fontes que são até mesmo priorizadas.

Assim, o que compõe o ser humano para elaborar a decisão vai muito além da inteligência racional lógica, como a sabedoria provinda da intuição, por exemplo. Além desta última, há ainda respostas mais profundas na sabedoria transpessoal¹⁰⁰. Por isso, as perguntas devem ser vivenciadas, ou seja, não é preciso ter pressa nem forçar uma resposta. Espera-se o universo processar a resposta, que virá num sonho, num encontro inesperado, nas conversas de aprofundamento sobre a questão, ou em qualquer fonte de *insight*, que pode ser até mesmo alguns dos dados racionais (estatísticos, financeiros ou de metas, por exemplo) (Laloux, 2021).

O sétimo aspecto designa-se como *A busca pela integralidade* (Laloux, 2021, p. 67). Refere-se a um desejo intenso por integralidade, que surge com esse estágio *Teal*. Então, as pessoas associam o ego às partes mais profundas do ser, integrando mente, corpo e alma.

Geralmente, a mudança para o estágio Evolutivo-*Teal* vem de uma abertura para um campo de transcendência espiritual e um senso profundo de que em algum nível somos todos conectados e partes de um todo maior. Após muitos passos sucessivos na perda de identificação, enquanto aprendemos a ser totalmente independentes e verdadeiros com nós mesmos, vamos percebendo que, paradoxalmente, somos parte intrínseca de todo o resto (Laloux, 2021, p. 67).

¹⁰⁰ A Psicologia Transpessoal foi desenvolvida por Abraham Maslow (1908-1970) e trabalha aspectos espirituais do ser humano, para o seu crescimento, envolvendo experiências místicas, estados hipnóticos etc. A pirâmide de Maslow, que hierarquiza os desejos humanos, traz no seu ápice a *autorrealização*, mas os estudos dele já sugeririam, mais adiante, a possibilidade de um futuro estágio de *autotranscedência*, mais evoluído que o Evolutivo-*Teal*.

O oitavo aspecto tem o título de *A integralidade em relação aos outros* (Laloux, 2021, p. 68). Trata-se da mesma integralidade, agora em relação aos outros. Dessa forma, no estágio *Teal*, as pessoas eliminam os julgamentos, não mais veem tudo na perspectiva do *certo ou errado*. Nas organizações no estágio Realizador-Laranja (e anteriores), as pessoas discordantes eram demitidas; no Pluralista-Verde, abre-se exceção para todas as diferenças, numa forma de oposição ao estágio anterior. No Evolutivo-*Teal*, faz-se um meio termo entre essas duas visões extremas de julgamento e tolerância, mas as pessoas deixam coexistir em si as próprias crenças com as dos outros. Desse modo, afirma o autor que “transcendemos essa polaridade e integramos a verdade maior do *não julgamento* – podemos examinar nossas crenças e achá-las superiores e ainda assim abraçar o outro como ser humano com valor fundamentalmente igual” (Laloux, 2021, p. 68).

O nono aspecto denomina-se *Integralidade com a vida e com a natureza* (Laloux, 2021, p. 68). Por esse aspecto, quando as pessoas são verdadeiras com suas consciências também vão perceber que estão conectadas com a natureza. As pessoas não são apenas parte da natureza, são também a própria natureza. No estágio Evolutivo-*Teal*, as pessoas percebem que o ser humano não é superior a tudo, e com isso elas buscam uma vida mais simples. E reconhecem que a riqueza é aquela proveniente das relações com os outros e com a natureza, e não aquela advinda da posse de bens materiais. Assim, essas pessoas não buscam diretamente o sucesso, reconhecimento, pertencimento e riqueza material. E reconhecem que tudo isso vem dos relacionamentos, na integralidade com a vida e com a natureza, ou seja, vem como consequência dessas relações e não como decorrência de esforços na busca direta dessas benesses (Laloux, 2021).

Esse último aspecto é também conclusivo, e Laloux (2021, p. 69) finaliza-o assim:

Frequentemente, refazer nossa relação com a vida e com a natureza nos leva a buscar uma vida mais simples, menos emaranhada por posses que pensávamos necessárias até o dia em que entendemos que somos ricos não pelas coisas que possuímos, mas pelas relações que nutrem nossa alma.

A guisa de conclusão da análise sobre o modelo *Teal*, entendo que ele traz uma abordagem inovadora e interessante para a gestão empresarial, ao argumentar que as organizações podem evoluir para um estágio mais maduro e eficaz, pois podem se adaptar a esse novo estágio da civilização, em um mundo em constantes

transformações, que vive atualmente a mais extraordinária mudança tecnológica, revolucionando as comunicações e os *sistemas de controle* de que fala Geertz (2019). Com o modelo *Teal*, as organizações poderão aproveitar melhor o potencial humano, ao invés de apenas explorar recursos materiais e tecnológicos.

Para valorizar os talentos humanos, no entanto, as organizações necessitam superar os limites dos modelos hierárquicos e burocráticos tradicionais, mudando o comportamento das lideranças e de todos os colaboradores. O autor desse modelo trata fundamentalmente de empresas, instituições lucrativas ou não, mas não versa especificamente sobre entidades religiosas. Isso, na parte mais importante, que resulta das suas pesquisas científicas relatadas em seu livro sob análise, *Reinventing organizations*, Laloux (2014). O modelo, porém, é universal, no sentido de que está proposto para todo tipo de organização.

A Igreja é organização típica, que sobrevive ao tempo e às mudanças impostas por novos construtos organizacionais, adaptando-se como nenhuma outra desse porte no mundo. É mencionada por Laloux (2014), como arquétipo de Organização Âmbar, num contexto em que organizações religiosas em geral são classificadas como Organizações Âmbaras atuais.

Ainda que se trate da implementação do modelo numa perspectiva de organizações empresariais, vale registrar que o *Teal* não é passível de ser adotado por quaisquer delas, indiscriminadamente; e não serve para muitas, mesmo tendo sido adotado com sucesso em algumas, com vastos pontos positivos. Assim, organizações que atuam em setores altamente regulamentados, por exemplo, podem precisar de uma estrutura hierárquica mais rígida para atender às exigências regulatórias. Além disso, o modelo *Teal* pode não ser adequado para empresas que têm uma cultura organizacional enraizada na competição e na busca pelo lucro a qualquer custo.

Trazendo essas reflexões do campo da Administração para a análise que faço da Igreja Católica, vejo enormes barreiras e limites para a adoção do modelo no âmbito da Instituição toda, a partir da sua cúpula administrativa e estrutura organizacional central, o que inclui fortíssimas instituições como a Cúria Romana, o Colégio dos Bispos e o Código de Direito Canônico. A razão principal das oposições que vejo consiste na cultura milenar de hierarquia rígida de toda a Igreja e na postura conservadora de muitos ocupantes dos cargos hierárquicos. “Há, no entanto, energias que ninguém consegue deter”, diz García Paredes (2018b, p. 147). E acrescenta:

“Nunca desvalorize o poder de uns poucos empenhados em mudar o mundo” (Mead *apud* García Paredes, 2018b, p. 147)¹⁰¹.

Mas reputo que o *Teal* é modelo apropriado para comunidades religiosas católicas, sim, corroborando o que diz categoricamente García Paredes (2019, p. 69),¹⁰² e o que conclui extensivamente em sua análise no *Capítulo Geral/2018* da Congregação (García Paredes, 2018b).

Relevo o caráter incentivador e apologético daquela conclusão, que consiste num discurso de animador, num chamamento de fiéis à ação. No entanto, diante do intento da Congregação de implementar reformulações, em decorrência das transformações na cultura e nos sistemas sociais, completo minha análise sob a perspectiva da Antropologia e da Sociologia e concluo que o modelo *Teal* representa uma vanguarda dentre os padrões organizacionais que podem ser adotados por entidades religiosas.

Outrossim, acrescento que essa adequação depende do conhecimento, dos valores e da visão de mundo de cada instituto eclesial. Adaptam-se bem ao modelo aqueles que vivenciam carisma similar ao da Congregação das Irmãs Calvarianas, em razão da cultura que ali se consolida: de servir, de exercitar o comando mais horizontalizado que verticalizado, vivenciando a circularidade, com grupos debatendo e decidindo ao redor de uma mesa circular (mesmo que seja imaginária ou virtual). Adequam-se, ainda, em virtude da cultura de colaborar, praticando ajuda mútua. Amoldam-se também por causa de viver o espírito de família, entre religiosas, leigas e leigos; e, por fim, ajustam-se porque podem contar com a confiança mútua de suas membras e membros.

Como analiso, o novo modelo propõe uma estrutura organizacional descentralizada em que a autoridade é distribuída entre os membros da equipe, ou seja, não é centralizada em uma única ou em poucas figuras hierárquicas. Além disso, as decisões são tomadas por meio de processos participativos e colaborativos, com um propósito de partilha, através da escuta, do aconselhamento e do diálogo, mais do que de comando por meio de ordens. As relações entre os membros da equipe são assentadas em confiança e autonomia, e a gestão se concentra em fornecer suporte

¹⁰¹ Margaret Mead, antropóloga americana, autora de “Maioridade em Samoa”, de 1928, e “Cultura e compromisso”, de 1970, dentre outras obras.

¹⁰² García Paredes (2019, p. 69) afirma que: “[O modelo proposto por Laloux] é perfeitamente assumível pela vida consagrada”.

e recursos para o desenvolvimento de cada indivíduo e do grupo de modo total. Essas características estão presentes nas pretensões de reforma do Papa Francisco, tanto na reforma da Cúria Romana, quanto na construção de uma Igreja sinodal, pautada na colegialidade episcopal e na sua visão de *Ecclesia semper reformanda*¹⁰³, tema sobre o qual me estendi no capítulo 3 *As mudanças na Igreja pós-conciliar (Vaticano II)*. Sobre isso, diz Luc Forestier¹⁰⁴ *apud* Faggioli, 2021, p. 500-501):

A abordagem de Francisco relativa à questão do governo da Igreja tem a ver com sua hermenêutica do Concílio Vaticano II. Sua distância da hermenêutica abstrata e idealizada do Vaticano II molda sua eclesiologia e, em particular, sua visão sobre colegialidade e sinodalidade.^[105] Francisco é um intérprete criativo do Vaticano II que vê no concílio uma força dinâmica atuando em uma Igreja global em transformação. Sua eclesiologia global é clara em sua escolha da imagem da Igreja como um “povo” ao invés da outra imagem do Corpo de Cristo.

Vou descrever a seguir as transformações na Congregação para ao final, na seção 5 *Considerações finais*, averiguar a sua compatibilidade com as mudanças gerais da Igreja.

4.3 O reinventar-se em novo paradigma, na prática

Considero que no final do século XX e início deste século XXI as Irmãs incrementaram os movimentos internos na Congregação, visando a mudanças sistêmicas na estruturação institucional e iniciando um processo de *refundação*.

Esse processo de transformações que analiso está consubstanciado nos documentos relativos a dois *Capítulos Gerais* da Congregação: o *19º Capítulo Geral/2012* e o *20º Capítulo Geral/2018*¹⁰⁶. A Congregação efetua um *Capítulo Geral* (de âmbito mundial) a cada seis anos. No ano anterior a cada *Capítulo Geral*, eram

¹⁰³ *Ecclesia semper reformanda est*, ou abreviada como figura no texto (sem o verbo “est”), é expressão usada para dizer que a Igreja não deve ser apenas “reformada”, mas sim estar sempre se reformando. A frase remonta a Reforma Protestante no século XVI. É utilizada hoje no sentido de caracterizar a disposição de Francisco para levar a Igreja a se adaptar às mudanças nas necessidades espirituais e sociais do *Povo de Deus*, constantemente.

¹⁰⁴ Luc Forestier, sacerdote, escritor, diretor do *Institut Supérieur d’Études Ecuméniques (l’ISEO)*, do *Institut Catholique de Paris*.

¹⁰⁵ Sinodalidade e colegialidade são dois princípios fundamentais na estruturação da Igreja Católica que se referem à forma como o poder é exercido na instituição. A sinodalidade é a prática de adotar o diálogo e a escuta mútua no processo decisório, descentralizando a autoridade por essa forma, na busca da vontade de Deus. A colegialidade se refere ao papel dos bispos como corpo colegial, no qual prevalece uma responsabilidade compartilhada entre todos os membros.

¹⁰⁶ O *Capítulo Geral* de 2012 foi realizado em São Paulo, de 13 de abril a 05 de maio de 2012, e o de 2018 foi efetivado em Gramat, França, de 27 de março a 07 de abril de 2018.

realizados os *Capítulos Provinciais*, eventos preparatórios dos *Capítulos Gerais*. Assim, na Província do Brasil, o 8º *Capítulo Provincial* foi realizado em novembro de 2011; e o 9º *Capítulo Provincial*, em novembro de 2017, ambos em São Paulo. (Congregação, 2012; 2017; 2018).

Em 2023, a Congregação alterou essa programação, invertendo-a e iniciando as assembleias de preparação do *Capítulo Geral/2024* antes da realização do *Capítulo Provincial*, o qual deixou de ser preparatório para ser subsequente e se destinar à viabilização do cumprimento das decisões gerais em cada província.

O conjunto de transformações na Congregação é analisado nesta parte do presente trabalho em quatro repertórios temáticos: o primeiro reúne assuntos sobre a integração de leigas e leigos e sua interação com as religiosas; o segundo abrange o tema da reestruturação organizacional e a adoção do modelo *Turquesa (Teal)*; o terceiro engloba a lembrança viva do fundador e seu carisma, a imitação do modelo de Jesus e a oração; e o quarto contém os assuntos da atualização do carisma fundacional e dos procedimentos em educação.

Tais mudanças se processam sem prejuízo da vivência da espiritualidade Calvariana, e sem deixar de priorizar a vivência do carisma fundacional da Congregação, renovado de conformidade com as demais mudanças, no processo adaptativo que a instituição busca vivenciar.

O *Capítulo Geral/2018* consolidou as mudanças focadas nesta pesquisa e inspirou-se no tema: *Família Calvariana – Vida e Missão em Comunhão* (Congregação, 2018, p. 5).

A comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si, compenetram-se e implicam-se mutuamente, a ponto de que a comunhão representa ao mesmo tempo a fonte e o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão (João Paulo II, 1988, n. 32.4).

Antonio Botana, ao assessorar a Congregação no *Capítulo Provincial/2017*, preparatório ao *Capítulo Geral/2018*, define que *cooperar* é trabalhar juntos; é o laborar em conjunto com outra pessoa ou com muitas outras para objetivos comuns, iguais ou parecidos, mas conciliáveis, mesmo que todas as pessoas que cooperam não tenham a mesma opção quanto a fé e a valores de vida social, eclesial ou espiritual. Ele complementa: “A isto chamamos ‘comunhão’. A ‘comunhão’ é a participação no mesmo espírito, ainda que este possa possuir-se em diferentes graus” (Botana, 2017, p. 36).

Francisco (2013b; 2015) fala extensivamente sobre o significado de *Vida em Comunhão*, enfatizando a importância de viver em comunhão com Deus, com a criação e com os outros seres humanos. Neste trabalho tomo a definição franciscana de vida em comunhão significando estar aberto à ação do Espírito Santo, que une os humanos em uma única família de Deus. Isto implica em assumir compromisso de amor e serviço aos outros, em especial aos pobres e marginalizados. E significa também proteger o meio ambiente, reconhecendo que todas as criaturas têm um valor, que é a essência de sua natureza, e, por isso, devem ser tratadas com cuidado e reverência. E ainda considero a ênfase que Francisco dá à comunhão entre as pessoas de diferentes culturas e religiões, num diálogo inter-religioso que oferece espaço para o compartilhamento de valores e objetivos comuns.

Dessa forma, sobressai-se a indagação: em qual realidade se desenvolve a Família Calvariana? No dia a dia, ela busca a figura de Cristo e de Maria ao pé da cruz. Fundamenta-se no Cristo no Calvário, centro de vida e da Espiritualidade Calvariana. Com Maria, está a fé na ressurreição, que permite manter-se de pé. No Calvário, a Santíssima Trindade revela o seu amor pela humanidade e o modelo de comunhão.

O protagonismo de Nossa Senhora na evangelização dos povos terrestres é missão que Ela recebera do próprio Jesus, quando Ela estivera ao pé da cruz. É assim que a Congregação interpreta o Evangelho. Nesse momento de mistério, Maria tornara-se mãe da humanidade na Terra. Para a teologia Calvariana, Maria ao pé da cruz é o ato mais emblemático de toda a fé cristã, depois do ato da Ressurreição do Cristo.

Então, as Irmãs, as leigas e os leigos procuram viver o chamado que vem da experiência do Calvário: como Maria, procuram as necessitadas e necessitados. Irmãs, leigas e leigos são chamadas e chamados a estarem presentes, especialmente, na vida daquelas pessoas que são carentes do amor materno e têm “sede da palavra de Deus para dar sentido às suas vidas” (Congregação, 2018, p. 45-46). E agora começam a incrementar a busca da cooperação mais ampliada, dentro e fora da Igreja, para experienciar essa verdadeira comunhão.

Mas, segundo a reflexão proporcionada por este trabalho, a Congregação sente que não pode precipitar-se nessa abertura à participação ampla e irrestrita, para não *profanar* a Instituição com propostas contaminadas pelo pensamento da sociedade secularizada. Falo da contaminação de ideias baseadas em competição, em obtenção

de lucros e outras vantagens, e em meritocracia, em decorrência do comportamento das pastorais no Brasil (reflito sobre isso adiante). Essas ideias podem ser percebidas através das expressões comuns na sociedade e no interior das próprias pastorais, como, por exemplo: *vamos crescer, vamos estabelecer metas de crescimento, vamos valorizar o mérito (mundano), buscando resultados concretos*. São noções gestadas, no mais das vezes, no ritmo das pastorais — estas, principal campo de atuação da massa de leigas e leigos no seio da Igreja — e que tanto preocupam o Papa Francisco.

Assim é que, sobre a atuação dos clérigos e sobre o comportamento de agentes nas pastorais, o Papa Francisco, disse aos bispos, em reunião, que eles devem fugir de diversas tentações, entre elas o funcionalismo, e devem focar seu trabalho de evangelização nas periferias. Falou quando esteve em visita ao Rio de Janeiro, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, em 2013. Sobre essa tentação do funcionalismo, o Papa explicou¹⁰⁷:

A concepção funcionalista não tolera o mistério, aposta na eficácia. Reduz a realidade da Igreja à estrutura de uma ONG. O que vale é o resultado palpável e as estatísticas. A partir disso, chega-se a todas as modalidades empresariais de Igreja. Constitui uma espécie de “teologia da prosperidade” no aspeto organizativo da pastoral (Francisco, 2013b).

Assim, respondendo à principal indagação feita nos debates internos do *Capítulo Provincial/2017*, preparatório do *Capítulo Geral/2018* da Congregação (sobre quais os propósitos da Família Calvariana, ser família aberta a quem, para viver o quê, para qual missão?), a Representante Legal da Província do Brasil da Congregação dissera o seguinte¹⁰⁸:

Devemos buscar ser uma família aberta à ação do Espírito, aos crucificados e crucificadas e de uns para com os outros. [Isso] para viver a partilha, a solidariedade, o serviço aos destinatários, [e] para viver a única missão que é a Missão de Deus – cuidar da vida. A nossa relação como leigos, leigas e religiosas só tem razão de ser se formos abertos e abertas aos outros (Congregação, 2017, p. 10).

Aquele *Capítulo Geral/2018* foi o último realizado pela Congregação e que teve a participação de leigas e leigos, formando com as religiosas a instituição *Família*

¹⁰⁷ O Papa refere-se a “funcionalismo” como abordagem que enfatiza a função ou o papel que as pessoas exercem dentro da Igreja. Então, ele fala do excesso de materialismo que essa abordagem propicia, a qual vê a Igreja em perspectiva empresarial.

¹⁰⁸ Representante Legal da Congregação no Brasil, Irmã Maria Elena Guariento (falecida em agosto/2021).

Calvariana.¹⁰⁹ A análise dessa síntese da Provincial trouxe validação à hipótese de que a Família Calvariana está imbuída daquele propósito de mudança, pela maioria de suas membras e membros e, em especial, pelas pessoas que exercem lideranças oficiais ou *situacionais*¹¹⁰ (Congregação, 2018).

As listagens que compoem a seguir, sobre as decisões e orientações de Irmãs, leigas e leigos, que são compromissos registrados nos documentos capitulares, constituem-se em resenha das mudanças programadas e/ou realizadas nesses 11 anos focados pela pesquisa, de 2012 a 2022 (Congregação, 2012; 2017; 2018).

Listo a seguir esses compromissos classificados em quatro repertórios, em coerência com a minha observação desse fenômeno de mudanças na Congregação e em aderência às minhas análises desses eventos, neste trabalho. Adiante, no desdobramento 4.3.5, analiso a operacionalização em curso e reflito sobre as mudanças, com visão prospectiva.

4.3.1 Listagem dos compromissos capitulares sobre a integração de leigas e leigos e sua interação com as religiosas

4.3.1.1 No *Capítulo Geral/2012* (Congregação, 2017):

- a) buscarem juntas, Irmãs, leigas e leigos a realização dos propósitos definidos nos *Capítulos*; e
- b) ajudarem-se, mutuamente, a crescer em suas vocações específicas, continuando a apoiar o engajamento concreto no atendimento às crucificadas e crucificados.

4.3.1.2 No *Capítulo Geral/2018* (Congregação, 2018):

- a) criar equipe de Irmãs, leigas e leigos para a Pastoral Vocacional e voltar a dinamizá-la;

¹⁰⁹ Os *Capítulos* gerais são realizados a cada sexênio. A realização do próximo está marcada para abr. 2024.

¹¹⁰ Entende-se como situacional toda liderança exercida independentemente de cargos ou funções oficiais.

- b) continuar o desenvolvimento de equipes de capelania com Irmãs, leigas e leigos, a serviço de uma missão específica; e
- c) abrir os *retiros anuais* e dar espaço nas assembleias da Congregação para leigas e leigos; promover a abertura crescente da Instituição, com todas as suas comunidades, para as pessoas que buscam sentido em suas vidas, especialmente, aquelas de gerações mais novas.

4.3.2 Listagem dos compromissos capitulares sobre a *refundação* da Instituição, com reestruturação e adoção do modelo *Teal*

4.3.2.1 No *Capítulo Geral/2012* (Congregação, 2017):

- a) crescer e fortalecer os laços de Irmãs, leigas e leigos como Família Calvariana; e
- b) Possibilitar encontros interprovinciais de leigas e leigos, e promover a participação delas e deles em *Capítulos* provinciais e gerais.

4.3.2.2 No *Capítulo Geral/2018* (Congregação, 2018):

- a) a partir do Mistério do Calvário, buscar comprometer-se com o cuidar da Casa Comum de que trata a encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco;
- b) formar Comissão Internacional da Família Calvariana para (dentre outros compromissos e procedimentos):

Conhecer, assumir e concretizar compromissos missionários com “*novos Calvários*”, “*novas necessidades*”:

Os povos indígenas e as minorias étnicas;

O povo do campo (“sertão”), agricultores;

A região amazônica;

A periferia das grandes cidades;

Os migrantes, os refugiados...

(Congregação, 2018, p. 39);

- c) partilhar a mesa com outras igrejas, com outras espiritualidades e com todos aqueles que buscam o *bem*;¹¹¹

¹¹¹ Define-se “buscar o bem”, no presente contexto, como buscar a vivência de um conjunto de princípios fundamentais à Comunidade Calvariana, no processo de viver o seu Carisma.

- d) manter formações *abertas* e diversificadas que possibilitem ir ao encontro do desejo profundo das pessoas que vivem na contemporaneidade da atuação da Congregação; e
- e) proporcionar condições para que a comunicação seja fluida entre as membras e os membros da Família Calvariana, e permaneça natural e espontânea nesse inter-relacionamento, a fim de permitir manter o Carisma Calvariano vivo, rico e forte em todas e todos.

4.3.3 Listagem dos compromissos capitulares sobre a lembrança viva do fundador e seu carisma, a imitação do modelo de Jesus e a oração

4.3.3.1 No *Capítulo Geral/2012* (Congregação, 2017):

- a) *ir mais além* no compartilhar a Espiritualidade, o Carisma e os Projetos Missionários; e
- b) fortalecer a Congregação como Família Calvariana, a fim de dar continuidade à Missão de Deus Pai, com vistas a cuidar, defender e recriar a vida.

4.3.3.2 No *Capítulo Geral/2018* (Congregação, 2018):

- a) viver a vida espiritual como aventura de uma vida inteira, um salto para o mistério; e
- b) buscar, pessoal e conjuntamente com a outra e o outro, um caminho de interiorização, experimentando a espiritualidade em tudo o que faz, com todas e todos:

Buscar viver juntas e juntos, leigas, leigos e Irmãs, na *Igreja como Povo de Deus* que nasce com o Concílio Vaticano II: A entreatajuda, a fraternidade, a convivência, a unidade, a partilha da espiritualidade.

Laços de fraternidade, escuta, aconselhamento, ajuda mútua, apoio financeiro e moral, e comunhão espiritual. Laços de amizade, solidariedade e caridade (partilha de eventos, festas).

Laços de missão (confiança, colaboração, apoio mútuo, partilha da mesma atividade, acompanhamento dos crucificados e crucificadas), que têm sua origem no Calvário[...]

Partilha-se, ainda, a espiritualidade, os tempos de oração, as "experiências" da vida ... e o acompanhamento mútuo (Congregação, 2018, p. 47 – 48).

4.3.4 Listagem dos compromissos capitulares sobre a atualização do carisma fundacional e dos procedimentos em educação

4.3.4.1 No *Capítulo Geral/2012* (Congregação, 2017):

- a) promover o protagonismo das leigas e leigos em sua vocação, à luz da experiência de Maria, mulher de Cléofas, ao pé da cruz e ao longo do caminho de Emaús.¹¹²

4.3.4.2 No *Capítulo Geral/2018* (Congregação, 2018):

- a) prosseguir na vivência do Carisma fundacional, buscando a necessária adequação à realidade social e eclesial de hoje, de forma a possibilitar ações futuras para...

Continuar a desenvolver e concretizar a circularidade compartilhando a experiência de Deus, a Espiritualidade, o Carisma, a Missão, a vida, os bens... Ter tempo e lugares para compartilhar a releitura de nossos itinerários de vida. Criar um Centro de Espiritualidade Calvariana para leigos, leigas e irmãs. Propostas para descobrir ou redescobrir a espiritualidade do fundador, e do Evangelho.

[Efetivar] Releituras da vida, à luz da Palavra de Deus, para se apropriar da herança espiritual de cada um, cada uma. Fazer experiências e reler as mesmas à luz da Palavra de Deus e da Espiritualidade Calvariana: experiência fundadora, experiência de contato com os pobres, com os sofredores... Apropriar-se, pessoalmente e juntos, da herança espiritual da Congregação (Congregação, 2018, p. 44); e

- b) implementar/dar continuidade à implementação dos procedimentos recomendados no Documento “Texto de Referência Internacional de Educação Calvariana” (educação de surdos).

4.3.5 A operacionalização em curso e as perspectivas das mudanças

Destaco as principais operações que estão em curso na Congregação, em atendimento aos compromissos assumidos nos *Capítulos* provinciais e gerais e, ao final, concluo as análises sobre as mudanças.

¹¹² Sobre “Maria de Cléofas” e “caminho de Emaús”, ver *Anexo G Fundamentos da Espiritualidade Calvariana, 3 Outras duas Marias*.

Início com o evento do Ano Vocacional de 2022, que foi o principal desse ano, com atividades se desenvolvendo o ano inteiro. Lançado em assembleia da Família Calvariana, foi instituído sob o tema “Cultivando semente, dons para a missão” e com o lema “Reaviva o Dom de Deus que há em ti (2 Tm 1, 6)”, foi iniciado em janeiro com retiro e palestras de 15 a 20 de janeiro de 2022, contando com as participações da Ir. Patrícia Licandro¹¹³ e do Dr. Carlos Eduardo Cardozo (Cadu)¹¹⁴. Teve o objetivo de criar uma cultura vocacional e baseou-se na *parábola do Semeador* (Mc 4, 1 – 9. 13 – 20) e na *parábola da semente que germina por si só* (Mc 4, 26 – 29) (Congregação, 2022c).

Nessa linha, outra realização consistiu na formação da *Comissão Internacional da Família Calvariana*, incumbindo-se de articular e animar a consolidação dessa Família e de elaborar um projeto para ela (Congregação, 2018).

Foi também criada a *Juventude Calvariana Missionária (JCM)* e realizado o encontro de seus participantes em Campinas, de 11 a 16 de julho de 2022, com o objetivo de *Chamamento à missão na Igreja sinodal*¹¹⁵. Foi o primeiro encontro presencial, ainda pequeno, dadas as dificuldades de presença física (presentes dez, dos setenta e um que compõem a JCM, com representantes dos estados de Rondônia, Piauí, Ceará e São Paulo e do Distrito Federal). Foi reunião significativa para a Congregação, consolidando o novo grupo com qualidade (ou seja, sem preocupação com quantidade de pessoas, apenas); e seguiram-se outros encontros do grupo todo, *online*, em redes sociais atuantes desde janeiro de 2021. (Congregação, 2022b).

Por outro lado, sobre os destaques das operações realizadas ou em curso, decorrentes de decisões do *Capítulo Geral/2018*, definiram-se afirmações e convicções sobre a Missão Compartilhada das Irmãs entre si e com as leigas e leigos,

¹¹³ Ir. Patrícia Licandro é italiana, religiosa das Ursulinas de São Carlos e vive no Brasil desde 1996, atuando em Goiás e no Amazonas. Resumo desse currículo disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/505674-haitianos-no-momento-em-que-o-pais-acolhe-os-imigrantes-tem-que-acolher-com-dignidade-entrevista-especial-com-irma-patricia-licandro>. Acesso em 16 jan. 2022.

¹¹⁴ Carlos Eduardo Cardozo (Cadu), graduado em filosofia, especialista em juventude. Mestre e doutor em educação pela UNIRIO. Gestor educacional da rede Filhas de Jesus. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Pacto-Educativo-Global-Slides-Cadu.pdf>. Acesso em 20 jan. 2022.

¹¹⁵ *Igreja sinodal*, conforme definiu o Papa Francisco: “um lugar aberto, onde todos se sintam em casa e possam participar” (Francisco, 2021, s.p.).

passando a dar ênfase a essas atitudes e comportamentos no inter-relacionamento cotidiano, a saber (Congregação, 2018):

- a) viver como iguais ao redor da mesa, ouvindo o Mestre: ter vida simples em relações humanas em pequenos grupos, não patriarcais, sem estrutura hierárquica, sem subordinação nem exercício de liderança em virtude de função oficial ou a partir de autoridade dada pelo serviço;
- b) exercer autoridade como serviço; “assumir a corresponsabilidade e compromisso com a circularidade das relações” (p. 55);
- c) viver na comunidade como lugar “de diálogo, de debate, de relações afetuosas, [...] e dando ‘testemunho de comunhão’” nessa vivência (p. 55);
- d) considerar o imperativo de repensar um governo de leigas, leigos e Irmãs;
- e) estar disponível para o acolhimento caloroso, com alegria e simplicidade;
- f) vivenciar o discipulado missionário no dia a dia, na família, na comunidade, no mundo do trabalho, seja na educação, no serviço dos surdos, nas pastorais e no campo social;
- g) apoiar e ser apoiada e apoiado em solidariedade com aquela ou aquele que vem ou fica ao lado da gente Calvariana, acompanhando as necessidades e necessitados e celebrando a vida em todas as situações; e
- h) ser mensageira e mensageiro a toda a gente, na Família Calvariana ou fora dela, desse Jesus que faz as pessoas se aproximarem, e de Maria, de pé, ao pé da cruz.

No âmbito da organização administrativa, verifico em minhas análises que já se processam as decisões internas de modo participativo, com empoderamento das equipes incumbidas de programas e de trabalhos especiais, que se autogestionam. Com isso, a Provincial do Brasil, adotou um novo modelo decisório e se autodenomina *Animadora*. A Congregação resume assim essa dinâmica participativa:

A sociologia chama de “empoderamento” o que nós, na Vida Religiosa, chamamos de dinâmica participativa, ou de Discipulado de Comunhão. Quanto mais as irmãs se sentem envolvidas nos processos, melhor comprometidas se sentem com os mesmos. [Aqui está o] Caminho participativo: **Sonhar juntas – Planejar juntas – Construir juntas – Assumir juntas – Avaliar juntas!** (Congregação, 2012, p. 79).

Na Congregação, a Província do Brasil, tem a seguinte estrutura organizacional: uma Animadora, Representante Legal e Canônica na Província do

Brasil; uma Articuladora Provincial; duas articuladoras regionais para a região Norte e duas articuladoras regionais para a região Sul. Essas seis irmãs (não há leigas ou leigos nesses cargos) formam uma Equipe Provincial Calvariana, EAP, a qual toma por consenso todas as decisões de nível mais alto no âmbito da Província do Brasil (Congregação, 2009, p. 7-8).

As Irmãs que assumem papel de liderança, seja na Equipe Provincial, seja nas equipes regionais, buscam fluidez na comunicação e atenção a todas as propostas e ideias, para encaminhamento dos trabalhos e para a solução dos problemas. Dessa forma, o exercício da liderança é mais situacional do que funcional, significando que qualquer pessoa pode assumir a liderança, independentemente de suas funções oficiais, quando for escolhida pelo grupo em que atua, por sua maior aptidão, capacitação ou *autoridade legítima no grupo*, para desenvolver o tema, realizar o trabalho ou decidir sobre a solução do problema. E se esforçam para vencer três vícios históricos comuns às congregações religiosas: a burocracia, a retenção das informações para ganhar ou preservar poder e o corporativismo¹¹⁶ (Congregação, 2012).

Além disso, no que se refere à inter-relação de religiosas e religiosos com leigas e leigos na vida eclesial, García Paredes, em texto componente dos documentos capitulares do *Capítulo Geral/2018* (mas referindo-se à Igreja toda e não, especificamente, à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário), conclui que está ocorrendo um novo fenômeno interferindo na vida religiosa: várias pessoas leigas, em grupos, “abordam nossos institutos confessando abertamente que sentem o nosso ‘espírito carismático’ como seu, que desejam aderir à nossa corrente espiritual, que desejam compartilhar nosso carisma e espiritualidade.” Essas leigas e leigos querem continuar em sua vida como estão, em sua relação com a Igreja, “mas querem estar ‘conosco’” (García Paredes *apud* Congregação, 2018, p. 83-84).¹¹⁷

¹¹⁶ A Congregação define os três vícios assim: “Trazemos marcas históricas pela forma hierárquica de governar nossas Congregações. Três fenômenos ainda perduram: O primeiro se chama corporativismo, e consiste no hábito incurável de ‘manipular pessoas’ para assegurar interesses. O segundo consiste na concentração da informação. No mundo atual, quem tem informações significativas, detém maior poder. Manter as comunidades desinformadas sobre as principais questões da Congregação conduz a posturas arbitrarias. O terceiro é a burocracia (do francês: burô, que significa escritório), ou seja, o inchaço de estruturas intermediárias, o excesso de procedimentos formais, tais como relatórios, comunicados, formulários, além de reuniões intermináveis e com pouca eficácia” (Congregação, 2012, p. 78).

¹¹⁷ José Christo Rey García Paredes, padre e teólogo, apresentado na *Introdução* desta dissertação, consultor do *Capítulo Geral/2018*, teve textos incluídos nos concernentes documentos capitulares.

Então, leigas e leigos, que não tiveram o mesmo caminho que as Irmãs, em suas vocações e formação religiosa, vêm pedir espaço de convivência na mesma casa das religiosas, na vida eclesial, em comunhão (Congregação, 2018).

Esse fenômeno que ocorre agora com essas leigas e esses leigos não é novo na Congregação. Na verdade, existe desde as origens da instituição — já falei antes, neste trabalho. Nos últimos anos, porém, verifica-se importante incremento dessa procura, tanto em decorrência das mudanças sociais do tempo atual, quanto em virtude de maior abertura da Igreja para essa nova configuração. A novidade é que o compartilhamento do mesmo carisma e a mesma espiritualidade pode ser vivenciado de diferentes formas de vida cristã.

Pode-se levantar a hipótese de que exista uma razão subliminar para essa recepção de leigas e leigos nas instituições religiosas, e que essa seja uma estratégia dos institutos eclesiais para a própria sobrevivência, nesse período de hoje de escassez vocacional. Assim, o que essas instituições não conseguem obter pela adesão de novas e novos vocacionadas e vocacionados, elas obteriam “com uma adesão ‘pela metade’ ou ‘associação leiga’” (Congregação, 2018, p. 84). Mas é só uma hipótese, ou seja, uma suspeita, sobre a qual já refleti no subcapítulo 4.2 *Mudança de paradigma: uma visão de Teologia e de Administração*.

O Papa João Paulo II, referindo-se a essa nova situação na Igreja, pronuncia que não poucos Institutos chegaram à convicção de que seu carisma pode ser compartilhado com leigas e leigos, pessoas que “são convidadas a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto” (João Paulo II, 1996, n. 54). E pode-se dizer que esse “novo capítulo” mal começou e mostra-se rico de esperanças na história das relações entre as pessoas consagradas e as pessoas leigas (Congregação, 2018, p. 93).

Acrescento a conclusão de García Paredes (*apud* Congregação, 2018, p. 101) no tópico: *Em um ecossistema de espiritualidade: processos de transformação*.

E eu concluo essas reflexões dizendo que, depois de alguns anos de espera e perplexidade, Deus começa a responder aos lamentos e clamores da vida consagrada. Ela é fecunda em outros povos e igrejas jovens; mas ao mesmo tempo, está recebendo o dom de um laicato vivo, dinâmico e criativo que se sente chamado a compartilhar os diferentes carismas e — esse é um passo decisivo! —, acima de tudo, a mesma espiritualidade. Não estamos mais sozinhos! Nosso futuro ou o futuro do Espírito em nós tem Graça. O Abba, que pelo seu Espírito nos fundou, é o mesmo que agora pelo seu Espírito está nos refundando. Ele faz tudo novo, não notamos isso?

É conclusão apologética daquele autor, mas define bem a nova visão das Irmãs Calvarianas e das leigas e dos leigos da Congregação, com relação às mudanças em andamento. Encerro este capítulo com uma citação bíblica sobre a nova aliança trazida por Jesus para substituir a antiga aliança do povo de Israel, uma analogia à situação de transformações vivida pela Congregação na atualidade: “Assim sendo, ao falar de *nova aliança*, tornou velha a primeira. Ora, o que se torna antigo e envelhece está prestes a desaparecer” (*Hb 8, 13*).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar a forma de vida em comunhão de religiosas com leigas e leigos, na vivência do Carisma da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Foram definidos três objetivos específicos: primeiro verificar as mudanças estruturais nos propósitos e na organização funcional da Congregação; em seguida, caracterizar as formas de interação das religiosas com as leigas e os leigos e averiguar a harmonização das mudanças na Congregação com as reformas propostas ou realizadas na Igreja; e por último, identificar os fatores motivacionais dessa espiritualidade para a vivência do Carisma.

Numa avaliação geral, revendo todos os capítulos deste trabalho, concluo que foram atingidos os objetivos. Corroboro tal conclusão com as análises minuciosas sobre a obtenção dos resultados, os quais estão intimamente relacionados com os objetivos, e sobre a conformidade das mudanças na Congregação com as reformas da Igreja. São análises e reflexões complementadas pela descrição das situações de *antes* e *depois* das mudanças na Congregação.

Desse modo, os resultados estão organizados em dois conjuntos de averiguações inter-relacionados. O primeiro contém a análise das formas vigentes de atuação de religiosas, leigas e leigos em comunhão na Igreja, correlacionada com a descrição dessas mesmas formas por toda a história da Congregação, e destacando apenas as mudanças ocorridas nos últimos 11 anos, até 2022. É o cerne desta dissertação e permeia todo o texto, especialmente os capítulos 2 e 4. O segundo consiste na descrição e análise do modelo de reestruturação e de desenvolvimento organizacional em uso na Congregação, composto, basicamente, no capítulo 4 *As mudanças na Congregação, de 2012 a 2022*, e inteirado pelo resultado das análises sobre os fatores motivacionais para vivência do carisma Calvariano, que constou do subcapítulo 2.2 *A formação da Família Calvariana*, desdobramento 2.2.3 *Vida em comunhão de religiosas, leigas e leigos e suas motivações*.

Pretendo com esses resultados contribuir com subsídios — que se constituem dos estudos, reflexões e análises compostos nesta dissertação — para reorganizações de institutos oficiais da Igreja e para eventos de mudanças estruturais em outras instituições religiosas, católicas ou não, cristãs ou não.

Além disso, como subproduto do presente trabalho, apresento dois temas seminiais para investigação futura:

- a) o Primado Mariano e sua influência na doutrina da Igreja pós-conciliar (Vaticano II), com as reformas promovidas pelo Papa Francisco (como mencionado no subcapítulo 2.2 *A formação da Família Calvariana*, desdobramento 2.2.5, penúltimos parágrafos, e no Apêndice B); e
- b) a influência do colégio Sagrado Coração de Jesus na história política de Campinas e a participação da Igreja na vida política brasileira, como consta na *Introdução*, na parte que trato da escolha do tema da pesquisa e menciono, de passagem, a ligação da Igreja com os republicanos da elite econômica.

Outrossim, a fim de aumentar o alcance dos resultados da pesquisa, vem a propósito uma análise mais aprofundada do modelo de reorganização adotado na Congregação, cujas mudanças têm fundamentação teórica na Teologia católica, dialogando com a Administração, no construto do novo modelo organizacional denominado Turquesa (*Teal*, em inglês), criado por Frederic Laloux (2014).

Neste modelo de organização e reorganização, vale o permanente diálogo no qual a Administração tem o papel de transversalidade, juntamente com a Sociologia, a História e a Antropologia, a fim de que o presente trabalho amplie o resultado de servir de subsídio modelar a outros institutos eclesiais. As análises que faço a seguir têm também a finalidade de evidenciar a compatibilidade das transformações programadas e/ou realizadas na Congregação com as mudanças gerais da Igreja, condição a qual me referi no parágrafo final do subcapítulo 4.2 *Mudança de paradigma: uma visão de Teologia e de Administração*. A seguir, disponibilizo um quadro para visualizar essas análises a serem elaboradas em perspectiva predominantemente dialogal, mas também com visão dialética.

Quadro 1. Reestruturação de organização empresarial *versus* organização religiosa: uma ideia da compatibilidade fundamentada nos princípios gerais

ORGANIZAÇÃO EMPRESARIAL TURQUESA (TEAL) (Princípios de Administração)	ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA (Princípios da Teologia católica)
Necessidade de atualização contínua	<i>Aggiornamento</i>
Decisão por intuição; privilegiando a pessoa humana em detrimento do lucro, das coisas materiais.	Ação do Espírito Santo: fé e confiança no Espírito. Busca do Reino, precipuamente (antes das coisas materiais)
Autogestão, horizontalização; descentralização e democratização das relações de trabalho	Sinodalidade e colegialidade
Atuação com visão holística: interação e vivência percebendo as pessoas como parte de um todo	Visão holística da teologia de Francisco (<i>Laudato Si'</i>): reconhece a interconexão entre a ecologia ambiental, a justiça social, a cultura e a economia.
Integralidade com a própria pessoa (corpo, mente, espírito), com o outro e com a natureza	<i>Missio Dei</i> (missão de Deus): percepção do que Deus poderá fazer pela comunidade e o que ela vai fazer para Deus.
Realização transcendental (espiritual) das pessoas	Desenvolvimento espiritual contínuo e busca da felicidade servindo e atendendo o outro.
Responsabilidade social: abertura para a Comunidade	Ecumenismo e diálogo inter-religioso

Nota: Criado pelo autor do presente trabalho.

Fontes: Laloux (2021); Congregação (2018); García Paredes (2018a).

Nestas análises conclusivas, passo a me referir ao modelo Turquesa (*Teal*), criado por Frederic Laloux (2021) e adotado na Congregação, como modelo Nossa Senhora do Calvário (NSC), na comparação com o modelo de reforma da Igreja, baseado na Teologia do concílio Vaticano II. Levo em conta ainda que o modelo NSC vem se tornando, progressivamente, mais amplo que o *Teal*, por estar mesclado às transformações eclesiológicas decorrentes das reformas da Igreja, cuja mudança mais significativa consistiu na recepção de leigas e leigos oficialmente na Congregação.

É válido observar que o princípio de atualização, melhoria contínua e inovação nas organizações, de um lado, e o *aggiornamento* na Igreja, de outro, são duas abordagens que buscam transformar instituições pela via estrutural. Ambos os princípios propõem um trabalho de reorganização dinâmica e contínua, transformando as organizações por meio de mudanças comportamentais. Francisco, referindo-se às reformas da Igreja, destacou que:

A ‘mudança de estruturas’ (de caducas a novas) não é fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesial, de que resultaria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a *missionariedade*. Daqui a importância da missão paradigmática (Francisco, 2013b, n. 3).¹¹⁸

O modelo NSC, por sua vez, destaca a abordagem holística para a gestão organizacional, na qual as instituições são vistas como entidades vivas e orgânicas. O princípio do *aggiornamento* do Papa João XXIII, também já buscava na sua origem estabelecer uma visão mais holística da Igreja, confirmando a necessidade de atualização e adaptação aos desafios do mundo moderno. Isso contribuiu para a abertura à participação das leigas e leigos, com as transformações que se tornaram o principal elemento promotor das mudanças na Congregação — e consolidou-se como o fio condutor da presente pesquisa.

Destaco mais dois elementos indispensáveis a essa comparação, quais sejam a *mudança cultural* e o *empoderamento e autonomia*. Assim, o modelo NSC define que a melhoria contínua requer uma mudança cultural profunda, passando de estruturas hierárquicas rígidas para modelos mais colaborativos, como é o *Teal*. Assim, o Concílio Vaticano II, sob direcionamento do princípio de *aggiornamento* também visou a uma mudança cultural na Igreja, com ênfase na abertura, diálogo e inclusão.

Quanto ao segundo elemento desta comparação, prevalece no modelo NSC a ideia de dar mais poder e autonomia às religiosas, às leigas e aos leigos, a fim de permitir que tomem decisões e contribuam com seu potencial e suas habilidades, que são fatores vistos como personalíssimos. Isso decorre da convicção de que as

¹¹⁸ Na definição de “missão paradigmática” prevalece a ideia de que a Igreja existe para evangelizar e, portanto, é missionária por natureza. Assim, a missão é essencial e tudo orbita em torno dela na Igreja, Povo de Deus, com extensão da responsabilidade missionária também a leigas e leigos. A “*missionariedade*” é entendida como o conjunto das ações da Igreja toda, Povo de Deus, na pregação do Evangelho.

peças podem ser mais inovadoras quando têm liberdade para experimentar e contribuir com seus dons individuais. O Concílio Vaticano II, por seu turno, também definiu a necessidade de maior participação e autonomia das membras e membros da Igreja, incluindo leigas e leigos, alterando as formas de decisões e de vivência da fé, o que refletiu em maior responsabilidade na missão.

Prosseguindo nessas análises conclusivas, averiguo a compatibilidade quanto à responsabilidade social das organizações, tanto empresariais quanto religiosas. O paralelo teórico e conceitual desse princípio nos dois tipos de organização diferentes reside na ênfase na inclusão, na colaboração e transcendência de fronteiras e no compromisso com o bem comum. Ambos os conceitos visam a promover um ambiente onde as pessoas e as comunidades possam prosperar, contribuir e encontrar significado em suas atividades, com confiança.

Assim, a responsabilidade social na forma do modelo NSC pode ser conceitualmente comparada ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso promovidos pelo Concílio Vaticano II, sob os seguintes aspectos:

- a) *visão inclusiva e pluralidade*. Neste particular, há uma ênfase na inclusão e na valorização da diversidade. O modelo NSC propõe o desenvolvimento das organizações para níveis nos quais busca integrar diferentes perspectivas e habilidades, criando um ambiente criativo e inovador. Da mesma maneira, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso visam a unir diferentes tradições religiosas em um espírito de respeito mútuo e compreensão, reconhecendo a dignidade e a contribuição de cada uma, em termos teológicos e sociológicos;
- b) *transcendência de fronteiras e de barreiras*. Neste quesito, ambos os conceitos buscam transcender as fronteiras e barreiras que tradicionalmente dividem e isolam. No contexto organizacional do modelo NSC isso consiste na superação de hierarquias e estruturas rígidas de poder, substituídas por uma colaboração mais fluida e descentralizada e por autogoverno. Na perspectiva do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, busca-se a superação de divisões sectárias em prol de uma compreensão mais abrangente, aberta e unificadora do propósito espiritual. Essa descentralização e democratização na Igreja fundamenta-se na sinodalidade e colegialidade;
- c) *ênfase na cooperação e colaboração*. Tanto no modelo NSC quanto na visão das reformas da Igreja pós-conciliar (Vaticano II), a colaboração e a cooperação são vistas como forças vitais e levam a resultados mais benéficos do que a

competição ou a segregação. Isso, porque o trabalho colaborativo não é o simples somatório dos trabalhos individuais estanques, mas é significativamente maior e melhor, uma vez que a relação entre as pessoas produz um efeito sinérgico que é transcendente;

- d) *compromisso com o bem comum*. Tanto o princípio da responsabilidade social do modelo NSC quanto o ecumenismo e o diálogo inter-religioso buscam o bem-estar e o benefício de toda a comunidade onde as instituições atuam, sejam elas organizações empresariais ou comunidades de fé. A busca pelo bem comum é vista como uma parte essencial do propósito da função dessas entidades;
- e) *transformação e adaptação constantes*. Tanto no modelo NSC quanto na Igreja pós-conciliar (Vaticano II) há uma compreensão da necessidade de adaptação ao longo do tempo, provocando transformações constantes. As organizações empresariais e as comunidades religiosas são vistas pelas pessoas que as compõem como organismos vivos que precisam se adaptar às mudanças no ambiente, nas exigências e nas necessidades da comunidade; e
- f) *humanização e desenvolvimento pessoal*. Ambos os modelos valorizam o desenvolvimento e a realização pessoal dos indivíduos envolvidos. No modelo NSC isso pode significar um ambiente que permite às pessoas trazerem todo o seu potencial para a missão. No ecumenismo e diálogo inter-religioso da Igreja, isso pode se traduzir em uma compreensão mais profunda da espiritualidade de cada indivíduo.

Na perspectiva de analisar a compatibilidade dos princípios de Administração com os princípios da Teologia católica, resta fazer a reflexão e análise do princípio da integralidade, elemento principal do modelo *Teal*, adotado no NSC. Nesse sentido, verifico que tanto o modelo NSC quanto a Teologia da Igreja geral valorizam e dão ênfase à integralidade, vista por ambos como a essência de seus princípios de organização, os quais primam pela abordagem holística e compassiva em relação às pessoas e ao mundo.

Para explorar o paralelo conceitual que proponho e averiguar a compatibilidade entre o princípio da integralidade de Laloux (2021), inserido no modelo NSC, e a *missio Dei*, componente da teologia da Igreja, analiso três aspectos. O primeiro é pertinente à importância de tratar as pessoas de maneira integral. O segundo se refere ao reconhecimento da condição humana das pessoas, por completo. A integralidade do modelo NSC, baseado em Laloux (2021), leva as organizações a considerarem

não apenas as habilidades técnicas das pessoas, mas também suas necessidades emocionais e aspirações pessoais, abrangendo tanto aquelas de realização, de reconhecimento pelo trabalho, quanto as transcendentais ou de crescimento espiritual. Da mesma forma, na *missio Dei*, a Igreja entende que cada indivíduo é um ser humano único, com dons e vocações especiais que podem ser usados para cumprir a missão divina. O terceiro aspecto é sobre a existência subjacente de um propósito maior. Assim, tanto no modelo congregacional NSC quanto no eclesial geral da *missio Dei*, existe uma noção de parceria com esse propósito. No modelo congregacional, as organizações têm a proposta de agir de maneira mais consciente e compassiva em relação às pessoas e busca aplicar essa proposição cotidianamente, gerando impacto positivo na sociedade. Na *missio Dei*, a comunidade de fé é vista como colaboradora de Deus na realização de Seu plano de amor e redenção para a humanidade.

Quando falo da noção de integralidade, não posso encerrar o estudo desse tema antes de ampliar a explicação do conceito de “ecologia integral” do Papa Francisco que foi comparado com a visão holística das organizações empresariais no quadro 1, acima. A “ecologia integral”, conceito central da encíclica *Laudato si'*, versa sobre a perspectiva holística e integrada para estudar e tratar as questões ambientais, reconhecendo a interconexão entre a ecologia ambiental, a justiça social, a cultura e a economia. Francisco (2015, n. 139) explica: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”. Nessa perspectiva, destaca a importância de uma ecologia que promova a justiça social, a equidade, o respeito aos direitos humanos e a solidariedade entre as gerações presentes e futuras. Ele chama a atenção para a responsabilidade moral de todos e todas em relação ao meio ambiente e ressalta a necessidade de uma mudança de mentalidade e estilo de vida para promover a sustentabilidade e o cuidado com o planeta, nossa casa comum.

Para concluir a análise sobre a compatibilidade dos princípios de organização empresarial com a organização religiosa, posso afirmar que esses dois pontos convergem para um mesmo construto, embora atuando em contextos diferentes. Essa convergência verifica-se, primeiramente, pela ideia de que as instituições precisam se adaptar e inovar, para permanecerem relevantes e eficazes em um mundo em constante mudança. E, conseqüentemente, realiza-se pelas ideias de

responsabilidade social e de integralidade. Essas ideias comuns a ambos os princípios é que constroem e sustentam essa compatibilidade.

Feita essa análise — em termos epistemológico e hermenêutico — sobre o tema que constitui a essência das mudanças, objeto do presente trabalho, seleciono dois momentos da Congregação para comparar na prática, no *éthos* da Congregação, o *antes* e o *depois* das mudanças, num corte no tempo, como numa fotografia, para distinguir esses dois momentos. Descrevo no quadro 2, a seguir, para facilitar a comparação.

Quadro 2. Antes/Depois das mudanças na Congregação

ANTES (anos 1960 a 2000 *)	DEPOIS (2001 a 2023 *)
Vivência do Carisma com interpretação vigorante até 2000, que privilegiava amor e sacrifício: Maria de pé, diante do sofrimento do Filho na cruz, mulher que sofre, mas é forte.	Vivência do Carisma com interpretação vigorante no início do século XXI, com foco no mistério pascal, no sofrimento e ressurreição de Jesus e no papel de Maria, Mãe da humanidade (com visão mais cristológica)
Admissão de leigas e leigos não oficializada	Admissão e participação efetiva de leigas e leigos oficializadas no <i>Capítulo Geral/2018</i>
Reduzida participação de leigas e leigos em missão e evangelização	Realização de eventos com atuação de leigas e leigos em missão e evangelização
Visão do sagrado como único comportamento que interessa à missão	Vislumbre da vida secular como possível forma de vida cristã, na vivência do Carisma, com participação na missão
Leigas e leigos acolhidos como auxiliares, coadjuvantes e expectadores dos projetos e eventos, ou meros espectadores	Início de nova visão e abertura de discussão sobre a participação de leigas e leigos vivendo em comunhão como protagonistas da missão
Falta de organização de jovens leigas e leigos	Criação e início de atividades da Juventude Missionária Calvariana (JMC)
Falta de vivência com o espírito de sinodalidade da Igreja	Vivência eclesial com os mesmos princípios de sinodalidade da Igreja
Gestão com foco em realizar coisas para ajudar as pessoas, mas sem visão de integralidade	Gestão concentrada em fornecer suporte e recursos para o desenvolvimento de cada pessoa e do grupo, com visão de integralidade
No Brasil, estrutura organizacional decisória centralizada	No Brasil, estrutura organizacional descentralizada, mais participativa, com autoridade distribuída entre as membras e membros das equipes
Recepção da Teologia do Vaticano II sobre a Igreja dos pobres para vivenciar a comunhão no <i>locus historicus</i> dos pobres	Além do <i>locus</i> dos pobres, abertura da discussão de uma teologia partindo do <i>locus</i> da mulher, vista em sua integralidade e preocupando-se com a sua libertação, à luz de reflexão sobre Deus, sobre a Igreja e sobre o ser humano (***)

Nota: Criado pelo autor do presente trabalho.

Fontes: Congregação (2012, 2017, 2018); Leonardi (2010).

(*) Sobre a escolha dessas duas épocas, ver na *Introdução* a parte em que defino três períodos distintos para o estudo.

(**) Ver mudanças na interpretação do Carisma em 2.2.3 *Vida em comunhão de religiosas, leigas e leigos e suas motivações*.

(***) Composição teológica do texto baseada na teologia feminina segundo Militello; Van Lunen Chenu e Gibellini *apud* Gonçalves, 2005, p. 85.

Outrossim, sobre a estrutura organizacional descentralizada na Congregação torna-se oportuno esclarecer duas situações:

- a) a província do Brasil tem a seguinte configuração: uma Animadora, Representante Legal e Canônica (provincial); uma Articuladora Provincial; duas Articuladoras Regionais para a região Norte e duas Articuladoras Regionais para a região Sul. Essas seis Irmãs (ainda não há leigas ou leigos nesses cargos) formam uma Equipe Provincial Calvariana (EAP), a qual toma por consenso todas as decisões de nível mais alto, na alçada da província (conforme mencionado no subcapítulo 4.3 *O reinventar-se em novo paradigma, na prática*, no desdobramento 4-3-5); e
- b) a província da França e a Casa-Mãe não adotam essa estrutura descentralizada ainda, mas a Congregação geral (no âmbito mundial) aprova a estrutura da província do Brasil e constitui as equipes internacionais com mais autonomia para decisões sobre a missão. Para tanto instituiu e mantém, na esfera de ação mundial, a Equipe de Animação Geral, a Comissão Internacional da Família Calvariana e a Comissão Internacional de Educação Calvariana. Assim se constrói a comunidade calvariana internacional, “para fortalecer todos aqueles e aquelas que se sentem atraídos por essa Espiritualidade” (Congregação, 2018, p. 35).

Sobre os cargos da estrutura, resta registrar que há uma *Ecônoma geral*, na França, e *Ecônomas* em todas as unidades provinciais. O cargo de *Ecônoma* responde, em nível de assessoramento, pelo planejamento e controle da parte material da Congregação, como registro civil, controles trabalhistas, administração de bens móveis e imóveis e de despesa.

Cumprido levantar dois pontos críticos da estrutura organizacional que se constituem de duas mudanças de paradigma — que são de segunda ordem, mas ainda embrionárias —, conforme mencionado no subcapítulo 2.2 *A formação da Família Calvariana*, desdobramento 2.2.5 (penúltimo parágrafo), a saber:

- a) admissão de leigas e leigos, ou de algum tipo de categoria de leigas e leigos, em igualdade de condição com as Irmãs em dois pontos fundamentais, quais sejam, na assunção da responsabilidade da missão e na participação nas decisões, com direito a voto e com ocupação de cargos oficiais; e

- b) inter-relacionamento com religiões cristãs de outras igrejas evangélicas e de religiões não cristãs, especialmente as de origem africana e as dos povos indígenas.

Hoje a Congregação convive com a necessidade de agilizar a discussão e a decisão desses assuntos, para não perder o *timing* no processo de reformas da Igreja e de consolidação da Família Calvariana para os novos tempos que raiam. Mas sabe do dilema, pois são pontos de implementação demorada, em decorrência da mudança comportamental e cultural inerente a eles.

Em síntese, sobre as mudanças que se processam inspiradas no Concílio Vaticano II posso destacar as seguintes constatações de novas visões por parte da Família Calvariana:

- a) as mudanças estruturais exigem um modo diferente de pensar e sentir a Igreja, passando da visão de pirâmide hierárquica, separada e isolada, para a perspectiva de “vida em comunhão”, com visão holística e de integralidade;
- b) o modelo de estrutura organizacional adotado na Congregação tem estreita associação e compatibilidade com a orientação teológica de admissão de leigas e leigos;
- c) o novo vínculo da Família Calvariana com a Igreja-Comunhão vem se estabelecendo, mas o processo é incipiente e está ainda em transição. Atenua essa deficiência a percepção de que a mudança é persistente;
- d) o carisma não pertence à Congregação — pertence à Igreja-Comunhão;
- e) a missão é única e compartilhada por religiosas e religiosos, com leigas e leigos;
- f) o carisma fundacional é vivido pelas leigas e leigos, de modos diferentes daqueles típicos da vida religiosa, na medida em que essas pessoas leigas se aprofundam progressivamente no carisma e se integram plenamente na Família Calvariana; e
- g) a comunhão na vida da Igreja, que traz a salvação, é para todas e todos, cristãs e cristãos fiéis, sejam leigas e leigos, ou ordenadas e ordenados, ou consagradas e consagrados — todas e todos são *Christifideles*.

Em 2023 ocorreu a convocação das Irmãs, leigas e leigos para o *Capítulo Geral/2024* da Congregação, com expectativa de continuidade das mudanças. As assembleias de preparação para o novo evento já ocorreram em todas as províncias. O ícone do Capítulo procura dar a ideia geral dos temas que serão levados a debate e a decisões sobre mudanças na Família Calvariana.

Figura 4. Ícone do *Capítulo Geral/2024* da Congregação



Fonte: Congregação (2023, s.p.)

A Congregação tem a visão do caminho que começa a trilhar nessa mudança e considera o princípio da teologia de Francisco sobre o tempo ser superior ao espaço, para dar continuidade ao processo: “dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais* com *iniciar processos do que possuir espaços*” (Francisco, 2013a, n. 223).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 10520**: citações, 2ª ed., de 19 jul.2023. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BANCO DO BRASIL, Departamento de Formação do Pessoal. Gerência para o Desenvolvimento Organizacional — mudança: perspectiva teórica. **Material de treinamento**. Rio de Janeiro: impresso no BB/CESEC Andaraí. [1986].

BENTO XVI, Papa. **Declaratio**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013. (Carta de renúncia de Bento XVI, em 10 de fevereiro de 2013). Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.htm Acesso em 14 fev. 2023

BEOZZO, J. O. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. S. Paulo: Paulus, ed. francesa de 1973, revista e aumentada, 1985.

BOTANA, A. Base eclesial das famílias carismáticas. *In*: CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Família Calvariana: vida e missão em comunhão. **Documento de preparação**. *Capítulo* Provincial 2017. *Capítulo* Geral 2018. Gramat, França: [s.n., acervo privado], 2017, p. 34-42.

BOTANA, A. **Palestra: Iglesia em Valladolid. Los laicos, parte esencial en las familias carismáticas**. Valladolid, Espanha. 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Lpop3rwhD3I> Acesso em 8 abr.2022.

CALVARIANAS. **Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário**. São Paulo: Edutec. 2018. Disponível em: <https://calvarianas.org.br> . Acesso em 12.abr. 2022.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. **Constituições das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário**. São Paulo: Loyola (composição e impressão), [1984a].

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Orientações de vida. **Documentação interna**. São Paulo: Loyola (composição e impressão), [1984b].

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. **Circular de Madre Hélène, de 25 out. 1861**. São Paulo: [s.n., acervo privado] [1999].

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. **Modelo de animação evangélico Calvariano**. São Paulo: [s.n., acervo privado], 2009.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. 19. *Capítulo Geral*: de 13 de abril a 05 de maio de 2012. **Documento capitular**. São Paulo: [s.n.], 2012.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Família Calvariana: vida e missão em comunhão. **Documento de Preparação**: *Capítulo Provincial* 2017. *Capítulo Geral* 2018. Gramat, França: [s.n.], 2017.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. 20^o *Capítulo Geral*: de 27 de março a 07 de abril de 2018. **Documento capitular**. Gramat, França: [s.n.], 2018.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. **Família Calvariana**: presença dos leigos junto à Congregação. Documentário. Gramat, França: [s.n., acervo privado], 2022a.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Juventude Calvariana Missionária (JCM). **Documentação Interna**. São Paulo: [s.n.], 2022b.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Ano Vocacional Calvariano – Província do Brasil. **Documentação Interna**. São Paulo: [s.n.], 2022c.

CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Família Calvariana: vida e missão em comunhão. **Documento de Preparação**: *Capítulo Geral* 2024. São Paulo: [s.n.], 2023.

CONSELHO Episcopal Latino-Americano (CELAM). Documento de Puebla, III *Conferencia General del Episcopado Latinoamericano*. Puebla de los Ángeles, México: CELAM, 1979.

Disponível em

https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Puebla.pdf. Acesso em 12 nov. 2022.

FAGGIOLI, M. O Papa Francisco e as mudanças na governança global da Igreja Católica. Tradução de José Martins dos Santos Neto. **Horizonte**: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. PUC Minas, v. 19, n. 59, p. 496-520, maio/ago. 2021. DOI: <https://10.5752/P.2175-5841.2021v19n59p496> Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/27763> Acesso em 04 mar. 2023.

FERRÍN, E.G. **A angústia de Abraão**: as origens culturais do judaísmo, do cristianismo e do islamismo. Tradução de Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulus, 2018.

FISCH, R.; WATZLAWICK P.; WEAKLAND, J. **Mudança**: Princípios da formação e resolução de problemas. Tradução de Jamir Martins. São Paulo: Eduetrix, 1977.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013a. (Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Em 24 de novembro de 2013).

FRANCISCO, Papa. **Discurso:** aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação, no Rio de Janeiro, em 28 de julho de 2013. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013b. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html
Acesso em 14.fev.22

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. (Louvado seja — sobre o cuidado da casa comum. Em 24 de maio de 2015).

FRANCISCO, Papa. **Discurso:** Encontro com a Cúria Romana na apresentação de votos natalícios. Em 22 de dezembro de 2016. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html . Acesso em 14 nov. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Discurso:** Abertura do Sínodo sobre sinodalidade. Em 9 de outubro de 2021. Roma, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-10/papa-francisco-sinodo-igreja-viva-escutar-espirito-sinodalidade.html>. Acesso em 22 dez. 2022.

GARCÍA PAREDES, J. C. Palestras do assessor – padre José Christo Rey García Paredes. *In: CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. 20º Capítulo Geral: de 27 de março a 07 de abril de 2018. Documento capitular.* Gramat, França: [s.n.], 2018a, p. 59-155.

GARCÍA PAREDES, J. C. “Organização e liderança da Família Carismática para um novo paradigma: organizações "Turquesa". *In: CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. 20º Capítulo Geral: de 27 de março a 07 de abril de 2018. Documento capitular.* Gramat, França: [s.n.], 2018b, p. 143-155.

GARCÍA PAREDES, J. C. Conferências do assessor, padre José Christo Rey García Paredes. *In: CONGREGAÇÃO das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. 20º Capítulo Geral: de 27 de março a 07 de abril de 2018. Documento capitular (anexo).* Gramat, França: [s.n.], 2018c, p. 166.

GARCÍA PAREDES, J. C. **Outra comunidade é possível:** sob a liderança do Espírito. São Paulo: Paulinas, 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1. ed. reimpr., 2019.

GONÇALVES, P. **Liberationis Mysterium.** O projeto sistemático da Teologia da Libertação. Um estudo teológico na perspectiva da *regula fidei*. Roma: PUG, 1997.

GONÇALVES, P. Epistemologia e método do projeto sistemático da TdL. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 60, n. 237, p. 145-179, 2000. DOI: <https://doi.org/10.29386/reb.v60i237.2205>. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2205>. Acesso em 8 jul. 2023.

GONÇALVES, P. A teologia do Concílio Vaticano II e suas consequências na emergência da Teologia da Libertação. *In*: GONÇALVES, P.S; BOMBONATTO, V.I. (org). **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

GONÇALVES, P. Epistemologia Teológica Libertadora: conceitos e debate. *In*: **Atualidade Teológica**, v. XXIV, n. 66, p. 581-602, 2020. DOI 10.17771/PUCRio.ATeo.50673. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50673/50673.PDF>. Acesso em: 8 jul. 2023.

GUERRIERO, E. **O Vaticano II: história e significado para a Igreja**. Cadernos do Concílio – 1. Tradução de João Vítor Gonzaga Moura, dos textos originais, 2022: *Concilio Vaticano II — Storia e significato per la Chiesa Dicastero per l'Evangelizzazione Sezione per le questioni fondamentali dell'evangelizzazione nel mondo*. Brasília: Edições CNBB, 2023.

GUTIÉRREZ, G. **Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 5ª ed., 1975.

JOÃO PAULO II, Papa. **Dives in Misericordiae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1980. (Carta encíclica sobre a misericórdia divina. Em 30 de novembro de 1980). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html . Acesso em 13 maio, 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Christifideles Laici**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1988. (Exortação apostólica sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Em 30 de dezembro de 1988). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html . Acesso em 13 maio, 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1996. (Exortação apostólica sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. Em 25 de março de 1996) Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html . Acesso em 13 maio, 2022.

KLOPPENBURG, B. O protagonismo dos leigos. Teocomunicação. Porto Alegre: PUCRS, v. 35, n. 148, jun. 2005, pp. 261-274. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/download/1685/1218/>. Acesso em 14 fev. 2022.

LALOUX, F. **Reinventing Organizations: a guide to creating organizations inspired by the next stage of human consciousness**. Brussels: Nelson Parker, 2014.

LALOUX, F. **Reinventando as organizações: um guia para criar organizações inspiradas no próximo estágio da consciência humana**. Tradução de Isabella Bertelli Cabral dos Santos et al., do original **Reinventing Organizations**. Curitiba: Voo, 1.a ed., 3.a reimpressão, 2021.

LEONARDI, P. **Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12062008-155236/publico/TesePaulaLeonardi.pdf>
Acesso em 14 fev. 2022.

LEONARDI, P. **Além dos espelhos**: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas. São Paulo: Paulinas, 2010.

MANOEL, I. A. **Igreja e educação feminina (1859-1919)**: uma face do conservadorismo. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

MAUREL, P. **Presença do jeito de Maria no Calvário**. Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário de Gramat: desde suas origens, 1833, até 1900. Tradução de Luciana Carvalho, Márcia Vieira e Thereza Piazza, do original *La Congrégation des Soeurs de Notre-Dame du Calvaire*, 1928. São Paulo: Loyola, 1999.

MEMBRA. *In*: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: UOL, 2023.
Disponível em
https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3
Acesso em 13 out. 2023

MENDONÇA, M. L. **90 anos de presença missionária Calvariana no Brasil**. [1906-1996]. Rio de Janeiro: Congregação das Irmãs de N.S. do Calvário, 251 p., 1996.

MONGRELET, B. **Padre Pierre Bonhomme**: sua vida, sua história. Tradução de Ir. Thereza Piazza, do original *Vie de l'abbé Pierre Bonhomme: fondateur de la Congrégation des Soeurs de Notre-Dame du Calvaire a Gramat (Lot)*. 1803 – 1861. São Paulo: Loyola, 510 p., [1990].

MONGRELET, B. **Vie de l'abbé Pierre Bonhomme: fondateur de la Congrégation des Soeurs de Notre-Dame du Calvaire a Gramat (Lot)**. 1803 – 1861. Paris: J Mersch, 1892.

PASSOS, J. D. **A Igreja em saída e a casa comum**: Francisco e os desafios da renovação. São Paulo: Paulinas, 2016.

PASSOS, J. D. As reformas do Papa Francisco: conjuntura, significados e perspectivas. **Perspectiva Teológica** v. 49, n. 2, p. 353-374, jan./abr. 2017.

PAULO VI, Papa. **Lumen Gentium**. Roma: Librería Editrice Vaticana. 1964. (Constituição dogmática do Concílio Vaticano II, sobre a Igreja: luz dos povos. Em 21 de novembro de 1964).
Disponível em
https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 13 maio 2023.

PAULO VI, Papa. **Gaudium et Spes**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1965. (Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Em 7 de dezembro de 1965).
Disponível em:
https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 13 maio 2023.

PIGANEAU, M. B. **Pierre Bonhomme**: um autêntico homem bom. Tradução de Vanderlei dos Reis Ribeiro. Título francês: Pierre Bonhomme: un grand bonhomme parmi nous. Gramat, França: Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, 2012.

SAGRADA CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Libertatis Nuntius**: Instrução de alguns aspectos da “Teologia da Libertação”. Roma: [s.n.], 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html. Acesso em 8 jul. 2023.

SAGRADA CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Libertatis Conscientia**: Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação. Roma: [s.n.], 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19860322_freedom-liberation_po.html. Acesso em 8 jul. 2023.

SCANNONE, J.C. **A teologia do povo**: raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2019.

UHLE, A. B. Orosimbo Maia: cultura e política no final do século XIX. *In: Proposições*, v. 9, n. 1 (25), mar. 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644147/11585>. Acesso em 2 maio, 2023.

WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 2000.

WILBER, K. **La visión integral**: *Introducción al revolucionario enfoque sobre la vida, Dios y el universo*. Barcelona (Espanha): Kairós, 2009.

ZAGO, J. Prefácio. *In: Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Padre Pierre Bonhomme*: sua vida, sua história. Gramat, França: [s.n., conteúdo de CDR], 2001.

APÊNDICE A - Orientação da Igreja da América Latina sobre a questão política

Sobre a orientação política, em sentido amplo, na Congregação, saliento, inicialmente, que prevalece para as Irmãs Calvarianas a recomendação geral e as diretrizes pastorais da Igreja. Dessa maneira, em Puebla¹¹⁹ a Igreja mostra sua definição teológica clara a respeito do homem na convivência humana e de seu protagonismo na construção do bem comum e no desenvolvimento integral da humanidade, na sua atuação baseada na Fé e no Evangelho (Conselho, 1979, n.272 ss.). A Igreja coloca-se como exemplo de comunhão e participação a ser seguido, unindo fé e vida. Embora declare “a necessidade da presença da Igreja, no político” (n. 516), Puebla insiste em “distinguir neste campo da política aquilo que corresponde aos leigos, o que cabe aos religiosos e o que compete aos ministros da unidade da Igreja, o Bispo com seu presbitério” (n. 520). Dessa forma, Puebla diferencia “política” de “compromisso político”, ou política em sentido amplo e política partidária (n. 521). A política em sentido lato visa ao bem comum, define os valores fundamentais da comunidade e influencia o comportamento nas relações sociais, na medida em que indica a forma como as sociedades são estruturadas e como os indivíduos interagem e se relacionam entre si.¹²⁰

É indiscutível que os religiosos atuem nesse campo político, mas terão de “optar somente pelo homem” (n. 551), não por instituições políticas, organizações partidárias, sistemas econômicos nem orientações ideológicas específicas. A política de partido é campo de atuação especial para fiéis leigos e leigas (n. 542), a quem compete reunir-se em grupos para tratar dessa política, como atividade essencial. “As ideologias elaboradas por estes grupos, embora se inspirem na doutrina cristã, podem chegar a diferentes conclusões” (n. 523). Então, qualquer partido político, mesmo aqueles de ideologia e plataforma fundamentadas na doutrina da Igreja, não pode atribuir-se o direito de representar todos os fiéis, pois nem todos aceitarão tais valores como sendo absolutos (n. 523). É inevitável o pluralismo político, que é útil ao debate, para possibilitar a convivência sadia e produtiva de opiniões divergentes.

¹¹⁹ Terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla de los Ángeles, México, cuja doutrina complementa o que foi iniciado na Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín, na Colômbia.

¹²⁰ Faço referência ao documento conclusivo de Puebla (em espanhol) utilizando as citações em português de Kloppenburg (2005), em seu ensaio sobre o protagonismo das pessoas leigas na Igreja. Frei Carlos José Boaventura Kloppenburg, OFM, doutor em Teologia Dogmática foi bispo emérito da diocese de Novo Hamburgo (RS), falecido em 8 de maio de 2009.

“Corresponde à condição leiga constituir e organizar partidos políticos, com ideologia e estratégia adequada para alcançar seus legítimos fins” (n. 524). Mas, sempre e quando uma cristã leiga ou um cristão leigo aceita um movimento apostólico ou uma ação pastoral, não deve usar sua posição ou autoridade em função de partidos ou ideologias (n. 530 e 810). (Documento de Puebla *apud* Kloppenburg, 2005).

As diretrizes da Igreja, até 2023, definem ainda que há um campo de apostolado sendo apropriado apenas para as pessoas leigas, mesmo com as grandes mudanças pós-conciliares (Vaticano II), caracterizadas pela Igreja-Comunhão.¹²¹ Para essa Igreja a missão abrange todas as pessoas cristãs e realiza-se não só na comunhão de cristãs e cristãos, mas também na cooperação, qual seja, no trabalho conjunto para os mesmos (ou parecidos) objetivos. Assim, nesse novo sistema eclesial, os consagrados e as consagradas estão juntos dos restantes cristãos e cristãs, todos e todas com a mesma responsabilidade na missão de anunciar o Evangelho.¹²²

Vincula-se a 3.3 *A recepção da teologia do Vaticano II e a motivação na Congregação.*

¹²¹ A Igreja-Comunhão é reconhecida por enfatizar a ação do Povo de Deus no atendimento especial aos pobres, aos necessitados, aos marginalizados e socialmente vulneráveis, em geral. Essa Comunhão tem relação ainda com pregar a superação de disputas e conflitos, promovendo a reconciliação e a busca de diálogo e compreensão com aqueles que possuem visões diferentes dentro e fora da Igreja, formando uma comunidade unida, inclusiva e solidária, comprometida com o serviço aos outros e com a promoção da paz, a justiça e a reconciliação. O Papa Francisco dá ênfase ainda à comunhão entre as pessoas de diferentes culturas e religiões, num diálogo inter-religioso, oferecendo espaço para o compartilhamento de valores e objetivos comuns.

¹²² Esse sistema eclesial que a Igreja busca implementar caracteriza-se ainda pela composição de famílias evangélicas ou carismáticas, isto é, por conjuntos formados por grupos de fiéis unidos pelo mesmo carisma fundacional, ou a mesma *raiz carismática*, mas com formas de vida diferentes e com diversos modos de viver o mesmo carisma. Assim, devem todos os fiéis, leigas e leigos, aprender que eles têm um campo de apostolado que é só deles.

APÊNDICE B - O primado mariano

Nos estudos bíblicos realizados na Congregação tratei com as Irmãs da teologia de Hans Urs von Balthasar e sirvo-me da reflexão desse teólogo a respeito do primado mariano (Congregação, 2017, p. 7-8):

A Igreja é definida, hoje, como Povo de Deus, dentro do qual situamos as relações de hierarquia e laicato. Costumamos dizer que esta estrutura é marcada pelo chamado “primado petrino”.

Ao lado deste, porém, sabemos da crescente consciência da existência do chamado “primado mariano”, que se refere à vocação única de toda a Igreja, à mesma santidade (João Paulo II em *“Mulieris Dignitatem”*, n. 27 desdobra este significado).

Mas seria bom estudar todo este conceito “dos primados”, a partir de uma das intuições geniais de Urs von Balthasar. Ele identificou nas várias dimensões da Igreja a continuação das experiências arquetípicas de fé daquelas pessoas que circundaram Jesus na sua vida histórica: **os princípios petrino, paulino, joanino e jacobita** (referentes a Pedro, Paulo, João e Tiago, respectivamente), todas elas dificultando relações irmãs, iguais entre os cristãos.

Urs von Balthasar recuperou, corajosamente, outro princípio influente na Igreja primitiva, que ele chamou de **primado mariano**, por abraçar todos os quatro princípios. O Jesus dos Evangelhos cercou-se de pessoas como Maria, Pedro, os apóstolos, as irmãs de Betânia e outras.

Cada uma delas representa um aspecto, um perfil da Igreja, que se perpetua na sua caminhada histórica: Pedro representa o “ministério”; João, o “amor”; Paulo, a “novidade” e a liberdade no Espírito; Tiago, a “tradição” e a fidelidade a ela. Todas elas são abraçadas pelo papel exercido por **Maria**. Assim, Maria aparece como modelo da própria Igreja, modelo de vida para o cristão — especialmente para a mulher, que, em Maria, encontra o seu lugar na Igreja —, “estilo” dos movimentos eclesiais, caminho para o ecumenismo e para o diálogo interreligioso. Mas, acima de tudo, Maria é quem pode fazer o cristianismo superar o risco de se tornar funcionalista e “sem alma”.

Com segurança, podemos afirmar que a Vida Religiosa se realiza a partir do princípio “mariano” e precisa, com urgência e determinação, superar a persistente tendência de ser “uma segunda categoria da Igreja Instituição” que se organiza a partir do “princípio petrino”.

São essas reflexões originais e estimulantes do famoso teólogo suíço Hans Urs von Balthasar que podem contribuir para a inspiração fundante da Comunidade Religiosa Calvariana.

Encontramos o princípio mariano, descrito como o jeito de ser Igreja nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos.

Essas reflexões representam a ideia de *primado mariano* e seu significado para a Congregação, no tempo das mudanças objeto deste trabalho. Vincula-se a 2.2.5 *Missão compartilhada a partir do carisma e conclusão*.

ANEXO A - Das origens da Congregação ao Concílio Vaticano II (1833-1960)

Nota: Vincula-se a 2.1 *História da fundação na França e da presença das Irmãs no Brasil* (parte inicial).

(Congregação, 2022a)

A História da Congregação nos mostra a presença significativa dos leigos, desde suas Origens. Podemos citar a colaboração do **Senhor Lauriston**, antigo tesoureiro municipal da cidade de Cahors. Era possuidor de uma fortuna considerável e de uma caridade inesgotável, estava sempre pronto a ajudar amplamente todas as boas obras. Ele ajudou a Congregação nascente, com seus bens, sua influência e seu testemunho cristão. De alma nobre, julgava que a melhor decisão para quem tem bens, é de distribuí-los abundantemente aos pobres, em nome de Deus. Era possuidor de uma bela casa em Cahors e queria que as Irmãs a habitassem e permanecessem lá. Mas o Padre Bonhomme tinha outros planos e disse às Irmãs: *Como vocês veem, o que fazer em Cahors, onde não temos nenhuma contradição a sofrer? Deus nos chama a Gramat e é para Gramat que trabalhamos. Nós esperamos encontrar nesta querida cidade, aflições e sofrimentos, que são o fundamento de toda nova instituição.* Em muitas oportunidades o Senhor Lauriston esteve presente. Quando o Padre Bonhomme levou a Paris as duas noviças para fazerem um estágio com as Irmãs de Santa Clotilde, o Sr. Lauriston o acompanhou. Foram de carruagem. De Paris o Padre Bonhomme escreveu às Noviças de Gramat: *Eis que finalmente chegamos a Paris, ontem ao meio-dia e posso dizer, graças sejam dadas a Deus, após uma feliz viagem. Durante o percurso não fizemos outra coisa senão rezar, cantar louvores a Deus e sobretudo, recitar o terço. O Senhor Lauriston tomava parte, ou melhor, dava em tudo, o bom exemplo. Formávamos como que uma comunidade ambulante, onde tudo estava estabelecido, as horas de oração, de trabalho, das refeições, apenas o momento de dormir ficava a critério de cada um.*

O Senhor de Lauriston comportou-se, em relação a nós, como um pai; demonstrou para com nossas irmãs, o máximo de bondade; sem ele, não teríamos feito nossa viagem com as mesmas facilidades, sem levar em conta que ele pagou tudo em todos os albergues, de modo que só gastamos nossos setenta e cinco francos da “diligência” ... (PB. Carta de 19 de junho de 1836).

Muitos sacerdotes auxiliaram as Irmãs em sua caminhada e em seus trabalhos. Podemos citar o testemunho do **Monsenhor Sénizergues**. Desde a origem da Congregação, ele encorajou as Irmãs e as protegeu. Assim se expressava: *Deus me concedeu uma grande graça permitindo que eu conhecesse desde o início esta pequena família, assim, minha felicidade aumentava, conforme a família crescia. Hoje não posso mais ser-lhes útil. Adoro os desígnios de Deus e a eles me submeto, mas meu coração sofre e sinto falta de nossos encontros.* Monsenhor Sénizergues faleceu no dia 6 de outubro de 1854.

As Irmãs de Nossa Senhora do Calvário lamentaram sua partida como a de um pai. (Maurel, pág. 100 e 101).

Quando as primeiras Irmãs completaram sua formação inicial foram enviadas em missão nas diversas fundações onde a Congregação era solicitada. Em todas elas, os **leigos** estavam presentes acolhendo e auxiliando as Irmãs. Vejamos dois exemplos.

. Na implantação da Congregação em Limogne destacamos a generosidade da **Família Pradines** que esteve muito presente junto à comunidade das Irmãs que acabavam de chegar. (Maurel, pág. 77)

E Deus recompensou esta bondade concedendo a uma descendente dessa família, a graça da vocação religiosa. Trata-se de Ir. Marie François Pradines que foi Superiora Geral de 1976 a 1988.

Na fundação de Lafrançaise o **casal Laval**, cristãos exemplares, acolheu as Irmãs em sua chegada e deram-lhes a mais amável hospitalidade, demonstrando também simpatia e generosidade. De início uma parte da população não aceitou as Irmãs, mas rapidamente elas conquistaram a simpatia da população e *em nenhum lugar as Irmãs foram tão apreciadas e amadas como em Lafrançaise*. (Maurel Pag. 74 e 75)

Em sua missão, as Irmãs sempre estiveram próximas aos leigos, seja nas escolas, nas obras sociais, nas paróquias ou na área da saúde. Eles sempre foram os colaboradores da missão. Muitos ex-alunos de nossos colégios dão testemunho da proximidade das Irmãs que os marcaram com seu testemunho de vida e seus ensinamentos.

A Laicização e a Secularização

- Um dos fatos que marcaram muito a proximidade e a atuação dos leigos junto às Irmãs, foi a **Laicização, a Secularização** em consequência da Revolução Francesa ocorrida no final do século XIX e início do século XX, quando as escolas católicas da França foram atingidas fortemente por ela.

De 1888 a 1903 na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário foram laicizadas umas 40 escolas. Nos lugares onde as Irmãs encontraram “um mínimo de recursos e a ajuda da população”, **dos leigos**, puderam manter uma escola livre, nos outros lugares tiveram que se retirar.

Mas Deus suscitou na Congregação uma pessoa muito especial – Mère Marie Josephine - que foi eleita Superiora Geral da Congregação nesta época e soube conduzir maravilhosamente os acontecimentos.

Através das Cartas Circulares, **Mère Josephine** se comunicava com as Irmãs, informando-as e orientando-as. Vamos citar alguns trechos destas Circulares: 1901 – ... *um ponto negro surgiu no horizonte ameaçando a tranquilidade, a liberdade e a existência das Congregações. Vocês sabem como esse ponto cresceu e em que proporções se desenvolveu! O perigo tornou-se eminente.*

1902 - *Ninguém ignora a gravidade do perigo da dissolução e da separação que nos ameaça e pode nos atingir, num futuro próximo. Devemos fazer de tudo para afastar esse perigo. Sejamos **Religiosas até o âmage de nosso ser.***

A angústia maior das Irmãs e das responsáveis pela Congregação era a incerteza quanto ao futuro da Vida Religiosa e da Congregação na França.

As escolas particulares das Irmãs continuavam a ser laicizadas.

1903 - *Acabamos de receber a comunicação de que vinte e dois estabelecimentos nossos de Paris e arredores, vão receber a notificação para serem fechados e as Irmãs dispersadas. Quanta ruína ao nosso redor.*

No decorrer de 1903 uma Lei promulgava a extinção das Congregações destinadas ao ensino, registradas e reconhecidas pelo governo, como **Instituições Educativas**. A Congregação Calvariana estava ameaçada por completo.

Em 1904 - ... *minhas Irmãs, o cálice da provação transborda! A nossa **Congregação acaba de ser dissolvida pelo Tribunal de Gourdon**. Um visitador foi nomeado para proceder ao inventário dos móveis da Casa-Mãe.*

Tudo estava requisitado pelo governo. Foi estipulado o dia 2 de agosto de 1905 para que o visitador nomeado pelo tribunal de Gourdon fosse até Gramat para realizar o inventário dos móveis da Casa Mãe. Podemos imaginar a angústia de Mère Josephine, face a essa situação.

- Atuação maravilhosa dos Leigos

Mère Josephine teve a luminosa iniciativa de pedir ajuda aos **médicos e diretores** dos hospitais onde as Irmãs trabalhavam como enfermeiras.

Eles prontamente prepararam a defesa da Congregação, ressaltando o trabalho eficiente das Irmãs como enfermeiras e o bem que a Congregação estava realizando para a sociedade. Este documento foi aceito pelas autoridades e as **Irmãs foram reconhecidas como enfermeiras**. Assim a Congregação não foi dissolvida. **Essa grande conquista, a Congregação deve aos leigos.**

Em 1905 - *Minhas queridas Irmãs, quase todas já estão sabendo que fomos reconhecidas como **enfermeiras**, no dia 6 de dezembro de 1904.*

Finalmente, o tribunal de Gourdon nos fez justiça, suspendendo o julgamento de 2 de agosto, e anulando a nomeação do visitador.

*Em 1906 – Acabamos de receber do Ministério dos Cultos um exemplar dos estatutos modificados que havíamos enviado há seis meses. **Está agora assinado pelo Ministro dos Cultos a aprovação e o reconhecimento da Congregação, conservando todas as suas obras, menos as educacionais.***

Desse modo, as escolas da Congregação e os prédios foram preservados por causa do serviço social da Congregação que existia desde a fundação... Então a Congregação pode ser mantida "viva" e mantendo as "propriedades" em vista do serviço que prestava aos pobres na área médico-social.

Quanto a direção efetiva das escolas, diretoras leigas foram contratadas e as Irmãs educadoras deixaram de usar o hábito religioso para continuar atuando... além disso, naquela época tinha um documento que elas eram obrigadas a assinar que se chamava "documento de laicização"...

Estas estratégias permitiram às Irmãs Calvarianas continuarem sua missão na área da educação, atravessando tempos difíceis de perseguição "governamental", até que novos tempos permitiram criar associações para administrar os bens imóveis... várias associações foram sendo criadas segundo as necessidades da época... os arquivos guardam traços deste "movimento"... mas sem dúvida alguma, em todas estas mudanças, as Irmãs sempre estiveram presentes seja como membros de diretoria, ou em outras funções que permitiam a tomada de decisões priorizando o lado religioso, da herança cultural, etc.

Mère Marie Josephine foi uma verdadeira discípula do Calvário. Diante de tantas perseguições, sofrimentos e dor, ela ficou de pé, na aceitação da vontade do Pai. "Seu desejo de fazer o bem" jamais enfraqueceu.

Quando viu a Congregação mutilada no ramo da Educação, não se abalou, mas **multiplicou as obras sociais e caritativas.**

Sente também o forte apelo a **uma resposta missionária** da Congregação. Não é possível recuar ou resistir à vontade de Deus.

*1906 - ... diante dessas provações compreendi que não deveríamos recuar e nem ignorar as evidências da vontade divina, que **nos tornemos religiosas missionárias.***

A Congregação se expandiu a outros países da Europa: na Romênia, na Suíça, na Bélgica...

A tenda Calvariana foi ampliada a outros Continentes

A Congregação compreendeu que havia chegado o momento de **ampliar sua tenda a outros continentes**. O desejo do Padre Bonhomme falou alto em seus corações: *Quero minhas filhas aptas e disponíveis a todas as necessidades da Humanidade, ainda que seja no fim do mundo.*

- Um grande desafio surge na Congregação. As Irmãs já não são numerosas como antes. Mas o trabalho nas obras aumenta. Vejamos um pouco de seu histórico.

Nos primórdios da Congregação na França, quando as famílias eram numerosas, não havia problemas de vocações. O Padre Bonhomme em suas

Missões Populares despertava no coração de muitas jovens o desejo de se consagrar a Deus. As famílias, em sua maioria eram cristãs, apoiavam a vocação dos filhos. A sociedade daquele tempo não oferecia tantas alternativas atraentes. A vida rural era simples, as pessoas frequentavam a Igreja do vilarejo e se conheciam.

A Congregação tornava-se numerosa. Novas escolas eram abertas e as Irmãs assumiam a Direção, as aulas, o serviço, o internato, as Obras Sociais e de saúde.

Com o passar dos anos, este quadro foi mudando e as vocações foram se tornando menos numerosas. Os Colégios se ampliavam, o ensino se diversificava e as Irmãs se deram conta que precisavam adotar uma Pastoral Vocacional.

O que deve nos preocupar é a questão das vocações, porque todas nós, minhas queridas Irmãs, temos um papel importante a desempenhar no recrutamento. É o nosso contato, nossas palavras e nossos exemplos que a jovem faz normalmente "sua" idéia da Vida Religiosa. O exemplo impressiona, atrai irresistivelmente. Julga-se uma Congregação pelo valor das religiosas com as quais se tem contato. (Circular, Mère Marie Alfred, 02.07.1948)

Na medida em que vivemos o espírito do Evangelho, nós atraímos vocações, e o que é mais importante, é que levaremos ao mundo o testemunho de Cristo. Devemos nos prender particularmente no essencial! (Circular, Mère Marie Alfred, 15.12.1947)

... temos que viver a humildade, à caridade, a simplicidade que deve caracterizar nossa Congregação, como o fez nosso Venerável Fundador. Sejam abertas, amáveis, alegres, fazendo felizes nossas companheiras em todos nossos relacionamentos com elas. (Circular, Mère Marie Alfred, 02.07.1948)

- No texto do Capítulo de 1952 encontramos: *As Superiores devem acompanhar a formação de suas Irmãs, permitindo-lhes participar de encontros e Congressos. Elas darão apoio à Ação Católica, intensificando nas nossas escolas e nas nossas obras os diversos movimentos e **colaborarão com os leigos**, mostrando-se acolhedoras e compreensivas.*

O trabalho aumenta em toda parte, pois os alunos são numerosos e restrito é o número de operárias. Será preciso então fechar algumas Escolas?

É necessário encontrar leigos que assumam conosco a missão educativa. *Que cada casa se encarregue de encontrar o pessoal que lhe for necessário. (Circular de 22.07.1945)*

- É necessário ampliar a Família Calvariana: Todos os que trabalham conosco ou em nossas obras devem ser acolhidos e amados numa mesma atmosfera familiar:

Devemos amar com ternura, não somente nossas Irmãs, mas também as crianças de nossas escolas e de nossos patronatos; os doentes, os hospitalizados, os auxiliares, os empregados, as domésticas...; todos, indistintamente, têm direito à nossa caridade. Tratemos, portanto, a todos com afeto, indulgência.

*Nossos colaboradores e auxiliares nas Escolas devem ser objeto de nossas delicadas atenções. Que eles não se sintam estrangeiros, isolados em nosso meio, mas, ao contrário, **numa atmosfera familiar**, de relações cordiais, facilitadoras naturais, da tarefa que lhes foi confiada. Aos hospitalizados, aos doentes, nossa compaixão e nossos cuidados afetuosos!*

Nossas virtudes religiosas os edificam. Nossa doçura, paciência, afabilidade e devotamento desinteressado farão mais para Deus e para a Congregação, do que todos os mais belos discursos. (Circular, Mère Hélène de Jésus, 23.03.1934)

Os desafios vão aumentando pela demanda do trabalho e missão que a Congregação vai se abrindo, se adaptando, acolhendo colaboradores e se engajando em setores que extrapolam o âmbito dos Colégios e das obras.

- **Mère Hélène de Jésus, Superiora Geral, percebendo a realidade das paróquias, reconhece a necessidade de preparar as Irmãs educadoras para serem catequistas e formadoras de catequistas. Os Colégios devem colaborar com as Paróquias.**

*. Cabe a nós, religiosas, e às nossas alunas a missão de ajudar nossos pastores em sua delicada e difícil tarefa; é preciso formar catequistas, preciosas auxiliares dos padres em suas paróquias. **Catequistas, sejam vocês mesmas,** minhas Irmãs educadoras; mas com competência. Não tenhais medo de estudar: em se tratando de verdade cristã nunca é demais saber; e não vos lanceis jamais sem uma cuidadosa preparação. (Circular, Mère Hélène de Jésus, 27.03.1942)*

- **Em agosto de 1946, no Sétimo Capítulo Geral da Congregação, foi eleita Superiora Geral, Mère Marie Alfred. Mulher sábia, de horizontes abertos, que enfrenta os desafios do mundo moderno, que evoca o testemunho do Padre Bonhomme como se ele vivesse nessa época.**

Que nossa caridade seja universal! O mundo espera muito de nós. Quer que sejamos testemunhas do Cristo, compreendendo e praticando a verdadeira caridade, na medida das dimensões mesmo do Evangelho.

Nossas pequenas Comunidades, lares de ardente caridade, irradiarão e atrairão outras pessoas ao nosso seguimento.

*Supliquemos ao nosso Venerável Pai de nos revelar seu pensamento: se estivesse vivendo em nossa época, o que faria? Se ficarmos inertes diante da evolução moderna que agita o mundo, me parece que ele sairia de seu túmulo para nos dizer: Ide, pois, aos problemas atuais, não fiquem nessa apatia, entrai a fundo no apostolado moderno. **Quem sabe, minhas queridas Irmãs, se Deus não chama a nossa Congregação para horizontes novos?***

(Circular, Mère Marie Alfred, 15.12.1946)

- **Como Filhas de Nossa Senhora do Calvário, temos o dever de aprofundar e explorar esse mistério de Maria ao pé da Cruz.**

No Calvário Maria sofreu indizivelmente. Ela sente a espada em seu coração maternal, sente a fé, as alegrias do parto espiritual de todos os resgatados. Ela perde seu Menino e ganha uma multidão de outros. É Mãe das dores e ao mesmo tempo Mãe da Redenção! Como Filhas de Nossa Senhora do Calvário, temos o dever de aprofundar mais, explorar esse mistério de Maria ao pé da Cruz, reproduzir nossos verdadeiros sentimentos que animam: Stabat. Ela fica de pé durante a prova. Maria nos aparece assim com toda sua ternura maternal ferida. É esse contraste onde se mistura o divino e o humano que faz desse mistério uma fonte fecunda de espiritualidade. Espiritualidade doce e forte: de confiança e de renúncias, de amor e de sacrifício. Espiritualidade corredentora, reparadora, apostólica. Coloquemo-nos sob a conduta e a escola da Virgem Maria. (Circular, Mère Marie Alfred, 18.12.1948)

- **Os tempos modernos avançam. Novos movimentos surgem na Igreja. A Ação Católica toma força, com o objetivo de formar **leigos** para colaborar com a missão da Igreja. A Congregação sente necessidade de promover e apoiar a Ação Católica nas Escolas.**

*Vamos promover a animação espiritual da **Ação Católica**. Deixemos agir as jovens militantes, **sejamos o motor escondido,** indispensável, que anima e vivifica todo o organismo. Podemos fornecer-lhes serviço não somente de ordem material, mas também de **ordem espiritual e intelectual**. Saibamos nos acolher com simpatia e apoiar suas atividades e suas iniciativas. (Circular, Mère Marie Alfred, 18.12.1948)*

*Um mês pedagógico, para as religiosas e leigos educadores, se abrirá na Casa Mãe do dia 18 de julho de manhã para se encerrar dia 11 de agosto. Todas as mestras de classe e os professores leigos são cordialmente convidados, mas nosso apelo se dirige, sobretudo, às jovens ainda sem experiência. O papel dos educadores é ajudar os alunos a assumir sua vocação cristã. No pensamento da Igreja as escolas cristãs devem ser o sal da terra e de vida cristã. **É preciso formar dirigentes para os movimentos de Ação Católica.** (Circular, Mère Marie Alfred, 01.07.1949)*

- Mère Marie Alfred convoca as Irmãs a uma abertura ao Mundo Moderno e a um engajamento com a Ação Católica e com o recrutamento.

*Há uma urgência de nos situar em pleno século XX. Todas vocês, minhas queridas Irmãs, podem expressar seus desejos, propor melhoramentos que lhes parecem necessários para fazer face ao nosso mundo moderno, mas conservando nosso espírito próprio, aquele de nosso fundador. **É preciso renovar, não a base, mas a forma.***

. Como vos disse em outra circular, diante dos problemas atuais qual seria a atitude de nosso Fundador? Ele era animado do espírito apostólico, do zelo ardente pela glória de Deus e a salvação das almas. Ele tinha um olhar claro e preciso das necessidades de seu tempo, uma santa audácia para levar adiante seus empreendimentos. Se ele vivesse em nossa época, qual sentido ele tomaria?

*Como igreja estamos percebendo que não podemos permanecer em nossas rotinas, nosso olhar limitado e nossos antigos métodos de apostolado. Devemos estar animadas de um espírito de conquista, de um ardente desejo de levar as almas para Cristo, **de assumir preferencialmente os mais pobres, os mais desamparados.***

***Favorecer a Ação Católica é realizar uma obra de Igreja,** é agir conforme o olhar do Papa e obedecer às suas diretrizes. Uma ajuda espiritual é antes de tudo necessária: a oração e o sacrifício.*

*Monsenhor Feltín, arcebispo de Bordeaux, escrevia: As religiosas são chamadas para uma missão magnífica na Ação Católica. Elas não devem cultivar somente intelectualmente as jovens que lhes são confiadas, elas devem despertá-las e desenvolver nelas o sentido apostólico. Devem prepará-las, formá-las para serem **militantes**, fazê-las sair de sua pequena vida egoísta e fechada. Devem apresentar-lhes o magnífico campo de apostolado que se abre à sua frente e que tem necessidade de sua ajuda.*

*A **vida apostólica** não é nem acessória nem facultativa, **ela é uma necessidade vital.** Não se pode se salvar senão com as outras. Para isto é necessário chegar a uma estreita colaboração, sacrificar às vezes sua maneira pessoal de agir e de julgar para abraçar um plano geral, para seguir uma direção única. É preciso que em grandes linhas os mesmos princípios básicos sejam aplicados: Compreender e ajudar a Ação Católica e seu recrutamento. O Bispo pediu para a diocese uma cruzada de orações na intenção das vocações sacerdotais e religiosas.*

Os bispos da França endereçaram um premente apelo às pessoas Consagradas! Poderemos nós todas responder generosamente!

Todas vocês desejariam ver uma juventude numerosa e fervorosa povoar nossos seminários e nossos noviciados. Para que isso aconteça, vamos rezar, trabalhar e confiar na ação de Deus que age nos corações. (Circular, Mère Marie Alfred, 16.07.1952)

Nesta crise das vocações pode-se perguntar se a responsabilidade não é nossa: Temos rezado bastante? Somos nós suficientemente religiosas educadoras? Fazemos de nossas escolas um foco de vida eucarística?

A palavra final do Congresso é a seguinte: “Deus dará vocações se vivermos segundo o espírito de nosso Instituto e pela gloria de Deus”. (Circular, Mère Marie Alfred, 15.12.1952)

- Na França os Congressos das Escolas Particulares estão surgindo numerosos e são muito frequentados. As Escolas Particulares devem formar a juventude para a Ação Católica.

O congresso de Poitiers foi o ponto de união de todas as atividades que convergem ao redor da escola particular numa fraternidade impressionante: ele marcou também o começo de uma ação ainda mais intensa e, portanto, mais fecunda. Contou com a presença de 40.000 pessoas vindas de todas as dioceses da França.

A escola particular deve ser viveiro de vocações, preparar e formar as gerações para a Ação Católica.

- As Mães tiveram sempre o cuidado de animar as Irmãs em sua tarefa missionária e em especial na obra da educação. As jovens estudantes devem ser acompanhadas individualmente e em grupo.

*Há, na educação, uma tarefa mais que urgente. As crianças na sua maioria são jogadas sem preparação suficiente, num mundo que não é cristão: nem o mundo do trabalho lhe dará Deus, pois a maior parte do tempo, Deus parece estar ausente. **Quanto mais a tarefa for difícil, melhores devem ser os operários.** É um perpétuo risco que correm as educadoras, pois uma imperícia, um defeito, uma negligência podem ter efeitos desconcertantes, porque a juventude é a idade lógica arrojada e de exigência absoluta.*

*As jovens devem ser observadas individualmente, porque **não se educa em série.** Outra virtude necessária é a virtude da paciência que torna a educadora disponível a todo o momento, para escutar e compreender as crianças e estar com elas encorajando-as... O Evangelho é sua inspiração. **É uma grande graça encontrar verdadeiras educadoras que amam e que creem naquilo que fazem, cuja vida é uma luz e uma flama...** “Olhem nossos jovens com **olhos plenos de sobrenatural ternura...**” (Circular, Mère Marie Alfred, 10.07.1957.)*

A abertura da Congregação extrapola a Europa e a América para se lançar no continente africano, iniciando pela Costa do Marfim.

Atualmente, todos os olhares se voltam para a África. O Papa Pio XII já tinha lançado um apelo urgente para o envio de missionários nestas grandes áreas a fim de que sejam evangelizadas o mais rapidamente possível.

*Nós não poderíamos ficar indiferentes a tal apelo. Fui à Costa do Marfim, para ver as possibilidades. Voltei chocada com a realidade. Ouvir falar da África é uma coisa, ir morar lá, é outra. Fiquei lá apenas uns dias e deu para ter uma visão completamente diferente deste vasto continente, abandonado, materialmente pobre e espiritualmente tão desprovido de Padres, Irmãs e missionários. O povo está apenas abrindo-se ao cristianismo. O tempo urge, o povo nos espera, e se não os levamos a Cristo, eles adotarão falsas ideologias e seguirão outros Pastores. **O povo que andava em trevas viu uma grande luz; e sobre os que habitavam na terra de profunda escuridão resplandeceu a luz.** Como estas palavras se aplicam à África! Por isso, peço a todas aquelas que sentem, no fundo do coração o chamado missionário, para me dar os seus nomes porque nós queremos voluntárias. Gostaria que a*

Congregação toda se sentisse representada. É por isso que dirijo o meu apelo a todas vocês, queridas Irmãs da França, Argentina e Brasil.

Vai, vai, missionário do Senhor,
Vai trabalhar na messe com ardor,
Cristo também chegou para anunciar:
Não tenhas medo de evangelizar.

Para o momento a evangelização é relativamente fácil, mas urgente. O Bispo Etrillard, bispo de Gagnoa, disse que se demorarmos 10 anos, será muito tarde. E ele disse ainda: estou convencido de que, se suas Irmãs soubessem como elas são esperadas e como é urgente de trabalhar pela salvação das almas deste país, não hesitariam em partir...

O próprio Cristo tinha recomendado: "Vá ensinar todas as nações". Foi também o desejo de nosso Fundador "eu quero que as minhas filhas estejam aptas a todas as necessidades da humanidade, ainda que seja no fim do mundo". (Circular, Marie Alfred, 21.03.1959)

"Mgr. Etrillard "me escreveu:" Você sabe como é importante e necessária a presença das religiosas para a cristianização da mulher africana e da família, a base da Sociedade. (Circular, Mère Marie Alfred, 08.07.1959)

Mère Marie Alfred comunica o início do Concílio Ecumênico Vaticano II e pede oração por ele.

...Queiram rezar, minhas queridas Irmãs, pelo concílio que acontecerá, ao que parece em 1962. A importância desse acontecimento deve interessar a todas. Esse é um grande ato da vida da Igreja... (Circular, Mère Marie Alfred, 14.03.1961)

Começamos, desde hoje, minhas queridas Irmãs, a nos abrir ao sopro de Pentecostes. O Concílio Ecumênico será o grande acontecimento religioso de nossa época. No dia 25 de dezembro de 1961, pela Bula "Humanae Salutis", o Soberano Pontífice, João XXIII, anunciava solenemente que o Concílio Vaticano II aconteceria em 1962 e teria início no dia 11 de outubro, na festa da Maternidade de Maria.

Esse 2º Concílio Ecumênico é um acontecimento esperado e desejado, acontecimento que nos concerne e para o qual devemos nos preparar seriamente.

Nós não participaremos das deliberações do Concílio, mas seria uma grave negligência esperá-las numa atitude passiva. É necessário dispor nosso espírito e nossos corações para acolhê-las, estar atentas e sobretudo rezar...

O sucesso do futuro Concílio, diz o Papa João XXIII mais do que uma atividade humana depende das orações ardentes e comunitárias. O Concílio, obra dos homens, será também, sobretudo obra do Espírito Santo. Brevemente estaremos em estado de Concílio.

Não existe uma Igreja plena de vida sem opinião pública no interior da Igreja. O Concílio é como uma consulta geral na qual cada um deve se expressar se houver necessidade e se julga apto para isso. Ele necessita de todas as forças da igreja começando pela oração que é o mais estrito e o mais urgente dos deveres. Mais do que nunca o Senhor diz à sua Igreja: "Estou convosco cada dia até a consumação dos séculos".

Devemos nos preparar, queridas Irmãs, a estar "em estado de Concílio, pois o Concílio é tema de toda a igreja, estejamos todas engajadas.

(Circular, Mère Marie Alfred, 02.07.1962)

O Papa João XXIII encerrava a primeira etapa do Concílio com essa frase: "Que a Igreja, numa fé mais sólida, uma esperança mais firme, uma caridade mais ardente, reflorêsça num novo e jovem vigor".

O Concílio manifestou ao mundo inteiro, a unidade e a catolicidade da Igreja. Ele foi realmente universal, e quais fossem sua cor, sua língua, todos os bispos tiveram o sentimento de estarem reunidos como sucessores dos apóstolos, com uma responsabilidade colegial. Foi, novamente o espetáculo de um novo Pentecostes e o milagre da Igreja falando todas as línguas: A Igreja católica e romana não é italiana, nem latina, nem ocidental, ela é universal. Desde agora o Concílio produziu resultados espirituais consideráveis. Vivamos na ação de graças, minhas queridas Irmãs, intensificando nossas orações por aquele que têm a missão de preparar a segunda sessão do concílio e peçamos ao Espírito Santo de assistir o Santo Padre dando-lhe forças físicas e a coragem necessárias para levar a bom termo a obra que ele empreendeu. (Circular, Mère Marie, 19.03.1963)

ANEXO B - O tema dos leigos e leigas na Congregação em seus **Capítulos** gerais

Nota: Este anexo delinea uma perspectiva dos modos de participação das pessoas leigas descritos nos documentos capitulares. Vincula-se a 2.2 *A formação da Família Calvariana* (final do introito do subcapítulo).

(Congregação, 2022a, p. 35-41)

Nas Atas dos Capítulos Gerais percebemos uma crescente aproximação e engajamento da Congregação com os leigos no nível da Espiritualidade, do Carisma e da Missão. Veremos abaixo as referências nos Capítulos:

- **Capítulo de 1952:**

- *As Superiores devem acompanhar a formação de suas Irmãs, permitindo-lhes participar de encontros e Congressos. Elas darão apoio à Ação Católica intensificando nas nossas escolas e nas nossas obras os diversos movimentos e **colaborarão com os leigos**, mostrando-se acolhedoras e compreensivas.*

- **Capítulo de 1968:**

- *Participar de cursos de formação humana profissional, espiritual, teológica e apostólica, e assim favorecer o sentido da iniciativa da comunidade, o despertar e a realização da vida apostólica. Esses contatos com os padres, religiosos e **leigos** nos levarão à conversão constante de nosso olhar; é tendo um olhar de fé que nós procuraremos comunitariamente situar nossas atividades apostólicas numa pastoral diocesana de conjunto.*

- Ainda em 1968 encontramos: - *Que a Superiora Geral autorize Mère Marthe de Jésus, Superiora de l'Hospitalité du Travail, a fazer uma pesquisa para encontrar uma forma eventual de agregação ou filiação à Congregação de pessoas ligadas à Obra.*

- *Colaborar de mais em mais **com os leigos**.*

- **Capítulo de 1976:**

- *Ajudar os leigos na sua formação à responsabilidade, partilhando com eles.*

- **Capítulo de 1982:**

A partir do último Capítulo Geral tomamos mais consciência de que o Carisma do Padre Bonhomme é um dom de Deus, uma riqueza para a Congregação. Ora, esta riqueza é para toda a Igreja; parece-nos que é chegado o momento de torná-lo conhecido e partilhado ao nosso redor.

- ***Precisamos descobrir como desenvolver e explicitar nosso Carisma entre os leigos, com uma atenção particular aos deficientes.***

- **Capítulo de 1988:**

Este Capítulo acentua a necessidade da: *Colaboração **com os leigos** e os organismos existentes. **Partilha do Carisma com os leigos.***

- **Capítulo de 1994:**

Encontramos: **Partilhar o Carisma do Padre Pierre Bonhomme, com os leigos e padres.**

- **Capítulo de 2000:**

Concretizamos nosso Carisma através de serviços prestados nas diversas realidades **em parceria com os leigos**, de modo que eles ocupem seu espaço.

1. Favorecer a experiência e o aprofundamento de nossa espiritualidade com **os leigos, os parceiros** de nossa missão ...

2. Considerando a Maternidade Universal, procurar meios para desenvolver o **espírito de família**, nos projetos de Província e de comunidade.

3. Saber dar **espaço aos leigos**, para estar mais disponíveis para ir a outros lugares de deserto ou de fronteira.

- **Capítulo de 2006:**

As Atas deste Capítulo estão repletas de menções **sobre os leigos**:

. Iniciamos um processo para que nossas comunidades sejam um lugar de enriquecimento, de oração, de escuta no qual se **cultive o espírito de família**.

. Que se partilhe a Espiritualidade Calvariana **com os leigos...**

. **Os leigos dizem** que percebem através da presença de uma Irmã a família inteira.

. Procuramos **como comunidade e com os leigos**, assumir nossa missão partilhando nossa contribuição específica, partindo da releitura de nossa espiritualidade e do nosso carisma, para uma maior proximidade e melhor engajamento com nossos destinatários, no exercício de nossa maternidade.

. Percebemos a **falta** de definição do tipo de parceria que desejamos viver **com os leigos**.

. Queremos dar nossa contribuição específica criando espaços e relações de vida no meio de situações de morte, concretizando assim nosso Carisma, através de engajamentos e de serviços nas diferentes realidades nas quais se encontram nossos destinatários. Esses serviços são executados em **colaboração com os leigos**, isto é, todos aqueles que nos ajudam a atingir nossos destinatários finais.

. Continuar o aprofundamento de nossa experiência mística a partir de uma espiritualidade que englobe toda a vida, e favoreça nossa unificação como mulheres consagradas e descobrir como **partilhar a experiência mística com os leigos**.

. Refundar nossa vida comunitária cuja fonte é a Mística Calvariana na qual se vive a circularidade (partilha das responsabilidades e serviços), pobre entre os pobres, aberta à interculturalidade, a interprovincialidade, a intercongregacionalidade **e aos leigos**, como alternativa de vida fraterna:

Promover e consolidar a partilha da espiritualidade **com os leigos**, que:

. ofereça um espaço comum de aprofundamento da espiritualidade,

- **Torne possível o protagonismo dos leigos**,

- Se enriqueça pela contribuição das **vocações leigos e consagradas**,

- Torne visível o dom da espiritualidade calvariana na Igreja, Povo de Deus.

para:

- **Permitir aos leigos alimentar-se da experiência mística calvariana**,

- Permitir que assumam sua missão a partir da espiritualidade calvariana,

- Tornar possível uma experiência de vida comunitária calvariana,

- Nos abrir e acolher outras expressões de vida leiga.

. Fortificar as comunidades interculturais e interprovinciais abertas a uma **experiência com os leigos**, a partir da experiência mística calvariana.

Que:

- Nos leve a um modo particular de amar e de entregar nossa vida como Maria, Mulher e Mãe;

- Nos leve a viver **o espírito de família**, no amor, na simplicidade, na partilha, na paciência, na alegria, no serviço, na gratuidade e no sentido da festa.

Para:

- Que nossa vida comunitária seja afetiva e efetivamente **aberta, apostólica, sensível** aos clamores do povo e inseridas na comunidade local.

- Integrar-nos no caminho da vida religiosa hoje, interpeladas a formar comunidades intercongregacionais **com ou sem leigos**.

- Viver nossos engajamentos e **serviços em parceria com os leigos**, nas diferentes culturas, Províncias e outras Congregações.

• **Capítulo de 2012:**

. Procurar juntos, Irmãs e leigos:

. a nos ajudar a crescer, **cada um em sua vocação específica**, continuando a apoiar o engajamento concreto junto aos crucificados;

. a ir mais longe na partilha da Espiritualidade, do Carisma e dos projetos missionários;

. à luz da experiência de Maria, mulher de Cléofas, junto à Cruz e no caminho de Emaús, **promover o protagonismo dos leigos, na sua vocação**;

. a alargar e fortalecer **nossos laços como Família Calvariana**, para dar continuidade à Missão de Deus Pai, em vista de cuidar, defender e recriar a vida;

. a propor encontros **interprovinciais de leigos** prever sua participação nos próximos Capítulos Provinciais e Geral.

• **Capítulo de 2018:**

Processos para viver a Espiritualidade, a Família e a Missão no sexênio de 2018 a 2024

1. “Fazer viver” e criar novas pequenas comunidades Calvarianas (leigos, leigas, Irmãs, sacerdotes...)

a) Como as primeiras comunidades cristãs, elas se abrirão aos crucificados e crucificadas, a todos os que buscam o bem comum, às novas gerações, às pessoas de outras espiritualidades.

b) Em comunidade, os membros poderão aprender a se conhecer, a partilhar as mesas das decisões e das buscas, a reler a vida e a maneira de viver a missão, a celebrar a vida... à luz da Espiritualidade Calvariana.

c) Elas promoverão uma rede de interconexões entre as casas “oikos” para fortalecer os laços de comunhão e de identidade da Família Calvariana, cultivando a comunicação entre seus membros e tornando-a conhecida para além dela.

2. Criar e fortalecer novos “espaços” de formação

- Animados pelo Carisma e Espiritualidade Calvarianos, recebidos do Padre Bonhomme e transmitidos pelas primeiras Irmãs, propomos:

- a) *Instrumentos, tempos de revitalização, encontros na casa uns dos outros, formações, acompanhamentos... para alimentar nossas comunidades (equipes, grupos, regiões, províncias...) e as pessoas da diáspora.*
- b) *Tempos de revitalização e de reflexão sobre assuntos da atualidade, sobre a “casa comum”, as questões éticas...*
- c) *Um itinerário de formação para a Espiritualidade Calvariana a todos aqueles e aquelas que se sentem chamados a ser parte da Família Calvariana como discípulos, que seja acessível às pessoas em situação de deficiência, ou de outras religiões...*
- d) *Escrever um novo plano de formação, especificamente Calvariano, integral e inclusivo.*

3. Assumir juntos a animação vocacional:

- Em um processo de tomada de consciência de que cada pessoa humana é chamada à vida, a entrar no caminho do discipulado, a se abrir aos outros, e a discernir sua vocação específica.

4. Iniciar um processo de formação “conjunta” para toda a Família Calvariana.

5. Percorrer juntos, como Família Calvariana, o caminho de conversão missionária:

- a) *Deixarmo-nos tocar e tomar consciência de onde estamos; repensar a missão e rever com novos olhares nossos cenários missionários.*
- b) *Deixarmo-nos interpelar pelo sonho do Reino, para responder com uma presença profética que contemple e que atue com os crucificados, gerando ações transformadoras em rede, ou junto a outras organizações e outros segmentos da sociedade.*
- c) *Potencializar “o método apreciativo”, reconhecendo o valor do diálogo em um clima de confiança.*
- d) *Utilizar uma metodologia mais participativa para a tomada de decisões.*

6. Transmitir a mensagem Calvariana a partir do coração do Evangelho, em especial às novas gerações, utilizando os meios diversos, entre os quais, a comunicação em rede, sem esquecer a relação interpessoal.

Transmitir fielmente a toda a Família Calvariana a experiência vivida e os compromissos assumidos durante o Capítulo Geral.

ANEXO C - Leigas e leigos Calvarianos da França suas atuações e normas da Casa-Mãe

Nota: Vincula-se ao subcapítulo 2.2.2 *Leigas e Leigos no Brasil: a comunidade do Colégio Madre Cecília*.

(Congregação, 2022a, p. 42-49)

A) GRUPOS DE LEIGOS CALVARIANOS NA FRANÇA

A parceria com os leigos visando formar grupo de reflexão e de ação, inspirados na vida e missão do Padre Pierre Bonhomme e na Espiritualidade da Congregação, teve início na Província Calvariana da França em **1986**.

Atualmente fazem parte do Grupo ligado às Irmãs Calvarianas, Leigos Associados, Leigos Associados da Diáspora e uma Leiga Consagrada na Família Calvariana.

Vamos apresentar abaixo, os Projetos dos Leigos Associados, os Estatutos, os Relatórios de Encontros, os Estudos, os Aprofundamentos e a Missão.

1º) - A caminho com o Padre Pierre Bonhomme – 1896

Somos cristãos com muitos e diversos títulos, herdeiros do Padre Pierre Bonhomme. Um tal legado se venera, mas não se conserva, arrisca-se. Como discípulos e apóstolos de Jesus Cristo, só podemos testemunhar o que vivemos. Deixando desabrochar em nós o poder da Ressurreição do Cristo Pascal, com a agradável cumplicidade de Maria, seremos então verdadeiros herdeiros desse padre, o Padre Pierre Bonhomme, cuja memória viva nos reúne (Joseph Rabine, Bispo de Cahors).

Herdeiros do Padre Bonhomme

Ele semeou, nós colhemos: seu legado, sua espiritualidade, as Bem-Aventuranças dos céus com Maria, uma missão “enraizada, fecunda, exposta”.

Testemunhas para o nosso tempo

Como hoje somos herdeiros do Padre Bonhomme. Ele é um testemunho de nosso tempo. Ele semeou, nós colhemos.

LEIGOS, com a mesma aspiração se propõem a viver o EVANGELHO, na fidelidade às intuições do Padre Bonhomme, caminhando com as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, respeitando sua vocação específica, mas buscando o mesmo objetivo:

“Meu modelo é Jesus Cristo.”

“Procurar em tudo o que se refere à glória de Deus.”

2º) - Viver o Evangelho à maneira do Padre Pierre Bonhomme

a) Uma Espiritualidade: Imitação de Jesus Cristo: “Meu modelo será Jesus Cristo”.

- Pelo caminho das Bem-Aventuranças;

- Nos converter à sua maneira e adotar as atitudes de Cristo:

“Gosta-se de assemelhar-se a quem se ama”.

- Entrar no Mistério Pascal aceitando a Cruz: “Felizes os perseguidos”.

- Com Maria: “O discípulo a acolheu em sua casa”.

- A conhecer Maria e rezar a ela.

b) Meios:

- A oração: cada um procura sua maneira pessoal de oração.
A oração do Padre Bonhomme é o elo que une a todos.
- A Palavra de Deus: contato pessoal com o Evangelho, a cada dia.
Partilha em grupo.
- A Eucaristia: alimentar-se da Eucaristia.
- Juntos, a partilha da vida.
- Releitura da vida, na fé, na simplicidade e na esperança.

c) Uma Missão

- Pontos:
 - . Realismo na vida
 - . Sentido de Igreja – obediência, desinteresse.
 - . Discernimento, abertura de espírito.
 - . zelo, audácia, risco.
- d) - Prioridades:
 - . Partilha das esperanças, alegrias, sofrimento dos homens de hoje.
 - . Atenção particular à toda relação.
 - . Com olhar positivo, que devolve a confiança, acolhe, reconcilia, perdoa.

No Capítulo Provincial das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, realizado em Gramat, em 2006 foi definida a identidade dos Leigos Calvarianos da França, que lá são chamados de “Cristãos Associados”.

3º) - Identidade dos “Cristãos Associados” à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário

Cristãos que vivem sua vida batismal com referência às Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Seguindo o exemplo de Maria, junto à Cruz, numa atitude maternal, são chamados à conversão ao Cristo Ressuscitado para estarem à serviço dos mais necessitados e ajudá-los a se colocarem de pé.

Seu engajamento situa-se no nível de atitudes interiores, da vida espiritual, do modo de vida e da relação entre eles e com a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Eles vivem assim, uma disponibilidade, uma escuta e um olhar para o mundo, estando presentes e dando atenção aos pobres.

Sua vida espiritual está fundamentada na oração, principalmente na meditação do Evangelho, a releitura e a Eucaristia, elementos espirituais importantes na vida do Padre Bonhomme, fundador das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. Eles têm um modo de vida simples, fazem suas escolhas em função de sua relação com Deus e procuram viver a gratuidade com os outros. Tem normalmente um encontro do grupo, uma vez por ano. A oração pessoal todas as quartas-feiras os coloca em comunhão.

Quando as condições permitem, eles se reúnem com mais frequência para partilhar a vida e o engajamento. Gramat, Casa Mãe da Congregação Calvariana, é também lugar para enriquecimento onde podem realizar os encontros formais ou informais para aprofundamento da Espiritualidade das Irmãs Calvarianas.

Eles podem também apresentar projetos comuns com elas. Sabendo que existem Leigos Calvarianos na Argentina e no Brasil, eles procurarão manter contatos com eles.

Convencidos de que outros cristãos têm o desejo de se alimentar dessa espiritualidade para viver melhor seu engajamento junto aos outros, eles procurarão levar à sério a proposta, em conjunto com as Irmãs, de viver a Espiritualidade e caminhar com eles para um eventual engajamento.

4º) - Projetos da Família Calvariana - 2011

Como avançar?

- . Criar uma equipe “Família Calvariana” Leigos/ Religiosas para elaborar projetos e colocá-los em ação.
- . Aprofundar a Mística Calvariana:
Como viver melhor essa transmissão ao nível das Irmãs, para propor aos leigos?
- . Aprofundamento da espiritualidade (adaptada aos leigos).
- . Definir em que consiste “acolhimento calvariano”.
- . Importância de viver e criar um espírito de família.
- . Reabastecer-se e partilhar o que foi vivido por cada um (leigos e Irmãs).
- . Maior partilha, reflexão e oração entre os grupos de leigos e as comunidades.
- . “ousar mais”, organizar dias de Encontro com leigos nos lugares onde estão as comunidades. Preparar os encontros com eles.
- . Organizar retiros calvarianos animados pelas Irmãs e um jesuíta.
- . Viver com mais intensidade as relações mútuas, na complementaridade com os leigos; e por que não com os Padres?
- Ter suportes (escrito ou audiovisual) para tornar conhecida a Família Calvariana.
- . Abrir nossos encontros para os padres que se interessam por nossa Espiritualidade.
- Organizar jornadas da “Família Calvariana”.
- . Preocupação em transmitir através do STABAT as experiências de partilha calvariana e os projetos que promovem.
- . Melhorar a informação, as coordenações entre Irmãs e leigos.
- . Confiar os projetos à oração das Irmãs idosas.
- . Cultivar laços multiformes entre os diferentes membros da Família Calvariana.
- . Participação necessária dos leigos no desenvolvimento da Família Calvariana.
- . Desenvolver os pontos fortes, atualmente atuantes: Cristãos Associados, Leigos Consagrados, Tutelas Escolares e Médico-sociais.
- . Organizar encontros comunitários, tutelas escolares e médico-sociais.
- . Dar mais espaço para os leigos na Província da França.
- . Ser acolhedoras das aspirações e desejos dos leigos.
- . Receber dos leigos uma outra leitura do Evangelho e do mundo.
- . Associar os leigos de uma maneira mais concreta à nossa missão.
- . Participação dos leigos no Capítulo Provincial.
- . Estamos prontas para acolher leigos que participariam de nossa vida comunitária?

5º) - Estatutos dos cristãos associados da Família Calvariana

- Fazem parte da Família Calvariana:

- . As Religiosas da Congregação;
 - . Os Leigos Associados, Leigos Associados da Diáspora e uma Leiga Consagrada;
 - . Os membros das Instituições escolares e das Unidades de Saúde;
 - . Os amigos e ex-alunos;
 - . Os Administradores e colaboradores;
 - . Os membros de grupos de oração:
- Todos estão ligados a Cristo através do Fundador e da Congregação.

Cada ramo da Família Calvariana constitui uma comunidade eclesial, chamada a testemunhar a face de Jesus na sociedade de hoje.

- Condições exigidas para ser Associado à Congregação Calvariana:

- . Ter 18 anos e maturidade humana suficiente;
- . Desejar sinceramente colocar-se à escuta do Padre Bonhomme, com referência ao programa comum;
- . Participar regularmente dos encontros do grupo;
- . Formar-se na Espiritualidade e Carisma do Fundador;
- . Ser Cristão Associado não significa necessariamente estar ligado à uma Obra da Congregação, mesmo se engajado em ações comuns;
- . Os Cristãos Associados podem tornar-se benfeitores da Congregação.

- Admissão como membro:

- . Aquele e aquela que desejar tornar-se Cristão Associado na Família Calvariana se coloca em contato com o grupo local e participa de sua vida, para impregnar-se da Espiritualidade do Calvário.
- . Após uma caminhada de um ano com o grupo local, o novo membro pode fazer sua entrada oficial no Grupo de Cristãos Associados.
- . Sempre é possível desligar-se dos Cristãos Associados, comunicando, por escrito, sem dizer o motivo.
- . Todo comportamento que for contra o espírito que anima a Família Calvariana, pode provocar exclusão.

- Constituição e funcionamento dos Grupos:

- . Cada grupo escolhe para três anos, um de seus membros como responsável. Ele contribui para o bom andamento das reuniões e a integração de cada um.
- . Ele assegura a ligação com a pessoa referente, escolhida pela Congregação e partilha com os demais grupos.
- . As despesas decorrentes são partilhadas entre todos os membros do grupo.

6º) - Mensagem para o dia 09 de setembro de 2008 – Festa do Bem-Aventurado Pierre Bonhomme (*Equipe de Irmãs e Leigos da Tutela Escolar*)

Trata-se primeiramente de uma mensagem de boas-vindas que lhes dirigimos no início de um novo ano escolar, nós Irmãs de Nossa Senhora do Calvário de Gramat e uma pequena equipe de leigos que conosco deseja continuar a viver o espírito dos Fundadores nas Escolas: o Padre Pierre Bonhomme e as Irmãs que estão nas origens das escolas que vocês estão hoje.

Vocês sabem que fazem parte de uma grande família, que se chama “Ensino Católico”, ao qual se unem várias pequenas famílias, das quais a nossa: Rede Nossa Senhora do Calvário. Ela escolariza quase 5.000 alunos do Maternal ao Ensino Superior e um grande número de adultos presentes em seis estabelecimentos:

- . Dois na Região Parisiense: Notre Dame em Bourg-la-Reine e Jeanne D’Arc em Franconville.
- . Quatro no departamento do Lot: St. Etienne em Cahors, Notre Dame em Alviac, Notre Dame em Mayrinac-Lentour e Sainte Hélène em Gramat.

Hoje, 9 de setembro queremos lembrar que é a festa do Padre Pierre Bonhomme, que fundou a Congregação em 1833, que foi Beatificado em Roma em 2003 pelo Papa João Paulo II.

Nós os convidamos a fazer memória, neste dia e ajudados por seus educadores, a descobrir ou conhecer melhor esta grande figura.

Ele amava os jovens e abriu escolas que eram raras na época. Estava atento a cada uma e desejava que todas tivessem êxito. Era entusiasta, alegre e comunicativo, diziam seus contemporâneos.

A Congregação tem também numerosas escolas em outros continentes: América Latina, Brasil e Argentina. África na Costa do Marfim, na Guiné e no Burkina-Faso; Ásia, nas Filipinas, e logo no Vietnã.

Nesses países as necessidades são grandes, e vocês são solicitados a dar uma resposta. Nesse ano daremos detalhes de ações concretas, mas desde já vocês podem pensar e perguntar o que podem sugerir para ajudar as crianças e os jovens de outros países. Agradecemos antecipadamente, por eles.

Um ano escolar, tempo para aprender, tempo para crescer, viver em grupo e se encontrar... na alegria.

Bom ano escolar a todos e a cada um. *Equipe das Irmãs e Leigos da Tutela.*

ANEXO D - Histórico e formas de atuação dos grupos de leigas e leigos de Campinas

Nota: Vincula-se ao subcapítulo 2.2.2 *Leigas e Leigos no Brasil: a comunidade do Colégio Madre Cecília*.

(Congregação, 2022a, p. 74-78)

1. Grupo do Colégio Madre Cecília

[...]

Para darmos continuidade ao histórico desse grupo, vamos nos servir de um relatório realizado em 2014, pela então secretária do grupo Sra. Deise Aparecida Pucharelli Hirsch e por ela apresentado ao grupo de Leigos Calvarianos de Guajará-Mirim, RO em sua passagem pela Casa Provincial em São Paulo.

Caríssimas e caríssimos irmãos.

Vou procurar em rápidas pinceladas, expor para vocês, como temos vivenciado o Carisma Calvariano em nosso grupo de Campinas.

Hoje o grupo é composto de 16 pessoas leigas (acompanhadas de algumas religiosas), e que se reúnem mensalmente, para Estudo Bíblico. Essa atividade de estudo completou 20 anos em 2014, sem interrupções. Foi realizada uma comemoração especial do vigésimo aniversário.

Utilizam-se as publicações do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, nos últimos 4 anos, livreto que é distribuído também às outras comunidades de Leigos Calvarianos no Brasil. Anteriormente, utilizaram-se os livros da coleção "Tua palavra é vida.

As Irmãs participantes alternam-se, segundo suas disponibilidades e localização de moradia. Atualmente, duas Irmãs têm participação ativa sendo que uma delas coordena o grupo e elabora a programação dos encontros, discutindo e esclarecendo os conteúdos, privilegiando a reflexão aprofundada dos assuntos. [Em seu início o grupo foi coordenado por outra Irmã que constituiu a Associação dos Leigos como pessoa jurídica].

A maioria dos associados participa também de pastorais, de outras atividades e entidades da Igreja, e de trabalhos voluntários. Atuam nas pastorais da Criança, de Liturgia e Música, da Saúde, do Batismo, Catequese de adultos e crianças, Escuta Cristã, da Família e na comunidade de Vicentinos. Trabalhos voluntários foram realizados no Núcleo Comunitário Calvariano no bairro do Jardim São Pedro de Viracopos, em Campinas e na Comunidade Calvariana de Itapira-SP. Foram realizadas visitas a outros grupos, fora do Estado de S. Paulo, destacando-se a ida às comunidades do Piauí e de Novo Céu.

Há outras reuniões de periodicidade anual, para celebrações especiais - como na data consagrada a Nossa Senhora do Calvário, por exemplo - e realizam-se mais meia dúzia de festejos e confraternizações, como Natal e final de ano, aniversário do grupo e datas comemorativas da Congregação.

Realizam-se peregrinações, com destaque para duas visitas à Casa Mãe, em Gramat, na França e peregrinações a Aparecida. Igualmente, são realizados retiros espirituais, patrocinados pela Associação, abrangendo um final de semana, em ambiente isolado.

Alguns leigos apadrinham crianças de comunidade muito pobre das Filipinas, assistida pelas Irmãs Calvarianas.

O grupo elegeu um animador espiritual e, através dele, recebe semanalmente as homilias elaboradas pelo Padre Itacir Brassiani e algumas do Padre Adroaldo, e também outras mensagens de elevação espiritual.

O grupo congregava mais de 50 associados, até 2008, abrangendo Campinas e S. Paulo - Capital. Em Campinas não foi julgada prioritária a implementação de ações estratégicas para crescimento quantitativo do grupo. Optou-se por um crescimento espontâneo local e por priorizar o apoio à organização de novas comunidades no Brasil todo.

Assim, cada grupo de uma cidade foi constituído como um centro e registraram-se nessa condição mais as Comunidades de Leigos Calvarianos de Guajará-Mirim - RONDÔNIA; Fortaleza - CEARÁ; Belém do Piauí - PIAUÍ; S. Paulo - Capital; Realeza - PARANÁ. Agora está se iniciando um grupo no PARÁ.

Como se sabe, a Associação que abrange todo o Brasil, tem estatuto próprio vinculado à Congregação e regimento interno para os centros locais, e tem registro de Pessoa Jurídica no CNPJ. Isso enseja a realização de assembleias gerais anuais, nas quais se fazem avaliações das atividades e planejamento para o ano.

Outras atividades diversas também ocorreram em todos esses anos de atuação dos leigos, com destaque para o acompanhamento e compartilhamento nas realizações da Congregação, na vida religiosa estrita, como, por exemplo, a realização dos Capítulos e a beatificação do Padre Pierre Bonhomme. Destacam-se ainda a realização de reuniões dos leigos para estudos sobre o Padre Bonhomme e sobre a história da Congregação no Brasil (1997, 1998), baseado em livro sobre os ensinamentos de seu fundador e das primeiras Irmãs.

Recorda-se que o foco da atenção da Congregação é no sentido de evangelizar e cuidar da vida dos pobres e dos crucificados e crucificadas de hoje.

Estatutariamente, a Associação dos Leigos tem por finalidade:

a) Formar seus associados para evangelizar, educar e promover os jovens, os pobres, as pessoas carentes.

b) Oferecer e desenvolver a educação: religiosa, moral e cívica, voltadas para a conquista da cidadania.

c) Dedicar-se às obras de promoção humana.

A ASSOCIAÇÃO não faz discriminação de raça, sexo, nacionalidade, idade, cor, credo religioso, político e condição social.

É claro que cada um de nós tem para si alguma particularidade que mais o cativa, atrai e agrada na atuação das irmãs calvarianas e nos ideais e ensinamentos do Beato Pierre Bonhomme. Cada um também pode ter seus objetivos bem pessoais, para participar da Associação dos Leigos.

Sra. Deise Hicht

2 Grupo de Leigos Calvarianos ligados ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Campinas

Família Calvariana – Colégio Sagrado Coração de Jesus

Nosso grupo foi formado no Colégio Sagrado Coração de Jesus, no ano de 2017, atendendo a um chamado da Congregação para que fizéssemos um trabalho de base e reflexão para o Capítulo Provincial e posteriormente Capítulo Geral.

Frente a esse apelo, Irmã Conceição e eu começamos a pensar como esse grupo seria constituído. Temos em nossa escola o privilégio de trabalhar com profissionais excelentes e extremamente dedicados, mas nesse momento era necessário chamarmos aquelas pessoas que tivessem no seu dia a dia a sua identificação com a Espiritualidade e Carisma Calvariano.

E assim fomos fazendo o convite para funcionários e professores da nossa escola para os momentos de estudo, reflexão e aprofundamento. Foi muito

bonito ver que cada pessoa convidada, aceitava e abraçava aquele momento com muito amor, sentindo-se parte de alguma coisa muito bonita que começava a se formar. Nos encontros para a preparação dos Capítulos pudemos sentir um grande sentimento de pertença nos participantes, é como se o grupo já existisse e estivesse esperando esse momento para se concretizar. Cada um à sua maneira, nas suas atividades e com os seus dons específicos mostrava nas reuniões o seu jeito profundamente Calvariano de ser e agir. Essa foi uma das mais lindas descobertas, entre tantas outras.

Hoje, 2020, já passados quase 3 anos do Capítulo, temos feito nossos encontros regularmente, claro que nesse ano de pandemia as coisas foram mais difíceis, e sentimos um grupo bastante sólido, integrado e que se relaciona como família mesmo. Em nossa última avaliação de caminhada do grupo pudemos perceber como estamos integrados e como nosso grupo caminha em comunhão. O grupo está sempre atento e disponível a projetos e ações concretas, aliás, esse parece ser um dos maiores anseios deste grupo. Também manifestamos o desejo de estarmos sempre de portas e janelas abertas para a inclusão de mais pessoas no grupo, o que já vem acontecendo. Acreditamos que temos um longo caminho a percorrer, juntos, como Família Calvariana. Manifestamos sempre o desejo de estarmos em comunhão com os demais grupos da Família.

Que 2021 nos permita continuar essa estrada de fé e profunda esperança de sermos sempre Família Calvariana para podermos ser sal e luz por onde formos. E que cada membro do nosso grupo, Família Calvariana do Colégio Sagrado Coração de Jesus, possa ser colo e abraço materno nestes tempos tão difíceis. Sigamos, unidos, nos passos de Pierre Bonhomme com a proteção da Nossa Mãe do Calvário.

Rosa Emília Nesso

ANEXO E - Comentários das bem-aventuranças pelo padre Bonhomme

Nota: Transcrito das Constituições que extraiu o texto da Regra Manuscrita. Vincula-se a 2.2.3 *Vida em comunhão de religiosas, leigas e leigos e suas motivações*.

(Congregação, 1984a, p. 15-23)

Não posso, minhas caras filhas, mostrar-lhes melhor a oposição que existe entre o mundo e o estado religioso e em que disposições devem se encontrar para que cada um de seus atos se torne objeto de mérito diante de Deus, que dando-lhes as OITO BEM-AVENTURANÇAS do Sermão de Jesus Cristo na montanha, como outras tantas regras de sua vida interior.

1ª Bem-aventurança: felizes os que têm espírito de pobre

Felizes os que têm espírito de pobre porque o Reino dos Céus lhes pertence, em oposição a esta máxima do mundo: Felizes os ricos, porque, como diz o Eclesiástico àqueles que procuram os bens da terra: “Tudo aí obedece ao dinheiro”.

Quanto a vocês, minhas caras Filhas, devem fazer consistir sua felicidade não em possuir os bens deste mundo, mas em desprezá-los. Devem considerar felizes não os que os possuem, mas aqueles que sabem deles se despojar por amor de Deus.

Pode-se ser pobre por necessidade ou por escolha. A pobreza só não obtém a felicidade prometida no primeiro caso, e no segundo, a escolha alcança a felicidade prometida por Jesus Cristo na medida em que tiver Deus por objeto. Os que têm espírito de pobre são aqueles cujo coração está inteiramente desapegado dos bens da terra. Sua felicidade será tanto maior quanto sua renúncia for mais perfeita. E Pedro que apenas abandona sua barca e sua rede, mas que assim abandona tudo que possui, tem mais direito a essa felicidade que Zaquêu retendo uma parte de seus bens, apesar de suas grandes larguezas para com os pobres e apesar da disposição em que está de se despojar de todo o resto, se Deus o exigir. Assim como um deixando tudo, chega ao apostolado, o outro dando muito, obtém graças bem preciosas, sem dúvida, mas bem inferiores às graças de Pedro.

Jesus Cristo diz dos que têm espírito de pobre que o Reino dos Céus lhes pertence, e não somente que lhes pertencerá, porque ei-los libertos das preocupações inerentes às riquezas e que impedem a salvação, e, aliás, por assim dizer, pagaram o preço pelo qual Nosso Senhor propõe o Reino dos Céus. Basta-lhes não retirar as primícias que já deram, perseverando em sua pobreza voluntária, e lhe é garantida a posse do Céu.

Jesus Cristo quis ser pobre em seu nascimento, durante a vida e em sua morte. “As raposas, nos diz ele, têm suas tocas, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça.”

2ª Bem-aventurança: felizes os que são mansos

Felizes os que são mansos porque possuirão a terra, em oposição com o mundo onde gostam de se zangar, de disputar, para fazer valer seu sentimento e vingar uma afronta.

A mansidão tem diferentes graus. Ser manso apenas para evitar as desordens e as deformidades da cólera, para se honrar de moderação diante dos homens, é somente uma virtude moral de que todo homem é capaz; ela é sem mérito diante de Deus.

Ser manso porque a lei de Deus proíbe a vingança e a cólera é simplesmente uma virtude comum entre os cristãos, meritória, na verdade, mas não é àqueles que a possuem que o Salvador diz: “Felizes os que são mansos”. Mas ser manso porque o amor de Deus, o desejo de lhe assemelhar, o ódio de nós mesmos, o desejo de nos humilhar, nos faz suportar com paciência os ultrajes e as injúrias; mas levar a mansidão até a desejar ser desprezado é a virtude heroica do cristão à qual N. S. promete a felicidade e a posse da terra, posse pacífica e feliz, tanto quanto possível da vida presente, mas posse da vida eterna que é a verdadeira terra dos santos que Deus promete aos que são mansos.

Pratiquem a mansidão para com todos e em todas as circunstâncias e qualquer que seja a ingratidão de que poderão ser alvo.

“Aprende de mim, diz Jesus Cristo, que sou manso!”

Dizei à Filha de Sião: “Eis que vosso Rei chega até vós cheio de mansidão”.

3ª Bem-aventurança: felizes os que choram

Felizes os que choram porque serão consolados, em oposição com o mundo que só ama a alegria e os prazeres. Por estas palavras: felizes os que são pobres e, por conseguinte, libertos das preocupações dos bens exteriores, por estas outras: felizes os que são mansos, em quem o interior é calmo e pacífico, e por estas: felizes os que choram e que, conseqüentemente, não desejam os prazeres, Jesus Cristo corrige tudo o que poderia se opor à salvação e à perfeição do homem.

Uma alma que chora, e que sente sua infelicidade, não gosta das alegrias, dos divertimentos, das recreações que podem dissipá-la; ela não gosta da glória, dos elogios, das adulações. Humilde, afável, respeitosa para com todos, ela se julga a última de todas as criaturas. Sua dor, mais ou menos forte à lembrança de seus pecados, sua compunção, mais ou menos viva, sua mortificação, mais ou menos severa, indicam o grau de felicidade prometida às suas lágrimas.

Lágrimas inúteis, algumas vezes mesmo criminosas, se servem apenas para deplorar a perda dos bens temporais; lágrimas beatificadas por N. S. J. C. se são derramadas devido à dor de ter ofendido a Deus, de ter perdido sua alma pelo pecado e abusado de mil graças. Felizes, pois, os que choram assim, porque serão consolados, neste mundo pela esperança de seu perdão e no outro pelas alegrias eternas.

Jesus Cristo no Jardim das Oliveiras: “Minha alma está triste até a morte!”

4ª Bem-aventurança: felizes os que têm fome de justiça

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos, em oposição com o mundo que só faz e só deseja o que é mal.

Pela palavra Justiça se entende o que é bom, toda espécie de boas obras. A fome e a sede de justiça consistem não somente em fazer boas obras, mas em desejar fazer tantas quantas se puder e com toda a perfeição possível. É a realização destas palavras: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”. Tem-se fome e sede de justiça quando se deseja que os outros façam todo o bem que deles depende.

Felizes os que são devorados por essa fome, essa sede, porque seus corações não terão desejo das vaidades do século, nem gosto pelos bens da terra que, todos juntos, não poderão satisfazer a fome ardente que sentem.

Felizes, porque com essa fome e essa sede, buscarão, zelosos, a Justiça pela qual suspiram, como Oração, Comunhão e outras fontes d’água viva que tornam sua alma fértil em boas obras.

Felizes enfim porque sua recompensa no céu estará bem acima daquela que mereceram aqueles que se contentaram em fazer o bem sem desejar fazer o melhor. “Ficarei saciado, exclama o Profeta, quando vossa glória aparecer

diante dos meus olhos”. O que pode bastar para satisfazer quem tem um apetite comum não é suficiente para contentar quem é devorado pela fome e pela sede.

Aumentarão, pois, sua recompensa eterna à medida que tornarem maiores e mais vivas a sede e a fome de Justiça. Jesus Cristo: “Meu alimento é fazer a vontade de meu Pai. Vim para trazer o fogo à terra, e que desejo senão que ele arda?”

5ª Bem-aventurança: felizes os misericordiosos

Felizes os que são misericordiosos porque obterão misericórdia, em oposição com a insensibilidade e algumas vezes o desprezo e a injúria do mundo a respeito dos infelizes.

Chamam-se misericordiosos não só aqueles que fazem obras de misericórdia, mas ainda os que não estando em condições de as fazer se compadecem das necessidades do próximo e desejariam socorrê-lo, se pudessem. Os que não restringem sua misericórdia nem ao tempo, nem às pessoas, e que a exercem sem esperança de recompensa.

São felizes porque a misericórdia apaga aos pecados de quem a pratica e permite achar graça diante de Deus, e busca a vida eterna.

Praticá-la-ão pois realmente, quando o puderem, para com todos os infelizes indistintamente e sem outro fim que o de fazer uma ação agradável a Deus. Se não estiverem em condições de a exercer, darão a conhecer a Deus seu pesar e seus desejos e pedir-lhe-ão que Ele mesmo vá em socorro dos infelizes que não podem aliviar.

A vida de Nosso Senhor Jesus Cristo é cheia de obras de misericórdia. Passou sobre a terra fazendo o bem.

6ª Bem-aventurança: felizes os que têm coração puro

Felizes os de coração puro, porque verão a Deus, em oposição com o mundo cujo espírito e coração estão continuamente manchados pela lembrança e as imagens impuras do pecado.

O coração será puro quando as faculdades da alma que lhe transmitem, como outros tantos canais, a impressão dos objetos exteriores, também forem puras. O espírito se purifica pela renúncia aos pensamentos vãos, às presunções, aos julgamentos temerários, às curiosidades perniciosas ou inúteis. A memória se purifica pela perda da lembrança das pessoas seculares, de suas conversas, de sus prazeres e de tudo que pode distrair do pensamento de Deus. A vontade se purificará pelo ódio ao pecado, mesmo leve, reprimindo todo afeto carnal, todo apetite sensual, todo amor-próprio, todo desejo de agradar a outrem que a Deus.

Felizes os que têm essa pureza de coração, porque sem ela as melhores ações não têm valor diante de Deus, e, com ela as ações parecem as mais indiferentes se tornam dignas de uma recompensa eterna. Felizes, porque Deus se comunica às almas puras na oração; felizes, enfim, porque os corações puros verão a Deus no Céu.

Trabalharão para tornar seu coração mais puro dia após dia, a fim de o tornar mais apto para receber a impressão da graça e as comunicações de Deus. Mas um espelho e limpo e brilhante, mais reflete os raios do sol; quanto mais o coração for purificado das poeiras do mundo e brilhante por sua natureza, mais será capaz de receber a impressão da beleza divina.

Jesus Cristo: “Seu rosto tornou-se brilhante como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a neve”.

7ª Bem-aventurança: felizes os pacíficos

Felizes os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus, em oposição com o espírito do mundo que, como o de seu príncipe, o demônio, é um espírito de discussão e de discórdia.

São esses os pacíficos e merecem experimentar as doçuras da paz, esses em quem a carne está inteiramente submissa ao espírito, ao espírito de Deus, a quem obedecem com docilidade como um filho bem nascido, que gostam de viver paz com todos e que procuram estabelecer a união entre os que estão divididos pelo ódio, inveja ou antipatia.

Felizes, pois, os pacíficos, porque não somente serão filhos de Deus, como os outros justos, mas serão ainda chamados filhos de Deus por excelência por causa de sua caridade inalterável, por causa de sua semelhança com Deus que de tal modo amou a paz que enviou seu Filho ao mundo para lha trazer, e de sua semelhança com Jesus Cristo que veio estabelecer a paz entre os homens e os reconciliar com Deus!

Feliz, pois, a religiosa cujo espírito é pacífico, feliz pelo bem que ela mesma faz e o que oportuniza às suas companheiras. Mil vezes feliz a Comunidade que possui religiosas com o espírito pacífico!

Jesus Cristo: chamado em Isaías: o Príncipe da Paz.

8ª Bem-aventurança: felizes os que sofrem...

Felizes os que sofrem perseguição por amor da Justiça, porque o Reino dos Céus lhes pertence: em oposição com o mundo, inimigo das contradições e dos sofrimentos, e ávido dos louvores e aprovações dos homens.

Nas sete Bem-aventuranças precedentes, Jesus Cristo propõe virtudes a praticar, na oitava Ele não propõe tanto uma virtude particular como a provação de cada uma dessas virtudes. Assim, os pobres em espírito, os misericordiosos, os pacíficos são felizes se sofrem perseguição por causa de sua conduta particular, ou do bem que fazem a seus semelhantes, o que é sofrer por causa da justiça.

Por Justiça entende-se aqui uma virtude qualquer. Assim, ser injuriado, escarnecido, ridicularizado porque se é fiel a seus deveres, paciente etc... é sofrer por causa da Justiça.

Felizes os que podem se convencer de que o bem que fazem nunca é melhor recompensado que pelas calúnias, os insultos, a ingratidão, e mesmo a morte: eis aí a oitava e a suprema Bem-aventurança. Felizes os que a sabem compreender; é mesmo mais fácil fazer grandes coisas, que sofrer a perseguição.

A perseguição nos desgosta do mundo e nos afeiçoa a Deus; e nos torna semelhantes a Jesus Cristo cuja vida foi uma perseguição e um martírio contínuos.

Feliz a religiosa digna desse nome, que compreende o mérito dessa oitava bem-aventurança! Ela encontra sua felicidade no que ocasiona o tormento dos outros. A esperança de uma recompensa eterna proporcionada aos sofrimentos da vida a torna tão ávida da cruz, que a morte lhe parece preferível à vida sem sofrimentos. (Congregação, 1984a, p. 15-23).

Jesus Cristo: "Foi preciso que Ele sofresse e assim entrasse na glória."

ANEXO F - Plus ça change, plus c'est la même chose

Nota: vincula-se a 3.2.1 *Os desafios de Francisco* que trata de *Mudança: perspectiva teórica*.

(Banco do Brasil, 1986) ¹²³

O provérbio francês segundo o qual quanto mais alguma coisa muda tanto mais inalterada permanece é mais que simples gracejo. É um modo maravilhosamente conciso de exprimir a relação intrigante e paradoxal existente entre persistência e mudança. Faz apelo mais imediato à experiência do que a maioria das complexas teorias arquitetadas por filósofos, matemáticos ou lógicos, e acentua implicitamente um fato quase sempre ignorado: que persistência e mudança têm de ser consideradas em conjunto, apesar de sua natureza aparentemente oposta. Não se trata de ideia confusa, mas sim de um exemplo específico do princípio genérico segundo o qual toda percepção e todo pensamento são relativos, operando por meio de comparação e contraste.

Mas, na prática, tem sido difícil alcançar essa posição comparativa. No mundo ocidental, os filósofos da ciência parecem concordar em que a mudança é um elemento tão difuso e imediato da nossa experiência, que só poderia ter-se tornado objeto do pensamento depois que os antigos filósofos gregos conseguiram conceitualizar a ideia antitética de invariância e persistência. Até então, não havia nada com que se pudesse contrastar conceitualmente a mudança (é uma questão de conceitualizar a experiência, e não de se descobrir a realidade), e a situação deve ter sido mais ou menos como a proposta por Whorf: num universo em que tudo fosse azul, o conceito de azuleza não poderia existir, por falta de cores contrastantes.

Se bem que muitas teorias de persistência e mudança tenham sido formuladas no decurso de séculos de cultura ocidental, elas têm sido sobretudo teorias da persistência ou teorias da mudança, não teorias de persistência e mudança. Isto é, a tendência tem sido encarar a persistência e invariância como sendo um estado natural ou espontâneo, coisa já de si garantida e sem necessidade nenhuma de explicações, sendo a mudança a coisa a ser explicada, ou, por outro lado, a de assumir a posição inversa. Mas o próprio fato de se poder adotar qualquer dessas posições sugere prontamente que elas sejam complementares — que aquilo que seja, problemático não é absoluto e inerente à natureza das coisas, mas, pelo contrário, depende do caso específico e do ponto de vista envolvido. ⁽¹⁾ Essa concepção está de acordo com a nossa experiência dos assuntos e dificuldades humanos. Por exemplo, sempre que observamos uma pessoa, família, ou algum sistema social mais amplo, enredar-se num problema, de maneira persistente e repetitiva, malgrado seu desejo e esforço no sentido de alterar a situação, duas questões surgem igualmente: *De que modo persiste essa situação indesejável? E que é preciso para mudá-la?*

Durante nosso trabalho, fizemos alguns progressos não apenas no sentido de responder a essas questões em casos específicos, como também no de alcançar um conceito mais universal. Todavia, em lugar de refazer essa longa caminhada, achamos que duas teorias abstratas e universais, originárias

¹²³ Texto de Fisch, R.; Watzlawick P.; Weakland, J. (1977) adaptado pelo Banco do Brasil (1986), para ser utilizado em curso de formação de instrutores, funcionários executivos.

do campo da Lógica matemática, nos podem ajudar a expor e a esclarecer algumas conclusões a que chegamos. São elas 1) a Teoria dos Grupos e 2) a Teoria dos Tipos Lógicos.

Estamos plenamente conscientes de que o uso que fazemos dessas teorias está longe de exibir rigor matemático satisfatório. É antes uma tentativa de exemplificação por meio da analogia.

A Teoria dos Grupos apareceu na primeira metade do século XIX. O termo grupo foi introduzido pelo matemático francês Évariste Galois. ⁽²⁾ Depois das formulações iniciais de Galois, vários matemáticos notáveis do século XIX contribuíram o seu tanto para transformar a Teoria dos Grupos num dos ramos mais imaginosos da Matemática. Com a revolução da Física clássica após 1900, passou ela, igualmente, a representar papel importante na teoria-quântica e na da relatividade. É escusado dizer que as implicações mais avançadas da Teoria dos Grupos só podem ser devidamente apreciadas pelos matemáticos ou físicos. Mas seus postulados básicos, respeitantes a relações entre elementos e totalidades, são bastante simples — para decepção, até, de muita gente. De acordo com a teoria, um grupo tem as seguintes propriedades:

a) Compõe-se de membros dotados de uma característica comum, e a natureza real de tais membros é irrelevante para os fins da teoria. Assim é que podem ser números, objetos, conceitos, eventos ou o que quisermos reunir num grupo que tal, contanto que tenham um denominador comum e que o resultado de qualquer combinação entre dois ou mais membros constitua, ele próprio, um membro do grupo. Por exemplo, sejam os membros de um grupo de inteiros 1-12, indicativos das horas no mostrador do relógio. Obviamente, qualquer combinação entre dois ou mais membros permanece sendo um membro do grupo (por exemplo: 8:00 da manhã mais seis horas dá como resultado 2:00 da tarde), e nesse caso combinação refere-se ao processo de adição e subtração de membros. Da mesma forma, qualquer mudança na posição de um dado, efetuada por meio de seu lançamento, terá um resultado que ainda será um membro dos seis resultados possíveis, e nesse caso combinação refere-se a uma ou mais rotações do dado em torno de um ou mais de seus três eixos. Vemos, igualmente, que o termo combinação se refere a uma mudança de um possível estado interno do grupo para outro.

O agrupamento de coisas (no sentido mais geral) constitui o elemento mais fundamental e necessário à nossa percepção e concepção da realidade. Embora seja óbvio que duas coisas nunca possam ser exatamente iguais entre si, a organização do mundo em grupos (que se imbricam e interceptam de maneira complexa), compostos de membros dotados de um importante elemento em comum, proporciona estrutura ao que de outro modo seria um caos fantasmagórico. Mas, como vimos, tal organização também confere ao termo invariância o sentido atrás referido, a saber, que uma combinação entre quaisquer membros do grupo constitui-se, ela própria, num membro desse mesmo grupo — “uma coisa no sistema, não fora dele”, segundo a expressão de Keyser. Assim, essa primeira propriedade do grupo permite miríades de mudanças dentro do grupo (na verdade, existem os chamados grupos infinitos), mas também torna impossível a qualquer membro ou combinação de membros colocar-se fora do sistema.

b) Outra propriedade do grupo é podermos combinar-lhe os membros em sequência variável, sem que por isso o resultado de tal combinação se altere.⁽³⁾ Eis um exemplo prático: Partindo de um dado ponto numa superfície e executando qualquer número de movimentos de qualquer extensão e em qualquer sentido, chega-se invariável e inevitavelmente ao mesmo destino, independente de qualquer mudança verificada na sequência de movimentos — contanto, bem entendido, que o número desses movimentos, assim como sua extensão e direção individuais, permaneça sendo o mesmo. O caso mais

simples seria o de quatro movimentos de uma unidade (uma jarda, uma milha) cada qual na direção de um ponto cardinal. Independente da sequência seguida (primeiro ao norte, depois a oeste, ou qualquer outra), nessas condições sempre se volta ao ponto de partida ao completar o quarto movimento. Portanto, podemos dizer que há mutabilidade no processo, porém invariância no resultado.

c) Um grupo contém um membro de identidade tal que sua combinação com qualquer outro membro tem por resultado esse outro membro, vale dizer, mantém a identidade desse outro membro. Por exemplo, em grupos cuja lei de combinação seja aditiva, o membro de identidade é zero ($5+0=5$); em grupos cuja lei de combinação seja multiplicativa, o membro de identidade é um, de vez que qualquer entidade multiplicada por um é igual a si própria. Se a totalidade dos sons constituísse um grupo, o seu membro de identidade seria o silêncio; enquanto que o membro de identidade de um grupo constituído de todas as mudanças de posição (isto é, de movimentos) seria a imobilidade.

O conceito de membro de identidade pode, à primeira vista, parecer enganoso. Mas deve ser encarado como um caso especial de invariância de grupo. Sua importância prática foi, por exemplo, demonstrada por Ashby a propósito de sistemas cibernéticos, onde aquilo que ele denomina função nula do grupo de mudanças paramétricas representa papel decisivo na conservação da estabilidade de tais sistemas. Relativamente ao nosso objetivo, quer isto dizer que um membro pode agir sem determinar nenhuma alteração.

d) Finalmente, em qualquer sistema que satisfaça o conceito de grupo, vemos que cada membro tem seu recíproco ou oposto, de tal sorte que a combinação de qualquer membro com seu oposto tem por resultado o membro da identidade; $-5 + (-5) = 0$ - onde a lei de combinação é adição. De mais a mais, vemos que por um lado essa combinação produz nítida mudança, mas, por outro, esse resultado constitui, ele próprio, um membro do grupo (no presente exemplo, os inteiros positivo e negativo, inclusive o zero) e, por conseguinte, está contido nele.

Nossa tese é a de que a Teoria dos Grupos, mesmo nos termos primitivos aqui empregados para descrever-lhe os conceitos básicos (casos ilustrativos em que determinadas mudanças podem não fazer diferença alguma no grupo) proporciona um arcabouço valioso para refletirmos na peculiar interdependência existente entre persistência e mudança, fato que podemos observar em muitos exemplos práticos em que *plus ça change, plus c'est la même chose*.

O que a Teoria dos Grupos aparentemente não nos pode proporcionar é um modelo para tipos de mudança que transcendam um dado sistema ou quadro de referência. É neste ponto que temos de nos voltar para a Teoria dos Tipos Lógicos.

Essa teoria, igualmente, parte do conceito de coleções de coisas unidas por uma característica específica que lhes seja comum. Tal como vimos com relação à Teoria dos Grupos, os componentes do todo também se denominam membros, ao passo que esse todo propriamente dito se chama classe e não grupo. Um axioma essencial à Teoria dos Tipos Lógicos é "o que quer que envolva a totalidade de uma coleção não pode fazer parte dessa coleção", tal como White-head e Russell o exprimem em sua monumental obra intitulada *Principia Mathematica*. Deve ser-nos imediatamente óbvio que apesar de a humanidade constituir a classe de todos os indivíduos humanos, ela própria não constitui um indivíduo que tal. Toda tentativa de considerar um em termos do outro está condenada a terminar em absurdo e confusão. O comportamento econômico da população de uma grande cidade não pode ser entendido em termos do comportamento de um de seus habitantes multiplicado por, digamos, quatro milhões. Aliás, foi este precisamente o erro cometido nos primórdios da

teoria econômica, e é agora lembrado jocosamente como modelo econômico Robinson Crusoe. Uma população de quatro milhões de habitantes não difere só quantitativamente de um único indivíduo; difere também qualitativamente, porquanto envolve sistemas de interação entre indivíduos. Do mesmo modo, apesar de os membros individuais de uma espécie serem em geral dotados de todos os mecanismos específicos essenciais à sua sobrevivência, é fato conhecido que a espécie inteira pode precipitar-se rumo à própria extinção — e a espécie humana provavelmente não será exceção a isso. Inversamente, em contextos ideológicos totalitários, o indivíduo é encarado apenas como membro de uma classe, tomando-se, assim, totalmente sem importância e consumível, uma formiga num formigueiro, ou como tão bem exprimiu Koestler com relação a seu companheiro Nicolás no corredor da morte de uma prisão espanhola: “Nessa perspectiva, Nicolás existiu meramente como abstração social, como uma unidade matemática obtida por meio da divisão de uma massa de dez mil milicianos por dez mil”.

Coisas assim são o resultado de se ignorar a suprema distinção entre membro e classe, bem como o fato de que uma classe não pode ser membro de si própria. Em todas as nossas atividades, mas especialmente nas pesquisas, deparamos constantemente com as hierarquias dos níveis lógicos, de modo que os riscos de confusões de níveis e suas enigmáticas consequências são permanentes. Os fenômenos de mudança não constituem exceção, fato muito mais difícil de ver nas ciências do comportamento do que, por exemplo, na Física. Como assinala Bateson, a forma mais simples e conhecida de mudança é o movimento, isto é, a mudança de posição. Mas o próprio movimento pode sujeitar-se a mudança, isto é, a aceleração ou desaceleração, o que constitui mudança de mudança (ou metamudança) de posição. Ainda noutro nível há a mudança de aceleração (ou de desaceleração) o que vem a ser uma mudança de mudança de mudança (ou metametamudança) de posição. Mesmo leigos como nós podem entender que essas formas de movimento constituem fenômenos muito diferentes, envolvendo princípios explanatórios bem distintos e métodos matemáticos para sua computação muito diversos. ⁽⁴⁾ Pode-se ver, outrossim, que uma mudança sempre envolve o nível superior seguinte: para proceder, por exemplo, da posição para o movimento é necessário sair um grau fora do arcabouço teórico da posição. Dentro desse arcabouço o conceito de movimento nem pode ser gerado, quanto mais manipulado, e toda tentativa de ignorar este axioma básico da Teoria dos Tipos Lógicos acabará em paradoxo e confusão. Ilustrando melhor este ponto decisivo:

Milhares de coisas podem ser expressas numa linguagem, exceto enunciados referentes a essa mesma linguagem. ⁽⁵⁾ Se quisermos falar acerca de uma linguagem, como linguistas e semanticistas, necessitamos de uma metalinguagem que, por sua vez, necessita de uma metametalinguagem para exprimir-lhe a estrutura. Pode-se dizer quase a mesma coisa com respeito à relação existente entre os signos e seus significados. Já em 1893 o matemático alemão Frege apontava a necessidade de se distinguir com clareza “quando falo sobre o signo mesmo e quando falo sobre o seu significado. Por pedante que isto possa parecer, eu todavia o tenho por muito necessário. É impressionante como uma forma pouco precisa de falar ou de escrever (...) pode acabar confundindo o pensamento, uma vez que a consciência (de sua imprecisão) tenha desaparecido”.

Tomemos outro exemplo análogo: o termo método denota um procedimento científico; é a especificação das medidas que se devem tomar em dada ordem para se chegar a determinado fim. Metodologia, por outro lado, já é um conceito do tipo lógico imediatamente superior; é o estudo filosófico da pluralidade de métodos aplicados nas várias disciplinas científicas. Sempre diz

respeito ao ato de adquirir conhecimentos, e não a alguma investigação específica. É, portanto, um metamétodo e está na mesma relação lógica com método que a de uma classe com qualquer de seus membros. Confundir método e metodologia iria produzir insensatez filosófica; como Wittgenstein disse certa vez: “problemas filosóficos surgem quando a linguagem entra em férias”.

Infelizmente, a linguagem natural costuma fazer uma clara distinção entre dificuldade do membro e da classe. “É concebível”, escreve Bateson, “que se usem as mesmas palavras tanto para descrever uma classe como para descrever-lhe os membros, e ser-se fidedigno em ambos os casos. O vocábulo onda representa o nome de uma classe de movimentos de partículas. Podemos, igualmente, dizer que a própria onda se move; mas estaremos nos referindo ao movimento de uma classe de movimentos. Sob a ação da fricção, esse metamovimento não perderá velocidade, coisa que fatalmente ocorreria com o movimento de uma partícula”.

Outro dos exemplos favoritos de Bateson é o de que normalmente só um esquizofrênico seria capaz de comer o menu em lugar da comida (e queixar-se do sabor, acrescentaríamos nós).

Mas temos outra analogia útil num automóvel dotado de câmbio convencional. O funcionamento do motor pode ser mudado de duas formas bem distintas: ou por meio do pedal acelerador (aumentando ou diminuindo o suprimento de combustível dos cilindros) ou mudando as marchas. Levando a analogia um pouco mais longe, digamos que em cada marcha o carro tem certa gama de “comportamentos” (isto é, de rendimento, e conseqüentemente de velocidade, aceleração, capacidade ascensional etc.). Dentro dessa gama (isto é, dessa classe de comportamentos), o uso apropriado do pedal acelerador produzirá o rendimento desejado. Mas, se o rendimento desejado situar-se fora dessa gama, o motorista terá que trocar a marcha para obter a desejada mudança. Vemos, pois que mudar marchas constitui um fenômeno de tipo lógico superior a acelerar, e seria pura insensatez falar sobre a mecânica de complexas caixas de câmbio na linguagem própria da termodinâmica do suprimento de combustível. Nessa mesma analogia (o automóvel), podemos concluir o seguinte: (1) Existe a mudança de estado para estado (como exemplo, podemos citar a maior ou menor aceleração do veículo, na mesma marcha). (2) E existe a mudança de transformação para transformação (o que pode ser exemplificado pela mudança de marchas). Cabe esclarecer que esses tipos de mudança podem ocorrer, em alguns casos, pela simples vontade do experimentador (como nos exemplos acima). Em outros casos, entretanto, as mudanças podem ser ocasionadas por fatores externos. A distinção é fundamental e não deve de modo algum ser menosprezada”.⁽⁶⁾ Há, portanto, duas importantes conclusões a tirar dos postulados da Teoria dos Tipos Lógicos: 1) os níveis lógicos devem ser mantidos estritamente à parte, a fim de prevenir paradoxo e confusão; e 2) passar a um nível imediatamente superior (isto é, de membro para classe) acarreta um salto, uma descontinuidade ou transformação — numa palavra, mudança — da maior importância teórica e prática, porquanto proporciona uma saída de um sistema.

Resumindo o que dissemos até aqui: a Teoria dos Grupos nos fornece um arcabouço para refletir sobre tipo de mudança suscetível de ocorrer num sistema que permaneça invariável; a Teoria dos Tipos Lógicos não diz respeito ao que se passa dentro de uma classe, isto é, entre seus membros, mas nos proporciona um arcabouço para considerar a relação existente entre membro e classe e a metamorfose peculiar existente na natureza das mudanças de um nível lógico para o nível imediatamente superior. Se aceitarmos essa distinção básica entre as duas teorias, segue-se que há dois tipos diferentes de mudança: uma que ocorre dentro de um dado sistema, que por sua vez

permanece inalterado, e outra cuja ocorrência muda o sistema. ⁽⁷⁾ Exemplificando essa distinção em termos mais comportamentais: uma pessoa em meio a um pesadelo pode fazer muitas coisas em seu sonho — correr, esconder-se, lutar, gritar, saltar de um penhasco, etc. — mas nenhuma mudança de qualquer desses comportamentos para outro iria jamais pôr fim ao pesadelo. Doravante nós nos referimos a esse tipo de mudança como a mudanças de primeira ordem. A única via de saída de um sonho envolve uma mudança do estado de sono para o estado de vigília. O acordar, claro está, já não faz parte do sonho, mas, ao contrário, representa uma mudança para um estado completamente diverso. A esse tipo de mudança nós nos referiremos daqui por diante como mudanças de segunda ordem. (A equivalência dessa distinção à definição cibernética dada por Ashby aos dois tipos de mudança, anteriormente citada, é evidente). Mudança de segunda ordem é, pois, mudança de mudança - precisamente o fenômeno cuja existência Aristóteles negou tão categoricamente.

A esta altura de nossa investigação temos de tornar alguns passos atrás e fazer um reexame da apresentação excessivamente simplista que fizemos da Teoria dos Grupos. À vista do que já aprendemos da Teoria dos Tipos Lógicos, podemos compreender que as quatro propriedades de qualquer grupo, responsáveis pela criação da interdependência peculiar entre persistência e mudança dentro do grupo, não são, de seu lado, membros do grupo. São claramente exteriores ao grupo e, portanto, transcendem-no. Isto se torna especialmente evidente com referência às leis de combinação que sejam válidas para um dado grupo. Vimos, por exemplo, que quando as operações internas do grupo são efetuadas pela lei de multiplicação, o membro de identidade é 1. Se a lei de combinação nesse grupo mudasse para a de adição (uma mudança de segunda ordem que só se poderia introduzir de fora, não podendo ser gerada no próprio interior do grupo), o resultado seria outro: o membro n combinado com o membro de identidade (1) já não seria ele mesmo (como forçosamente seria pela velha regra, em que n multiplicado por um tornaria a ser n), mas, ao contrário, obteríamos $n + 1$. Agora podemos observar que os grupos só são invariáveis no nível de mudança de primeira ordem (ou seja, no nível de mudança de um membro para outro, onde, efetivamente, quanto mais mudam, mais as coisas continuam inalteradas), mas são suscetíveis de sofrer mudanças no nível de mudanças de segunda ordem (isto é, mudanças no conjunto de leis que lhe governam a estrutura ou a ordem interna).

Assim é que a Teoria dos Grupos e a Teoria dos Tipos Lógicos não apenas se mostram compatíveis entre si como aliás são complementares uma da outra. De mais a mais (e tendo em mente que, quando falamos sobre mudança em relação a formação e a resolução de problemas, sempre nos referimos a mudanças de segunda ordem), vemos que as duas teorias nos fornecem um arcabouço conceitual útil para o exame de exemplos práticos e concretos de mudanças. E, finalmente, lembrando que a mudança de segunda ordem sempre se encontra na natureza de uma descontinuidade ou de um salto lógico, podemos esperar que as manifestações práticas de mudanças de segunda ordem venham a parecer tão ilógicas e paradoxais quanto a decisão do comandante do Castelo de Hochosterwitz de lançar fora suas últimas provisões a fim de sobreviver.

- (1) Como depois se verá, os problemas relacionados com persistência e mudança têm tido importância central no desenvolvimento da Cibernética, que aliás os tem esclarecido.
- (2) Ele o propôs num brilhante trabalho, escrito em 1832 em circunstâncias as mais notáveis: Galois tinha apenas vinte anos de idade na ocasião e escreveu todo esse trabalho (de sessenta páginas ao todo) numa só noite -

sendo morto ao romper da alva, num duelo a que fora desafiado, por razões de xenofobia, por dois "patriotas". Teve o intestino varado a balas e, como não houvesse cirurgiões presentes, deixaram-no simplesmente morrer. "Não tenho tempo, não tenho tempo", rabiscou ele repetidas vezes à margem do manuscrito, tentando ansiosamente deixar à posteridade o máximo que lhe pudesse comunicar. "O que ele escreveu naquelas duas horas, desesperadamente longas, que antecederam o amanhecer manterá muitas gerações de matemático ocupadas por centenas de anos", diz Bell.

- (3) Por exemplos sejam as letras a , b , e c , membros de um grupo, denotando o símbolo \circ a lei de combinação válida para esse grupo. Teremos que $(a \circ b) \circ c = a \circ (b \circ c) = b \circ (a \circ c)$ e assim por diante em todas as seis combinações possíveis.
- (4) Por exemplo, o tratamento matemático da mudança de aceleração tem confrontado cientistas espaciais com problemas teóricos antes nunca imaginados.
- (5) Analogamente, a única coisa que não se pode medir pelo sistema métrico é o metro-padrão em Paris, precisamente por ser ele a base de todo esse sistema. (O fato de ele já ter sido substituído por padrões muito mais precisos, baseados no comprimento das ondas luminosas, não altera esse paradoxo essencial).
- (6) Um dado modo de se comportar, a fim de persistir (isto é, de permanecer estável), envolve e até requer mudanças em algum nível inferior. Por exemplo, um ciclista precisa empenhar-se em produzir movimentos oscilatórios constantes para manter o equilíbrio e rodar regularmente. Se esses movimentos fossem impedidos de algum modo (e.g., quando alguém lhe prendesse o guidão) o ciclista imediatamente perderia o equilíbrio e cairia.
- (7) Os gregos parecem só ter conhecido o primeiro desses dois. "Nada nasce ou perece, mas há mistura e separação entre coisas já existentes", declara Anaxágoras em seu décimo sétimo fragmento. Analogamente, para Aristóteles mudança é a passagem da potencialidade para a realidade. E ele exclui expressamente o que hoje consideraríamos como sendo mudança de nível para metanível, ao escrever: "Não pode haver movimento de movimento, vir-a-ser de vir-a-ser, ou, de modo geral, mudança de mudança". Os gregos posteriores e os escolásticos tendiam a encarar a mudança como sendo a antinomia entre ser e vir-a-ser. Ao que parece, só Heráclito encarou a mudança sob diferente perspectiva. Além do famoso dito segundo o qual não podemos nos banhar no mesmo rio duas vezes, declara ele em outro fragmento: "Toda mudança é contraditória: logo, a contradição constitui a própria essência da realidade". A evolução do conceito de mudança foi bem resumida por Prior: "Não será demais dizer que a ciência moderna começou quando as pessoas se acostumaram à ideia de mudar mudanças, e.g., a aceleração por oposição ao movimento simples".

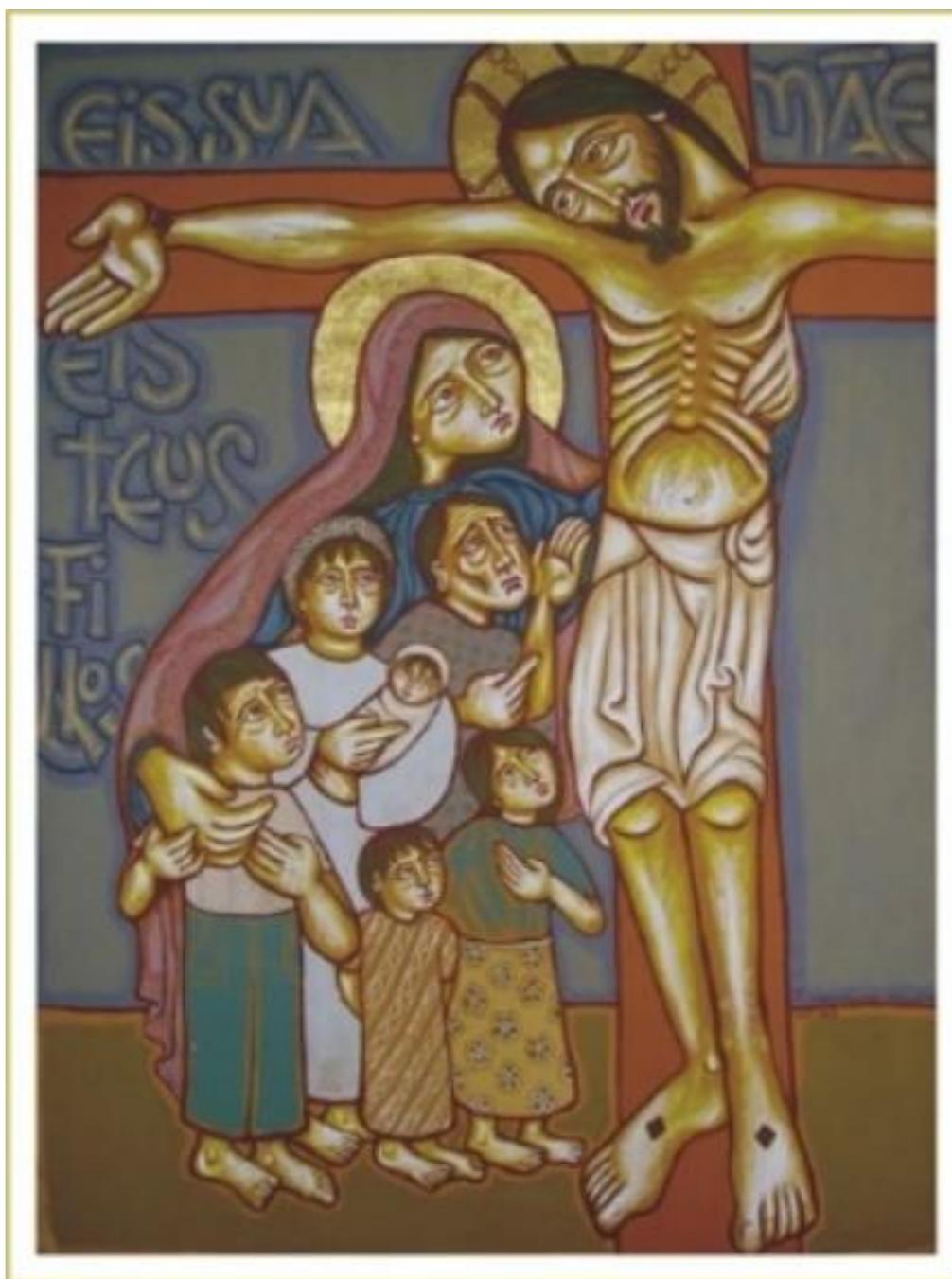
ANEXO G - Fundamentos da Espiritualidade Calvariana

Nota: Vincula-se a 4.1 no que diz respeito aos Fundamentos da Espiritualidade Calvariana: Carisma e missão - Maria ao pé da cruz.

(Congregação, 2018)

1. A Espiritualidade Calvariana

Figura 5 - Calvário latino-americano



Têmpera acrílica sobre tela do pintor D. Ruberval. 1983
Capela das Irmãs Calvarianas
Fonte: Congregação (2018)

Nossa espiritualidade nasce de uma experiência de contemplação de Jesus Vivo e Crucificado que olha Maria, mulher de pé junto à cruz, e a entrega ao Discípulo Amado como Mãe Universal (Calvarianas, 2018, s.p.).¹²⁴.

Figura 6. A maternidade universal



*O Calvário,
é lugar
do dom total
e da acolhida.
Ali, Maria acolhe a
Maternidade Universal,
como Missão !
"Mulher, eis teu Filho,
Eis tua Mãe"*

Jo. 19,25-27).

Fonte: Calvarianas (2018, s.p.)

A exemplo de Maria, Mulher e Mãe, de pé junto à Cruz, que recebeu de seu Filho, Vivo e Crucificado a Maternidade Universal, somos convocadas a estar junto às pessoas que sofrem, que estão nos calvários da humanidade. É claro que não podemos estar junto a todos os que sofrem.

Os destinatários de nosso Carisma, de nossa Missão, são os que não têm amor de mãe: os surdos, as crianças os jovens, os idosos, os deficientes mentais, as mulheres. Junto a eles temos a missão de sermos "mães", a exemplo de Maria.

Em todos os lugares onde estivermos e na missão que assumirmos, nossa atitude será sempre como a de Maria: Mulher e Mãe da compaixão, do amor, da misericórdia, da ternura, da fortaleza. A Calvariana é a mulher da fecundidade espiritual em favor dos necessitados.

[...] É a mulher chamada à fraternidade, vivendo em comunidade a resposta carismática da Congregação (Calvarianas, 2018, s.p.).

¹²⁴ Buscar no site: /missões/espiritualidade

2 Família Calvariana: vida e missão em comunhão

(Congregação, 2018, p. 8)

Figura 7. Família Calvariana: Vida e missão em comunhão



Têmpera acrílica sobre tela do pintor Anderson Augusto, set. 2017

Casa-Mãe. Gramat, França

Fonte: Congregação (2018)

Interpretação do ícone feita pelo artista Anderson Augusto S. Pereira, a quem a Congregação encomendou a pintura.

Deixo aqui meu pequeno olhar, visto do meu ponto de vista e, portanto, limitado. Completem, refaçam e corrijam, se precisar... Vocês são as autoras e autores desta obra. Procurei apenas ilustrar alguns elementos a partir do que li e compreendi.

Três elementos centrais:

A **MESA** da convivência, do aprendizado e da partilha dos frutos, o microcosmo da criação, a **CASA COMUM** — **Criador**

A **JANELA** da memória, do Calvário, da Páscoa do Senhor — **Redentor**

A **PORTA** aberta para os novos desafios, novos Pentecostes e visão esperançosa do futuro... do **Espírito Vivificador**

A **janela** que se abre para a espiritualidade das irmãs Calvarianas. A centralidade da pessoa de Jesus, no seu Mistério Pascal, como pano de fundo que alimenta, dá sentido à caminhada e ilumina o olhar para a realidade e seu projeto de futuro.

No vazio da cruz, a atmosfera de uma vida que se entregou, mas que não se acomodou nem na tristeza do abandono e da morte. A vida continua, e é ela a grande mensagem do Redentor. O Calvário é apenas o sinal da morte/entrega de Jesus, mas Ele já não está lá. Ele está Vivo no meio de nós! A Lua cheia, no seu esplendor, nos remete à noite da Ressurreição.

Abaixo do Calvário, sinais de cidade, com suas luzes nas casas simples, estilizadas.

A janela é abertura às várias realidades que se encontram do lado de fora, com seus desafios, suas memórias de ontem e seus desafios de hoje. Abrir janelas para estabelecer relações, ampliar o horizonte da visão, renovar o ar, perceber o caminho já feito para se compreender o hoje... e poder enxergar além!

Como parte desta realidade, uma mulher e uma criança se sentem atraídas pela “vida” que acontece dentro da casa... “vejam como eles e elas se amam”! Uma pessoa está dentro, mas tenta com quem está fora...

A casa, o microcosmo da nossa convivência, do aprendizado do cuidado mútuo. Mais do que espaço físico, é lugar do aconchego, da proteção, da intimidade, da partilha e alegria. Portanto, o que dá ideia de casa, não são as paredes, mas o encontro, a circularidade que forma a mesa. **Mesa** que representa acolhida, beleza e celebração do Sagrado no cotidiano das nossas vidas.

Em torno da mesa, a riqueza da diversidade de pessoas e de atitudes que se comunicam e se interagem. Uma Irmã entrega a cruz/símbolo da congregação a um jovem, como sinal de compromisso e da presença dos leigos e leigas na vida e missão do grupo. O jovem aponta para o pão partilhado, no centro, recordando a passagem de Emaús, pois Jesus está presente de forma completa no pão partilhado e quando este pão alimenta quem dele necessita. As crianças que se fartam e se alegram com o pão na mão. Os pobres e necessitados! Aí a Eucaristia se completa! Quando gera e alimenta a Vida!

Tem poucos alimentos sobre a mesa...ela não está pronta...aguarda a partilha dos alimentos e dos frutos que vem dos vários continentes desta Mãe Terra, nossa casa comum, com a diversidade de cores e sabores... É convite constante à partilha do alimento que traz em si a riqueza das culturas e sabedorias dos nossos povos.

A comunidade está sempre aberta, tem lugares ainda vazios para aquelas e aqueles que se aproximam e vêm fazer parte da comunidade.

Uma mulher, entusiasmada, convoca a todos para a missão. Ela se volta para dentro, mas a outra mão aponta para fora... Toca no ombro do jovem que recebe a cruz e está sentado...Ela chama a atenção: receber a cruz no peito, no aconchego da mesa, do entusiasmo do “Tabor”, mas não se instalar; ter coragem de descer e enfrentar “Jerusalém”; não se acomodar e ter coragem de sair em missão, se encarnando nas realidades, nos desafios do campo e da cidade... novo Pentecostes!

Este movimento de saída é de vida e esperança, do Reino anunciado e inaugurado por Jesus, na sua sabedoria do “já” e “ainda não” ... É a criança quem aponta para fora, símbolo das novas gerações, dos pequeninos que herdarão a sociedade que construímos e colherão os frutos das sementes que semeamos no aqui e agora da história.

Anderson Augusto S. Pereira, setembro de 2017.

(Congregação, 2018, p. 8-10).

3 Outras duas Marias

3.1 Maria de Cléofas e o caminho de Emaús.

Olhemos uma das três Marias. Ela nos é apresentada, pelo quarto Evangelho, como irmã de Nossa Senhora (*Jo* 19, 25-27) e casada com Cléofas, que nós supomos ser um discípulo de Jesus que morava em Emaús. É bom ver a realidade da periferia presente no quadro: pessoas sofredas, famílias, crianças. Este lado do quadro ainda não é tão luminoso como o outro, onde se encontra Maria Madalena [referência ao quadro da fig. 2, acima, ícone do Capítulo Geral/2018].

A imagem é muito preciosa para nós [a autora do texto refere-se agora à passagem bíblica, *Lc* 24, 13-35]. Quem fala é sempre Cléofas. Maria caminha em silêncio e sequer é citada por seu nome no texto. Mais uma razão para afirmarmos que a segunda pessoa deste caminho era uma mulher. Pelo desabafo de Cléofas, sobre sua decepção, imaginamos que a ideia de abandonar tudo e voltar para casa, tenha sido sua. A pintura [ícone do Capítulo Geral/2018] nos mostra Maria que o conforta. É fácil supor isto, ela era Irmã de Nossa Senhora! (Congregação, 2012, p. 24-25).

Vamos conhecer um pouco mais Maria de Cléofas (Congregação, 2012, p. 25 – 26):

- a) Ela é uma mulher como nós... (quando nos aproximamos do perfil de Nossa Senhora ou de Madalena, sentimo-nos sempre muito pequenas). É bom conviver com Maria de Cléofas;
- b) Ela, como seu marido, atravessa uma crise de fé e uma crise de fidelidade;
- c) Ela caminha triste e decepcionada, mas caminha com seu marido (a solidão já tem lugar neste quadro):
- d) Eles não somente caminham juntos, eles caminham conversando, em diálogo;
- e) O tema da conversa são FATOS, que a retém no passado, impedindo-a de avançar (não falam sobre a Pessoa de Jesus, suas promessas de ressurreição);
- f) O texto dá a entender que a crise já se instalara na véspera (Cléofas fala que algumas mulheres foram de madrugada ao túmulo de Jesus. Estaria “sua Maria” entre elas, ou? Por quê?
- g) O coração do casal estava frio, e os olhos impedidos de reconhecer Jesus. A ausência do calor da experiência, e o fechamento sobre a possibilidade de vida nova, causa frio!

h) Graças a Deus, o casal não se fecha à chegada do forasteiro... É esta abertura ao triálogo que abre a porta da esperança e da fé!
Vamos observar o jeito como essa terceira pessoa (Jesus) conduz o processo:

Jesus
Se aproxima,
Acerta seu passo ao compasso das duas pessoas,
Acompanha-os no caminho,
Ouve,
Formula a primeira pergunta,
[“Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?”]
Insiste na segunda pergunta,
[Quais? (os fatos que aconteceram nestes dias em Jerusalém)]
E escuta pacientemente o relato da frustração de seus discípulos...
(Congregação, 2012, p. 25 – 26).

Emaús: Fé e Entendimento (Lc 24, 25-27; Congregação, 2012, p. 26-27)

No dia de oração, contemplamos Jesus *em atitude de escuta*. Após formular sua pergunta ao casal de Emaús – **o que vocês estão conversando?** Jesus ouve em silêncio. À medida que ouvia o frustrante relato de Cléofas, Jesus percebe a falta de brilho no olhar do casal e a tristeza que domina todo o diálogo. Acima de tudo, Jesus observa a fria ideologia que permeia as palavras de seu discípulo — havia um muro entre a expectativa triunfalista de Cléofas e a proposta vocacional de Jesus. Depois de tanta catequese sobre a necessidade do Calvário e da Morte, Jesus constata o quanto é difícil dizer: **sim, eu creio!**

Nós conhecemos Jesus, conhecemos o santo furor com que Ele se expressa diante de situações que contradizem seu projeto (a expulsão dos comerciantes do Templo, a resposta à mãe dos filhos de Zebedeu, as duras frases aos fariseus, e outras mais). Estamos diante de uma situação semelhante: Cléofas e Maria são chamados de discípulos e discipulado [passagem que] apresenta um pressuposto fundante: renunciar a tudo o que nos distancia de Jesus e de seu Projeto. Lucas, ou autor do texto, é um pedagogo: ele conhece a fragilidade das opções humanas. E é também mestre em narrar parábolas sobre o Deus que não desiste das pessoas que escolheu — nas parábolas de Lucas, Deus busca, não somente pessoas afastadas ou perdidas (filho pródigo), Ele busca bichos perdidos (ovelha) e busca coisas perdidas (moeda). Jesus é este rosto teimosamente misericordioso de seu Pai. Ele não desistiria tão facilmente de um casal de discípulos (Lc 24, 25-27; Congregação, 2012, p. 26-27).

3.2 A experiência fundante de Maria e Cléofas de Emaús. (Congregação, 2012, p. 37-41).

O passo do método do Capítulo [Capítulo Geral/2012, da Congregação]: Nós contamos sempre a história do casal de Emaús em três tempos: dois deles em meio ao caminho — (Jerusalém a Emaús e de Emaús a Jerusalém); e um deles em casa, dentro de casa. No próximo módulo do Capítulo, vamos discutir um segundo modo de estar em casa, passando a constituir quatro tempos da história. Mas, esta é uma cena dos próximos versículos... Por ora fiquemos com os dois primeiros tempos, um deles, o caminho de chegada a Emaús, nos

ajudou. Muito decepcionados e tristes, com os olhos impedidos e o coração frio, o casal caminha UNIDO.

Jesus **é o caminho**, RE-COR-DA a Palavra profética e legal das Escrituras sobre Ele (o Calvário).

Esta foi a cena contemplada anteriormente “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina” (Lc 24, 29)]: o momento da **OPÇÃO PESSOAL, RADICAL** do casal: fica conosco...

Jesus entra para **ficar com**, para constituir **COMUNIDADE** com o casal (lembrando: no caminho, de diálogo para triálogo; em casa: de dupla para trindade = comunidade).

Não há pressa, nem correria, nem “outros compromissos”, nem mesmo o encontro com os vizinhos que, se conheciam Cléofas, esperam respostas...

Leitura de Lc 24, 29b-30:

**Entrou, então, para ficar com eles.
E, uma vez à mesa com eles,
Tomou o pão,
Abençoou-o
Depois partiu
E distribuiu entre eles.**

*

Passo a passo = processo:

- **Jesus entra na casa** (de estranho peregrino, passa a ser integrante da comunidade);
- **Senta-se à mesa** (mostra que tem tempo);
- **Toma o pão nas mãos** (usurpa a autoridade do chefe da casa...)
- **Abençoa o pão** (não se apressa a repartir — reza primeiro);
- **Parte o pão** (toma tempo antes de distribuir, para que as pessoas reconheçam seu gesto).
- **Partilha o pão.**

Este “jeito” de Jesus — partir o pão — era um gesto conhecido dos discípulos. Com esse gesto, Jesus se despedira deles, na ceia da quinta-feira santa. Naquela ceia, o partir do pão acompanhava o mandamento do amor. Foi o gesto de partir o pão que **abriu os olhos dos discípulos. E toda a realidade se lhes tornou clara.** Testemunho ao invés de palavras.

Mais alguns pontos de reflexão:

1 Jesus aceita o convite. Sempre! Jesus gosta de sentar-se à mesa com as pessoas e aprofundar o diálogo que se torna gesto concreto na partilha do pão e da vida. Sempre fez isto, mesmo com pecadores e publicanos.

2. o processo de fé (adesão incondicional a Deus) de Maria e Cléofas:

a) No diálogo do caminho, (antes do triálogo) eles conversaram **sobre a fé.**

b) No triálogo do caminho, eles foram **confrontados** com a fragilidade de sua fé.

c) Na casa-comunidade, eles **professam** sua fé, reconhecem o ressuscitado.

Essa é a experiência fundante que transforma toda sua vida. E esse fato marca o início de uma nova fase no relacionamento entre os discípulos e Jesus. Um diálogo autêntico é sempre gerador de novas relações. No centro do diálogo não mais estão os fatos. No centro do diálogo estão pessoas. Há uma passagem do superficial para o profundo.

3. Abertura do olhar

O conhecimento da Palavra de Deus, mesmo tendo aquecido o coração, não foi suficiente para desimpedir os olhos. A Palavra de Deus nos dá força, nos dá coragem, nos indica o caminho, nos anima na esperança. Mas... por si só ela

não basta. É preciso ir mais adiante. Mesmo com o coração ardente, é preciso **tocar a realidade, praticar a Palavra**. Não será essa, muitas vezes, a descrição de nossas reuniões e de nossas orações?

Lembramos que a partilha é a característica fundamental das comunidades cristãs. Partilha, solidariedade, comunhão, unidos na oração e no testemunho, foram os pilares que permitiram a criação e a existência de sempre maior número de comunidades, verdadeiras células de resistência nos primórdios do cristianismo.

4. A experiência fundante de Maria e Cléofas acontece em sua casa, do lado de dentro de suas vidas, mas, com certeza, tem consequências em sua comunidade de fé. Intuímos que eles eram, como a grande maioria dos habitantes das aldeias ao redor de Jerusalém, pequenos produtores que iam com frequência à cidade para a troca de bens materiais. Uma coisa chama atenção. O casal era judeu praticante, pois Cléofas, em seu relato para Jesus, usa a expressão: “nossos chefes dos sacerdotes”. Notamos igualmente seu engajamento sócio-político, pois Cléofas alimentava a expectativa de que Jesus fosse um líder político, que libertasse seu povo da dominação romana. Ele diz:... O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obra e em palavra, diante de Deus e diante de todo o povo: nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel.

A comunidade religiosa apostólica

**Vive seu carisma,
Sua espiritualidade,
Sua missão,
Inserida no cotidiano da vida,
No meio do mundo.**

(Congregação, 2012, p. 37-41).

3.3 Maria de Mágdala (Congregação, 2012, p. 32-35).

[Introito: chamamento]

Nós vamos continuar nosso entendimento sobre *A radicalidade do seguimento de Jesus*, em diálogo com outra Maria de nosso ícone Calvariano: a mulher de Mágdala!

Todas nós conhecemos sua história, bem como as muitas histórias que a piedade popular escreveu sobre ela...

Ela nos convida hoje a um diálogo.

Num primeiro momento, identificamos três momentos de opção radical para que seu projeto de seguimento de Jesus fosse marcado pelo amor e fidelidade.

1. A libertação de seus demônios:

Não podemos saber se ela era mulher doente (epilepsia) ou desequilibrada, ou possessa. Isto não importa. Importa que Jesus a escolheu. Importa que ela escolheu segui-lo. A libertação foi resultado do amor radical da mulher e da extrema misericórdia de Jesus.

2. O encontro com a Morte do Mestre:

Ao lado da Mãe de Jesus

Aos pés de seu Mestre

De pé e fiel.

3. A despedida de Jesus de Nazaré

E o encontro com Jesus da fé.

A proposta [neste momento, no *Capítulo Geral/2012*] não é de muito estudo, mas de Leitura Orante da Palavra de Deus:

- O que este texto [passagens bíblicas indicadas a seguir] diz para mim e para a Congregação Calvariana hoje?
 - O que este texto me leva a dizer a Deus?
 - Que nova opção eu quero fazer a partir desta oração?
- O encontro no Jardim (*Jo* 20, 11-18)]

— **passos do amadurecimento de Maria Madalena, através de seu relacionamento com Jesus** —

1. Ela fica esperando o encontro, quer ser encontrada.
2. Ela vê a pessoa do ressuscitado e entra em processo:
 - confunde Jesus com o jardineiro (falta a fé pura)
 - inicia o caminho da busca (onde o puseste?)
 - é chamada pelo nome (vocação);
 - reconhece Jesus
 - lhe dá um título: mestre, automaticamente se fazendo discípula
 - aceita um relacionamento novo (não me toques) – ela até tenta abraçar, reter para si...
 - torna-se depositária de uma belíssima revelação: meu Pai é vosso pai!!!
 - Recebe o mandato missionário: vai ter com meus irmãos e dize-lhes...

Maria Madalena (*Jo*, 20, 1. 11-18) pode ser considerada um protótipo do discipulado feminino que ama Jesus. A cena da ressurreição, que narra o encontro de Maria Madalena com o Mestre Jesus revela uma relação pessoal profunda de ternura e afeição. Como a amada do Cântico dos cânticos (3, 1-4), Maria levanta-se cedo e vai numa busca apaixonada daquele que ela ama com um compromisso mútuo, ou seja, uma aliança, com a missão comum... “Vai, dize aos meus irmãos que subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”.

Na tradição da Igreja Ocidental Maria Madalena é a única mulher além da mãe de Deus, em cuja festa se recita o credo apostólico. Ela foi chamada: *Apostola Apostolorum* (lembrar que At 1, 21-22 exige para ser apóstolo: ter seguido Jesus desde os princípios e ter sido testemunha da ressurreição. Ambas as características estão presentes em Maria Madalena.

**Maria Madalena foi anunciar aos discípulos:
“Vi o Senhor”, e as coisas que ele disse.**

Maria [Madalena] estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés. Disseram-lhe então: “Mulher, por que choras?” Ela lhes diz: “Levaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram!” Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. Jesus lhe diz: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Pensando ser o jardineiro, ela lhe diz: “Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar!” Diz-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: “Rabbuni!”, que quer dizer “Mestre”. Jesus lhe diz: “Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”, e as coisas que ele lhe disse (*Jo* 20, 11-18) (Congregação, 2012, p. 32-35).

4 O protagonismo das três Marias

A interpretação da figura abaixo, ícone do *Capítulo Geral/2012* da Congregação, completa o significado do protagonismo de Maria de Cléofas e de Maria Madalena para a Espiritualidade Calvariana. (Congregação, 2012).

Figura 8 . O protagonismo das três Marias na descida do Calvário



Têmpera acrílica sobre tela, de Anderson Augusto, mar. 2012.
Casa Provincial das Irmãs Calvarianas no Brasil, em São Paulo

Interpretação do ícone “Das Três Marias”

O quadro é dividido em duas grandes áreas: uma, ao fundo, mais escura, simbolizando o anoitecer, a morte de Jesus, como uma etapa consumada. O sol está quase se pondo por completo, deixando para trás a etapa da paixão. Jesus não está mais na cruz.

A outra grande parte, mais iluminada, representa o Espírito do Ressuscitado nas discípulas e discípulos que assumem a missão de Jesus.

Os elementos centrais da pintura são as três Marias que descem do Calvário: Maria, a mãe de Jesus,

Maria Madalena e Maria a mulher de Cléofas. Cada uma em uma missão:

□ Maria, a Mãe de Jesus, desce com João e aponta o caminho, onde o Ressuscitado se faz presente na comunidade reunida, na partilha da palavra e do pão. Os elementos conjugam o ontem e o hoje (exemplo: a Bíblia presente na mesa e o estilo de alguns personagens).

- Maria Madalena: em plena missão de anunciar a alegre notícia da Ressurreição do Senhor. Ela parte do túmulo vazio e se dirige, junto com o outro discípulo, àqueles que se encontram tristes e desanimados. Da mulher com os filhos nos braços, aos dois jovens que se levantam, simbolizam a acolhida da mensagem de esperança e “se erguem” diante dos desafios da vida. Destaque para a mulher com o filho nos braços que tem o olhar voltado para Maria, como se identificando com sua história de dores e sofrimento.
- Maria de Cléofas, anima o marido, representando a comunidade desanimada e que retoma o caminho do discipulado. Com seus gestos de ternura, toca o rosto e o coração de Cléofas. A mensagem cristã passa pela mente e pelo coração. Ao lado dessa cena, se encontram pessoas em ambiente meio escuro, alheias a tudo o que acontece, simbolizando a multidão de pessoas alienadas e seu próprio mundo, vítimas de uma cultura individualista e perdidos pela falta de sentido de vida.
- Uma criança ainda puxa a mãe (primeiro plano, à esquerda, embaixo), apontando para o centro do quadro, atraída pela vida que ali se destaca. Ela simboliza a novidade da mensagem cristã e reflete a verdade e a força de vida que brota da vida de seus seguidores e seguidoras.
- No meio do quadro vemos uma paisagem mais rural, à esquerda e outra mais urbana, à direita, mostrando os desafios do anúncio em todas as realidades.
(Congregação, 2023, s.p.)